

ITAMAR PEREIRA DE AGUIAR

DO PÚLPITO AO BAQUIÇO

**RELIGIÃO E LAÇOS FAMILIARES NA TRAMA DA OCUPAÇÃO DO
SERTÃO DA RESSACA**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PUC - SÃO PAULO

2007

ITAMAR PEREIRA DE AGUIAR

DO PÚLPITO AO BAQUIÇO

**RELIGIÃO E LAÇOS FAMILIARES NA TRAMA DA OCUPAÇÃO DO
SERTÃO DA RESSACA**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação da Profª Dra. Josildeth Gomes Consorte.

PUC - SÃO PAULO

2007

COMISSÃO JULGADORA

A Antônio Braga Aguiar (*in memoriam*),
A Alda Pereira de Aguiar,
A Socorro, Leandro e Alexandre.
A Pai Neco (*in memoriam*),
A mãe Merentina (*in memoriam*),
A mãe Zênite (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Prof^ª. Dra. Josildeth Gomes Consorte, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por aceitar o desafio de nos orientar na elaboração desta tese, demonstrando competência, generosidade e confiança.

Ao Prof^º. Dr. Ronaldo de Salles Senna, da Universidade Estadual de Feira de Santana e sua esposa Prof^ª. Célia Barberino Mendes Senna, amigos de todas as horas, pelos empréstimos de livros pertinentes ao tema, pela paciência de ouvir e sugerir alternativas nos momentos de dúvidas.

Ao Prof^º. Ms. Eliab Barbosa Gomes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, amigo e colega no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESB, pelas conversas sobre o protestantismo e também pelo empréstimo de livros alusivos aos batistas em Pernambuco.

Ao Prof^º. e Bel. Ruy H. Araújo Medeiros, colega do Colegiado no Curso de Direito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pelos esclarecimentos sobre a História de Conquista e a gentileza de abrir as portas do seu arquivo pessoal e permitir consultar sua coleção de antigos jornais editados nesta Cidade.

Às colegas Doutoradas Livia Diana Magalhães, Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Ana Elizabete Santos Alves, coordenadoras do projeto PQI/CAPES, pelos trabalhos realizados e o apoio demonstrado.

Ao Prof^º. Nivaldo Vieira Santana, amigo e colega da UESB e também do Doutorado em Ciências Sociais na PUC–SP, pela representação dos meus interesses. Agradeço, ainda, aos colegas desta jornada na UESB e na PUC–SP: João Diógenes, Francisco Cardoso e José Rubens Mascarenhas.

A Maria do Socorro, Alexandre, Leandro e Poliana Pinto Gonçalves pelo auxílio na computação, formatação de texto e outras tarefas; por ouvirem as minhas cantilenas e suportarem as variações de humor, nos momentos de ansiedade.

Ao Prof^º Carlos Alberto Gomes dos Santos, pela correção de estrutura da língua portuguesa do texto deste trabalho.

A Ivonilce, Vilma, Iara, Fábio, Iracema, Dilson e Augusto Cezar por nos receber em São Paulo, no período de estudo para cumprimento dos créditos, todos de coração aberto e sorriso largo, tornando mais agradável a vida na grande cidade.

Aos colegas professores e funcionários da UESB, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, do Museu Pedagógico e do Programa de Estudos

Pós Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, pela convivência saudável na superação das dificuldades desse árduo caminho.

Aos informantes das várias manifestações religiosas existentes na Cidade, pela cooperação e boa vontade no fornecimento de dados, pedindo desculpas por não citar os seus nomes que são muitos e para evitar a injustiça da omissão.

Aos fiéis da “Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista”, por permitirem consultar os seus arquivos. Aos funcionários que nos atenderam prontamente e aos que concederam generosamente as entrevistas, agradeço-os na pessoa do Pastor José Infante Junior.

Aos pais, mães, filhos e filhas-de-santo dos Candomblés, da Mesa Branca e da Umbanda de Vitória da Conquista, mestres na arte de receber bem, exímios anfitriões, por contarem as histórias de suas vidas e revelarem as suas religiões, nas pessoas dos seus líderes: Pai Jorge, Pai Rudy, Pai Lourinho, Dona Alaíde, Dona Eliene, Mãe Carminha, Pai Geci, Pai Bonfim, Pai Leonel Nunes e Pai Cely.

Aos Informantes: José Fernandes Pedral Sampaio, Humberto Flores, Dona Genísia Salles Mello, Genor Calixto Moreira, Antonio Severino Santos, Emanuel Marcos Silva, Glauba Lopes Ferraz Freitas, Lys Alves Abreu, Adriana Ferraz Costa e Manuel Messias de Almeida Campos (Messias de Dona Dió) Axogan Quito-nanguê idelmim Egibaia, pelas entrevistas reveladoras e documentos preciosos.

Agradeço, também, a todos quantos, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desse ideal.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a CAPES, pelos auxílios recebidos.

O lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado, torna-se nossa âncora.

Milton Santos (2005: p. 163)

RESUMO

Esta tese trata do processo cultural e das tradições religiosas existentes em Vitória da Conquista, município localizado no Sudoeste da Bahia, área identificada como Sertão da Ressaca e onde viviam os índios Botocudos, Pataxós e Mongoiós que interagiram, destacadamente, com portugueses, italianos, espanhóis e africanos, em sua maioria congoleses e angolanos.

Durante aproximadamente dois séculos, a agricultura e a pecuária foram atividades preponderantes na região e o boi aparece como elemento importante na vida da sociedade; talvez por isso, povoe o imaginário coletivo na condição de mito fundador. Não obstante a Cidade estar inserida num contexto mais amplo, criou-se aí uma cultura peculiar, um dentre os modos de viver e ser brasileiro.

Da segunda metade do século XVIII até a penúltima década do século XIX, ao que tudo indica, apenas a religião católica e as tradições afro-indígenas se faziam presentes na Região. A partir dos anos 1890, surgiram o espiritismo kardecista e a Igreja Batista; nos anos 1930, detecta-se a presença de terreiros de Candomblé de Caboclos devidamente organizados. Desde então surgiram outras religiões.

Objetiva identificar a presença, a diversidade das tradições e como as famílias ditas tradicionais, endogamicamente organizadas, distribuíram-se entre as diversas religiões. Enfoca a Igreja Batista nas suas relações com as demais, especialmente com o povo de santo.

Aborda a ocupação do Sertão da Ressaca e a organização social, política, econômica e cultural local, até a Proclamação da República. A partir daí, divide a história da Cidade em três períodos: a) de 1900 até 1930; b) 1930 até 1970; c) 1970 até 2006. Elaborando um quadro dos intendentes e prefeitos, e outro, contendo o número de templos das diversas religiões por bairros, confecciona um mapa religioso.

Os fiéis da Igreja Batista, de início, são de “famílias tradicionais”. Depois, a Igreja perde as características de igreja familiar e se assume como fundamentalista, indo buscar adeptos nos seguimentos populares. Do ano 1900 até 1930, aconteceram conflitos entre esta e a Igreja Católica, e movimentação de fiéis entre estas religiões.

Nas relações entre batistas e o povo de santo, deslocaram-se fiéis entre as duas religiões, ocorrendo utilização de serviços mágicos das tradições afro-brasileiras pelos batistas.

ABSTRACT

This thesis deals with the cultural process and religious traditions existent in Vitória da Conquista, a municipality situated in the Southwest of Bahia, an area identified as Sertão da Ressaca, where Botocudos, Pataxós and Mongoiós Indians lived and interacted mainly with Portuguese, Italian, Spanish and African, mostly Congolese and Angolans.

For about two centuries, agriculture and cattle farming were the preponderant activities in the Region and the bull appears as an important element in the society life; perhaps because of this, it dwells in the collective imaginary in the condition of a founding myth. Although the City is inserted in a wider context, a peculiar culture was invented in it, one among the Brazilian ways of living and being.

From the second half of the 18th century to the penultimate decade of the 19th century, as evidence has it, only the Catholic religion and the afro-indigenous traditions were present in the Region. From 1890 on, the Kardecist Spiritism and the Baptist Church appeared; in the 1930's, the presence of caboclos' well-organized *terreiros de Candomblé* is detected. Ever since, other religions appeared.

It aims at identifying the presence and diversity of religious traditions in the City and how the so called endogamy-organized traditional families were distributed among the different religions. It focuses on the Baptist Church in its relationship to the others, particularly with the people of saint.

It approaches the occupation of the Sertão da Ressaca and the local social, political, economic and cultural organization up to the Proclamation of the Republic. Thence, it divides the City history into three periods: a) from 1900 to 1930; b) 1930 to 1970; c) 1970 to 2005. With a board of Intendants and Mayors, and another with temples from the different religions per neighborhood, it makes up a religious map.

The followers of the Baptist Church are at first from "traditional families". Then the Church loses its family church characteristics and assumes itself as fundamentalist searching for adepts in popular segments. From 1900 to 1930, schisms between this and the Catholic Church occurred, and followers' movement among these religions.

In the relations between Baptists and people of saint, there was followers' shift between the two religions and the use of magic services from the Afro-Brazilian traditions by Baptists.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PROBLEMATIZANDO A QUESTÃO: CRISTÃOS E POVO DE SANTO	12
A NECESSIDADE DE ESTUDOS LOCAIS	21
ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA E CRONOLÓGICA	25
DAS FONTES CONSULTADAS	28
 CAPITULO I	
TRANÇANDO O LAÇO NA OCUPAÇÃO DO SERTÃO DA RESSACA	31
A ENDOGAMIA LOCAL E OS LAÇOS DE PARENTESCO	36
O BOI LAÇO FUNDAMENTAL ENTRE GENTES E CULTURAS	40
O Boi do nego Rufino na sala do Cel. Gugé	49
A ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS	52
De água e luz	52
As comunicações	54
Os Negócios, a imigração e o crescimento	58
A filantropia e caridade	61
Serviço médico hospitalar	65
A Educação Escolar	66
A política, Intendentes e Prefeitos	71
Os Intendentes	71
Os Prefeitos	74
 CAPÍTULO II	
AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E O MAPEAMENTO RELIGIOSO	77
A EMERGÊNCIA	77
A CONSOLIDAÇÃO	90
A EXPANSÃO	98

CAPÍTULO III

OS PROTESTANTES E A ESPECIFICIDADE DOS BATISTAS	107
OS PROTESTANTES E SUAS ORIGENS	110
O PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO	111
O PROTESTANTISMO MISSIONÁRIO	116
O SURGIMENTO DOS BATISTAS	119
OS BATISTAS NO BRASIL	121
A PRIMEIRA IGREJA BATISTA NA BAHIA	125

CAPITULO IV

UM BOIADEIRO, UMA BÍBLIA, A IGREJA BATISTA EM CONQUISTA	137
O PROCESSO DE EMERGÊNCIA	138
O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO	149
A criação da II Igreja Batista	153
O PROCESSO DE EXPANSÃO	180

CAPITULO V

DAS RELAÇÕES ENTRE BATISTAS E O POVO DE SANTO	192
OS BATISTAS	192
O POVO DE SANTO	199
A DINAMICA DAS RELAÇÕES ENTRE BATISTAS E O POVO DE SANTO	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
REFERÊNCIAS	233
ANEXOS	243

INTRODUÇÃO

Pesquisar as religiões tem sido uma inquietação constante desde os anos 1970, quando assistimos ao Prof. Dr. Ronaldo de Salles Senna, nos seus estudos a cerca do Jarê, na Chapada Diamantina, na cidade de Lençóis - Bahia, coletando dados para a sua dissertação de mestrado e tese de doutorado.

Nos anos 1980, ao ingressar na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e ocupar, em Vitória da Conquista, o cargo de Secretário Municipal do Desenvolvimento Social, sentimos, de perto, a presença das religiões no cotidiano da população, em diversas ocasiões: nas festas da padroeira da Cidade; no São João; no Natal; no Micareta (carnaval fora de época); em casamentos, funerais e muitas outras atividades.

Na década seguinte, surgiu a oportunidade de estudar sistematicamente o assunto, tendo apresentado, como parte das exigências do mestrado em Ciências Sociais, uma dissertação intitulada “AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA: caminhos da diversidade”, sob a orientação da Prof^a. Dra. Josildeth Gomes Consorte. Para o doutoramento em Ciências Sociais, na mesma universidade, várias questões deixadas de lado no mestrado foram retomadas e outras surgiram, reclamando a ampliação da pesquisa, assim como o seu aprofundamento teórico.

O fenômeno religioso tem se manifestado ao longo da história, com enorme riqueza e diversidade, apontando para a necessidade de pesquisas regionais e estudos, cada vez mais detalhados, que compreendam as culturas locais, o modo como elas se articularam e se constituíram, enquanto tradições religiosas voltadas para acudir os anseios dos indivíduos.

Motivados pelo desafio de conhecer melhor as tradições locais, resolvemos pesquisar a presença da Igreja Batista, enfocando as suas relações com o povo de santo, no contexto sócio-econômico e histórico-cultural de Vitória da Conquista. Assim, chegamos ao tema em questão¹.

A denominação Batista chega ao Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, na condição de religião recém transplantada dos Estados Unidos e de matriz

¹ **Baquice** (banto) (OS) – s. o santuário congo-angolano. Var. baquice, baquiço. Ver. Gongá, gonzemo, peji. Kik./kimb. Banda kyaankisi. (CASTRO, 2001, p.169).

européia, expandindo-se com a liberdade religiosa que acompanha a Proclamação da República.

Dentre as tradições presentes no campo religioso protestante, começamos por observar que os batistas se constituem na denominação que mais cresceu, em número de templos, durante o século XX. O mesmo verificou-se em relação às chamadas religiões afro-brasileiras.

Levando-se em consideração o quadro histórico em que a Igreja Católica existiu como religião oficial por, aproximadamente, 400 anos e desde a Proclamação da República, em 1889, como Igreja hegemônica, ao passo em que os sistemas de crenças e práticas dos indígenas, dos africanos e seus descendentes eram desconsiderados enquanto religião, tais constatações aguçaram a curiosidade do pesquisador.

Frente a tais circunstâncias, várias perguntas se impuseram: como os batistas se estabeleceram e puderam alcançar tal crescimento? Onde e como foram os batistas, enquanto religião reformada e “estrangeira”, buscar a sua clientela? Como se deram as relações entre os batistas e o povo de santo especificamente em Vitória da Conquista?

A inexistência de pesquisas sobre o tema, além de alguns poucos trabalhos acadêmicos abordando as relações entre batistas e afro-brasileiros, selou o interesse por sua investigação.

Com a opção de pesquisar o tema, em Vitória da Conquista, esperamos contribuir para o conhecimento de aspectos da dinâmica e da expansão religiosa, especialmente entre batistas e afro-brasileiros, tanto nas suas singularidades, como nas inter-relações, até então pouco conhecidas.

PROBLEMATIZANDO A QUESTÃO: CRISTÃOS E POVO DE SANTO

Com a República, o poder deixa de emanar de Deus e ser exercido em seu nome, passando a ser exercido em nome do povo. O Estado separa-se da Igreja Católica e a liberdade religiosa é finalmente conquistada. É o povo que agora detém o poder e elege seus representantes.

Com essas transformações políticas o campo religioso vai, inevitavelmente, sofrer grandes mudanças. A emergência do protestantismo, assim como das demais religiões não católicas, dar-se-á num contexto em que a Igreja Católica acaba de

perder o monopólio do sagrado, tendo que enfrentar a concorrência por fiéis de todas as denominações emergentes.

A perda do monopólio do sagrado pelo catolicismo, não significa que o mesmo esteja ferido de morte e tenha os seus dias contados. Longe disto. Em lugar do monopólio, a hegemonia que até hoje perdura, apesar das perdas significativas mais recentes, continua a preservar sua força e prestígio, na medida em que ainda desfruta de considerável importância na sociedade brasileira.

As religiões afro-brasileiras por sua vez não apenas deixam de ser alcançadas pela liberdade religiosa, dado a continuarem não reconhecidas como religião, como também sobre elas se abate uma enorme repressão que as mantém ou as empurra para a clandestinidade e para uma existência que se disfarça como pode.

O povo de santo continua a se declarar oficialmente católico. Vai mantendo as suas tradições através de seus rituais, realizados de modo velado e, às vezes, até mesmo mascarado sob o manto sagrado das práticas religiosas do catolicismo.

Tais práticas levam o povo de santo a uma “dupla pertença religiosa”, ou seja, a se dizer católico e de candomblé ao mesmo tempo. Em diálogo com este pesquisador, Senna salienta que, “a dupla pertença não é uma opção, mas uma construção histórica alicerçada em fatos. Não faz parte da herança africana a exclusão de posturas frente ao sagrado. O ‘evangélico’ não é também de candomblé porque a sua igreja não aceita, não é o candomblé que cria dificuldades. O povo de santo é de fato católico porque a dupla pertença é a visão de mundo do seu imaginário”.

Tratando do mesmo assunto, Consorte, em um artigo intitulado “Sincretismo ou Africanização? Os sentidos da dupla pertença”, escrito após longa pesquisa nos terreiros de candomblé liderados pelas ialorixás que assinaram o referido manifesto anti-seincretismo apresentado durante a “II Conferência Mundial da Tradição Orixá e Cultura”, realizada em Salvador no período de 17 a 23 de julho de 1983, comenta:

Não se pense, porém, que o sincretismo torna os terreiros da Casa Branca, do Gantois, do AlaKetu e do Bogum menos africanos que o Opo Afonjá, [...]. Se tomarmos como critério de africanidade suas origens, são justamente eles os que não apenas foram fundados por naturais da África como os que exibem uma sucessão de ialorixás africanas à frente dos seus destinos, antes de passá-los à mão das crioulas e mais tarde das

mestiças que hoje os dirigem. [...]. A tradição que invocam para respaldar seu sincretismo parece, assim, apontar para uma origem muito antiga de associação de crenças e práticas que os caracterizam e para a dupla pertença, [...] dado o monopólio do sagrado pelo catolicismo. Dentre todos, é justamente o Opô Afonjá o mais jovem e o único a não ter sido fundado por uma africana legítima. Mãe Aninha, [...] era crioula, filha de pais Grunci e o movimento de dessincretização liderado por Mãe Stella, de alguma forma parece se alinhar com outro esforço de africanidade realizado por aquela, logo depois da fundação do seu terreiro em São Gonçalo do Retiro, em 1910, com a entronização dos 12 ministros de Xangô, fato único entre os terreiros do País (CONSORTE, 2006, p.6).

É neste contexto que as novas religiões vão buscar ocupar espaço e conquistar fiéis ao lado da católica.

Ao longo do Império, cultos não católicos podiam ser realizados apenas em âmbito doméstico pelos estrangeiros, ou seja, diplomatas, embaixadores, seus funcionários e familiares, comerciantes e empregados de grandes empresas atuando no Brasil. Foi o que aconteceu, por exemplo, aos Anglicanos que por força das relações entre a Inglaterra e Portugal, exerciam os seus credos religiosos com a aquiescência do Império amparados no tratado de 1810, para assistir os cidadãos britânicos.

Para tal fim, os Anglicanos buscaram construir cemitérios em algumas grandes cidades, a exemplo do Rio de Janeiro e Salvador, bem como a sua primeira casa de culto no Rio de Janeiro, “lançando a pedra fundamental do seu templo em 12 de agosto de 1819, à Rua dos Borbons. A igreja foi dedicada a São Jorge, padroeiro da Inglaterra e São João Batista em homenagem a D. João VI” (WALSH, 1982, p.143).

Os batistas, por sua vez, tipificados como protestantes de missão, chegaram ao Brasil em 1858, vindos do sul dos EUA, sob o patrocínio da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista, sediada em Richmond-Virginia, para onde se deslocaram procedentes da Inglaterra. Já em solo brasileiro, antes de fundar a sua primeira igreja com motivo missionário, permaneceram por algum tempo na cidade de Americana, onde existia uma Igreja para atender aos imigrantes.

Porém, para converter os brasileiros às suas doutrinas, se deslocaram a Salvador, capital da província baiana, e organizaram a Primeira Igreja Batista em 1892. Dezoito anos após a sua instalação naquela cidade, alcançaram a região

Sudoeste da Bahia, nossa área de estudo, e de modo peculiar, por iniciativa de um fazendeiro local, a revelia dos missionários, se estabeleceram, “em 04 de fevereiro de 1900, no Município de Vitória da Conquista” (VIANA, 1983, p.575).

Presentes durante todo o século XX, os batistas vivenciaram várias situações:

1. Processo de emergência: período que se estende de 1900 – 1930, já na vigência do regime republicano, durante a “Velha República” no qual, Vitória da Conquista permanece como uma pequena cidade do interior do Nordeste brasileiro, onde as ações de conversão promovidas pelos batistas se deram em confrontos mais diretos com a Igreja Católica. Essas duas religiões e o espiritismo kardecista foram adotadas por famílias tidas como tradicionais e fundadoras da Cidade, compostas por grandes proprietários de terra e criadores de gado, em disputa
2. Processo de consolidação: de 1930 – 1970. O que abrange a ditadura Vargas, os desdobramentos sociais decorrentes da Segunda Guerra Mundial, o retorno de Vargas à Presidência, os períodos dos governos Juscelino, Jânio Quadros e João Goulart, alcançando a Ditadura Militar. A partir daí, a cidade sofre transformações, motivadas, inicialmente, pela construção da BR-116, a Rio Bahia, que liga a região nordeste ao sudeste, promovendo grande surto migratório, aumentando a população, comércio e serviços, provocando, também, mudanças no campo religioso em geral e na Primeira Igreja Batista que aumenta o número de adeptos, criando congregações e novas igrejas;
3. Processo de expansão: de 1970 – 2006. Desenrola-se da Ditadura Militar passando pela Abertura Política e alcançando a Redemocratização no final dos anos 1980. Vitória da Conquista vivencia transformações sociais mais profundas. A partir de então, a região abriga um pólo cafeeiro, implanta o Parque Industrial dos Imborés e surgem as universidades públicas e particulares. As religiões presentes, como consequência, aumentam o número de templos. Surge a Igreja Universal do Reino de Deus, as afro-brasileiras se diversificam e experimentam transformações significativas. A Igreja Batista intensifica e diversifica as suas estratégias de evangelização, visando alcançar os segmentos populares nos quais se encontram a maioria dos filhos-de-santo.

Historicamente fazendeiros e escravocratas os Batistas da Convenção do Sul dos EUA, possuíam algum projeto para converter os brasileiros no final do século XIX? Como se propuseram a conquistá-los depois de 400 anos de catequese católica, na vigência do livre mercado religioso? Como os batistas dialogaram particularmente com os afro-brasileiros?

O trabalho enfoca a presença dos batistas enquanto sistema religioso de crenças, rituais, *ethos* e visão de mundo, em suas relações com o povo de santo.

A expressão povo de santo é aqui utilizada para designar, genericamente, os adeptos das religiões afro-brasileiras que se apresentam sob grande diversidade, compreendendo terreiros de Candomblé Queto, Angola, Queto/Angola, Jeje-Marin e centros de Umbanda, além de algumas lideranças dos ritos denominados *Mesa Branca*, que passaram por algum processo de iniciação e que prestam serviços mágicos, em suas casas de morada, a clientes que os procuram para trabalhos espirituais.

A ação do protestantismo missionário tinha como objetivo principal converter a população residente no país, tida oficialmente como católica, mas que, na realidade, também era herdeira de outras tradições oriundas dos africanos e indígenas, considerados pelos europeus, como povos atrasados, incapazes de raciocinar logicamente e que seriam guiados por uma visão de mundo “fetichista, por crendices e pela magia” (DURKHEIM, 1989, p.p.343-363-426).

Além dos objetivos religiosos, os protestantes, sobretudo ingleses e norte americanos, chegaram ao Brasil movidos por razões financeiras e comerciais, ligadas às suas empresas, conduzidas pela ideologia do progresso. Vieram também para “civilizar os incultos”, assim, fazia parte de seus propósitos retirar africanos, indígenas e seus descendentes da situação de *atraso* em que se encontravam ao mesmo tempo, que os elevavam da condição de pagãos à de cristãos.

Perguntamos: como se deram as conversões à Igreja Batista? Quem eram os descendentes de africanos e de indígenas, convertidos à Igreja Batista? Eram filhos de santo? Eram católicos? Que catolicismo praticavam? Houve casos de conversão de batistas para as tradições afro-brasileiras?

Tais questões podem ser justificadas levando-se em consideração a realidade de abandono e descaso em que viviam os indivíduos recém saídos da escravidão, necessitando buscar se colocar e reposicionar frente às mudanças sociais, advindas

com a libertação dos escravos e a Proclamação da República, incluindo, entre elas, o surgimento, no cenário local, de novas religiões.

Um momento certamente propício a que parte da população brasileira, notadamente os descendentes de africanos e indígenas viessem a adotar diversas posições, ora conservando seus elementos de cultura, ora reinventando suas tradições, na medida em que abandonavam e adquiriam novas, ou seja, a ressignificar:

Usando, sempre, este raciocínio como suporte, tentamos identificar a flutuação dos signos e da dialética, sempre presentes na alteridade dos contrários e na alternância das fantasias. Constatase que, mesmo quando o objeto ressignificado veste uma outra roupagem, esta traz resquícios e derivações da situação anterior. A ideologia é sempre um refazer de mitos em novos planos e dimensões (SENNA; SOUZA, 2002, p.23).

As religiões afro-brasileiras se formaram assim no conjunto amalgamático dos elementos de cultura de diversos povos africanos, indígenas e europeus e foram identificadas como religiões étnicas pelo fato de preservarem essas raízes. “Nas descrições dos historiadores dos séculos XVII e XVIII já se encontram referências a essas práticas religiosas” (CAMARGO, 1973, p.164).

Em Salvador e adjacências, essas tradições se manifestavam de forma pujante e, por este motivo, foram lá estudadas, em primeira mão, por Nina Rodrigues no final do século XIX e posteriormente por Arthur Ramos.

Em Vitória da Conquista, identificamos vestígios da presença de elementos da cultura religiosa afro-indígena desde o século XIX, embora não se tenha registro de casa de culto organizada.

Crenças de escravos e descendentes não eram reconhecidas como tais nem gozavam de liberdade religiosa, tendo sido durante todo o Brasil Colônia e Imperial, desrespeitadas e perseguidas.

Ao longo do período republicano, continuaram desconsideradas, discriminadas e tolhidas até os anos 1970, quando o Governador da Bahia, Roberto Santos, sancionou uma lei reconhecendo-as como construções religiosas. Com a Constituição de 1988, que aprovou ampla e irrestrita liberdade religiosa em todo o território Nacional, deixaram a final de ser um caso de polícia.

Somente nos anos 1930, detectou-se a existência de terreiros de candomblé de caboclo, devidamente organizados em Vitória da Conquista, o que não significa que não tenham existido em período anterior. Nos anos 1970 passaram a ser chamados de umbanda.

A partir dos anos 1960, começam a chegar os terreiros de Candomblé Angola/Queto e de Queto, transplantados de outras regiões, com a migração de pais e mães de santos oriundos de outros centros urbanos. As questões pertinentes às tradições afro-indígenas serão tratadas, mais amplamente, no segundo capítulo.

Foi, porém no período de 1970 a 2006, que as religiões afro-brasileiras e a Igreja Batista experimentaram maior crescimento, ocupando lugar de destaque no cenário religioso.

Quando organizaram sua Igreja, de 1900 até 1930, os batistas eram minoritários. O ambiente encontrado era majoritariamente católico, mas marcado por tradições afro-indígenas e pela presença de espíritas kardecistas. É neste quadro de fortes cores afro-católico-indígena-kardecista que os batistas vão buscar os seus fiéis, tendo como interlocutor privilegiado e oponente o catolicismo.

Como os batistas aqui se estabeleceram, construíram seus templos e se expandiram? E, em relação às religiões afro-brasileiras, como se verificaram tais fatos? Como se deram as relações entre a Igreja Batista e o povo de santo, tendo em vista as diferenças entre essas tradições religiosas?

Que atitudes tomaram os batistas frente à pobreza, à doença, ao analfabetismo e à seca, problemas cruciais que atingiam a sociedade local? De que forma a sua mensagem evangélica contribuiu para a reflexão sobre as questões políticas, sociais e econômicas vigentes, frente às práticas do Coronelismo? Os líderes religiosos participavam diretamente dos pleitos eleitorais? Como os movimentos sociais ocorridos no período foram interpretados, levando-se em consideração os princípios doutrinários e a ética por eles professada? Como tratavam as mulheres, frente ao movimento feminista em marcha no mundo? E em relação ao homossexualismo, que posições assumiram? Que postura adotaram quanto às festas populares: da padroeira, do carnaval, do São João e outras presentes nas tradições locais?

O protestantismo (de imigração e de missão) chegou ao Brasil, como vimos, vindo da Inglaterra e dos EUA, potências que exploravam e dominavam economicamente a nação brasileira.

Pretendiam impor novos hábitos e costumes sobre a população do país. Tudo indica que essas pretensões provocaram reações na sociedade nacional e mesmo na comunidade protestante, chegando a propiciar divisão interna na Igreja Batista da Bahia, ensejando o surgimento da “Igreja Batista Independente do Garcia” em Salvador e, posteriormente, a criação da “Missão Batista Independente”, com o objetivo de realizar “um trabalho evangélico nacional no qual o elemento indígena seja o único preponderante” (SILVA, 1998, p.62).

No caso da Primeira Igreja Batista, que atitude assumiu frente às questões postas pelos Batistas Independentes? Teve esse movimento alguma repercussão na Igreja Batista local? Aconteceram divisões entre os batistas? Que estratégias foram utilizadas para o surgimento de novas Igrejas? A Junta de Richmond exerceu diretamente algum papel nos processos de emergência, constituição e expansão da Igreja Batista?

Esta pesquisa objetiva também aquilatar em que medida a inserção dos batistas, em um campo já definido e ocupado em proporções diferentes por católicos, kardecistas e o povo de santo, provocou mudanças no cenário cultural dominante e, por outro lado, até onde a ética e a doutrina batista tradicionais sofreram mudanças a partir do contato com essas tradições?

Visa, ainda, abordar as tradições batistas enquanto capazes de criar novas representações da vida cotidiana, hábitos, atitudes e práticas dos adeptos, habitantes de um mundo afro-brasileiro-católico-kardecista, considerando-se que o kardecismo participa das tradições afro-brasileiras como componente das estruturas da umbanda ou dos candomblés de caboclo, conflitante e divergente destas manifestações, mas capaz de se impor enquanto realidade concreta.

As dificuldades encontradas para a realização de uma pesquisa nesta direção foram muitas, principalmente no que se refere às fontes. No caso da documentação referente aos batistas, consta que muitos documentos foram queimados. Soma-se a esse, o fato de inexistirem pesquisas de qualquer natureza sobre esse tema.

No tocante às tradições afro-brasileiras, existem numerosos registros dando conta das suas presenças em vários estados do país, a partir dos primeiros trabalhos de Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Edison Carneiro, para citar apenas alguns autores brasileiros. Estrangeiros também pesquisaram esse assunto, a exemplo de Roger Bastide e Melville Herskovits, dentre outros.

Em Vitória da Conquista, no entanto, inexistiam trabalhos acadêmicos até 1997, quando foram pesquisadas pela primeira vez e, registradas na dissertação de mestrado, já citada neste trabalho.

No que diz respeito ao protestantismo em geral, “observa-se que os primeiros textos elaborados [...] no Brasil têm um caráter nitidamente confessional” (SILVA, 1998, p.10).

A partir de *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e de História Social*, do professor francês Émile G. Leonard, publicado pela JUERP (Junta de Educação Religiosa e Publicações) da Convenção Batista Brasileira, em convênio com a ASTE (Associação dos Seminários Teológicos), em 1ª edição, datada de 1963 e, em 2ª edição, com tradução de Linneu de Camargo Schutzer, em 1981, bem como de *Followers of the New Faith (Culture Change and Rise of Protestantism in Brazil and Chile)* de Emilio Willems, publicada em 1967, é que se pode falar da inauguração de um período de pesquisas científicas na literatura sobre o campo religioso originário da Reforma Protestante.

Foi a partir dos anos 1960, que a presença dos protestantes passou a interessar aos cientistas sociais brasileiros, fato devido a uma visão do fenômeno religioso que se propôs isenta da confessionalidade própria às obras precedentes, preocupadas em fazer proselitismo, contabilizar adeptos e externar apologia doutrinária.

O que tornou possível abordar o protestantismo sob a ótica das Ciências Sociais foi “essa distância, essa separação estabelecidas por uma sociedade [ou indivíduo] que não pensa mais em si mesma de uma maneira religiosa” (JULIA, IN SILVA, 1998, p.10).

Antropólogos, sociólogos, filósofos e historiadores, quase sempre evangélicos, produziram alguns trabalhos tomando o protestantismo como objeto de estudo sistemático, dentre os quais se destacam: D. G. Vieira: *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa*; M. Dreher: *Igreja e Germanidade*; W. César: *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*; A. G. Mendonça: *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*; Beatriz M. Souza: *A Experiência da Salvação - Pentecostais em São Paulo*; Candido P. F. de Camargo: *Católicos, Protestantes, Espíritas*; Rubem Alves: *Protestantismo e Repressão*, além de algumas dissertações e teses.

Apesar deste início auspicioso nos anos 60, o protestantismo histórico, como é o caso dos batistas, não tem despertado tanto interesse para a produção de trabalhos acadêmicos.

Os estudos sobre o campo religioso enfocando a ação dos grupos de imigração de origem missionária, objetivando tratar da visão de mundo e das formas de pensar e agir sobre a realidade local, têm sido restritos.

Destacam-se nesse contexto o pioneirismo de Rubem Alves com Protestantismo e Repressão; a Tese da Professora Marli Geralda Teixeira, Nós os Batistas, tratando das questões dos Batistas da Convenção na Bahia; a dissertação de mestrado e a Tese de doutoramento da Professora Dra. Elizete da Silva, respectivamente: A Missão Batista Independente - uma alternativa nacional, apresentada ao Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia em 1982; Cidadãos de Outras Pátrias: anglicanos e batistas na Bahia, defendida junto ao Departamento de História FFLCH – USP, em 1998. São exemplos de esforços acadêmicos no sentido de ampliar os conhecimentos, nesta área, a partir de pesquisas sobre a realidade local.

Este trabalho, entretanto, representa um esforço de estudar os batistas e suas instituições, em um contexto de relações com outras religiões, especialmente com as afro-brasileiras, em um ambiente cultural estranho àquele de suas origens americanas.

A NECESSIDADE DE ESTUDOS LOCAIS

Esse trabalho opta pelo estudo local da vida religiosa de grupos sociais que, por razões diversas, foram levados a se relacionar com outros grupos religiosos e, por esse motivo, vêm sofrendo mudanças consideráveis.

Pesquisar os fatos que levam os indivíduos a se filiarem a uma religião em períodos historicamente distintos e sob influências diversas impõem a opção por métodos que sejam adequados a cada período e a cada fenômeno, considerando que as metodologias, como qualquer construção humana, também foram produzidas em momentos históricos e servem para abordar fenômenos específicos circunstancialmente construídos.

A tese se beneficia, em muito, da abordagem simbólico-cultural, estudando o fenômeno religioso sob vários ângulos, buscando evitar pré-noções e

reducionismos. Procura ver as presenças dos batistas e do povo de santo em suas relações, durante o século XX, enquanto grupos religiosos portadores de mensagens específicas inseridos na sociedade global, mas, ao mesmo tempo, vivendo numa determinada sociedade marcada fortemente por tradições locais.

A religião integra o patrimônio simbólico de um grupo, portanto, está inserida em um processo de relações dinâmicas com outros elementos constituintes do mesmo. Nesse sentido, é sensível às abordagens das Ciências Sociais que privilegiam o pressuposto da “invenção das tradições”, e que consideram a cultura como essencialmente semiótica.

As tradições não são forjadas aleatoriamente a partir da vontade de um indivíduo, como uma invenção qualquer. Elas decorrem de um complexo de relações, construídas a partir de necessidades vitais e de um modo de viver.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam incluir certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Interpretar a religião a partir desta perspectiva, ou seja, como elemento de uma cultura implica, necessariamente, em explicitar em que sentido o termo está sendo utilizado, o que se está querendo dizer com isso. Levamos em conta o seu entendimento nos seguintes termos:

O conceito de cultura que eu defendo [...], é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 1989, p.15).

Todo processo de mudança envolve atrito, negociação e trocas. Muitas vezes a última é interpretada como processo econômico relativo a elementos do mundo

material, como no *escambo*, onde se troca, por exemplo, um quilo de farinha por um punhado de sal. Nesse trabalho, o processo de troca insere-se no âmbito das relações religiosas e entre religiões, reconhecidamente, portanto, como de “trocas simbólicas”.

Tudo se passa como se uma determinada formação social estivesse fundada numa divisão social do trabalho cujos agentes, instituições, práticas e produtos circulam no âmbito de um mercado material e de um mercado simbólico que, por sua vez, encontram-se fundamente imbricados (BOURDIEU, 1998, p. XXXVI).

Pesquisar grupos religiosos requer muita observação, e sensibilidade para a interpretação das atitudes e sentimentos manifestados pelas pessoas nas práticas religiosas e em seus vínculos com a sociedade.

Necessário se faz, além de abordar os diversos elementos envolvidos, enumerar doutrinas e fiéis, descrever crenças e práticas, atitudes frente à vida e a morte. Além disso, definir o perfil de membros do grupo religioso ou da Igreja, em suas relações sociais, assim como as leituras que fazem do mundo em que vivem.

Em nosso trabalho tratamos de relações extremadas no campo religioso onde, de um lado, existe a Igreja Batista originária do protestantismo reformado, tradição que se manifestaram a partir dos conflitos com a Igreja Católica, durante a modernidade, e do outro, as religiões afro-brasileiras, enquanto tradições recriadas, a partir de elementos étnicos das culturas africanas e indígenas (povos da floresta, da mata, da savana e da caatinga), em suas relações com o catolicismo e o kardecismo, cujos portadores passaram pelo crivo da escravidão e foram posteriormente “libertos” para uma sociedade nacional em formação, sem as garantias de quaisquer direitos, principalmente às suas práticas religiosas.

Dessa forma, são tomados estes dois grupos religiosos, que não são os únicos presentes na sociedade conquistense durante o período histórico demarcado para efeito da pesquisa, compondo um quadro de elementos que se vinculam a origens distintas e se apresentam sob diversas configurações, cada uma com maior ou menor grau de institucionalização do sagrado, com finalidade de atender às necessidades dos seus adeptos e fiéis.

A diversidade de posturas sagradas, dentre outros fatores, tem conduzido à necessidade de classificação das religiões. Para tanto, pesquisadores vêm apresentando as suas propostas de classificação, cada qual com os seus limites, orientados por parâmetros necessários, mas não suficientes para esgotar a questão, o que será sempre impossível, dado que a sociedade e a cultura, na qual o pesquisador se insere também está sempre se transformando.

Dentre os estrangeiros, destacam-se Troeltsch, que apresentou uma classificação das religiões dividindo-as em Igrejas e Seitas, tidas como tipos opostos, e Ynger, que propôs uma classificação um pouco mais ampla, dividindo-as em: Igreja Universal, Igreja aliada ao Estado ou “Igreja oficial”, Igreja de Classe ou Denominação, Seita Estabelecida, Seita e Culto (YNGER, 1964, p.p.166-179).

A complexidade que envolve o fenômeno religioso no Brasil por sua vez levou os pesquisadores Mendonça e Maggie, do Instituto de Estudos da Religião (ISER), no Rio de Janeiro, a reunir suas considerações sobre o tema da classificação em um seminário (LANDIM 1989, p.p.73-76/77-82).

Ao falar do quadro apresentado pelos pesquisadores, acima citados, no tópico “DEBATE: CLASSIFICAÇÃO DA DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL”, no qual são tratadas as “lógicas possíveis de ordenação do universo religioso”, o debatedor acrescenta importantes observações sobre o que denominou: a) agência de serviços, b) Igreja estável consagrada, c) Igreja sectária e d) comunidade difusa de fé (LANDIN, 1989, p.p. 83-84).

Após analisar as classificações dos autores, concluímos que toda tentativa de classificar uma religião, especialmente uma religião inserida na sociedade brasileira, será fatalmente paradoxal, haja vista que resulta em aproximação, dada a heterogeneidade, diversidade, dinamicidade e complexidade do fenômeno religioso.

Assim sendo, trataremos as tradições religiosas dos batistas, como Igreja Batista. E, as afro-brasileiras, dada à diversidade com a qual se manifestam, chamaremos simplesmente povo de santo. As demais tradições religiosas serão tratadas com o nome a elas atribuído pela população da Cidade.

Na elaboração desta pesquisa partimos das seguintes hipóteses:

- a) As relações entre os batistas e o povo de santo se deram sob o signo da demonização, o que supunha uma conversão radical destes, sem a

possibilidade de que ocorresse algo semelhante à associação de crenças e práticas como a que se verificou com o catolicismo ao longo da escravidão. A conversão supunha, assim, a aceitação da demonização e a negação, completa do passado religioso africano.

- b) A sociedade brasileira, com a Proclamação da República e durante o século XX, passou por profundas transformações, o que poderia tornar propício a afro-brasileiros e católicos, mudança de opção religiosa e aceitação de outros discursos.
- c) A inserção da Igreja Batista no campo religioso de Vitória da Conquista tendo se dado de modo peculiar, conduziu ao estabelecimento de normas rígidas na conduta dos seus membros, exigindo a adoção de mecanismos de coesão interna, capazes de manter a identidade do grupo com valores e práticas distintas das do povo de santo, da religião majoritária e da cultura brasileira em geral.
- d) O surgimento dos batistas tendo se dado de modo peculiar, a partir da iniciativa de um fazendeiro local, sem a participação direta de missionários estrangeiros, foi com o passar dos anos adotado por famílias tidas como tradicionais, através de uma dinâmica de conversão, também peculiar em relação à ocorrida em outros lugares do Brasil.
- e) As relações entre os batistas, católicos e kardecistas, apesar das peculiaridades doutrinárias, éticas e ritualísticas de cada uma delas, permitiram uma convivência, marcada pela tolerância de uns pelos outros como cristãos, em razão de serem oriundos de famílias tradicionais e de condição social e econômica semelhante, que se associaram, em atividades sociais, políticas, econômicas e culturais.

ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA E CRONOLÓGICA

A abrangência geográfica levou em consideração uma área bem maior que os limites da Cidade, ou seja, a que se estende do litoral da Bahia, na altura do município de Ilhéus, aos contrafortes da Chapada Diamantina, no sentido Leste/Oeste; já no sentido Norte/Sul, a área compreendida entre os rios de Contas e Pardo, região parcialmente vista como Sudoeste da Bahia.

Nessa área, com o passar dos anos, forjou-se uma concepção do sagrado da qual a sociedade local é uma grande expressão, os territórios por ela abrangidos, durante algum tempo, fizeram parte desse Município, e integram a sua área de influência, Vitória da Conquista oferece aos moradores das cidades, no seu entorno, uma gama de serviços, inclusive religiosos. Salienta-se que a maioria da população é composta de pessoas oriundas das cidades vizinhas.

Embora a abrangência cronológica esteja limitada ao período que se estende do ano 1900 ao ano 2006, necessariamente, terá que se fazer referência ao início da colonização da região em razão das relações entre as tradições religiosas dos indígenas, dos africanos e dos católicos que se forjaram em período anterior, das quais decorre a invenção de algumas tradições religiosas afro-indígenas presentes na Cidade.

O conjunto da tese se desdobrará em introdução, cinco capítulos e as considerações finais, organizados da seguinte forma:

O primeiro capítulo intitulado “TRANÇANDO O LAÇO NA OCUPAÇÃO DO SERTÃO DA RESSACA”, noticia os contingentes étnicos levados para a Região; trata do processo de colonização dos indígenas; fala da endogamia conquistense, das atividades econômicas, sociais, políticas e religiosas desenvolvidas pelos segmentos da sociedade local; aponta o boi como mito fundador da Cidade e, mostra como ela se organizou de acordo com as transformações históricas ocorridas; Por fim, enfatiza a política local e cria dois quadros: um dos Intendentes e outro dos Prefeitos, de acordo com a religião, a profissão e o período do mandato de cada governante.

O segundo, “AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E O MAPEAMENTO RELIGIOSO”, fala das religiões afro-brasileiras definindo-as como “inventadas” no Brasil a partir de elementos de cultura dos africanos, indígenas e europeus. Trata deste fenômeno, em termos de herança africana com especificidades locais, organizada durante o percurso da colonização até os anos 1930, quando se detectam casas organizadas. Relaciona os terreiros surgidos desde então até 2006 e, os templos das religiões existentes por bairros, construindo um quadro das religiões por bairros e um mapa religioso da Cidade.

No terceiro, “OS PROTESTANTES E A ESPECIFICIDADE DOS BATISTAS”, discorre sobre as origens históricas do protestantismo e especialmente dos batistas no mundo; analisa a conjuntura que favoreceu a inserção das Igrejas Anglicana e

Batista no Brasil, do protestantismo de imigração e missionário; mostra as presenças de anglicanos e batistas na Bahia suas crenças, rituais, *ethos* e visão de mundo, além do cisma ocorrido, as divisões internas da Primeira Igreja Batista do Brasil, especialmente entre batistas brasileiros e missionários norte americanos, o surgimento da Igreja Batista Independente do Garcia e da Missão Batista Independente, além da sua expansão até alcançar o Sudoeste do Estado.

O quarto, “UM BOIADEIRO, UMA BIBLIA, A IGREJA BATISTA EM CONQUISTA”, elabora a etnografia da Primeira Igreja Batista surgida de modo peculiar, logo após a Proclamação da República, num contexto de liberdade religiosa, em um clima de livre concorrência entre as religiões; onde retrata os conflitos entre batistas e católicos, e as relações entre as famílias “tradicionais” vinculadas às religiões existentes durante o processo de emergência.

No item Processo de Consolidação, comenta o processo de expansão, o surgimento de outras igrejas batistas, a profissão de fé, o batismo, as cartas demissórias, os motivos de exclusão de fiéis, as campanhas de evangelização, a construção do novo templo, o envio de missionários aos índios, judeus no Brasil, e a países estrangeiros.

No Processo de Expansão, a tese vê o aumento do número de templos das religiões em consonância com o crescimento da cidade, da campanha de evangelização, do envio de missionários aos índios e a países da África, a Portugal e ao Estado de Israel; a cobrança do comportamento dos fiéis, especialmente em relação à moda no vestir e apresentar-se, a frequência ao cinema, o combate ao mundanismo. São elaborados quadros de motivos de exclusão de fiéis, a conversão de adeptos das religiões afro-brasileiras às tradições batistas, das ações contra o comunismo e da aposentadoria do Pastor Gerson Rocha.

No quinto, “DAS RELAÇÕES ENTRE BATISTAS E O POVO DE SANTO”, pondera sobre a movimentação de fiéis de uma para outra destas tradições, constatando que membros das igrejas batistas procuram os líderes nos terreiros de candomblé, centros de umbanda e casas de mesa branca, com a finalidade de fazer trabalhos mágicos e teoriza sobre as relações, comprovando as hipóteses formuladas.

Por último, nas “CONSIDERAÇÕES FINAIS”, por entender que um fenômeno como as religiões apresentarão sempre interpretações provisórias, restando oportunidades para outras abordagens e novas leituras do mesmo, constata que

todo esse processo de relações, ocorrida ao longo da História, edificou um imaginário popular, que interfere no cotidiano, tal forma a identificar um jeito próprio de viver, além de um modo peculiar de ser brasileiro.

DAS FONTES CONSULTADAS

Estudando as tradições religiosas, depara-se com dificuldades documentais em graus distintos, a depender não só da tradição, objeto da pesquisa, como também da ocorrência de fatos como a destruição de arquivos por falta de conservação adequada e o desaparecimento de registros, motivado por interesses diversos como, por exemplo, a queima de documentos do Arquivo Nacional no final do século XIX.

Nesta pesquisa, as dificuldades foram de diversas ordens: no caso dos batistas, destacaram-se a precariedade dos arquivos organizados, principalmente no período de sua emergência e a queima de documentos motivada por um surto de peste bubônica ocorrido nos anos 1920.

Para o levantamento dos dados, as peculiaridades dessa tradição religiosa, lugar de grupo familiar tradicional, num primeiro momento, e fundamentalista em outro, colocou barreiras tais como: cautela na aproximação e na abordagem adequada ao grupo por se tratar de uma instituição onde as deliberações se dão por voto dos seus membros em assembléia; o controle sobre que arquivos podem ser consultados; a exigência de apenas o pesquisador poder consultá-los em horários determinados; a exigência de não se retirar documentos das dependências do templo.

Dada a natureza do objeto da pesquisa, as dificuldades encontradas exigiram cuidados especiais na abordagem dos entrevistados, por se tratar de questões delicadas, as relações dos batistas com o povo de santo.

Quanto às religiões afro-brasileiras, além do interesse dos grupos hegemônicos religiosos e políticos em mantê-las no anonimato e no silêncio, a oralidade, característica das mesmas, associada à origem étnica e social dos adeptos, descendentes de africanos e indígenas, povos ágrafos e inseridos em segmentos sociais da população, quase sempre analfabetos, o que dificulta a procura dos dados referentes às suas práticas religiosas, exigiu recurso a outros instrumentos adequados à abordagem da memória oral.

Dificuldades também surgiram na abordagem dos líderes, dos membros e dos clientes das religiões afro-brasileiras e da mesa branca, exigindo cuidados, uma vez que essas relações implicam questões éticas, que envolvem o silêncio das partes, pois de um lado encontram-se as questões pessoais, e do outro, a sobrevivência do grupo religioso. Segundo um pai de santo entrevistado, falar desse assunto é “como quebrar o sigilo bancário de uma pessoa”, semelhante a solicitar de um padre informação obtida no confessional.

Para suprir e complementar as informações que deram suporte à pesquisa foi necessário recorrer a instrumentos de coleta de dados qualitativos e quantitativos, além de consultar diferentes fontes.

A pesquisa de campo, no caso dos batistas, abrangeu além das fontes citadas, a consulta de documentos da Primeira Igreja Batista tais como: livros de atas, fichas de membros e documentos avulsos que se encontram na secretaria da Igreja e em posse de particulares. A coleta de dados compreendeu:

1. Mapeamento através de fichas de todas as Igrejas Batistas, inclusive com confirmação dos endereços a partir de checagem rua por rua, utilizadas na confecção de um mapa religioso da Cidade;
2. Frequência a cultos dominicais, a cultos em louvor a Cristo em casas de membro da Igreja em comemoração a aniversário e festa de casamento de irmãos de fé;
3. História de vida de alguns pastores e membros da Igreja que tiveram outra filiação religiosa anteriormente;
4. Descrição de cultos e outras atividades religiosas, por membros da Igreja de diferentes sexos e idades;
5. Entrevistas abertas com membros da Igreja e políticos da Cidade para preencher claros descobertos durante a pesquisa e observar como se deram as relações e inserção dos batistas na política local;
6. Questionários elaborados a partir das informações adquiridas com os elementos anteriores;
7. Registro através de fotografias e gravações sonoras de templos e cultos, assim como das entrevistas com pastores, membros da Igreja e políticos.

8. Vivencia cotidiana, por vários meses, com fiéis, zeladores, pastores e outros funcionários da Primeira Igreja, nas dependências do templo, durante a longa e árdua coleta de dados.

A procura de fontes, no que diz respeito às religiões afro-brasileiras, foi realizada em jornais, IBGE, Câmara Municipal de Vereadores, Rádios, Televisão, EMBASA, COELBA, TELEBAHIA, Igreja Católica, Museu Regional da UESB, Delegacia Regional de Polícia e Cartórios, além, naturalmente, da freqüência aos terreiros. A coleta de dados compreendeu:

1. Mapeamento através de fichas de todos os locais de culto das religiões afro-brasileiras, assim como dos templos das demais religiões, inclusive com confirmação dos endereços a partir de checagem rua por rua, utilizados na confecção de um mapa religioso da Cidade;
2. Comparação dos rituais observados e descritos com outros anteriormente abordados por diversos pesquisadores em outras regiões do País;
3. Histórias de vida dos pais-de-santo, colhidas através de entrevistas com os próprios líderes religiosos;
4. Descrição de rituais por pais-de-santo, adeptos e simpatizantes;
5. Questionários elaborados a partir das informações adquiridas com os elementos anteriores;
6. Vivência contínua com os agentes do sagrado através de visitas e freqüência às festas públicas das casas estudadas;
7. Registro através de fotografias, filmagens ou gravações sonoras dos templos e das festas públicas, assim como das entrevistas com os líderes religiosos;
8. Observação participante nos cultos de festas públicas e outras atividades como, por exemplo, matanças e jogos de búzios;
9. Entrevistas com pais e filhos de santo sobre as relações entre os batistas e o povo de santo em Vitória da Conquista.

CAPÍTULO I

TRANÇANDO O LAÇO NA OCUPAÇÃO DO SERTÃO DA RESSACA

O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado [...]. O sertão é confusão em grande demasiado sossego [...]. Sertão foi feito é pra ser sempre assim: alegrias! E fornos. Terras muito deserdadas, desdonadas de donos, avermelhadas campinas. Lá tinha um caminho novo. Caminho de gado [...]. Sertão é uma espera enorme [...]. Satanão Sujo! [...] e dele disse somente S... – Sertão... Sertão...

João Guimarães Rosa, (1979, p. 343-380-436-448).

A pretensão da metrópole portuguesa ao ocupar o Sertão da Ressaca² era, de início, a descoberta de riquezas minerais, o que não ocorreu, razão pela qual se voltou para a implantação da agropecuária. Levando-se em conta a localização da região; o relevo; o clima; a qualidade dos solos apropriados à lavoura e à criação de animais; a vasta extensão das terras onde viviam os índios Pataxós, Botocudos e Mongoiós; associados à necessidade da produção de alimentos para abastecer as vilas e povoados do litoral e das zonas de mineração nas províncias da Bahia e Minas Gerais, manteve o objetivo de explorar a agricultura e a pecuária que se tornaram as principais atividades.

Para a conquista da região vizinha, Pedro Leonino Mariz, Superintendente das Minas, formou uma bandeira, entregando a direção a André da Rocha Pinto, em 25 de junho de 1727, ao qual conferiu um ‘Regimento’ de caráter extremamente militar. O objetivo da bandeira era explícito naquele regimento: conquistar o sertão entre os rios de Contas, Pardo e São Mateus, encontrar metais preciosos, estabelecer fazendas de gado, matar índios que opusessem à conquista, estabelecer aldeias e destruir quilombos que fossem encontrados (MEDEIROS; FONSECA, 1996, p. 90).

Um outro motivo era, “[...] assentar um aglomerado humano, de origem portuguesa, entre o litoral e o sertão” (SANTOS, 1993, 24-25), resultando daí, na

² SERTÃO DA RESSACA corresponde à área que se estende entre o Rio Pardo posicionado ao sul de Vitória da Conquista e o Rio de Contas ao norte. Grande parte dela identificada com o Planalto da Conquista, coincidente, também com parte dos limites da Imperial Villa da Victória em 1840, e parte da área desbravada pelo bandeirante João Gonçalves da Costa a partir dos anos 1740.

segunda metade do século XVIII, o Arraial da Vitória erguido na base da Serra do Periperi, a meio caminho entre o litoral a altura de Ilhéus, e o Rio São Francisco, passando antes pela Chapada Diamantina onde se localizavam as minas de ouro e, mais tarde, as lavras de diamantes. O crescimento alcançado pelo Arraial conduziu a sua elevação à condição de Vila e Freguesia, pela Lei Provincial n°. 124 de 19 de maio 1840, quando recebeu o nome de Imperial Villa da Victória e Freguesia de Nossa Senhora da Victória.

Na época de sua instalação, o Município da Imperial Vila da Vitória [...]. Limitava ao Leste com Ilhéus, Canavieiras e Belmonte; com o Estado de Minas Gerais pelo Sul. Ao Norte, com o lugar Passagem da Conquista abrangendo todo o território do antigo município de Poções. Ao Oeste, com os municípios de Bom Jesus dos Meiras (atual Brumado) e Santo Antônio da Barra (atual Condeuba). [...]. Até 1880, o território do Município de Conquista tinha a extensão de 24.709 quilômetros quadrados (VIANA, 1982, p.124).

A condição de Comarca, no entanto, foi adquirida pela Lei n°. 3.111 de 28 de maio de 1873. E, com o advento do regime republicano, passa à condição de cidade, em 1° de julho de 1891, sendo chamada simplesmente Conquista (TANAJURA, 1992, p.p.58-61). Por fim, a publicação do Decreto Estadual n°. 141 de 31 de dezembro de 1943, atribui-lhe a denominação Vitória da Conquista que,

está situada no sudoeste do estado da Bahia, localizada a 14° 50'19" Latitude Sul e 44° 50'19" de Longitude W.GR., a uma altitude de 921 metros em relação ao nível do mar, distanciando-se, em linha reta, 313 Km e, por rodovia, 512 Km da cidade de Salvador, capital do estado. O município limita-se ao norte com os municípios de Anagé e Planalto; a leste, com Barra do Choça, Itambé e Ribeirão do Largo; ao sul, com Encruzilhada e Cândido Sales e, a oeste, com Cândido Sales, Belo Campo e Anagé (PASSOS, 1995), (Anexos A – B).

Desde antes da sua elevação à condição de Villa em 1840, já estava ligada por estradas ao Recôncavo da Bahia, ao litoral de Ilhéus, à Chapada Diamantina e ao Rio São Francisco, assim como à zona de mineração do norte de Minas Gerais. Caminhos em sua maioria abertos pelo Cel. João Gonçalves da Costa, considerado

um grande abridor de estradas que passava de oito a dez meses nas matas sem que tivessem notícias suas. Esses caminhos faziam da Vila uma encruzilhada, por onde passavam boiadas e tropas vindas da região do Rio São Francisco e de outras paragens, pouso obrigatório para descanso de caixeiros viajantes, tropeiros e vaqueiros, bem como de tropas e boiadas.

Independentemente dos recursos que a cultura dos campos fornece para subsistência dos habitantes, a venda do algodão e a passagem das “boiadas”, que vão para a Baía. Lhes proporcionam outros meios de vida; as boiadas que vêm do Rio São Francisco passam também por essa localidade; algumas vêzes vêm-se chegar, numa semana, para mais de mil bois, que se destinam a capital. O gado comumente emagrece, durante o longo trajeto [...], motivo pelo qual deixam-no descansar, aí, durante algum tempo, e mandam-no para se refazer nos pastos mais próximos (NEUWIED, 1940, p.409).

Em 1770, já existia “no espaço conquistado, um rancho de mais de 60 pessoas que viviam sossegadas das primeiras perturbações e rodeadas das fazendas de gado, cuja população era composta de fazendeiros, índios domesticados e escravos”. E foi principalmente a criação e comercialização de bovinos, eqüinos, asininos e muares que deu sustentação econômica a esse processo.

Os proprietários dessas fazendas de criação costumam enviar, uma ou duas vezes por ano, tropas de boi (boiada) ou de cavalos (‘cavalarias’) para a Capital, onde as vendem prontamente. É fácil calcular o montante do produto desse comércio. Suponhamos que uma boiada se compunha de 150 a 160 cabeças de gado; sendo o preço médio de um boi 10.000 réis (10\$000) o resultado da venda será de 5.000 patacas (cerca de 5.000 florins). [...]. É tanto mais vantajoso criar gado, nessa região quanto esse ramo da economia rural se explora com pequena despesa (NEUWID, 1940, p.404).

As fazendas de pecuária produziam de quase tudo um pouco: feijão, milho, arroz, café, mandioca para fazer farinha e outros petiscos, cana-de-açúcar para

produzir rapadura, açúcar mascavo e aguardente, o algodão para confeccionar vestuários e outros utensílios, produtos que alimentavam as casas de farinha, engenhos, alambiques e teares.

A criação de pequenos animais aves, suínos, caprinos e ovinos, assim como outros de maior porte produzia leite, carnes e peles transformados em banhas, sabão, manteiga, requeijão, queijo, atabaques e arreios, fabricados em pequenos laticínios, açougues, curtumes, selarias e outros estabelecimentos artesanais.

Os asininos, muares, eqüinos e bovinos serviam para tração, transporte e, principalmente, comercialização. O aluguel dos pastos era, também, atividade rentável para os seus proprietários. Em fim, produziam os alimentos necessários ao abastecimento da sua população, exportavam os produtos excedentes, principalmente bovinos, adquirindo assim o capital necessário ao fortalecimento da economia local.

As fazendas consideradas propriedades familiares, organizam-se com grau relativamente grande de auto-suficiência. Elas são unidades produtoras correspondentes à organização social. [...]. Já no século XX, foi costume dizer-se que a fazenda só precisava comprar o sal e o querosene [...] (SANTOS, 1993, p.p. 28-30).

Para mover as atividades agropecuárias, os coronéis proprietários das fazendas utilizaram mão-de-obra de africanos oriundos de diferentes etnias, e mão-de-obra indígena, além da dos descendentes desses grupos que se tornaram tropeiros, vaqueiros, agricultores, cozinheiros, seleiros, ferreiros, funileiros, jagunços e outros.

Estes trabalhadores ajudaram a abrir os caminhos já referidos e, principalmente, trouxeram os seus elementos de cultura religiosa que, possivelmente, contribuíram para a formação das tradições afro-indígenas presentes nos terreiros de candomblé de caboclos, cujas casas, pelo que apuramos, surgem organizadas a partir dos anos 1930, como já referimos.

Apesar da pouca mão-de-obra necessária à realização das tarefas cotidianas em uma fazenda de criação de gado, o número de escravos presentes na Imperial Vila da Vitória era relativamente grande. “Em 1875, quando a população [...], era de cerca de 11.000 habitantes, a cidade contava 1.817 pessoas condicionadas na escravidão” (MEDEIROS, 1997, p. 9).

O número de escravos correspondia então a 16,5% dos habitantes, moradores no lugar. Isso se deve, ao que tudo indica, às práticas das demais atividades subsidiárias à pecuária: a agricultura de subsistência, criação de pequenos animais, o trabalho doméstico, o artesanato, a abertura de estradas, os engenhos, açougues, teares, curtumes e outras atividades.

O povoamento da região foi realizado por: europeus principalmente portugueses, espanhóis e italianos; africanos: angolas, minas, benguelas, hauçás, nagôs, congos e rebolos (NEVES, 1998, p. 268); indígenas: mongoiós, botocudos e pataxós; além de crioulos, cabras, mulatos e pardos brasileiros sob o regime dos coronéis. Num ambiente de Mata Atlântica, Mata de Cipó e Caatinga, cruzaram-se uns com os outros dando origem a uma população com suas especificidades, uma mestiçagem segundo Consorte (1994) e Munanga (1997) ainda predominante na sociedade local nos dias atuais, corroborando as obras de Freyre (1997) e Ribeiro (1995).

A mestiçagem da população teve início antes mesmo da chegada dos bandeirantes liderados por João da Silva Guimarães em 1727 e João Gonçalves da Costa, que continuou a ocupação do Sertão da Ressaca a partir dos anos 1740, tendo ocorrido através do encontro entre negros e índios nas matas e, prosseguindo, nos vários aldeamentos indígenas nos quais viviam índios e negros, quase sempre dirigidos por padres capuchinhos, durante o século XIX (PARAISO, 1982, p. 263).

Muitos desses aldeamentos deram origem a cidades, vilas e povoados, nos quais a mestiçagem teve continuidade. Tais fatos foram relatados por alguns autores, inclusive o príncipe (NEWIED, 1940, p. 413) que descreveu a tribo indígena dos Meniães já miscigenados, e também o Cel. João Gonçalves da Costa, que fala do seu encontro com tribos de Mongoiós, nas quais viviam juntos índios, negros e mulatos:

Devo dizer a V. M. que em algumas destas aldeias se acham metidos alguns escravos que fugiram lá debaixo e um mulato ladino que me dizem, é capitão de uma das aldeias [...] e esta foi uma das razões porque me não resolvi a fazer a paz, receoso de que os ditos escravos me fizesse alguma traição, vendo-me com tão pouca gente ³.

³ Cópia da Carta do Desembargador e Ouvidor de Ilhéus aos Governadores. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Brasil-Avulsos. (6 de agosto de 1783). p.161.

Quanto aos africanos, necessário se faz apontar os traços principais das suas culturas de origem a fim de melhor compreender sua contribuição na construção de uma nova cultura.

Numa visão de conjunto das áreas ocupadas por esses povos e culturas na África, relatada por Freyre apoiado nas pesquisas de Herskovits; é possível perceber, por exemplo, a importância da criação de gado em suas vidas:

depara-se [...] com as seguintes áreas principais [...]; c) a área de gado da África Oriental (Banto), caracterizada pela agricultura, com a indústria pastoril superimposta; tanto que a posse de gado numeroso e não de terras extensas é que dá ao indivíduo prestígio social; trabalhos em ferro e madeira; poligamia; fetichismo; d) área do Congo (também de língua banto, ainda que na fronteira ocidental se fale ibo, fanti, etc.) [...], traços que Herskovits acrescenta outros: a economia agrícola, além da caça e da pesca; a domesticação da cabra, do porco, da galinha e do cachorro; [...]; a posse da terra em comum; fetichismo, [...]; e) Horn Oriental – [...]; atividade pastoril; utilização de numerosos animais – vaca, cabra, carneiro, camelo; organização social influenciada pelo islamismo; [...]; g) Sudão Oriental – [...]: região de grandes monarcas ou reinos – Daomei, Benim, Axanti, Hauça, Bornu, Ioruba; sociedades secretas de largos e eficientes domínios sobre a vida política; agricultura, criação de gado e comércio; [...] trabalhos artísticos de prata, ferro, terracota e tecelagem; fetichismo e maometismo (FREYRE, 1997, p.p.309-310).

A ENDOGAMIA LOCAL E OS LAÇOS DE PARENTESCO

As relações de parentesco entre os indivíduos que participaram da colonização do Sertão da Ressaca e constituíram, com o passar dos anos, as principais famílias que hegemonizaram as atividades econômicas, políticas, sociais e religiosas em Vitória da Conquista, vão surgir a partir deste contexto.

A formação dessa parentela teve o seu núcleo inicial na família do desbravador e colonizador João Gonçalves da Costa, “preto forro vindo de Chaves (Portugal), para o Brasil com a idade de 16 anos” (TANAJURA, 1992 p.48), continuando a se organizar nas fazendas, e em um dos primeiros núcleos urbanos que veio a se constituir na cidade de Vitória da Conquista.

Tal fenômeno se estendeu a partir da segunda metade do século XVIII e continuou durante o século XIX, quando outras famílias surgiram, na Região e na Cidade, juntando-se àquela e constituindo as consideradas famílias tradicionais:

Gonçalves da Costa; Oliveira Freitas; Fernandes de Oliveira; Lopes Moitinho; Oliveira Dantas; Santos Silva; Gusmão; Gusmão Silva; Gusmão Cunha; Gusmão Sales; Prado; Ferraz; Ferraz de Araújo; Andrade; Leal Menezes; Correia de Melo; Nunes de Oliveira; Lemos; Fonseca e Viana (VIANA, 1982, p.p. 70-106).

A base familiar constituída na seqüência Gonçalves da Costa, Oliveira Freitas e Fernandes de Oliveira conduziu à organização do poder local, decorrente da articulação com outras famílias que se juntaram a elas, originando assim, o sistema de relações identificado como “endogamia conquistense” (SOUZA, 1999, p.p. 25-37).

O poder constituído com base nas famílias tradicionais controlava a terra, cuja situação fundiária passou a ser regulamentada com a concessão da sesmaria à família de João Gonçalves da Costa em 1803. Controlava também a produção, o comércio e os produtos das riquezas, assim como os aspectos culturais, políticos, sociais, jurídicos, ideológicos e, religiosos

Sobre a formação do primeiro núcleo familiar, através do casamento de João Gonçalves da Costa, existem controvérsias expressas por autores que produziram estudos locais. Sabemos que,

em princípio do século XVIII, uma africana foi importada da Província do Cabo Verde (África). Esta Africana, de nome Josefa, veio ter a região do Rio Pardo e aqui se ligou ao português Joaquim e com ele teve uma filha que se chamou Carlota [...] a qual casa-se com o Cel. João Gonçalves da Costa (ORRICO, 1982, p.86).

Existe, uma outra versão dizendo que,

a história nos da notícia de que o Cel. João Gonçalves era genro do Mestre-de-Campo João da Silva Guimarães; que sua mulher chamava Josefa Gonçalves da Costa, logo filha do Mestre-de-Campo, não se tendo notícias de que o Cel. João Gonçalves da Costa tenha se casado com outra mulher, não obstante ter filhos bastardos (VIANA, 1982, p.63).

Um outro documento, discorrendo sobre o mesmo assunto, trata da presença de um português de nome “Mathias João da Costa, nascido em Travassos do Rio Mourilhe, termo da Vila de Monte Alegre, arcebispado de Braga”, que veio ter à margem do Rio das Contas, região vizinha ao norte de Minas Gerais, na primeira metade do século XVIII. Este adquiriu uma sesmaria doada pelo governo português, com “3 léguas de comprido com 1 de largo”, em 26 de julho de 1732, onde começou a amear fortuna, podendo ser visto como um homem rico, levando-se em consideração os padrões regionais de então. O texto informa que:

Mathias João da Costa foi casado com Clara Gonçalves da Costa e no inventário dos bens do casal autuado após a morte da sua mulher, em 1741, ele declarou a existência de 11 herdeiros, entre eles Josefa Gonçalves da Costa, futura esposa de João Gonçalves da Costa. Por essa época, Josefa, a filha caçula, tinha apenas 2 anos de idade. Considerando a data de autuação do dito inventário, nascera em 1739. Conforme aponta a documentação, Josefa Gonçalves da Costa casou-se bastante cedo com o capitão-mor João Gonçalves da Costa que, recordemos, já em 1744 integrava o terço de Henrique Dias (SOUSA, 1998, p.93).

Deixando de lado tal controvérsia, pois não constitui preocupação da tese, cabe apenas salientar que o Cel. João Gonçalves da Costa, teve como frutos dos seus relacionamentos os filhos de nomes:

Lourença Gonçalves da Costa, Antônio Dias de Miranda (Capitão-Mor) João Dias de Miranda, Joana Gonçalves da Costa, José Gonçalves da Costa, Faustina Gonçalves da Costa, Manoel e Maria Gonçalves da Costa, ao todo, oito filhos. O Sargento-Mór Raimundo Gonçalves da Costa era seu filho bastardo com uma preta importada de Cabo Verde, na África, de nome Carlota, [...] (VIANA, 1982, p.63).

Dentre as famílias resultantes do processo geral de formação das parentelas, destacam-se, pelo interesse desse trabalho, as seguintes: Gonçalves da Costa, que doou a área hoje pertencente à Igreja Católica e construiu o primeiro templo desta tradição religiosa na Cidade, obra cujo início se deu em 1803; Dantas, responsável pela introdução do espiritismo kardecista nos anos 1890 e, particularmente, os Silva e Gusmão, que implantaram o protestantismo e criaram a 1ª Igreja Batista.

Por se constituírem nos fundadores da Igreja Batista, cabe aqui uma consideração especial ao surgimento das famílias Silva e Gusmão. Originaram-se na Espanha e eram judias.

Provavelmente os judeus chegaram à Espanha nos baixéis do rei Salomão e batizaram o novo país de Sefarad, [...]. Viveram em paz com os nativos e, quando se estabeleceu o cristianismo, não houve enfrentamentos: [...]. Os séculos de bem-aventurança acabaram sendo ofendidos pelo Terceiro Concílio de Toledo, que lançou uma ofensiva geral antijudaica: proibiu os casamentos mistos e, se estas uniões chegassem a se produzir, os seus frutos deviam ser levados forçosamente à pia batismal. Os judeus não podiam exercer cargos públicos. Tampouco enterrar os seus mortos entoando salmos que fossem escutados pelos vizinhos (AGUINIS, 2005, p.p.173-174).

Com o decorrer dos anos e a chegada dos árabes à península Ibérica, por volta de 711, a cidade de Córdoba foi transformada em capital do califado. Assim, por longo tempo predominou um clima de fraternidade entre árabes e judeus, propiciando o aparecimento de príncipes dessa segunda etnia na Espanha.

O primeiro príncipe judeu da Espanha chamava-se Hasdai. Muitas famílias pretendem derivar da sua linhagem, também os de sobrenome Silva. Os Silva provinham de Córdoba e seguramente de Hasdai [...]. Mais adiante, quando o califado se fragmentou num mosaico de pequenos reinos, surgiu outro Hasdai: Samuel Hanaguid. Hanaguid significa “o príncipe”. Também nasceu em Córdoba e também várias famílias – incluindo os Silva – provêm da sua linhagem (AGUINIS, 2005, p.p.174-175).0

A família Gusmão, ao que tudo indica, veio também da Espanha e tem a mesma origem judia que a Silva. Foi fundada em Vitória da Conquista, por Plácido da Silva Gusmão descendente de espanhóis, e nascido no Estado de São Paulo, segundo documento extraído do “Livro das Famílias Nobres de Portugal”, consultado na Torre do Tombo a pedido de Juvenalito Gusmão Andrade, um descendente dessa família conquistense, cuja cópia pode ser vista no anexo C.

San Domingos de Gusmán, marrano que serviu à Igreja Católica na conversão de judeus, inclusive transformando a “Ordem dos Dominicanos no braço forte da Inquisição”, foi um dos ascendentes mais conhecidos dessa família.

Domingo Gusmán nasceu na Espanha – [...] - e a ordem dominicana foi, desde o começo, perseguidora da sua heresia albigense e por isso a distinguiram como o braço forte da Inquisição. [...]: foi um pastor subjugante. Punha em prática o que dizia. [...]. Cada uma das viagens e dos sermões de São Domingos tinha um fim concreto: converter, santificar. (AGUINIS, 2005, p.140).

As famílias Silva e Gusmão, na Espanha e em Portugal, foram levadas, pelos conflitos entre católicos e judeus, à condição de Cristãos Novos ou Marranos, seguindo posteriormente destes países para as Américas portuguesa e espanhola, chegando nestas condições ao Brasil.

Quando os reis da Espanha firmaram o Edito de Expulsão em 1492 – recordava López, - cem mil judeus emigraram para Portugal, [...]. Combinei com Diego fugir para o Brasil depois que os meus pais foram queimados num Auto de Fé. [...]. Não encontramos um Brasil apazível. Não. Diego, depois de avaliar as opções, decidiu arriscar-se para Oeste, para a legendária Potosí. Eu, por meu lado, considereei mais seguro a recém-fundada Buenos Aires, porque estava mais longe do que nenhuma outra povoação dos implacáveis centros do poder inquisitorial (AGUINIS, 2005, p.p.180-181).

Continuando a identificação da endogamia conquistense, para entender melhor as relações religiosas estabelecidas durante o século XX, noticiamos os principais enlaces na constituição das famílias, cujos dados foram em grande parte extraídos da obra de Viana e se encontram detalhadamente registrados no anexo D.

O BOI LAÇO FUNDAMENTAL ENTRE GENTES E CULTURAS

Sabemos que o boi chegou ao Brasil ainda no Período Colonial, pelo recôncavo da Bahia nas terras da família Garcia de Ávila, e adentrou os Sertões: do Norte da Bahia a Sergipe, ao vale do rio São Francisco e daí aos vários Estados do Nordeste até alcançar o Piauí e o Maranhão, terras dos “pastos bons” (JUNIOR, 1992, p.p. 129-193).

Continuando a jornada alcançou ainda pelas margens do São Francisco, parte do que é hoje o Oeste da Bahia e o Norte de Minas Gerais, de onde em meados do século XVIII chega ao Sertão da Ressaca, tornando-se importante ícone da cultura

local. Ao adentrar os Sertões pode-se dizer que o boi levou o negro pendurado no rabo e o índio na ponta do chifre, seguidos pelo dono da fazenda. Vetor de relações entre raças e culturas Aguiar (2006).

Por tudo quanto foi pesquisado podemos afirmar, sem sobra de dúvida, que o boi não apenas constituiu a base econômica na ocupação do Sertão da Ressaca, contribuindo com o crescimento de Vitória da Conquista e da Região, sustentando a parentela local, como marcou de maneira indelével as religiões afro-brasileiras que ali surgiram, expressando muito fortemente os laços que uniram africanos e indígenas no processo histórico que ali se desenrolou.

Como vimos, o Cel. João Gonçalves da Costa era negro forro e teve um filho com a negra Carlota de nome Raimundo Gonçalves da Costa. Assim como alguns dos seus descendentes se uniram com outras famílias negras. João de Oliveira Freitas, um de seus netos, conviveu maritalmente com Maria Bernarda, escrava forra, com a qual teve sete filhos, dentre esses Euflozina Maria de Oliveira (Fulô do Panela) que era católica e foi amante do Cel. Gugé, bisneto do referido colonizador, com a qual teve um filho. Foi musa inspiradora de cantadores, dos quais um dedicou-lhe o seguinte verso:

Morena bela, flor em botão,
Fulo Roxa, Fulo do Panela.
Dos coronéis, muito coração
Suspirou de amores por ela (ORRICO, 1982, p.169).

Dos dois vigários que pastoraram a Freguesia da Imperial Vila da Vitória, um chamava-se José Joaquim de Andrade, e se tornou comerciante de escravos. Tinha quatorze filhos, dentre os quais Antônia e Ana fizeram voto de castidade; tendo os demais se casado com filhos e filhas das famílias existentes, dando origem à família Andrade, que assim passou a integrar a endogamia local. Inicialmente eram católicos e, durante a primeira metade do século XX, alguns dos seus descendentes integraram a tradicional família batista de Vitória da Conquista.

O outro padre, José Muniz Cabral Leal de Menezes, teve sete filhos com a negra Bernarda Maria de Jesus, que se uniram, em matrimônio, com descendentes de outras famílias residentes na Vila, acrescentando à parentela a família Leal de

Menezes. Por estes fatos podemos dizer que surgiu na cidade uma elite mestiça, que cultivava fé católica.

Razão primeira das relações de trabalho entre os líderes das famílias tradicionais com negros, índios e seus descendentes, da abertura de estradas, da lida diária nas roças, e nas fazendas formadoras de vaqueiros, tropeiros e jagunços tão importantes nos conflitos entre famílias, em todas essas circunstâncias que produziam relações de proximidade, certo nível de afeto, cumplicidade e alinhamento, necessários ao equilíbrio e ao convívio em uma sociedade patriarcal, o boi esteve presente.

Nesse ambiente, surgiram as tradições religiosas afro-indígenas, cultivadas pelos segmentos populares, e lideradas pelos chamados feiticeiros, curadores e benzedeiras. Prestavam serviço a pessoas de qualquer credo e dos diversos segmentos sociais: rituais para expulsar cobra dos pastos; curar bicheira em animais; abrir caminhos; fechar o corpo contra bala de armas de fogo; levar sorte aos negócios; solucionar questões amorosas e de doenças; combater mau olhado; desfazer feitiços. Enfim, para amenizar a angústia, atenuar o desamparo, suavizar o desespero e aplacar a dor.

As religiões afro-indígenas caracterizavam-se por um tipo singular de sincretismo Ferretti (1995), ou seja, a junção do universo simbólico das tradições nativas africanas e do sistema de crenças indígenas em ritos amalgamados com símbolos da Igreja Católica, (CONSOTE, 2004), pródigos na invenção de arquétipos como, por exemplo, o do “Caboclo Boiadeiro”.

Ouvimos de um pai-de-santo conquistense que, “O Caboclo Boiadeiro é o Ser dos pastos sujos”. Os pastos sujos são lugares de diversidade da flora e fauna do Sertão, onde depois de aberta uma clareira na mata, na mata-de-cipó e na caatinga, brotam diversas plantas, algumas rasteiras como as gramíneas, a malícia, as malvas, os velames e muitas leguminosas; outras arbustivas como o espinheiro preto, as unhas-de-gato, a mãe-ingraça; outras ainda, árvores frondosas como a imburana, o juazeiro, a baraúna, a madeira-nova, a aroeira, o umbuzeiro e as palmeiras, lugares apropriados para o gado pastar.

Esse relato evidencia alguns elementos de cultura que supomos tenham influenciado na definição do quadro das religiões afro-brasileiras praticadas na Cidade que guardam algumas diferenças de uma casa para outra, perceptíveis principalmente nos rituais de festa pública.

Dos dias de grandes festas anuais, um é dedicado ao Caboclo Boiadeiro. Em alguns casos um sábado do mês de aniversário do pai ou da mãe-de-santo, em outros, um sábado do mês de agosto, mês da romaria a Bom Jesus da Lapa.

O Caboclo Boiadeiro recebe um destaque especial, sendo incorporado por todos os pais e mães-de-santo dos diversos terreiros de Candomblé de Caboclo, praticamente com a mesma importância dos orixás que compõem os seus guias. Quando o Boiadeiro incorpora, parece exercer a função de administrador de uma fazenda, um líder patriarcal. Sério, circunspecto, bebe, fuma, aconselha, orienta, estabelece castigo, determina o que deve ser feito com ares de quem entende do riscado.

Os pais e mães-de-santo têm obrigação de participar da romaria à cidade de Bom Jesus da Lapa, cujo dia de festa é seis de agosto. Bom Jesus da Lapa é o santo católico com o qual o Boiadeiro é sincretizado.

Conta uma lenda que há muitos anos caiu no buraco da gruta da Lapa do Bom Jesus um boi, um vaqueiro e seu cavalo e que, quando os boiadeiros da região do São Francisco conduziam suas boiadas e se aproximavam da gruta, os bois empacavam e ficavam por algum tempo girando em círculo e berrando, tendo os vaqueiros que aguardar a sua disposição para seguir em frente. Conta-se ainda que nas paredes da gruta encontram-se desenhados, pela própria natureza, os trajes de boiadeiro: jaleco, chapéu, laço, jibão e perneiras.

Supomos que o significado atribuído ao arquétipo do Caboclo Boiadeiro decorre da importância que a atividade da agropecuária, especialmente a criação do boi, exerceu e exerce na vida de grande parte da população.

O terreiro que escolhemos para estudo mais aprofundado parece ilustrar bem o que afirmamos. Denomina-se “Centro de Umbanda Ogum Megê”, fundado em julho de 1979 por José Carlos Mendes Correia, “Pai Cely”, nascido em Vitória da Conquista a seis de agosto de 1951, solteiro, com curso ginásial completo.

Este centro observa um calendário litúrgico semanal e outro anual, nos quais são realizadas as obrigações para as entidades, encerrando-se com uma festa pública.

No calendário semanal, cada dia é consagrado a uma ou mais entidades. Destacamos aqui apenas o que se refere ao caboclo boiadeiro quinta-feira, também dedicado a Oxossi, sincretizado com São Jorge e aos demais caboclos.

Do calendário anual destacamos a festa de 06 de agosto, dedicada ao caboclo boiadeiro. Quando este dia acontece no meio da semana, a festa realiza-se no sábado. Vejamos a presença do boiadeiro ocorrida numa “festa a Iansã ou Santa Bárbara”:

Na abertura, o pai-de-santo agradeceu a presença de Mãe Madalena, líder do terreiro “Velha Africana”, e convidou a todos para orar e evocar a prece de Cáritas, o Pai-Nosso, a Ave-Maria e a Oração de Santa Bárbara.

Concluídas as orações, a Mãe Pequena chocalhou o ojá e os demais bateram palmas. Com um vaso cheio de brasas e incenso, um Ogan da Casa defumou o altar, os atabaques, a porta, o salão, os filhos-de-santo e visitantes. Ao som ritmado dos atabaques, entoaram a zuela:

“Dá licença meu pai Oxossi,
dá licença pra defumar,
eu defumo, eu defumo
essa aldeia real

A palavra “zuela” utilizada pelos terreiros de tradição local significa música de santo. Em seguida, cantaram para Catendê:

“Ô Catendê, ô Catendê, ô Catendê, ô traz de Angola.
Ô Catendê, ô Catendê, ô Catendê, ô traz de Angola”.

Cântico que revela a influência banto, quando expressa as palavras “Angola” e “Catendê”. Continuando, zuelaram para Oxalá, Iansã, e para os caboclos: Sultão da Mata e Juremeira.

Após quatro cânticos ressaltando as qualidades do caboclo, sua origem e função, entoaram um outro de chamada, o prenúncio da chegada de Seu Boiadeiro;

“Aldeia grande, aldeia real,
aldeia grande, aldeia real,
aldeia grande xê truê, xê truá”.

No decorrer das nove repetições dessa zuela, o boiadeiro se anunciou aboiando o gado. Com a chegada de boiadeiro, Seu Juremeira anunciou sua

retirada, parecendo desocupar o lugar para aquele que impera no terreiro, retirando-se para a sua aldeia, o lugar de origem dos caboclos:

“Mamãe tá me chamando ô menino eu já vou,
eu já vou menino para minha aldeia”.

Com a retirada de seu Juremeira, Boiadeiro anunciou sua presença:

“Há muito tempo que eu não venho no ganzuá ê,
vem cá meus filhos eu vou,
seu Boiadeiro na aldeia chegou”.

Todos bateram palmas, repicaram os atabaques, ajoelharam-se com o joelho direito no chão e rezaram o Pai Nosso, a Ave Maria e a Santa Maria. Ao final, Seu Boiadeiro falou forte “assim seja”.

Neste momento, a mãe-pequena e os cambones diligenciaram os trajes especiais de Boiadeiro: retiraram os sapatos, dobraram as pernas da calça branca até o meio da canela; tiraram-lhe a camisa; colocaram o colar de contas verdes, que é a cor de Oxossi, vermelhas, cor de Iansã, brancas, cor de Oxalá, e amarelas, cor de Oxum. Amarraram um pano vermelho cruzado da direita para a esquerda no sentido do pescoço para a cintura, um outro verde na direção oposta, da esquerda para direita, e um amarelo por cima dos demais, circundando o tronco, sendo amarrado às costas, colocaram o chapéu de couro, acenderam um cigarro, serviram uma cerveja e Seu Boiadeiro estava pronto para as funções. Soaram os atabaques e recomeçaram as zuelas:

“Seu Boiadeiro, gosta de minas,
peguei meu gado botei nas campinas pra descansar,
peguei meu gado botei na campina pra lemanjá”.

Em seguida, estabeleceram a relação de identidade entre o Boiadeiro e o Messias:

“Seu Boiadeiro nasceu em Roma,
em Roma nasceu Messias,
o nome que deram a ele,

é porque viu que ele merecia”.

À medida que iam repetindo as zuelas, escutava-se o aboio de Seu Boiadeiro, aboiando o gado. E, no desenvolver das funções, estabeleceu-se a identidade entre o Boiadeiro e os índios, como a seguir:

“Chama Boiadeiro na pisada,
chama Boiadeiro na pisada ô cacique,
chama Boiadeiro na pisada, ô cacique,
chama Boiadeiro na pisada ô cacique”.

A palavra “pisada”, que aparece nesse cântico, é comumente utilizada na região para designar a marcha dos cavalos, que é também o ritmo da dança de Seu boiadeiro levando-nos a supor que, com ele, pretendem expressar simbolicamente as relações sócio-culturais que integram os três elementos: o boiadeiro que é o dono da boiada, o índio como vaqueiro e o cavalo como instrumento de trabalho.

Continuando, Seu Boiadeiro declarou sua identidade, função e origem:

“Sou eu Boiadeiro eu sou
eu vendo a boiada,
a boiada é mineira
que vem da chapada”.

Boiadeiro seguiu incorporado, dando passes nos filhos-de-santo, bebendo cerveja, aconselhando, chamando a atenção do filho que não tem procedido bem, castigando outro que andou errado; enfim, cumprindo as funções de administrador da boiada, enquanto os atabaques continuavam dando o tom. Mais uma zuela disse da origem brasileira dos caboclos e de suas facetas nacionalistas:

“Caboclo, selvagem, tu és a nação do Brasil,
tu és a nação brasileira caboclo,
das cores da nossa bandeira.
Tu és a nação do Brasil, tu és a nação brasileira,
tu és a nação do Brasil, ó caboclo,
das cores da nossa bandeira”.

A Zuela seguinte firmou a identidade brasileira de Boiadeiro:

“Brasil, Brasil, Brasil, eu sou brasileiro,
Brasil, Brasil, Brasil, seu Boiadeiro, ele é brasileiro,
brasileiro o que é que eu sou, eu sou brasileiro,
brasileiro imperador, eu sou brasileiro”.

Cantaram mais três vezes, ressaltando a identidade cabocla e a seguir uma zuela falou dos cuidados que se devia ter com o ferrão do Boiadeiro:

“É de taquari, oia meu gado,
oia o meu ferrão auê,
oia meu gado,
oia o meu ferrão auê”.

Depois que Boiadeiro cumpriu as suas funções, juntamente com as forças da mata, foi a vez das forças das águas manifestarem-se e as zuelas foram dirigidas para Iansã, Iemanjá e Oxum, respectivamente, entidades da água do mar e das águas dos rios. Encerrou-se a festa com a presença de Seu Martim ou Martim Pescador, tipo boêmio de beira de cais de porto.

O povo-de-santo associa a cada encantado e orixá ferramentas, cores, animais, plantas, bebidas e comidas. As associadas ao caboclo boiadeiro são: a carne de boi a feijoada; e a cerveja.

As “árvores sagradas” do Terreiro são: a aroeira branca e a madeira nova, esta última identificada como “as folhas de Boiadeiro”, utilizadas para espalhar no piso do salão de festas, para enfeitar o altar e nos rituais de benzeção. São plantas nativas da região e se encontram nos matos e pastagens.

As suas cores são o vermelho, o verde, amarelo e branco que, também figuram na bandeira da Cidade. A ferramenta, o laço de couro. O animal, o boi. Em algumas festas, também se veste com perneiras, jaleco e jibão, feitos de couro.

Exige-se dos filhos-de-santo o cumprimento das suas obrigações em relação ao Centro, determinando-se que, nas segundas e sextas-feiras, é proibido comer carne vermelha, ingerir bebidas alcoólicas e praticar sexo. Quando essas regras são quebradas, os filhos sofrem as conseqüências. Não se proíbe que os filhos-de-santo assistam uma missa ou um culto de qualquer religião.

A observação de vários rituais, principalmente de festas públicas, da estrutura, organização e funcionamento do “Centro de Umbanda Ogum Mêge,” comparada com estudos feitos sobre Umbanda em outros centros, realizados por pesquisadores como Negrão (1996), Birman (1985), Concone (2001), Shapanan (2001) e Senna (1998), dentre outros, leva-nos à conclusão de que existem pontos em comum e muitos pontos distintos entre as casas por eles estudadas e a casa de Pai Cely.

Shapanan assim se referiu aos boiadeiros: “Para a mina, os boiadeiros formam uma linhagem de caboclos, com maior presença nas casas de candomblé angola, onde se identificam como brasileiros e dizem ser originários da Hungria, talvez uma Hungria perdida na memória dos tempos. Assemelham-se a alguns encantados de mina da família de Codó, também conhecida como família de Seu Légua Boji Buá ou família de Mata do Codó, e misturam-se com os vaqueiros. Estes três grupos – boiadeiros, vaqueiros e codoenses – estariam muito próximos entre si. A maioria dos terreiros de umbanda moderna já tem boiadeiros, mas transformados. Têm poucas cantigas próprias e já usam botas em vez de ficar descalços, como na Angola. Aliás, a família do Codó não tolera ficar calçada. Boiadeiro é o caboclo chefe dos vaqueiros, é o fazendeiro. Usa roupa de couro, fuma cigarro de palha ou charuto. É um aliado de índios e caboclos”.

A umbanda também confunde os mestres da jurema, chamando-os de boiadeiros e até mesmo de exus. E aí surge a figura conhecidíssima e polêmica de Seu Zé Pilintra, que tem uma biografia real, verídica, é um grande mestre de jurema pernambucana e aqui em São Paulo transformou-se algumas vezes em baiano e outras em exu.

Vemos então a grande mistura do que seria o baiano e o caboclo, o caboclo e o marinheiro, o caboclo e o cigano, o caboclo e o exu, o caboclo e o boiadeiro”. (IN PRANDI, 2001, p.p. 324-325).

Senna ao estudar o Jarê na cidade de Lençóis, tratando do caboclo boiadeiro diz: “Sai a linhagem dos Velhos e entra a de Boiadeiro que aparece quase com o clarear do dia”. Boiadeiro ou Vaqueiro, como é chamado, é, na realidade, o “espírito encantado” de todo guia de boiada que ao morrer se transforma em guia espiritual dos mortais. Por isso, existem vários boiadeiros [...]”. (SENNA, 1998, p.p. 154-155).

Shapanan fala ainda das características do boiadeiro que, a nosso ver, mais se aproximam das do boiadeiro que se manifesta nos terreiros de tradição local em Vitória da Conquista. Talvez isso se deva ao fato, dentre outros, de o boi que saiu do recôncavo da Bahia e passou pelos demais estados do Nordeste ter alcançado o Maranhão, passado pelo norte de Minas e chegado ao Planalto da Conquista, trazendo consigo os elementos dessas tradições que foram re-significados.

Senna, ao estudar o Jarê, na Cidade de Lençóis nas Lavras Diamantinas, cuja economia predominante foi a garimpagem de diamantes e carbonatos, mas que se vincula a lugares vizinhos que plantam e criam gado, elementos importantes na dieta dos garimpeiros, informa que o caboclo boiadeiro manifesta-se nos terreiros de Jarê, não como dono da boiada, mas como vaqueiro, tipo social que algumas vezes, temporariamente, também garimpa, principalmente os que moram mais próximos das terras diamantíferas, na caatinga, onde plantam e criam gado e que durante os períodos de secas anuais, mês de julho a outubro, são levados a pastar nas terras úmidas e frescas das Lavras Diamantinas.

Nos terreiros de Vitória da Conquista percebe-se que o arquétipo do caboclo boiadeiro se apresenta envolvendo as várias dimensões dessa atividade, da cultura do boi, que aparece com toda força, com prestígio, parecendo ter sido ali inventado. Se tal não aconteceu, percebe-se que se apresenta com fortes marcas das tradições religiosas afro-indígenas aí praticadas.

Além das manifestações nos rituais religiosos, o boi também aparece na obra de alguns poetas, como por exemplo: “Canto do Jiboeiro” de Ernane Antunes Gusmão, quando diz em um dos versos “Vive na rinha de galo, Bota “pega” de cavalo, Corre boi sem destemor [...]”. Nos folguedos populares como na crônica de Moreira, intitulada “Conquista de Outrora”, subscrita com o pseudônimo “Severo Sales”, que neste trabalho intitulamos:

O Boi do nego Rufino na sala do Cel. Gugé

[...]. Com que imponência o preto Rufino, representando o vaqueiro dividia as partes do boi que havia “morrído” no salão da casa que recebia o ‘Reis!’”. Lembro-me que em uma das noites de reis vi a repartição do boi nas casas dos coronéis Pompilho e Gugé e o preto lastimava a morte do boi “Janeiro” cantando assim:

Valha me Deus,
 Nossa Senhora,
 Janeiro morreu,
 O que faço agora
 Valha me Deus!
 São Bartolomeu!
 acabou a fortuna
 Que Deus me deu!

O *Janeiro* continuava caído, *morto*, no meio do salão. E Rufino sapateava, cantava e dividia as partes do boi assim:

O peso do pé é do coronel Gugé.
 O peso da mão é de João Capitão;
 a tripa fina é das meninas;
 a tripa grossa é das muié da roça
 a cagaitera é das moças solteira;
 o coro da testa é pra nós faze festa.

O boi continuava morto e Rufino cantava pra ressuscitá-lo:

Subi pelo pau
 Desci pela rama
 Menina me pega
 Me joga na cama.
 A chuva choveu
 Capim tem uruvai
 Alevanta janeiro
 Balança o chucái.

O macaco subiu no pau
 Pra cume jurubeba
 Alevanta janeiro
 Que a onça te pega.

Rufino, com *ares* de grande, mandava parar a cantoria e passava a vara de ferrão nas costas do boi, que a esta altura já havia dado o berro de sinal de vida e o vaqueiro dizia:

O vento deu nas teias
das teias nos meus ouvidos,
na casa do meu patrão!

Janeiro se levantava e dava um berro alto de estremecer a sala e, para meter medo à meninada e à turma de reizeiros cantava uma chula:

lá, iá, iá meu boi que dá,
A levantou janeiro vamos vadiá!

Rufino pulava de alegria, os tambores e caixas rufavam e o grupo de reis entoava o samba:

Pisa na linha levanta o boi,
levanta meu boi que dá” (fazendo bis)
Pisa na linha levanta o boi,
levanta meu boi que dá.

Em seguida o dono da casa servia a todos uma bebida, pagava o reis e o terno saía cantando em sinal de agradecimento:

Deus lhe pague pelo reis
Deus lhe dê muito qui dá
Para o ano se Deus quisé
Nós havemos de vortá.

Acabou-se Reis do Boi. [...]. A civilização moderna acabou com o passado da minha conquista. [...]”⁴.

Em meados dos anos cinquenta, a imprensa local já publicava matéria reclamando da passagem de tropas e boiadas pelas ruas da Cidade:

A Prefeitura vai calçando as ruas da cidade. Ultimamente foi concluída a pavimentação da Rua João Pessoa, antiga da Boiada. [...]. Agora, o que não pode satisfazer os moradores é o fato de boiadas e tropas, como aconteceu, há dias, em que passaram, em disparada, cerca de quinhentos muares, tocados por tropeiros, pondo em risco a vida de inúmeras

⁴ Crônica de Ivo Moreira apresentada com o pseudônimo de Severo Sales. “O Jornal de Conquista” edição do dia 25 de dezembro de 1968.

criancinhas, além de estragarem o magnífico calçamento. É preciso que se tomem providências imediatas para coibir esse abuso, pois a rua não tem mais o nome de boiada ⁵.

Embora o hábito de tocar boiadas, tenha se reduzido sensivelmente, ainda é possível encontrar em estradas vicinais vaqueiros tocando gado de uma para outra fazenda, existindo também profissionais, que sobrevive de ganhos por estes serviços.

O poderio político exercido pelos coronéis lastreou-se na cultura do boi⁶ desenvolvida desde meados do século XVII, e predominou até o final da Primeira República, com repercussões durante todo o século XX, mudando de intensidade de acordo com as transformações ocorridas no Brasil, com reflexos na sociedade local.

A ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

Os serviços urbanos eram precários no Arraial, na Imperial Villa da Victória e na Cidade de Conquista até os anos 1930. Daí por diante, foram se transformando até a situação atual.

De água e luz

O abastecimento de água potável, para lavagem de roupas e higiene pessoal, vinha de pequeno córrego, afluente do Rio Verruga, que desce do Poço Escuro passando por trás da Rua Grande, hoje Rua Ernesto Dantas. Era o mesmo córrego do qual se serviam os índios que viviam nas matas próximas ao Arraial. Tempos depois, o Intendente Municipal José Maximiliano Fernandes de Oliveira construiu ali uma caixa d'água com algumas torneiras, chamada pela população de "Água de Nossa Senhora".

Além desse córrego, os moradores se serviam também da água de cisternas movidas a sarilho, abertas nos quintais das suas casas. Tal sistema criou uma

⁵ Jornal "O Conquistense" Ano – I n°. 23 em 02/06/1956.

⁶ Por cultura do boi entenda-se o conjunto de atividades desenvolvidas na Cidade e na Região que envolve o modo de vida dos seus habitantes: o modo de trabalhar e a jornada de trabalho, profissões, vestuários, os diversos utensílios, a alimentação, as festas populares, a música, a dança, negócios, religião, em fim, o conjunto das atividades necessárias à produção da economia local, tendo o boi como vetor.

ambiência social peculiar: o caminho da fonte e o fundo de quintal. Gerou indivíduos pródigos em invenções, ditos e personagens populares.

Aguadeiros com latas na cabeça, ou conduzindo jumentos com carotes, e lavadeiras davam a nota típica da paisagem urbana da época, [...]. Reinava entre estas e outras pessoas que se deslocavam para a fonte, muitas desavenças, deboches, vícios e até “imoralidade crescente e escândalos sem limites”, segundo revelou um relatório dos Conselheiros, que condenava a forma de abastecimento de água da cidade, “um atentado ao decoro público”. Por outro lado, os animais que transportavam a água sofriam maus tratos horríveis pelos seus donos e condutores que lhes davam maior serviço do que suportavam, em contraste com a má alimentação que recebiam ⁷.

Esse quadro permanece até parte dos anos 1940, quando ainda existiam na Rua da Várzea muitas cacimbas “onde lavadeiras apanhavam água para lavar roupa [...]”. Aí, predominava, também, muita libertinagem por parte de lavadeiras seminuas e desocupados” (TANAJURA, 1992, p.170).

Tal situação veio a se alterar quando, em 1947, se mandou construir um chafariz em frente ao antigo Quartel da Polícia Militar, onde hoje se localiza a Prefeitura Municipal, e outro na Praça José Gonçalves. Nos anos 1950 foram construídos mais dois; um na Praça Hercílio Lima, em frente à Santa Casa de Misericórdia, e outro na atual Praça Camillo de Jesus Lima.

A instalação do Serviço de Água e Esgoto em 1971, dotou a Cidade de água encanada e tratada, mas que não atendia a todos os seus moradores. Esse sistema foi ampliado nas décadas de 1980 e 1990, alcançando, hoje em dia, toda a malha urbana.

Para iluminar as suas casas, as famílias mais pobres se serviam de candeeiros, lamparinas, fifós, velas e rolos resinosos de fácil combustão. Os segmentos mais abastados usavam em suas residências candeeiros grandes de opalina e candelabros de cristal com pota-velas, presos ao teto, os quais iluminavam as salas principais das casas dos coronéis nas noites de festas.

Quanto à iluminação pública, usavam lampiões a querosene, localizados dois na Rua Grande e os demais distribuídos nas ruas do Espinheiro, da Várzea dos Andrades, dos Fonseca, Monsenhor Olimpio, Coronel Gugé, Sete de Setembro e

⁷ Jornal a Palavra, edição de 15 de novembro de 1918.

na Praça da Piedade, acesos e abastecidos por um personagem, o acendedor de lampiões, que, munido de fósforos e de uma escada, acendiam-nos às 18 e os apagavam às 22 horas. Posteriormente, alguns lampiões passaram a ser abastecidos com carbureto.

Em 1919, os conquistenses Ascendino Melo, Jesulindo de Oliveira, João Santos e João Pereira da Silva se reuniram e fundaram a “Empresa de Luz Elétrica de Conquista”. Na noite de Natal, desse ano, foi inaugurado o primeiro sistema de iluminação termoelétrica, assim noticiado em editorial na imprensa local.

Iluminação à Eletricidade! Alvíssaras Leitores. “Vai por alguns meses que, sob a inspiração do mais acrisolado amor a esta terra, diversos capitalistas assentaram criar aqui, uma empresa de iluminação à eletricidade, [...]”. O Intendente Ascendino Melo, Dr. Jesulindo de Oliveira, João Santos, João Pereira da Silva e outros foram os associados, para a fundação da “Empresa de Luz Elétrica de Conquista”⁸.

Por fim, foi transferido o patrimônio do “Departamento Municipal de Engenharia Elétrica para a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia” (COELBA) que interligou a sua rede elétrica às redes das hidroelétricas de Funil e Paulo Afonso, opção que melhorou sensivelmente esses serviços.

Das comunicações

Até 1920, os contatos da Cidade com outras regiões eram lentos e precários e se davam no ritmo do deslocamento das tropas, das patas dos cavalos e das rodas do carro de bois, uma vez que não existiam ferrovias e estradas de rodagem e nem mesmo telégrafo, equipamentos dos quais, somente será provida alguns anos após.

O transporte das mercadorias fazia-se através dos serviços dos tropeiros e suas tropas, elementos importantes na integração da região. O tropeiro gozava de toda a confiança dos seus clientes, sendo personagem de grande responsabilidade, uma vez que transportava valores.

As mercadorias não produzidas no lugar vinham de outras praças, como da cidade de Salvador, utilizando-se de um sistema comercial, cujo principal

⁸ Jornal A Palavra, edição de 30 de agosto de 1919.

personagem era o caixeiro viajante⁹, a quem o comerciante local fazia os seus pedidos, assinando uma nota que funcionava como reconhecimento de dívida e o compromisso de pagá-la, os produtos eram transportados por via ferroviária de Salvador até a estação de Jaguaquara e, posteriormente, até a cidade de Jequié quando a extensão da linha férrea alcançou esta cidade. Destas estações, em momentos distintos, chegavam à Conquista, transportados em lombo de burros.

Esse quadro começa se modificar a partir de quando “estaciona em Vitória da Conquista na tarde de 17 de dezembro de 1925 o primeiro automóvel” (VIANA, 1982, p.81-85), que motivou os homens de dinheiro a organizar uma empresa: a “Companhia Rodoviária Conquistense”, fundada em 1º de junho de 1926, e abrir a primeira estrada de rodagem no ano de 1927, ligando Conquista à cidade de Jequié, onde se localizava a estação ferroviária mais próxima, importante via de acesso à Salvador.

A coordenação técnica deste empreendimento ficou a cargo do engenheiro Sinfredo Pedral Sampaio, pai do futuro prefeito José Fernandes Pedral Sampaio. O primeiro trecho construído levava de Conquista a Poções, sendo inaugurado festivamente no dia 14 de julho de 1927 e assim noticiado na imprensa local:

Conquista despertou para assistir a inauguração do trecho de estrada-de-rodagem que liga esta Cidade à próspera e futura Vila de poções. [...]. Grande número de exmas. Famílias, escolas, autoridades, jornalistas e pessoas diversas achavam-se presentes quando teve lugar, **A BÊNÇÃO** que foi dada pelo Vigário desta Freguesia Padre João Ramos Marinho, seguindo com a palavra após a cerimônia religiosa o Senhor Newton Álvares Lima, em nome da “Companhia Rodoviária”, [...] falou também num improviso vibrante o Prof. Euclides Dantas, [...]. Falou ainda em ligeiras palavras o Padre João Ramos Marinho, orador do “Rádio Clube de Conquista” sendo nesta ocasião cortada pelo representante do Município Snr. Viriato da Costa e Silva, a fita verde-amarela [...] aos acordes da “Filarmônica Santa Cecília” [...]. Franqueado o trânsito aos oito automóveis presentes à inauguração, o povo formou em

⁹ CAIXEIRO VIAJANTE era o representante comercial de uma empresa, quase sempre da Capital, que viajava pelas cidades do interior com catálogos e preços oferecendo mercadorias vendidas, normalmente, a prazo de 120 dias.

alas enquanto os alunos do Educandário Sertanejo e da escola da Profa. Lydia Dantas, cantavam o Hino Nacional [...] ¹⁰.

Após essa construção, outras estradas foram feitas, a que interligou o Município à Barra do Choça, no ano 1930, e a Itambé, em 1931. Nos anos 1940 teve lugar outro importante acontecimento: a construção da rodovia BR-116 (Rio Bahia), ligando-a a Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Nos anos 1960, essa rodovia é asfaltada e, são construídas as BA-262 (Conquista a Ihéus) e BA-415, ligando Conquista a Brumado e a Bom Jesus da Lapa.

Continuando as ações anteriormente noticiadas, outros empreendedores se organizaram e fundaram um “Aero-Clube”, em terreno doado pela Prefeitura, onde fizeram uma pista de pouso em 1937, o que possibilitou a aterrissagem do primeiro avião a 17 de dezembro de 1944. Em 1979, construíram o atual *Aeroporto Otacílio de Figueiredo*, interligando a Cidade, por via aérea, principalmente a Salvador e São Paulo.

No início do século XX, foram criados os seguintes jornais impressos: “A Conquista”, fundado em 14 de maio de 1910, cujos primeiros editores foram José de Souza Dantas e Bráulino de Assis Cordeiro Borges. Em 1911, estava a serviço do Partido Republicano Conservador e contava como redatores os jornalistas Euclides de Souza Dantas, Manoel Dantas Barbosa e Hormindo Cunha.

“O Conquistense”, fundado em 1916 por Alziro Prates e Odilon Silva, que deixou de circular em 1919. Tinha tipografia própria e fazia oposição à facção do Partido Republicano Democrata da Bahia, liderada pelo Cel. Gugé. Este manteve polêmica acirrada com o jornal “A Palavra”, que publicava os artigos de Manoel Fernandes de Oliveira (Maneca Grosso), revidando os ataques ao Cel. Gugé.

“A Palavra”, fundado em 23 de julho de 1917 por Demóstenes da Rocha, teve como redatores, de início, Marcelino Alves Moitinho e Maneca Grosso. Posteriormente, com o falecimento deste último, continuou a circular com a colaboração dos professores Ernesto Dantas Barbosa e Euclides Dantas, deixando de existir em 1920.

“A Notícia”, fundado em janeiro de 1920 por Alziro Prates, tendo como redatores Ernesto Dantas Barbosa, Flávio Dantas e Euclides de Souza Dantas. Deixou de circular 10 anos após sua fundação, com o advento da Revolução de

¹⁰ Periódico “A Semana”, edição de 16 de julho de 1927.

outubro de 1930, porque, o seu diretor-proprietário era o Dr. Régis Pacheco, que perdeu a posição de chefe político para o Coronel Deraldo Mendes Ferraz.

“A Semana”, criado em 22 de junho de 1922, por Deoclides Pereira Novais, circulou até novembro de 1930. Mantinha polêmica com “A Notícia” e defendia a facção chefiada pelo Intendente Justino da Silva Gusmão. Foram seus colaboradores Euclides Dantas, Laudionor Brasil, Bruno Bacelar e Newton Álvares Lima. Daí por diante, vários outros jornais surgiram, cujos dados se encontram no anexo E.

Seguindo as pegadas para buscar as novidades e sintonizar-se com o mundo contemporâneo, foi instalado, em 1912, o primeiro cinema, que à época chamava-se cinematógrafo, ainda no tempo do cinema mudo. Propriedade do “Sr. Jacinto Sampaio, localizava-se na travessa Coronel Pompílio, atual Rua Zeferino Nunes. A casa das exhibições era cercada por um muro, e coberta com palhas de coqueiros. O projetor era manual e o aparelho gerador da Luz do projetor à carboreto” (VIANA, 1982, p. 557).

A instalação do segundo cinema se deu no ano 1917, por iniciativa de Ubirajara Coelho e recebeu o nome de “Cinema Jurandyr”, funcionava numa área murada e coberta por palhas de coqueiro. Localizava-se na Rua Coronel Gugé, esquina com a travessa da antiga Rua do Juazeiro. Não tinha mobiliário próprio e, por isso, os telespectadores levavam cada um, a sua cadeira. “O preço do ingresso variava de um a dois mil réis para adultos e a metade para os de menor idade, de acordo a espécie do filme a ser exibido” (VIANA, 1982, p.557).

Este foi vendido ao Cel. Manoel Moreira de Andrade e a Omar C. Brasil, teve o nome mudado para “Cine Íris”, passou a funcionar com mobiliário próprio, na Praça 15 de Novembro. “O melhor filme da época foi “Quo vadis”, exibido [...] no dia 17 de Setembro de 1918. Exibiu também outro grande filme seriado: “a Filha do Circo”, que logrou receber os aplausos dos habitues [...]” (VIANA, 1982, p.558).

O terceiro chamava-se “Cinema Ideal”, propriedade da “Empresa Industrial Conquistense” cujo diretor era o Dr. Jesulindo de Oliveira. Situava-se no “Beco da Tesoura”. Este foi vendido a Otavio Moreira de Souza, comerciante que o revendeu aos irmãos Ivo e Agnaldo Moreira e, teve a sua razão social mudada para “Odeon Cinema”.

Em 1934, encontrava-se em atividade o “Cine Conquista”, propriedade da empresa Nascimento & Cia. Funcionava no prédio do Grêmio Castro Alves, onde

hoje se encontra a Rádio Clube, na Praça Barão do Rio Branco. Nesse mesmo prédio, “o Sr. Antônio Alves do Nascimento instalou o primeiro cinema falado que o povo conquistense viu”. Após o ano 1934, outros cinemas foram criados e todos desativados. Existindo atualmente três salas em funcionamento, inauguradas em 2006.

Na luta para dotar a Cidade de meios de comunicação cada vez mais ágeis e de maior alcance, os líderes locais solicitaram e foi instalado o serviço de telégrafo, inaugurado em cinco de dezembro de 1926.

O primeiro programa de rádio foi levado ao ar pela “Rádio Clube de Conquista”, cuja inauguração teve lugar em julho de 1927. Em primeiro de maio de 1953, criou-se a “Rádio Regional” e em 20 de agosto de 1983, fundou-se a “Radio Bandeirantes de Vitória da Conquista”. Desde então algumas outras surgiram, destacando-se as tidas por “Rádios Comunitárias”.

Em 1919, alguns conquistenses já manifestavam interesse na instalação de um sistema de telefonia, o que somente veio a acontecer após a publicação dos Estatutos da “Cia. Telefônica Vitória da Conquista” em 1957.

Por força de Portaria do Ministério das Comunicações, em seis de dezembro de 1976, seu patrimônio foi incorporado à TELEBAHIA, empresa estadual subsidiária da TELEBRAS, pois o Governo Federal tornou os serviços de comunicação no Brasil de *segurança nacional*. Desde então, conta com o serviço telefônico de discagem à distância (DDD) e atualmente é servida pelo mesmo sistema que serve ao País.

Na última década do século XX, instalam-se dois canais de Televisão; o primeiro foi a TV Sudoeste que transmite a programação nacional da TV Globo e gera alguns programas, principalmente na área de jornalismo sobre os fatos ocorridos na Região. O segundo foi o da TV Cabrália que, além de transmitir programa nacional, produz outros, noticiando fatos ocorridos nas regiões Sul e Sudoeste da Bahia, principalmente, os das cidades de Itabuna e Vitória da Conquista.

Dos negócios, da imigração e do crescimento

Dos comerciantes de Conquista, alguns pertenciam a segmentos menos abastados: açougueiros, feirantes, vendeiros, bodegueiros, alfaiates, barbeiros,

ambulantes e demais atividades pouco rendosas. Outros compunham o setor dos grandes proprietários.

No tempo da Imperial Vila da Vitória o comerciante mais destacado foi o Tenente Manoel José dos Santos Silva. A sua loja sortida de tecidos, ferragens, drogas, bebidas (naquele tempo as lojas eram verdadeiras miscelâneas), artigos funerários, munição para armas de caça etc., era unida à casa de sua residência. [...] o segundo grande comerciante de destaque foi o Cel. Pompílio Nunes de Oliveira, sua loja era situada na esquina, da entrada do “Beco do Cel. Pompílio” atual Rua Zulmiro Nunes (VIANA, 1982, p.539).

Nas duas primeiras décadas do século XX, outras lojas surgiram, sendo consideradas as mais importantes: Loja Florence, de propriedade do Sr. José Joaquim Florence, situada na antiga Rua Larga; Grande Loja de Adalgiso Rebouças da Silva; Loja Domingos Pinto, situada no sobrado do Cel. Paulino, depois na Praça 2 de julho; Loja Viana, do Cel. Paulina Viana, na antiga Rua do Cemitério; Loja Maneca Santos, de Santos Fonseca & Cia., com matriz na Praça 15 de Novembro e filial à Praça da Piedade; Grande Loja Piloto, do Major Francisco Piloto; Loja Estrela, do Cel. Francisco da Silva Costa; Loja de Manoel Antônio de Brito; e Loja Cursino, localizada na antiga Praça 15 de Novembro.

Com as novas transformações ocorridas em função da maior rapidez nos transportes e do desenvolvimento industrial experimentado pelas regiões Sul e Sudeste do Brasil, as migrações, principalmente do Nordeste, vão trazer muita gente para morar na Cidade, e alteram principalmente a sua demografia, de modo a aumentar a população que em 1940 era de 7.682, em 1950 passou a 17.503; aumentando para 83.814 habitantes em 1970.

No âmbito das atividades agropecuária, comercial e industrial, cabe destacar a participação de nordestinos que após os anos 1920, fixaram residência e se estabeleceram como empresários. “Os mais antigos nordestinos aqui chegados foram o sergipano Fernando Ferreira de Matos e o paraibano Acácio de Oliveira que montaram oficinas para fabricação de calçados e outros artefatos de couro. Fizeram edificações e, assim, aumentaram a Cidade” (VIANA, 1982, p.674).

Além destes, outros aqui se estabeleceram a partir do ano 1930: Aguinor Celino de Souza fundou as “Lojas Celino”; Vicente Celino de Souza veio residir em

Conquista no ano de 1937, onde instalou fábrica de caramelos, velas e bebidas e empregou recursos na construção de 72 casas. Criou a casa comercial “Flora Bahia”, localizada na Rua Humberto Flores, especializada na venda de produtos de flora medicinal, defumadores e imagens que, provavelmente, tinha como muitos dos seus clientes os adeptos das religiões afro-brasileiras.

Severino Ramos da Silva, natural de Caruaru, Pernambuco chegou a Conquista em 1944, em 1956 funda juntamente com o contabilista Antônio Oliveira a empresa “Sociedade Contábil Ltda”.

Luiz de Carvalho Silva, nascido em Escada, Pernambuco, chegou a Conquista em novembro de 1946, se tornou fazendeiro, foi presidente do Lyons Clube, diretor da Cooperativa Agropecuária e presidente do Comitê Empresarial para criação do Centro Industrial dos Imborés.

José Pereira do Amorim nasceu em Afogados da Ingazeira, Pernambuco e fixou residência nesta Cidade em 1949, instalou a empresa comercial “Casa Amorim”, implantou fazendas de gado e plantio de café.

Os Irmãos Agenor, Anacleto, Antenor e Adalberto Liberal Batista, naturais de Afogados da Ingazeira em Pernambuco, chegaram entre 1952 até 1965, tornaram-se comerciantes de artigos de couro, ferragens, plástico, eletrodomésticos, móveis e calçados, bem como implantaram fazendas de gado, e plantio de café.

Os irmãos Leandro e Sebastião Rodrigues Leite, vieram da Paraíba e chegaram no decorrer dos anos 1950, tornando-se comerciantes de móveis, eletrodomésticos e confecções. Foram também pecuaristas e agricultores.

José Pinho Marinho de Andrade, natural de Sobral, no Ceará, veio residir em Conquista em 1957, associou-se com José Pedral, Pedro Moraes Filho e Macário Maia. Criaram a “Saboaria Conquistense Ltda” que, mais tarde, mudou de razão social para “Marinho de Andrade Indústria e Comercio Ltda”.

Antes de 1930, não existiam agências bancárias na Cidade. Os negócios envolvendo empréstimos eram feitos com os homens ricos, normalmente coronéis vinculados à endogamia conquistense.

O Banco do Brasil tinha um correspondente [...], Cel. Paulino Fonseca [...] não descontava títulos nem duplicatas e não emprestava dinheiro. Apenas fazia a cobrança de duplicatas [...]. Quando alguém necessitava de quantias mais avultadas em contos de réis recorriam aos capitalistas locais, entre eles os coronéis Zeferino Correia, Manoel Caetano dos Santos, Antônio da

Silva Lemos, José Augusto dos Santos Silva, Francisco da Silva Costa, Manoel Fernandes dos Santos Silva, Julião José da Silva, Alvino Xavier Dias, que descontavam notas Promissórias e emprestavam dinheiro a juros de 2% ao mês, naquela época (1930) (VIANA, 1982, p.p.607- 614).

Daí por diante foram instaladas várias agências bancárias de bancos públicos e privados a exemplo do Banco Econômico da Bahia, inaugurada a 10 de março de 1930; Caixa Econômica Federal em 2 de setembro de 1936; Banco do Brasil S.A., 3 de julho de 1942; Banco Brasileiro de Desconto S.A. – BRADESCO, 13 de novembro de 1965; Banco do Nordeste do Brasil S.A. – BNB, 15 de agosto de 1971; Banco Itaú S.A., 26 de julho de 1973 e alguns outros.

Nas duas últimas décadas do século XX a Cidade cresceu, aumentando e diversificando o comércio, o parque industrial e a área de serviços, tais como mecânica de automóveis, carpintaria, funilaria e construção civil. A sua população aumentou, passando dos 83.814 habitantes em 1970, para 180.603 habitantes em 1991 e destes para 262.500 habitantes no ano de 2000 ¹¹. Para o ano 2005, estima-se soma população em torno de 300.000 habitantes.

Da filantropia e caridade

A Região Nordeste do Brasil é conhecida, principalmente, pelo regime de seca que de tempos em tempos assola seus moradores, provocando migrações, grande sofrimento, fome e doenças. Esse fenômeno também ocorreu no Sertão da Ressaca e fez de Conquista, em diversas ocasiões, refúgio para os moradores da caatinga que, desesperados, buscavam lugares mais úmidos para viver afastados de tais intempéries.

Desses fenômenos climáticos, quatro foram registrados em ocasiões distintas: durante o século XIX, as secas de 1860 e a de 1889, conhecida como a *fome do noventinha*; no século XX, as de 1932 e 1939, ainda presentes na memória de alguns moradores mais antigos.

Alguns flagelados permaneceram por longos períodos, outros se tornaram moradores permanentes e engrossaram o contingente dos que vendiam mão-de-obra barata. Normalmente não ascendiam à condição de grandes proprietários.

¹¹ IBGE, Censo demográfico – 2000.

Viviam em condições sociais adversas e, dessa forma, propiciavam aos evangélicos, católicos e espíritas kardecistas, o exercício da caridade, através da distribuição de comida, cobertores e assistência de diversas naturezas, principalmente, de saúde. Os seus moradores foram, desde o século XVIII, castigados por algumas epidemias, as mais significativas foram registradas por (VIANA, 1982; p. 506-508).

No ano 1854 o “Cólera-morbo” aconteceu na Imperial Vila da Victória e Santo Antônio da Barra (hoje cidade de Condeúba), o que levou o Governo da Província a mandar para essa Região, o Dr. João Francisco Viana, que conseguiu controlar o mal.

No ano 1908, teve lugar uma epidemia de varíola causando muitos óbitos. Em 1918, nos meses de novembro e dezembro ocorreu um surto de “Gripe Espanhola”, provocando inúmeras mortes, dentre elas a do Padre Fábio Moreira e do ex-intendente Cel. Joaquim Correia de Melo. Nesta época, clinicavam em Conquista: Crescêncio Silveira, Nicanor Ferreira, Alexandre Afonso de Carvalho e Bernardo Pedral Sampaio.

Do final de 1919 até junho de 1920, teve lugar um outro surto de varíola identificada, popularmente, como dos tipos “hemorrágica, pele de lixa e olho de polvo”. A Santa Casa de Misericórdia não comportou o número de doentes, obrigando as autoridades a improvisar isolamentos. A mortandade foi grande e, por medida sanitária, proibiram sepultamentos no cemitério local, sendo improvisado um outro na periferia, estigmatizado com o apelido de “Cemitério dos Bexiguentos”.

Em 1927, surgiu uma epidemia de peste bubônica, ensejando a atuação do médico Régis Pacheco, que chegou à Cidade para cuidar das pessoas acometidas de varíola em 1920 e que mais uma de vez atuaria em defesa da saúde da população.

No mês de novembro 1969, ocorreu mais um surto de varíola. Neste período, o prefeito da Cidade era o médico Fernando Spínola, que tomou todas as providências necessárias a debelar o mal, inclusive promovendo a vacinação em massa da população.

Objetivando socorrer os pobres, vítimas da doença, com alimentos e remédios, o Sr. Francisco Soares de Andrade (Cel. Chicão) criou, em 29 de janeiro de 1920, o “Comitê de Caridade”, composto de homens e mulheres da “alta sociedade” como Jesulindo de Oliveira, farmacêutico; Alziro Prates, jornalista;

Leôncio Santos, tabelião; Demóstenes Alves da Rocha, diretor-proprietário do semanário “A Palavra” e as senhoras Argemira Prates Rocha e Euflosina de Oliveira Freitas.

Tertuliano da Silva Gusmão, mesmo antes de fundar a Primeira Igreja Batista, assistia gratuitamente a população, usando os conhecimentos contidos no Chernoviz e num Dicionário de Medicina em três volumes. D. Genísia, uma das suas netas, quando entrevistada, disse que ele “atendia a população receitando remédios à base de ervas, e chegava a realizar até pequenas cirurgias”. Quando perguntamos se Tertuliano também rezava pastos para espantar cobras, respondeu: “o meu avô era um homem civilizado, não mexia com essas crendices, não”.

Uma das filhas de Tertuliano, também prestou serviços na assistência de pessoas pobres e doentes. Trata-se de Laudicéia Gusmão, nascida em 1862 e casada com Profiro de Oliveira Freitas (conhecido por Dondó).

Criatura fabulosa, cuja envergadura espiritual pairava soberana acima da época e lugar, [...]. Em sua residência, recebia doentes de todos os males, deles cuidando pessoalmente. Loucos, físicos, chaguentos, leprosos, [...]. Dava-lhes tratamento possível à época, cama e comida sem lhes cobrar um só vintém (ORRICO, 1982, p.p.43-44).

Das parteiras que atuaram na cidade, Orrico se refere à Euflozina Maria de Oliveira, que atendia a flagelados, populares e às pessoas das famílias tradicionais.

Nasceu no povoado do Panela, em 1859 vindo a falecer em Conquista no dia 30 de novembro de 1935, aos setenta e seis anos. [...]. Para isso, contribuía o fato de ser ela muito prestativa, empreendedora e excelente parteira. Mais de uma centena de conquistenses ela aparou, sem que por seu trabalho cobrasse um só vintém. (ORRICO, 1982, p.169).

Juntamente com o seu filho Paulino Viana de Oliveira, o padre Olímpio, e outras pessoas, Euflozina ajudou a criar a Santa Casa de Misericórdia São Vicente de Paula, em 1914, cujas instalações foram inauguradas em 1º de janeiro de 1919. Do seu conjunto arquitetônico faz parte uma capela, onde ainda nos dias atuais, são velados os mortos, mesmo os que falecem fora do hospital.

A capela é aberta para qualquer pessoa, independente do credo que professa, porém, os batistas e maçons, normalmente velam os seus nas instalações da sua igreja, na sua loja maçônica ou em suas residências.

A criação da Santa Casa veio preencher importante lacuna nesta comunidade, pois, até então, os doentes da terra e localidades próximas não tinham onde serem recolhidos e, ou recebiam tratamento em suas próprias casas, ou nas de senhoras abnegadas como as primas D. Laudicéia Gusmão e Henriqueta Prates. Não raro, também na de Euflozina (ORRICO, 1982, p.p.169-171).

Uma outra mulher dedicada à religião e à caridade, foi Melânia da Silva Gusmão, também filha de Tertuliano, descrita com o seguinte perfil:

De Melânia fala-se que parecia muito com Laudicéia Gusmão, sua irmã. Paciente, dócil, prestativa, humilde e, sobretudo, extremamente dedicada aos menos favorecidos. Aproximava-se sempre deles; auxiliando-os na medida do possível, propiciando-lhes a assistência material e o conforto espiritual. [...] (ORRICO, 1992, p.187).

Valia-se das mezinhas, dos remédios caseiros, e das ervas medicinais. Isso porque à época poucos eram os produtos fabricados nos laboratórios. Todos, praticamente, eram importados. No mais, as porções preparadas pelo boticário, retiradas de algum caderno velho já embolorado, de folhas carcomidas pelo tempo ou de uma farmacopéia:

Assim, usava o tamboril, para as hidropisias e maleitas: o chifre de veado, usado nas gripes, defluxos, ulcerações da garganta e da língua, piorrêia alveolar e febres intermitentes; o taiuiá (cabeça de negro), indicado nas dispepsias, afecções do estomago, prisões de ventre, debilidade orgânica, sífiles, moléstias da pele etc.; a serralha, como depurativo do sangue, fortificante do sistema nervoso, estômago e olhos; folhas de sene, empregadas como laxativo na prisão de ventre; o ruibarbo, ótimo purgativo; a rosa vermelha, utilizada na prisão de ventre, diarréia, leucorreia, nas inflamações das mucosas da boca, dos olhos e úlceras; o cabelo de milho, indicado como diurético; folhas de mangueira, para asma e leucorréia; mangabinha das caatingas, contra icterícias e outras afecções hepáticas e também nas doenças crônicas da pele; jurema preta, no tratamento de

feridas comuns, úlceras e erisipelas; a carqueja, contra perturbações do estômago, fraqueza orgânica, vermes intestinais, diarreias, afecções do baço, febres, gastroenterites, inapetência, doenças do fígado, gripe, resfriados etc.; carrapicho (papo de peru), nas doenças do fígado, rins e bexiga. E muitos outros mais, tais como folhas de goiabeira, de laranja, de limão, sementes de abóbora [...] (ORRICO, 1982, p.p.189-191).

O surto de varíola ocorrido em 1920 fez muitas famílias deixarem a Cidade. A população menos afortunada passou a ser assistida, como vimos, por Régis Pacheco, então as abnegadas senhoras que as atendiam puderam descansar um pouco.

D. Melânia confortava as pessoas com os recursos materiais aos quais alia às palavras do livro da Sabedoria. “Fala de Jesus, de sua doutrina, de sua missão aqui na Terra. Aponta o caminho da salvação e os convida a trilhá-lo” dizendo:

Está em tempo, afirma. Sempre haverá lugar no céu para um pecador arrependido, assegura. E muitos se converteram ao novo culto. Enquanto viveu – e o fez longamente – fez da Bíblia e dos necessitados os companheiros inseparáveis de sua existência. (ORRICO, 1982, p.p.185-198).

Serviço médico hospitalar

Somente na segunda década do século XX, Conquista veio a contar com médicos permanentes e com a construção do primeiro hospital. Desde então, foram instalados o Hospital Regional Crescêncio Silveira, construído pelo Governo do Estado da Bahia; Hospital São Geraldo, particular, instalado em 1943; Maternidade Régis Pacheco, pública, inaugurada em 1952; Hospital Afrânio Peixoto, público, inaugurado em seis de novembro de 1966; Ambulatório João Santos, mantido pelo Centro Espírita Humberto de Campos.

A partir de 1970, o Estado da Bahia foi dividido em zonas administrativas. Nas cidades consideradas mais representativas em cada região, foram instaladas instituições para cuidar dos serviços públicos. Em 1972, foi criada a Vigésima Diretoria Regional de Saúde (DIRES -20), para atender aos municípios do Sudoeste do Estado.

Desde então, outros hospitais se instalaram: o Hospital SAMUR (Serviço de Assistência Médica e Urgência), particular, fundado em 1971; AMEC, Pronto Socorro Particular; AME (Atendimento Médico Especializado); CUPE (Clínica de Urgência Pediátrica); UNIMEC (Unidade Médica Cirúrgica); CLINICAR (Clínica Médica Cardiológica); CORF (Clínica Ortopédica); ORTOCLINICA (Clínica Cirúrgica Conquista); Instituto de Urologia e Nefrologia; Centro Médico de Saúde Vitória da Conquista; Hospital Geral de Vitória da Conquista, público, construído nos anos 1990; Hospital Esaú Mattos, público municipal, construído no início dos anos 1990, além de várias outras clínicas, laboratórios e postos de saúde.

A Educação Escolar

No que diz respeito à educação escolar, nos tempos do Arraial da Vitória, era oferecida, principalmente por professores, mestre-escola, que ministravam aulas particulares aos filhos dos fazendeiros, fato esse observado até 1935.

Tal atividade, algumas vezes, era realizada através de contratos firmados entre um fazendeiro e um professor como no seguinte relato, referente ao ano 1843:

o prof. Gustavo Andrade Souza assinou o contrato com o fazendeiro João Pereira Ripas “para ensinar a três de seus filhos a ler, escrever e contar debaixo dos princípios de nossa “língua materna”, sob várias exigências, entre as quais se estipulava como salário a quantia de cem mil reis anualmente (TANAJURA, 1982, p.125).

A primeira escola pública fundada no Arraial da Vitória, de que se tem notícia, foi criada pela Assembléia da Província da Bahia em 1832, por solicitação de seus moradores e até 1840, quando o Arraial é elevado à condição de Vila, a educação escolar publica era escassa e deficitária, a julgar pelo relato de Aguiar datado de 1888:

A escola de meninos funcionava em cômodo térreo (de chão batido) parecido com um corredor de 3 metros de largura e 10 de comprimento, todo enfumaçado e desprovido de utensílios, pelo que se assentavam os meninos em tábuas, pedras e caixões colocados em roda de uma velha mesa mandada fornecer com dois bancos, pela municipalidade. A matrícula

dessa escola era de 35 e a frequência de 20. Por não terem livros liam as crianças em pedaços de gazetas ou manuscritos grudados em papelão. [...]. A escola de meninas, com frequência de 22, era o reverso da medalha, pois além do zelo e habilitação da professora, funcionava com regularidade e decência (VIANA, 1982, p.434).

Após ser alçada à condição de Imperial Vila da Vitória, tem início a nomeação de outros professores públicos: em março de 1841, foi nomeado Manoel Francisco Soares; em 1874, Antônio Pessoa da Costa e Silva (formado em Pedagogia); em 1882, Antônio Francisco de Carvalho; de 1884 até 1887 o Professor Camilo Prisco da Silva e em 1898, Sebastião Alves Rocha e Lydia de Souza Dantas, nomeada para a cadeira de alunos do sexo masculino, a qual exerceu o magistério por mais de 30 anos.

A escola pública, para o sexo feminino, tinha por professora em 1880 Ceciliana Melânia Dantas Fagundes; em 1882, Virgínia Ernestina Ribeiro; também ocupou a função de professora, Honorina Andrade. Ressalta-se que até a Proclamação da República, poucas eram as pessoas que tinham acesso a livros, exceto alguns que os possuíam em suas casas “o Chernoviz, a História de Carlos Magno e a dos Doze Pares de França, o Lunário Perpétuo e não dispensavam os seus livros de cabeceira: as Horas Marianas e a Missão Abreviada” (TANAJURA, 1982, p.126).

Em 1905, foram nomeadas as professoras Maria Leal Cabral de Menezes, (formada em Pedagogia), que exerceu o magistério por 35 anos, até sua aposentadoria, em 1933; Anita da Silva Piau, de 1915 até 1921, e por fim, a professora Anita Piau Horta, a segunda conquistense a se diplomar em Pedagogia, nessa época, os alunos tinham acesso a obras pedagógicas dos autores Abílio César Borges (Barão de Macaúbas) e Felisberto de Carvalho.

Além dos professores públicos já nomeados, a partir de 1916, surgem os colégios particulares, confessionais e públicos.

O primeiro colégio de que se tem notícia foi o “Colégio Pestalozzi”, fundado por Fabrício Cezar Freire em janeiro de 1916, para ministrar o curso primário. Essa iniciativa contou com o auxílio dos professores José Lopes Viana e Eustáquio Blesa Serrano. Funcionou por três anos, até 1918, quando fechou as suas portas em função do surto de gripe espanhola.

Em 1919, o “Externato Coração”, colégio particular, cujos proprietários eram Marcelino Alves Mousinho e sua esposa, Prof^a. Donatila Meira Mousinho, localizava-se na Rua Pedro Segundo, número sete.

Fundado pelo professor Abílio Rosa em 1916, o “Colégio Abílio Rosa”, escola primária, cujas atividades aconteciam no turno da noite, situava-se na antiga Rua do Espinheiro, hoje Rua Francisco Santos.

Criado em 1921, pela Primeira Igreja Batista de Conquista, o “Colégio Marcelino Mendes”, que foi o primeiro colégio confessional a funcionar e aceitava alunos de qualquer credo.

O professor Euclides Dantas, que chegou a Conquista em 1909, fundou o “Colégio Brasil” e o “Educandário Sertanejo”, que cobrava 15\$000 por um aluno, 25\$000 por dois, 30\$000 por três e situava-se na Praça 15 de Novembro.

Com a Revolução de 1930, e as mudanças políticas dela decorrentes, a educação escolar ganhou impulso e incentivo. Os jornais publicaram artigos conclamando as autoridades a investirem mais na educação e surgiram então várias escolas públicas: 1. Escola mista - teve como catedrática a Prof^a. Lydia Dantas e como adjunta a Prof^a. Idália Pedral Torre; 2. Escolas do sexo masculino: a) sob a cátedra da Prof^a. Tereza Magalhães, b) regida pela catedrática Maria da Silva Viana; 3. Escolas do sexo feminino: a) sob a batuta da catedrática Emília Carvalho Ferreira; b) teve como catedrática a Prof^a. Maria Leal de Menezes e, como adjunta, a Prof^a. Silvia Flores.

Surgiram ainda, as primeiras iniciativas de ensino profissionalizante: 1. Escola de Datilografia de D. Maria Anita dos Santos Melo, fundada em 1933; 2. Escola de Corte e Costura, instalada em 1934, por Cleonice Gonçalves de Souza e Dulce Mendes Gonçalves, diplomadas pela Escola de Corte e Costura da Bahia; também foi instalada a Academia de Corte e Costura, dirigida pela Prof^a. Arlinda Gonçalves Sampaio.

No mês de julho de 1935 foi inaugurado o prédio escolar Barão de Macaúbas, no qual foram instaladas as Escolas Reunidas, ou seja, todas as escolas públicas estaduais existentes na Cidade. Tempos depois esse prédio foi demolido para dar lugar à construção do Fórum João Mangabeira.

Em 1920, o Intendente Ascendino Melo construiu, na Praça Sá Barreto, um prédio que deveria servir ao Ginásio Nossa Senhora das Vitórias, o que não

aconteceu. Por algum tempo, funcionou nas instalações desse prédio o Tiro de Guerra.

A partir do ano de 1939, essas mesmas instalações foram utilizadas para abrigar o Ginásio de Conquista, sob a responsabilidade do Padre Luiz Palmeira e, por isso, passou a ser chamado Ginásio do Padre, no qual ministraram aulas, dentre outros, os professores Padre Palmeira, Alfonso Hoffman, Beatriz Lima Hoffman, Antônio Moura, Jorge Palmeira, Everardo Públio de Castro, Adélia Caetano e Ester Franklin Ferraz. Sendo assim, “esta instituição foi a primeira grande luz que Vitória da Conquista recebeu no setor de educação pós-primária” ¹².

Alguns anos após, com a mudança do Padre Palmeira para Salvador, o Ginásio do Padre passou a ser dirigido pelo Prof. Parmênio Ferreira, sendo posteriormente incorporado ao Colégio Diocesano, fundado e dirigido pelo Padre Francisco Licarião.

Destacamos que o prédio onde funcionou o antigo Ginásio do Padre abriga hoje em dia o Museu Pedagógico, instituição de pesquisa vinculada ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

No ano 1951, surgiu a Escola Nossa Senhora do Carmo, propriedade particular da Prof^a. Maria Coura. Tinha por objetivo ministrar o ensino primário. Funcionou durante 17 anos vindo a cerrar suas portas no ano de 1967 e, em 17 de novembro de 1956, foi fundado o Ginásio Estadual, anexo ao Instituto de Educação Euclides Dantas.

Em 1952, foi inaugurada a Escola Normal, tempos depois intitulada Instituto de Educação Euclides Dantas, de ensino profissionalizante que diplomou muitos professores para servir na educação primária deste e de outros municípios na Região.

A Prefeitura Municipal, através da lei n°. 15 de 12 de outubro de 1959, criou o Departamento Municipal de Educação, primeiro órgão público destinado a cuidar especificamente das questões pertinentes a esta área da vida pública.

Ainda foi criada a Escola Técnica de Comércio Edvaldo Flores, cuja inauguração se deu em 18 de janeiro de 1959. Funcionou, logo de início, na Avenida Régis Pacheco, mudando-se depois para um prédio próprio situado na Rua Siqueira Campos, construído pelo Governo Federal.

¹² Jornal o Fio, edição de 9 de novembro de 1977: p. 4.

Durante a década de 1960, surgiram outras instituições de ensino: Escola do Lyons Clube, inaugurada no dia 29 de maio de 1963, situada na Praça Abdias Menezes; Grupo Escolar José de Sá Nunes em 24 de maio de 1965, no bairro Iracema; Ginásio Moderno, em 6 de novembro de 1966.

Nesta mesma data, também foram criados dois outros Grupos Escolares: um no bairro Candeias e outro na Avenida Frei Benjamim, Centro Integrado Navarro de Brito, inaugurado no dia 13 de abril de 1967; Escola Almeida Lomanto, particular, inaugurada a 1º de maio de 1967 e a Escola Celene Flores, confessional, da União Espírita de Vitória da Conquista, em 11 de maio de 1969.

Na década de 1970, surgiram: a Escola Cavaleiros do Oriente, criada pela Loja Maçônica Cavaleiros do Oriente, inaugurada no dia 16 de março de 1970, situada na Conquistinha e o Grupo Escolar Fernando Spínola, inaugurado a 11 de março de 1971.

A Faculdade de Formação de Professores, instituição pública, foi criada pelo Governo do Estado e inaugurada em 11 de março de 1971.

Em 1972, criou-se a Coordenação Regional de Educação (CRE-13) que, posteriormente, passou a ser denominada Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC-20), para atender aos municípios da Região Sudoeste da Bahia.

No ano de 1976, funda-se a Escola Municipal Maria Rogaciana, construída no Bairro Bateias e inaugurada em 13 de maio de 1976.

Maria Rogaciana era negra, católica, e durante muitos anos organizou comemorações no dia 13 de maio, tido como a data da libertação dos escravos no Brasil, festas organizadas em homenagem à Princesa Isabel. Constavam de uma alvorada com fogos, banda de música, padre, rezas, cânticos e discursos. Durante a noite, organizava um baile no qual, porém negro era proibido de participar.

Em 1977, criou-se o Instituto Conquista de Educação e Enfermagem. E em 1978 o Centro Social Urbano Solange Hortélio (CSUSH), localizado na Avenida Rio Grande do Norte, no bairro Bateias.

Durante as décadas de 1980 e 1990, outras escolas foram criadas no âmbito da educação privada, confessional e pública: Escola Adélia Teixeira; Educandário Juvêncio Terra (particular de orientação batista); Escola Alan Kardec (particular de orientação kardecista); Rotary Clube; Pluminha; Branca de Neve; Hostílio de Carvalho; Otávio Mansur e o Ginásio São Tarcísio.

Colégios confessionais: Colégio Batista Conquistense; Colégio Cristão João Gustavo dos Santos; Ginásio e Colégio Paulo VI (construído por padres capuchinhos); Batista Pestalozzi; Centro de Educação Adventista; e Nossa Senhora de Fátima.

Escolas públicas: Ginásio Orientado Para o Trabalho (GOTE); Grupos Escolares: Orlando Leite, Marcelo Rangel Pestana, Alaôr Coutinho, Adelmário Pinheiro, Arthur Seixas, Anísio Teixeira; Escola Marquês de Carajás; São Marcos; Instituto Conquista de Educação e Preparo (ICEP); Escola Mãe Vitória de Petu, construída no bairro Cruzeiro, no início dos anos 1990, em homenagem a Mãe Vitória de Petu, líder religiosa de um terreiro de candomblé de caboclo, que se localizava naquele bairro. Além destas, muitas outras escolas foram construídas na sede e no interior do Município.

Por último, surgiram a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que alcançou o status de Universidade nos anos 1980; as faculdades particulares: Juvêncio Terra, Faculdades Reunidas do Nordeste (FAINOR) e a Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), estabelecidas nos anos 1990; a extensão da UFBA instalada em 2006.

A política, intendentess e prefeitos

O primeiro líder a exercer o poder foi como vimos o Capitão João Gonçalves da Costa e o seu sucessor, Antônio Dias de Miranda, que herdou do pai a patente de Capitão, quando este ascendeu à condição de Coronel do Terço de Henrique Dias, batalhão criado por D. João VI composto de índios, negros e mulatos, com os quais contaram para exercer o mando e impor a ordem.

As milícias e ordenanças do período Colonial no Brasil foram desativadas com o advento do Império e deram lugar à constituição da Guarda Nacional, criada em 1831 (SOUZA, 1999, p.68-70). Desde então, boa parte dos intendentess e prefeitos da cidade de Conquista, ostentaram títulos da Guarda Nacional.

Os Intendentess

Luiz Fernandes de Oliveira, casado com uma das netas de João Gonçalves da Costa e Capitão da Guarda Nacional quando da emancipação política do Arraial

da Vitória em 1840, foi eleito Presidente do Conselho Municipal. Era católico, fazendeiro e deu continuidade à política exercida pelos seus antecessores. Após o seu mandato e até 1892, não foram encontrados documentos referentes aos seus sucessores.

As eleições de então, se realizavam através de um Colégio Eleitoral que se reunia na sacristia da Igreja Matriz no dia da votação. Antes da abertura da sessão, celebrava-se uma missa solene para os eleitores em obediência ao artigo 72 da Lei nº. 387 de 1846, chamada “Missa do Divino que tinha por finalidade deixar o eleitor ‘iluminado de consciência’, para o exercício do voto” (VIANA, 1982, p.480).

Com a Proclamação da República, a política assumiu uma nova feição e procurou-se reorganizar as relações entre os Estados da Federação, surgindo o federalismo republicano brasileiro que,

reduziu sensivelmente o autonomismo do qual gozavam, os mandões locais. Agora fazia-se necessário negociar com o poder estadual. Doravante, seria indispensável a articulação com lideranças e grupos políticos da capital. Para a cidade, o poder dos “coronéis” permanecia intacto, contudo, mais do que nunca, tal poder seria baseado na reciprocidade com as instâncias superiores do poder de Estado (SOUZA, 1999, p.93).

Nesse novo contexto, duas lideranças vão se destacar à frente de facções: uma comandada por José Fernandes de Oliveira (Cel. Gugé) nascido em 1844, bisneto do Cel. João Gonçalves da Costa, e a outra por Francisco José dos Santos Silva (conhecido como Chico Santos), filho do casal Manoel José dos Santos Silva com Ana Angélica de Lima. Nascido em 1848, teve seis dos seus nove irmãos casados com descendentes da família Fernandes de Oliveira, portanto parentes do Cel. Gugé.

Nesse cenário, foi eleito pelos cinco membros do Conselho Municipal o Sr. Joaquim Correia de Melo, primeiro intendente do Período Republicano, para um mandato de três anos, de janeiro de 1892 até dezembro de 1895. Alinhava-se politicamente ao Cel. Gugé, com quem mantinha laços de parentesco e amizade.

O segundo intendente, José Antônio de Lima Guerra, nasceu na cidade de Andaraí, Estado de Minas Gerais e chegou a este Município quando ainda se chamava Imperial Villa da Victória. Ostentava o título de Coronel da Guarda

Nacional e passou a integrar a família conquistense ao se casar com D. Maria Josefina da Costa e Silva, irmã do Cel. Pompílio Nunes de Oliveira. Foi partidário da facção do Cel. Chico Santos, eleito e nomeado para dois mandatos: o primeiro de 1896 até 1899; e o segundo, de 1º de janeiro de 1900 até 31 de dezembro de 1903.

Em maio de 1896, por motivo de viagem, o Cel. Lima Guerra afastou-se do cargo e foi substituído pelo Cel. Francisco Soares de Andrade (Cel. Chicão), que ocupava a Presidência do Conselho Municipal.

Continuando o processo eleitoral, José dos Santos Silva, foi eleito para o pleito de 1904 até 1906, era católico e foi casado com uma sobrinha do Cel. Gugé, sendo um dos seus aliados.

João de Sá Barreto, eleito e nomeado para o pleito de 1906 até 1907, foi casado com uma das filhas do Cel. Gugé, e tornou-se Deputado Estadual. Era mulato, católico e Bacharel em Direito.

Em 9 de novembro de 1909 morreu Francisco José Santos Silva (Cel. Chico Santos). A liderança de oposição ao Cel. Gugé passou a ser assumida pelos coronéis Pompílio Oliveira Nunes e Manoel Emiliano Moreira de Andrade (Maneca Moreira), sendo que o primeiro era primo e o segundo, afilhado do Cel. Gugé.

José Maximiliano Fernandes de Oliveira (Cel. Cazuza Fernandes) foi empossado no cargo, no dia 1º de janeiro de 1908 e exerceu o mandato até 31 de dezembro de 1911. Era um dos sobrinhos do Cel. Gurgé, fazendeiro e católico.

Assim, os dois grupos, com a reorganização política ocorrida na Bahia a partir de 1910, passaram a compor o Partido Republicano Democrático da Bahia. A partir de 1914, posicionaram-se em duas facções: de um lado os “Meletes” sob a liderança de Pompílio Nunes de Oliveira e Manoel Emiliano Moreira de Andrade e, do outro, os “Peduros” liderados pelo Cel. Gugé.

Para a gestão de 1911 até 1915, foi eleito o próprio Cel. Gugé com 301 votos. Os seus adversários Cel. Chicão e o Prof. Reynaldo Casemiro Rodrigues Silva, que eram filiados ao mesmo partido, obtiveram 205 e 114 votos, respectivamente.

O Cel. Gugé, até seu falecimento em 9 de agosto de 1918, era católico e fazendeiro, líder carismático e bem articulado com os políticos que comandavam eleitoralmente o Estado da Bahia. Após o seu falecimento, a política local passou por conturbações e perplexidade, levando as facções Meletes e Peduros ao conflito armado na disputa pela sucessão da liderança que, até então, mantinha o equilíbrio da endogamia conquistense. A morte do Coronel foi assim noticiada:

Na manhã de 5 do corrente faleceu em sua residência nesta cidade o Sr. Cel. José Fernandes de Oliveira Gugé. [...]. O Revmº Padre Fábio Moureira deu-lhe a extrema unção às 6 1/2 horas da manhã deu ele a sua alma ao criador.[...]. O seu sepultamento efetuou-se à tarde desse mesmo dia, com um acompanhamento extraordinário. O saimento partiu da residência do ilustre morto, fez uma parada na Matriz para o respectivo serviço religioso e dirigiu-se depois para o cemitério municipal, onde foi-lhe dada à sepultura às 17 horas ¹³.

A partir desse momento, os intendentes eleitos e nomeados algumas vezes tiveram os seus mandatos interrompidos, provavelmente, dentre outros motivos, pela falta de uma liderança que mantivesse o equilíbrio da parentela e se encontram relacionados no anexo F.

No ano de 1927, foram realizadas eleições municipais em todo o Estado da Bahia. Em Conquista, foi eleito intendente o Sr. Otávio José dos Santos Silva, que tomou posse a primeiro de janeiro de 1928 e foi deposto no dia 29 de outubro de 1930, pelos adeptos da Revolução de 1930. Para substituí-lo, assumiu a Intendência o jornalista Bruno Bacelar de Oliveira, um dos líderes revolucionários que permaneceu no cargo por apenas 15 dias.

Os Prefeitos

Em 10 de novembro de 1929, sob a liderança do Cel. Deraldo Mendes Ferraz, foi criado o Diretório do Partido da Aliança Liberal, cuja primeira diretoria teve como Presidente – Cel. Deraldo Mendes Ferraz; Vice-Presidente – Júlio Guimarães Lacerda; 1º Secretário – Laudionor A. Brasil; 2º Secretário – Bruno Bacelar de Oliveira.

O Coronel Deraldo Mendes Ferraz foi o segundo batista a governar o Município. O primeiro foi o intendente Justino da Silva Gusmão. Nomeado Prefeito no mês de novembro de 1930, pelo Interventor Federal na Bahia Dr. Leopoldo Afrânio Bastos do Amaral, para o mandato de 1931 até 1932. Pedeu licença do cargo, sendo substituído por Júlio Lacerda, nomeado pelo Interventor Juracy Magalhães em junho de 1932, que governou o Município por apenas 40 dias.

¹³Jornal A Palavra, edição de 9 de agosto de 1918.

Com a deflagração do movimento constitucionalista de São Paulo no ano de 1932, o Dr. Régis Pacheco, o Cel. Justino da Silva Gusmão e outros foram acusados e presos sob o pretexto de apoiarem o referido movimento.

A essa altura, o Dr. Régis Pacheco se encontrava devidamente integrado à política na Cidade e já fazia parte da endogamia conquistense, desde quando, em primeiro de maio de 1922, casou-se com Ernestina Fernandes Pacheco Pereira, filha do Cel. João Fernandes de Oliveira Santos e dona Sibéria Fernandes Ribeiro (DANTAS; FONSECA; MEDEIROS, 1995, p.18).

A prisão desses líderes indignou parte da população e motivou algumas mulheres a se unirem e exigirem a libertação dos presos. Participaram deste ato político as senhoras Geny Fernandes de Oliveira Rosa (Zaza), filha do Cel. Gugé; Laudicéia Gusmão, filha de Tertuliano da Silva Gusmão; Henriqueta Prates dos Santos Silva, filha de Estevão Moreira Prates; Idália Gusmão e Olívia Flores (ORRICO, 1982, p.100).

Depois da Revolução de 1930, o Dr. Régis Pacheco e seu grupo político não fizeram oposição ao Governo Getúlio Vargas, mas se mantiveram distantes do Interventor na Bahia Juracy Magalhães que se aliou ao grupo liderado pelo Cel. Deraldo Mendes, nomeando o Sr. Arlindo Mendes Rodrigues para o cargo de Prefeito Municipal, o qual permanece no mandato do ano 1933 até 20 de maio de 1936.

A partir de 1930 até 2006, dos prefeitos eleitos, 17 professavam fé católica; 5 eram batistas; 2 espíritas kardecistas; 1 se diz agnóstico; 1 não tem religião declarada; e outro se declarou ateu. Os nomes, a religião a profissão, bem como as datas dos mandatos de cada um, se encontram no anexo G.

Destacamos que José Fernandes Pedral Sampaio, neto do Cel. Gugé foi eleito e exerceu o mandato de prefeito por três pleitos: O primeiro de sete de abril de 1963 até seis de maio de 1964, quando foi deposto pelo “Golpe Militar”, e teve os seus direitos políticos suspensos. O segundo durou de trinta e um de janeiro de 1983 até primeiro de fevereiro 1989. Tendo se licenciado de treze de março de 1987 até 15 de agosto de 1988 e foi substituído neste período pelo Vice-Prefeito Hélio Ribeiro Santos. O terceiro mandato se estendeu de primeiro de fevereiro de 1993 até janeiro de 1996.

Esses dados evidenciam que a parentela iniciada com o colonizador João Gonçalves da Costa, na segunda metade do século XVIII, exerceu o poder político na Cidade até quase o final do século XX.

CAPÍTULO II

AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E O MAPEAMENTO RELIGIOSO

Explorando até o limite o trabalho compulsório destes seres danados, o branco se viu fadado a viver em purgatório, usufruindo as riquezas que ele não criava e, por isso mesmo, tendo que pagar suas penas, que conviver com o terrível ser-e-não-ser de ver-se branco numa terra de negros, livre numa terra de cativos, cristão em terra de pagãos.

Laura de Mello e Souza, (2002, p. 373)

A EMERGÊNCIA

O conjunto das religiões praticadas, hoje, em Vitória da Conquista, especialmente as religiões afro-brasileiras e a batista, provavelmente decorre das relações vivenciadas por aqueles que, desde o século XVIII, permutam experiências e símbolos, em situações históricas distintas, marcadas por conjunturas políticas, sociais e econômicas específicas de cada período que marcaram a sociedade brasileira e nos quais este trabalho foi dividido. O nosso interesse focaliza, diretamente, o aspecto religioso dessas relações, mas não pode deixar de lado os demais.

Em meio a tudo isso, minha própria posição tem sido tentar resistir ao subjetivismo, de um lado, e ao cabalismo de outro, tentar manter a análise das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, o mundo público da vida comum, e organizá-la de tal forma que as conexões entre as formulações teóricas e as interpretações descritivas não sejam obscurecidas [...]
(GEERTZ, 1989, p.40)

Quando ocorreram os primeiros contatos entre os indígenas que habitavam o Sertão da Ressaca e seus colonizadores, prevaleciam no Brasil as relações escravocratas e de dominação colonial. Com a abolição da escravidão e a Proclamação da República, estas relações passaram por grandes mudanças, como permite entrever a nota a seguir: “A partir de hoje, 15 de novembro de 1889, o Brasil

entra em nova fase, pois se pode considerar finda a monarquia, passando a regime francamente democrático com todas as conseqüências da liberdade” (FELIZARDO, 1980, p.33).

Durante a República Velha, predominaram as relações patriarcais de uma sociedade agrária, hegemonizada por oligarquias que, na busca de uma identidade nacional pretendiam uma nação branca e européia, para uma população predominantemente mestiça de índios e africanos com valores e crenças distintos dos europeus. Assim como, pretendiam, ainda, uma nação moderna onde o atraso e a ignorância não podiam ser tolerados.

De qualquer forma, superada com a abolição a periculosidade do negro, material ou simbólica, outras foram as preocupações dos setores dominantes que emergiam com a República. Tratava-se de construir uma nova nação, inspirada no modelo dos países europeus e dos Estados Unidos da América do Norte, tidos como civilizados e cultos. A República simbolizava os anseios de modernização da sociedade brasileira e não mais poderia ser tolerada qualquer evidência do que, em sua ótica, representasse ignorância e atraso. Não foi por outra razão que a nascente República investiu contra os “fanáticos” de Canudos e do Contestado que, além do mais, representavam o perigo do retorno da mais odiosa forma de arcaísmo, a Monarquia (NEGRÃO, 1996, p.p.61-62).

As relações existentes ao longo da escravidão implicavam, de um lado, a desqualificação e pelo outro, a desumanização daqueles que compunham os contingentes da população não européia, os negros e os indígenas, fosse através da escravidão e catequese que objetivava a imposição do cristianismo, fosse da proibição de suas práticas religiosas através da repressão institucional.

Essa realidade na área em estudo apresenta-se, de modo geral, semelhante ao que aconteceu nas demais regiões do Brasil, porém com suas especificidades, uma região, como já vimos, habitada pelos povos indígenas que viviam em liberdade numa extensa faixa de Mata Atlântica, Mata de Cipó e de Caatinga, e que, provavelmente, haviam tido contato com negros fugidos do litoral da Capitania de Ilhéus, nota a como faz crer a seguir:

Na própria Barra do Rio de Contas há notícia de mocambo em 1736, quatro anos após a fundação da vila. De 1806, mesmo ano do Oitizeiro, há informações de que os caminhos da comarca de Ilhéus não eram seguros para viajantes solitários devido à presença de negros fugidos salteadores (REIS, 1996, p.340).

De 1740 até 1803, intensificaram-se os contatos num contexto em que os indígenas foram submetidos, capitaneados pelo negro João Gonçalves da Costa, a serviço da Coroa Portuguesa, com um contingente de comandados que integravam o seu batalhão dos Henriques composto de 74 negros, índios e mulatos que, posteriormente, ficou reduzido a 34, (dentre eles alguns meninos), afastados de qualquer dos centros de decisão colonial por distâncias de aproximadamente trezentos (300) quilômetros.

Ele guerreou de início com todas as nações indígenas. Nos anos 1780 foi incumbido por Francisco Nunes da Costa, desembargador e ouvidor de Ilhéus, para dar combate aos índios Pataxós, ocasião em que, estabeleceu pacto de paz com os índios Mongóis, se beneficiando da inimizade e conflitos entre estes e os Pataxós que “lhes fazem muita guerra e os comem” (AGUIAR, 1979, p. 38).

No entanto, não fez aldeamento; vivendo com indígenas e negros; utilizando-se de sua mão-de-obra, principalmente na abertura de estradas, sem senzalas, troncos ou pelourinhos, sem padre para catequizá-los e, por algum tempo, sob a égide da política do Marquês de Pombal.

Possivelmente, as relações entre os colonizadores, índios e negros nesta região não se deu no mesmo formato e intensidade observados nas áreas de plantio da cana-de-açúcar, na dos garimpos de ouro e diamantes.

Supomos que estas condições tenham permitido aos negros e aos índios conviverem trocando experiências e símbolos durante mais de meio século.

A partir de então, em consonância com a política do Primeiro e do Segundo Impérios, sob o comando de um dos filhos do negro colonizador, Antônio Dias de Miranda, em 1803, esse quadro muda significativamente.

Intensifica-se a ocupação da terra para a implantação da agropecuária; aumenta o contingente de escravos e europeus; retorna-se à perseguição aos índios através das armas para utilização de sua mão-de-obra e para seu aldeamento,

tendo início a evangelização promovida pela “Igreja Católica, através dos padres Capuchinhos italianos” (TANAJURA, 1992, p.42).

Dos aldeamentos estabelecidos surgem povoações que vão mais tarde dar origem a algumas vilas, povoados e cidades da região (PARAISO, 1982, p.263) e, em 1840, cria-se a Imperial Vila da Vitória, que se desenvolveu em torno da Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, construída, segundo opinião popular vigente na cidade, sobre um cemitério dos índios Mongoiós.

Durante quase todo o século XIX, o catolicismo continuou a ser a única religião praticada livremente, já que religião oficial. Porém, ainda que sem poder desfrutar da mesma liberdade, não demorou a surgir o espiritismo kardecista e o protestantismo. O primeiro introduzido na cidade nos anos 1890.

A Doutrina idealizada e propagada mundialmente por Leon Hippolyte Denizard Rivail – Allan Kardec – [...], foi introduzida nesta Cidade na década de 1890 pelo ilustre Professor Ernesto Dantas e pelo não menos ilustre Cel. Francisco Soares de Andrade, familiarmente chamado Cel. Chicão. No começo, as reuniões dos adeptos da Doutrina Espírita eram realizadas na “Fazenda Jequitibá”, residência do Prof. Ernesto Dantas e nesta Cidade na residência do Cel. Francisco de Andrade (VIANA, 1982, p.577).

O protestantismo, como mostra o capítulo anterior, chegou a Vitória da Conquista no final do século XIX, firmando-se no começo do século XX com a construção da Primeira Igreja Batista (VIANA, 1982, p.575).

Quanto às tradições afro-indígenas, vale destacar que existem registros de fenômenos culturais, entendidos como “Folclore ou tradições populares”, tais como: ternos de reis, reis da mulinha, reis do bumba meu boi, presépios, Zé pereira, ladainhas, penitências, testamento de Judas, ABC, abôios, toadas, tiranas, festas em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro, cantorias, samba de roda e outras.

Também vale a pena registrar que indivíduos tidos como valentões, geralmente jagunços, a serviço dos proprietários das fazendas de gado, eram conhecidos como tendo o corpo fechado e invulnerável à bala de armas de fogo, como ilustra a seguinte nota:

Em dado momento, depois de levado daqui p'rali, pelas várias partes do terreiro; depois de repetir por várias vezes a mesma infrutífera cena de execução, p'ra espanto do pessoal, gritou: 'tenho o corpo fechado e bala não entra nele. Quem quiser me matar, tem de cortar minha cabeça num pilão (ORRICO, 1982, p.144).

Essa citação, que se refere a um conflito entre famílias da região por motivo de vingança, é reforçada pelos estudos realizados por Isnara Pereira Ivo para a sua dissertação de Mestrado, sobre o fato que ficou conhecido como “guerra do pau de espinho”, ocorrida no início dos anos 1890, nos quais afirma que um dos líderes desse conflito, o subdelegado Afonso Lopes Moitinho, também um líder de família tradicional vinculada à endogamia local, declarava possuir o corpo fechado,

afirmando que os seus inimigos não o matariam já que possuía proteção do 'Santo-Lenho' encravado no seu corpo e que era possuidor de 'reza-braba', que lhe permitia virar um animal, um toco ou ficar invisível e passar ileso por tocaias de seus inimigos (IVO, 1998, p.144-145).

É ainda a mesma autora que afirma: “No candomblé, dizer-se de corpo fechado significa dizer que a pessoa está em dia com os orixás” (IVO, 1998, p.144-145). Em outra passagem sobre o referido fato, a autora diz ter Calixtinho, o líder opositor ao subdelegado Moitinho, ido às Lavras Diamantinas e de lá trazido alguns jagunços que participaram do referido conflito, dentre os quais um chamado “Tomás Tomba Morro”. Acontece que “Tomba Morro é uma entidade, um caboclo que se manifesta em vários rituais de candomblé sendo, por exemplo, o encantado mais violento do Jarê” (SENNA, 1984, p.216).

A partir do falecimento do Cel. Gugé, como vimos no capítulo anterior, a política passa por conturbações e provoca o acirramento entre facções que compunham o Partido Republicano Democrata no Município e que vão desaguar no conflito armado entre *Meletes* e *Peduros*. “Em janeiro de 1919, Conquista foi palco de um violento conflito envolvendo as duas facções políticas da época: [...]. Toda a disputa girou em torno da primazia política e consequentemente em torno do controle da municipalidade (SOUZA, 1999, p.98).

Nesse período, continua a referência à condição de jagunços, vinculados, tudo indica, aos rituais das tradições afro-indígenas. Como os já relatados teriam ocorrido durante a *guerra do pau de espinho*, desta feita, referem-se a dois capangas conhecidos como Rufino de Rufina e Zénique. Sobre Rufino afirma-se que

era um tipo negro, alto, magro, corajoso e de inteira confiança dos “Meletes”. Sua mãe, de nome Rufina morava em um casebre na Rua da Conquista. De Rufino de Rufina contava-se este caso verdadeiro: Na manhã de 20 de janeiro de 1919, em plena luta, [...], entre “Meletes” e “Peduros”, o Coronel Maneca Moreira, mandou por Rufino um bilhete endereçado ao seu correligionário Manoel Pascoal [...] na parte alta da Rua Grande [...]. Rufino mostrou sua valentia. Atravessou a praça, correndo, atirando, ora rolando pelo chão, recebendo descarga dos “Peduros” [...]. Da mesma forma voltou [...], não sofrendo, sequer, um arranhão. [...]. Passada a briga Rufino contava que sua mãe tinha-lhe “fechado o corpo contra balas” e Rufina dizia cheia de confiança e de vaidade: Enquanto esta Nêga Veia bater a pestana, fogo de pólvora não queima meu fio Rufino (VIANA, 1982, p.142).

Quanto a Zénique, consta também que era capanga dos Meletes e, a exemplo de Rufino, tinha o corpo fechado,

era mulato, corpolento, de impressionante coragem, de sangue frio, atributo estes que lhe fizeram um homem temível. A crença popular tinha na pessoa de “Zenique”, como imune a tiros de arma de fogo, “tinha o corpo fechado”. Depois da luta entre Meletes e Peduros desapareceu desta zona, homiziando-se no município de Itabuna, onde se tornou célebre por suas façanhas. Havendo uma briga entre ele e mais 20 pessoas, [...], foi morto à machadadas e à “mão de pilão” (VIANA, 1982, p.143).

Esses dizeres sugerem alguns questionamentos: se alguém tem o corpo fechado, quem o fechou? Em qual tipo de ritual? Embora não tenhamos encontrado registro de cultos organizados, o relato parece indicar a existência, de forma camuflada, de práticas rituais e que poderiam ter as suas raízes nas tradições religiosas afro-brasileiras e, ainda mais, que grandes proprietários de terra, como Afonso Lopes Moitinho, compartilhavam das referidas tradições mágico-religiosas.

Se nos lembrarmos de que, como em toda crença no sobrenatural, há também aqui a possibilidade de se aplicarem forças antidotas; se nos lembrarmos de que também há casos em que a feitiçaria é aplicada de maneira ineficaz ou incorreta ou, então, inutilizada pela não-observação de certos tabus ou por fórmulas mal pronunciadas; se nos lembrarmos de que a auto-sugestão é uma força de extraordinária influência sobre a vítima, cuja resistência natural fica reduzida a nada; e se nos lembrarmos ainda de que, segundo a crença nativa, toda e qualquer enfermidade está, em origem, ligada aos atos de algum feiticeiro, que freqüentemente admite sua própria responsabilidade no caso, de modo a reafirmar sua reputação como agente de forças malignas – não termos, então, dificuldade de entender os motivos pelos quais floresce a crença na magia negra, porque nenhuma evidência empírica pode dissipá-la e porque o feiticeiro tem, como a vítima, plena confiança em seus próprios poderes (JASPER, 1978, p.67).

Além destes fatos, localizamos, nos arquivos do Fórum de Vitória da Conquista, um processo crime, datado de dois de outubro de 1874, no qual estão registrados dados importantes envolvendo, dentre outros indivíduos, um de nome Joaquim Antônio Bandeira, que supomos tenha sido um líder religioso. Um pequeno trecho do referido processo, informa

que os acusados guardaram silencio de tais ocorrências, por serem muito vergonhosas, até que foram descobertos pela própria mãe de Balbina, que narrando os factos, (sic) dizia que tudo tinha-se dado por feitiço da acusada. P. que, se houve feitiço, o feiticeiro é o curandeiro. P. que os pais de Balbina são os primeiros a difamarem-na, consentindo que ella ande em passeios na garupa de um bilíve como o negro curandeiro¹⁴

Supomos que o conteúdo desse processo não deixa dúvida quanto à provável existência de rituais religiosos de origem afro-indígena, praticados na região durante o século XIX, pois se, de um lado, a palavra *curandeiro* pode estar se referindo à prática de curas exercidas por caboclos no sertão do nordeste brasileiro, enraizadas nas práticas xamanistas dos índios, por outro lado, as palavras *feitiço* e

¹⁴ Anotação extraída de Processo Crime por Injurias Verbais. Juízo da Subdelegacia do Districto da Imperial Villa da Victoria. 1874.

feiticeiro dirigidas ao negro Joaquim Antônio Bandeira, não deixam a menor dúvida quanto a sua origem em rituais do tipo que estudamos, ainda que não descartemos, o fato de que a feitiçaria é também herança portuguesa.

Em Angola, fazem os negros a distinção entre o Kimbanda Kia dihamba, o verdadeiro chamador ou invocador dos espíritos e o Kimbanda Kia Kusaka, ou feiticeiro que cura doenças (145). Costumam, ainda em Algumas regiões de Angola, fazer a distinção entre Naganga ou Ganga (derivado de ngana, senhor) que seria o cirurgião principal, o verdadeiro sacerdote, e o Quimbanda (como escreve Ladislau Batalha), ou feiticeiro da localidade (RAMOS, 1940, p.113).

Buscando mais informações para preencher as lacunas da falta de uma pesquisa sistemática sobre as religiões afro-brasileiras, recorreremos às atas da Câmara Municipal, onde fomos encontrar registrados alguns Códigos de Posturas Municipais. O primeiro deles, elaborado pela Câmara da Imperial Villa da Victória e enviado ao governo provincial para aprovação, entrou em vigor após a sua promulgação em 18 de maio de 1842, ainda incompleto; a versão definitiva vigorou a partir de 1º de fevereiro de 1847.

Tal instrumento jurídico expressa a intenção de submeter a população, especialmente os pobres, quase sempre negros, índios e seus descendentes, a um controle social, político e religioso. Quaisquer manifestações como *sambas*, *batuques*, *rezas* e *cantorias*, dentre outras, eram proibidas, ficando os seus praticantes sujeitos às multas e prisões.

Ao que tudo indica, esses instrumentos de controle social coibiram a ação da população, mas, não foram suficientes para evitar a continuidade da prática dos seus rituais religiosos, provavelmente pela resistência dos adeptos destes cultos, através de estratégias por eles utilizadas na defesa de suas tradições, como por exemplo, as rezas fúnebres, intimamente ligadas às suas liturgias religiosas.

O culto dos mortos e dos antepassados, dos deuses lares, entidades benfazejas e malfazejas, a crença na transmigração das almas, o totemismo, originaram praticas fetichistas especiaes, muito aproximadas

das do actual espiritismo e, como taes, passaram ao Brasil. A liturgia religiosa, entre os Bantos, está intimamente ligada aos ritos funerários, às cerimônias totêmicas, à medicina mágica (RAMOS, 1940, p.113).

O código de 1842, no que diz respeito à prática das tradições religiosas de origem afro-indígena, foi elaborado com alguns cuidados que denunciam a estratégia dos legisladores. Quando podia proibir completamente, proibia parcialmente a partir de determinados horários; quando podia coibir através da ação policial, previa multas e prisões o que demandava julgamento, envolvendo outras instituições municipais que não apenas a polícia.

Em outros momentos, apresenta proibições que parecem gerais, para todos os habitantes, mas quando observadas com mais cuidado, nota-se que são direcionadas à prática de alguns rituais religiosos. Por exemplo, o artigo 13, instituindo que “lançar imundices nas ruas, ou travessas dêllas: Pena de 1\$000 reis. Sendo o infrator escravo, sofrerá dous dias de prizão; salvo se o senhor pagar a multa”¹⁵

O artigo 14 também expressa as mesmas intenções e cuidados observados no artigo 13, número com o qual o Código inicia o conjunto dos artigos que envolvem sanções às tradições afro-indígenas. Diz o artigo “14: Entupir as fontes, ou tanques de lugares públicos, ou lançar-lhes imundices; desmanchar os ranchos, que se achão estabelecidos em lugares públicos para comodidade dos viajantes: Pena de 4\$000 reis, ou quatro dias de prisão”¹⁶.

A palavra “imundice”, utilizada nos dois artigos supracitados, tanto pode se referir a uma sujeira qualquer, e denotar apenas uma sanção à falta de higiene, como também pode ser interpretada como uma sanção à prática de rituais religiosos, que envolvem oferendas às entidades das encruzilhadas e das águas.

Destaca-se ainda, para reforçar tal argumentação, que é comum as pessoas se referirem ao *Satanás*, cognominando-o como o “cão, o sujo, o demo, o imundo”. Assim como também são comuns as referências aos cultos de origem africana como coisa do diabo, do “Satanás”. Significados expressos nas páginas magníficas de

¹⁵ Câmara Municipal da Imperial Villa da Victoria. “Código de Posturas Municipal”. Art. 13º, 1842.

¹⁶ Idem, Art. 14º, 1842.

“Grande Sertão: Veredas” que trata de paisagens e da cultura forjada do Norte de Minas ao Sertão da Ressaca, de onde ganhou as ruas de Conquista.

Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em Falso receio, desfalam no nome dele – dizem só: o Que Diga. Vote! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides – o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita – todo o mundo crê: ele não pode passar em três lugares, designados: porque então a gente escuta um chorinho, atrás, e uma vozinha que avisando: - “Eu já vou! Eu já vou!...” - que é o capiroto, o que - diga... E um Jisé Simpilício – quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa; razão que o Simpilício se empresa em vias de completar de rico. Apre, por isso dizem também que a besta pra ele rupêia, nega de banda, não deixando, quando ele quer amontar... Superstição. [...], tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé (ROSA, 1979, p.p. 9-10).

Outro exemplo que denuncia a estratégia de proibição das tradições religiosas de origem afro-indígena está expresso no artigo 31, que diz:

Fazer dentro da Villa, e Arraiaes, pelas ruas, ou cazas, das oito horas da noite em diante batuques, VOZERIAS, e estrondos de qualquer espécie, de onde provenha a perturbação do socego publico, ou dos VIZINHOS: Pena de 10\$000 reis, ou oito dias de prisão, que será imposta ao dono da caza, ou motor; e os mais infratores incorrerão na de 3\$000 reis, ou quatro dias de prisão ¹⁷.

O artigo 35 expressa conteúdo semelhante ao do artigo 31, com a diferença de se reportar diretamente aos escravos. “São proibidos ajuntamentos de escravos com batuques, e algazaras dentro da Villa, e Arraiaes: Pena de quatro dias de prisão, à cada hum que fizer parte de taes ajuntamentos” ¹⁸.

¹⁷ Câmara Municipal da Imperial Villa da Victoria. “Código de Posturas Municipal”. Art. 31º, 1842.

¹⁸ “Código de Posturas Municipal”. Cit. Art. 35º. 1842.

Ainda em relação aos escravos, foi dedicado o artigo 38 que diz: “O escravo que for encontrado pelas ruas das nove horas da noite em diante, sem bilhete de seu senhor. Pena de ser recolhido à cadeia, até que seu senhor o procure” ¹⁹.

Esses dois artigos parecem indicar a ação coletiva de negros escravos em rituais, bem como a ação individual na realização, provavelmente, de alguma *obrigação*, como, por exemplo, a de colocar “despachos” em encruzilhadas ou fontes às escondidas.

O artigo 40, a meu ver, também traz, no seu enunciado, a intenção de dificultar a ação dos líderes religiosos, assim como a prática de rituais, quando proíbe a venda de remédios, da forma seguinte:

Vender remédios falsificados, ou corrompidos; alterar a receita; vender remédios activos, suspeitosos, perigosos, ou venenosos, (sic) sem receita de Professor autorizado; e mesmo vender mantimentos corrompidos, e gêneros falsificados: Pena de 30\$000 reis, e oito dias de prisão; agravando-se nas reincidências a 60\$000 reis, e trinta dias de prisão ²⁰.

Mais um artigo, o 48º, parece obedecer à estratégia de dificultar a realização dos rituais, quando sanciona, na Villa, a criação de alguns animais utilizados em oferendas a entidades das tradições religiosas afro-brasileiras: “Criar cabras, e ovelhas nesta Villa, sem pasto: Pena de serem apreendidas, e vendidas em proveito dos cofres municipais, e sendo também seus donos multados em 4\$000 reis” ²¹.

Outros códigos de posturas foram promulgados. Em substituição ao de 1842, aprovou-se o publicado em 15 de maio de 1896 que, apesar da libertação dos escravos, da Proclamação da República e da promulgação da primeira Constituição Brasileira em 1891, que previa a liberdade de culto, manteve a mesma orientação de proibir a prática das tradições religiosas de origem afro-indígena.

Modificou-se o texto dos artigos no sentido de torná-los mais claros, mais coercitivos, provavelmente inspirados no Código Penal de 11 de novembro de 1890, marco da repressão institucionalizada, que nos seus artigos 156, 157 e 158

¹⁹ Idem. “Código de Posturas Municipal”. Art. 38º. 1842.

²⁰ Câmara Municipal da Imperial Villa da Victoria. “Código de Posturas Municipal”. Art. 40º. 1842.

²¹ Código de Posturas Municipal. Cit. Art. 48º. 1842.

“proíbiam respectivamente o exercício ilegal da medicina, a ‘prática da magia do espiritismo e seus sortilégios’, que se constituíam em forma de exploração da credulidade pública e, por último, o curandeirismo” (NEGRÃO, 1996, p.44). Vejamos por exemplo o que dizem o artigo 14 e seu parágrafo único:

Art.14. Ninguém poderá lançar nos lugares públicos que não sejam destinados pela Intendência lixo, substâncias em potrefação ou imundice de qualquer espécie, sob pena de 10\$000 de multa ou trinta dias de prisão, ficando o contraventor obrigado a remover qualquer dos referidos objetos para o lugar indicado pela Intendência. Parágrafo Único – Na mesma pena incorrerão os que conservarem em seus quintais ou lugares a seu cargo as referidas substâncias ou água estaguinada ²².

Neste artigo, em seu parágrafo único, a proibição se estende do espaço público para o privado quando se refere aos quintais ou outros lugares a cargo dos responsáveis, onde, provavelmente, ocorriam matanças de animais como cabras ou ovelhas e eram espichadas suas peles para secar, peles essas utilizadas, dentre outras finalidades, para confeccionar atabaques. Também, os artigos 25 e 26 enfatizam a proibição de cantorias e rezas fúnebres, distinguindo sambas de batuques, que ficam igualmente proibidos:

Art. 25. Ficão expressamente proibidas as cantorias e rezas fúnebres em altas vozes depois das 9 horas da noite, (sic) sob pena de 10\$000 ou tres dias de prisão”. Já o artigo 26 expressa: “Art. 26. Fica igualmente o uso de sambas e batuques proibidos, sob pena de 10\$000 de multa ou dois dias de prisão ²³.

Alguns outros artigos afetam indiretamente as tradições afro-indígenas, mas, sem alterar o sentido ou acrescentar novidades em relação ao que foi dito sobre o Código de 1842.

O Código de 1908 revoga o anterior, que entrou em vigor a partir de 1896, mantendo, no geral, as mesmas proibições no que diz respeito às práticas dos

²² Ata do Conselho Municipal da Cidade de Vitória da Conquista. “Código de Posturas Municipal”. Art. 14º. 1896.

²³ Idem. Art. 25º/26º, 1896.

rituais aos quais já nos referimos, mas acrescenta um artigo que evidencia a utilização de ebós como feitiço, indicando ainda que o termo *imundice* ou *imundas* foi utilizado com este mesmo significado:

Art. 34. Escrever, distribuir, ou mandar distribuir impressos, manuscritos, caricaturas quaesquer pasquins contra outrem, collocar, ou mandar collocar em portas, janelas ou passeio matérias imundas ou qualquer objeto que importe allusão, ou injuria a alguém. Penas de 30\$000 de multa, ou 8 dias de prisão ²⁴.

Além dos anteriores, mais um artigo mantém a estratégia de dificultar a criação de animais usados em rituais religiosos, desta feita incluindo as aves domésticas e os porcos, animais, com exceção dos últimos, também utilizados nos rituais sobre os quais os artigos dos códigos anteriores foram omissos e cujo conteúdo é o seguinte: “Art. 43. Consentir que aves domésticas, cabritos, carneiros e porcos invadão e estraguem a propriedade alheia, seja sementeira, lavoura, ou campos de criação. Pena de 30\$000 de multa, ou 8 dias de prisão” ²⁵.

As rezas, sambas e batuques também foram proibidos, só que discriminando o número de pessoas a partir do qual a proibição se expressa, revelando ainda as preocupações estratégicas utilizadas desde a elaboração do primeiro Código de Posturas Municipal. Estamos nos referindo ao artigo 57, com o seguinte teor: “Reunirem-se mais de três pessoas para cantoria de rezas fúnebres em altas vozes, ou fazerem batuques e sambas depois das 7 horas da noite. Pena de 10\$000 de multa, ou 3 dias de prisão” ²⁶.

É durante os séculos XVIII e XIX, através do processo de trocas simbólicas das tradições religiosas dos diferentes grupos ali localizados (católicos, indígenas e africanos), que supomos tenham sido “inventadas tradições” religiosas afro-brasileiras em Vitória da Conquista, cujas práticas foram, de algum modo, mantidas e podem ser reconhecidas nos cultos organizados que aparecem citados a seguir, sugerindo uma continuidade.

²⁴ Ata do Conselho Municipal [...]. “Código de Posturas Municipal”. Art. 34º, 1908.

²⁵ Idem. Art.43º, 1908.

²⁶ Ibidem. Art. 57º, 1908.

A CONSOLIDAÇÃO

O processo de consolidação das tradições religiosas abrange um período que vai de 1930 até 1970 e que, para efeito desta tese foi dividido em dois momentos: um de 1930 até 1950 e o outro de 1950 até 1970.

No primeiro, o Brasil experimenta transformações políticas, sociais e econômicas, decorrentes, da implantação da indústria automobilística, greves trabalhistas lideradas por anarquistas e movimentos sociais desencadeados nos anos 1920, que culminam com o surgimento do “Estado Novo” (FAUSTO, 1997, p.p. 95-106); no outro momento transformações decorrentes do impacto das mudanças acontecidas no mundo em função da Segunda Guerra Mundial, como também da revolução nos costumes ocasionada pela crise de 1968.

No âmbito nacional, para as religiões afro-brasileiras, esta foi uma época de reconhecimento da sua importância, pelo mundo acadêmico, durante a qual ocorreram: o primeiro “Congresso afro-brasileiro realizado, em Recife (1934)” organizado por Gilberto Freyre; o segundo “Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador, na Bahia em (1937)” organizado por Edison Carneiro, Áydano do Couto Ferraz e Reginaldo Guimarães; e, o “I Congresso Nacional de Umbanda” no Rio de Janeiro em 1941. Também, foram fundadas a “União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia em 1939” (CARNEIRO, 1964, p.p.98-102); e, no mesmo ano, a “União Espírita de Umbanda do Brasil” no Rio de Janeiro (NEGRÃO, 1996, p.76).

Registrou-se, ainda, a inclusão, no texto da Constituição de 1946, de dispositivos a favor da liberdade de culto, propostos pelo Deputado Constituinte Jorge Amado. Foi este também um momento de realização de vários estudos sobre as tradições de origem africana por pesquisadores brasileiros e estrangeiros como Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Roger Bastide, Melville Herskovits, dentre outros.

Em Conquista, neste período, o catolicismo, o espiritismo e o protestantismo, cresceram juntamente com a cidade: aumentando o número dos seus templos e surgiram as religiões afro-brasileiras, enquanto cultos organizados. A memória dos entrevistados registra a existência, nesse período, de alguns terreiros já

desaparecidos em função do falecimento dos seus líderes religiosos, mas muito presentes na memória dos que ainda vivem e participaram dos seus rituais.

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta (POLLAK, 1982, p.207).

Os terreiros referidos acima, a nosso ver, apresentam-se como continuidade das tradições afro-indígenas apresentadas no período anterior e que então se organizam em casas de cultos, nos bairros periféricos e em áreas próximas à malha urbana da Cidade. Dentre eles, registramos os seguintes:

1. Pai Antônio de Borocô, cujo terreiro era chamado de candomblé e gira de caboclo, veio da região de Jequié, estabelecendo-se na Cidade, nas Pedrinhas, hoje Bairro Cruzeiro, provavelmente nos anos 1930, como atesta o depoimento de Vitória Pacheco dos Santos: - A senhora se lembra de onde veio Antônio de Borocô? – “Dizem que ele veio da região de Jequié e, quando eu fiz consulta com ele, mais ou menos em 1943, já era muito famoso em Conquista, foi pai de santo de mãe Vitória de Petu”.
2. Mãe Lucília, do terreiro conhecido como candomblé da Mãe Ingraça que funcionava no lugar chamado Bateias, hoje bairro do mesmo nome e foi mãe-de-santo de Zé Piqueno. As referências que temos nos levam a supor que já existia nos anos 1930.

Vejamos o que diz o entrevistado José Santos Souza respondendo a nossa pergunta. - Quais são os terreiros mais antigos que o senhor conheceu ou ouviu falar que existiam em Conquista? – “O terreiro de umbanda de Dona Lucília que funcionava nas Bateias, chamado de Candomblé da Mãe Ingraça; na serra, o terreiro da velha Vitória de Petú, que também era de Umbanda, e o terreiro de Zé Piqueno, que se localizava próximo de onde é hoje a rodoviária. Ele primeiro fez uma obrigação com Mãe Lucília, [...]”. Se Zé Piqueno fez obrigações com Mãe Lucília e, como veremos, já trabalhava em 1938, podemos concluir que o terreiro da Mãe Ingraça funcionava nos anos 1930.

3. Mãe Maria de Braulino, do terreiro conhecido como de candomblé. Segundo João Procópio Lima, localizava-se na Praça do Cajá, quando ele o conheceu em 1951. Já funcionava nos anos 1940.

4. Mãe Vitória de Petu, do terreiro chamado catiço e gira de caboclo que funcionava na Rua da Corrente onde é hoje o Bairro Alto Maron, na época, periferia da Cidade. Segundo depoimento de Vitória Pacheco dos Santos começou a funcionar mais ou menos em 1942.

5. Pai Zé Piqueno, do terreiro conhecido como de umbanda, localizado nas proximidades do Bairro Jurema e que provavelmente já funcionava nos anos 1930. Segundo o entrevistado José Santos Sousa, Zé Piqueno iniciou a feitura do santo com Mãe Ingraça e completou os trabalhos no terreiro de candomblé de Angola de Mãe Raquel que tinha como pai pequeno Pedro Farias, em Pontal no Município de Ilhéus no estado da Bahia.

Segundo mãe Zenite, Pai Zé Piqueno começou a trabalhar entre 1938 ou 1939. Já o entrevistado José Caetano de Souza, que chegou à casa de Zé Piqueno em 1946, onde permaneceu por seis anos, diz que: “ele foi cozinheiro de vaqueiros nas comitivas que conduziam boiadas, começou a trabalhar com mesa branca e recebia os guias no toque da viola. Ele recebia, em seu terreiro, pessoas loucas que vinham amarradas, mandava soltá-las e depois curava todas elas. Quando eu cheguei em seu Centro ele já curava há muitos anos, nos anos trinta ele já curava”.

6. Mãe Maria Tupinambá ou Maria da Serra, cujo terreiro era conhecido como de candomblé Moçambique e funcionava onde é hoje o Bairro Nossa Senhora Aparecida, na época área periférica à malha urbana da cidade. Segundo o entrevistado Edivaldo Francisco Lopes (Lubião), que foi ogan no terreiro de Antônio de Borocô, era o terreiro mais antigo de Conquista e já existia nos anos 1930.

7. Mãe Tilinha, do terreiro conhecido como de umbanda e gira de caboclo que, segundo o entrevistado João Procópio Lima, “em 1951 já batia tambor e o povo sambava”, e que deve ter surgido nos anos 1940. Segundo o entrevistado Edivaldo Francisco Lopes, (Lubião) “ela era mulher do finado Ângelo guarda e, quando ele chegou de Jequié para morar em Vitória da Conquista em 1948, ela já batia os coro há muito tempo”.

8. Pai Maron, do terreiro conhecido como de candomblé, segundo o escritor Mozar Tanajura “existia no alto da serra um terreiro de candomblé de um pai de santo vindo de Ilhéus, chamado Maron, em torno do qual foram surgindo casas de

morada, dando assim origem a um bairro, hoje oficializado como Bairro Alto Maron”. Já funcionava nos anos 1940. Destaca-se que também contribuiu para o surgimento do bairro, a construção da primeira estrada de rodagem Conquista a Jequié, cujo trajeto passava onde hoje é a Rua da Corrente, importante via do bairro.

Ao observarmos a localização e distribuição desses terreiros no espaço urbano da época, algo nos chamou a atenção. Eles ocupavam os limites: sul, sudoeste, oeste, norte e nordeste da cidade, que eram habitados por trabalhadores, descendentes de negros e indígenas e de alguns migrantes que, com a construção da BR-116, aos poucos estavam chegando. Apenas do centro para o leste, onde se localizavam os templos das denominações católica, espírita e protestante e eram habitados pelos setores dominantes, pelas famílias dos grandes proprietários e seus descendentes, identificados pelos moradores da cidade como os das “famílias tradicionais”, não se registrava a presença de terreiros

As religiões afro-brasileiras tinham como líderes religiosos pessoas nascidas na cidade ou na região e, quando não eram naturais do lugar, haviam feito o santo em terreiro local.

Quanto à denominação dos cultos, ouvimos dos entrevistados, que existiam as seguintes modalidades: batuque, catiço, candomblé, gira de caboclo e umbanda. Isso, porém, não quer dizer que se tratassem, realmente, de formas distintas.

Ao entrevistar Pai Francisquinho, que tem terreiro na Cidade, fundado em 1963, perguntamos-lhe como se chamava o culto praticado em sua casa e ele respondeu: “Umbanda”. Mas, quando indagamos o porquê da placa na frente do terreiro trazer escrito “Centro São Jorge Candomblé”, respondeu: “essas coisas são uma mistura danada, às vezes nem nós mesmos sabemos direito como é, cada casa é uma casa, mas umbanda, candomblé e catiço é mesmo gira de caboco”.

Ao entrevistar Pai Cely, que foi feito no terreiro de Pai Zé Piqueno, perguntamos como se chamava o culto praticado em sua casa. Ele respondeu: *Umbanda cruzada com Angola*. E, quando perguntamos como se chamava o centro de Pai Zé Piqueno, respondeu: “Umbanda, como o meu”.

Ao entrevistar o ogan de atabaques do terreiro de Pai Antônio de Borocô, Edivaldo Francisco Lopes (Lubião), que contava na época da entrevista com 69 anos de idade e que se iniciou no candomblé aos 16 anos, perguntamos-lhe como é

que se chamavam os cultos praticados em Vitória da Conquista nesse período e este respondeu: “olha não tinha nada disso que tá hoje aí, naquele tempo os terreiros era tudo igual. Os atabaques eram cavados no tronco de pau, pau leve como a umburana, não podiam tomar sol, e eram afinados na cunha. Na iniciação não raspava, não catulava, simplesmente se dava diante dum altar com imagens de Santos, imagem mesmo de papel pendurada na parede, de santos católicos como: Santa Bárbara, Nossa Senhora, Cosme e Damião, São Jorge, São Sebastião, Santo Antônio e se falava mais em Xangô, Obaluaê, Iansã, Ogum, Oxosi e nos caboclos Gentil, Boiadeiro e outros mais. Um copo com água e duas bolas de gude dentro, para os meninos brincar, rudiado de fitas com as cores dos santos. Rezava muitas rezas católicas: Pai Nosso, Ave Maria, Salve Rainha essas coisas. Ficava três dias sem fazer sexo e pronto. Não tinha casa de Exu, nem se falava em Exu, falava assim, fulano tá com incosto, tá com a arma, aí pronto, tinha que fazer aquelas obrigações pra afastar o incosto. O candomblé hoje é uma casa de negócio”.

Como é que se chamava a casa de Antônio de Borocô, era Umbanda? Ele respondeu: “Não! Aqui nós ouvimos falar de Umbanda de 1970 pra cá, antes não tinha nada disso. Quando nós ia pro candombré, nós falava assim: vai bater os coro na casa de seu Antônio hoje. Nós ouvia falar de batuque, gira de caboco, candomblé, era assim, mas Umbanda! Umbanda só vimos falar mesmo é de 1970 pra cá”.

Os líderes religiosos eram comumente chamados de pais-de-santo, curandeiros ou curadores. Porém, quando queriam desqualificá-los, o tratamento mudava para feiticeiro ou candomblezeiro.

Ao analisarmos o que disseram os entrevistados sobre os diversos terreiros existentes em Vitória da Conquista, nesse período, bem como ao observarmos o funcionamento de várias casas existentes hoje, identificadas pelos adeptos e pelos líderes religiosos como centro de Umbanda, supomos que se tratava de tipos de *candomblé de caboclo* (SANTOS, 1995, p.p.53-148) que foram chamados de batuques, catiço, gira de caboclo e candomblé, e que representavam a continuidade das tradições religiosas praticadas durante o período anterior.

Contrariamente ao que se pensa, os negros bantos chegaram aqui em número considerável. Principalmente os Angolanos. O folclore regional está fortemente impregnado de elementos bantos, - os cucumbis, o samba, a capoeira, o batuque, os ranchos de boi, - mas só muito tarde, possivelmente nos fins do século XIX, as sobrevivências mítico-religiosas bantos vieram à tona, sob a forma atual. Nos candomblés de caboclo, o ritual é mais ou menos semelhante ao ritual jeje-nagô, sendo mesmo possível, como tive a oportunidade de assistir no candomblé da Goméia, em São Caetano, a coexistência das duas formas. Mas os santos, que aqui se chamam encantados, já não são os mesmos e se vestem de penas, embora essa vestimenta não seja obrigatória (CARNEIRO, 1981, p.62).

Ao relembrar o que observamos nos terreiros de Jarê, quando participamos da pesquisa de Senna, na Chapada Diamantina, e ao lermos, hoje, o que este pesquisador registrou quando descreveu os rituais dessa religião, achamos, ao comparar nossas impressões com o que disseram os entrevistados sobre os terreiros que existiam em Vitória da Conquista, que guardam entre si algumas semelhanças. O referido pesquisador classifica o Jarê, assim como classificamos os terreiros desse período, como tipos de “candomblé de caboclo”, afirmando que:

Tudo nos leva a crer que o Jarê, como candomblé de caboclo que é, vem mantendo as suas “raízes africanas”, cada vez de forma mais contemplativa, à medida que os encantados “brasileiros” aumentam o seu prestígio nos terreiros, pela crescente familiarização dos seus responsáveis e freqüentadores com estes, dentro da prática constante da instrumentalização do sagrado pelos seus agentes e adeptos (SENNA, 1998, p.117).

Quanto ao batuque aparece classificado como “luta fetichista existente no Recôncavo da Bahia” (CARNEIRO, 1981, p.62). Foi entendido também, como “dança dos batucajés fetichistas das macumbas e candomblés” (RAMOS, 1940).

Não seria de estranhar que as lideranças políticas de Vitória da Conquista, sancionando os Códigos de Posturas Municipais de 1842, 1896, 1908 e 1938, houvessem interpretado aqueles comportamentos como rituais religiosos, malfazejos, praticados por negros, indígenas e seus descendentes.

E o que dizer do catiço?

Ouvimos de adeptos das religiões afro-brasileiras que “o terreiro de Mãe Vitória de Petu não era nem umbanda, nem candomblé, era catiço”.

Em outra ocasião quando estivemos documentando uma festa pública em uma roça de candomblé Queto, ao findar a festa em louvor aos orixás, o ritual virou para festa de caboclos. Neste momento, a Mãe Pequena da casa dirigiu-nos a palavra dizendo que aquele ritual não era mais candomblé, era catiço, uma festa para os caboclos e pretos velhos. Concluímos assim que adeptos, provavelmente, consideram o catiço não como entidade, mas como um ritual religioso específico.

O catiço foi classificado como entidade das trevas, quando a referência a ele fala de “exus, pombagiras, baianos, ciganos” (SILVA, 1995, p.102).

Quanto à gira de caboclo, já registramos neste capítulo parte da entrevista feita com o Pai-de-Santo Francisquinho do terreiro denominado “Centro São Jorge Candomblé”, que afirma serem candomblé, umbanda, catiço e gira de caboclo, rituais da mesma natureza. A nosso ver, como dissemos anteriormente, todos esses cultos e rituais, que eram praticados nas décadas de 30 e 40, podem ser classificados como “candomblés de caboclos”, que guardavam algumas diferenças de uma casa para outra.

Além dos terreiros que a memória popular indica, encontra-se registrado em Cartório, com data de 21 de agosto de 1946, uma instituição chamada “Associação Afro-Brasileira São Jorge, para a prática e desenvolvimento do culto, denominado Seita afro-brasileira”, cujo representante era Antônio Érico Carneiro.

Embora não tenhamos encontrado outras informações sobre o assunto, supomos tratar-se de um terreiro com origem nas tradições locais, semelhante aos anteriormente citados. Consideramos importante esse registro, por ser esta a primeira entidade do gênero a se registrar oficialmente, muito embora o Código de Posturas Municipal, publicado em 1938, em substituição ao de 1908, mantivesse a proibição às rezas fúnebres, batuques e sambas.

Entre as décadas de 1950 e 1970, o Brasil passou por novas transformações decorrentes, dentre outros fatores, do novo surto de industrialização da Região Sudeste, principalmente com a indústria siderúrgica, automobilística e a construção

de Brasília, para onde a sede do Governo foi transferida (VASCONCELOS, 1978, p.p. 359-366).

Nessa época têm continuidade de forma mais acentuada as migrações no sentido campo-cidade, mudando o perfil social do país. A implementação da política “desenvolvimentista”, que usava como propaganda fazer em “cinco anos o que deveria ser feito em cinqüenta” vai, neste espaço de tempo, alterar a infra-estrutura, aumentando a rede elétrica de comunicações e a malha rodoviária.

Esses fatos provocaram alterações significativas, potencializando o crescimento dos setores de comércio e de serviços, especialmente os de mecânica, carpintaria, construção, saúde e educação, quadruplicando a sua população através da migração interna e, conseqüentemente, provocando mudanças culturais.

As religiões de origem européia, como o catolicismo, espiritismo e protestantismo continuaram aumentando o número de templos. As religiões afro-brasileiras também aumentaram em número de casas.

As migrações trouxeram para a Cidade líderes religiosos que implantaram novos terreiros: Pai Zé do Acarajé pôs em funcionamento o candomblé de nação jeje, que se situava na Rua Nestor Guimarães, nº. 30, Bairro Jurema, e foi desativado pelo falecimento do pai-de-santo, no mês de setembro de 1998.

Pai Neco e Mãe Merentina, marido e mulher, que administravam as funções sagradas e profanas da casa, trouxeram o único terreiro de Candomblé Angola/Queto, localizado na Av. Brasília, nº. 695, Bairro Patagônia, que funcionou sob a liderança dos dois líderes até 2004, quando faleceram Mãe Merentina em 2004 e pai Neco em 2005, estando o terreiro em luto, no aguardo de outras decisões, para saber se será extinto ou se continuará com as suas funções.

Mãe Madalena, com seu terreiro “Centro Espírita Velha Africana”, que fazia iniciação para umbanda e candomblés, mas não realizava festas públicas; foi desativado pela mudança da líder religiosa para outra cidade.

A despeito da liberdade de culto introduzida na primeira Constituição da República de 1891 e dos dispositivos constitucionais incluídos na Carta Magna de 1946, tais medidas ainda não haviam alcançado os cultos afro-brasileiros, razão pela qual continuavam coibidos em todo o País. Em 1954, ainda não gozavam de liberdade geral e irrestrita. Em termos locais, foram mesmo formalmente proibidos

pelo Código de Posturas do Município sancionado em 9 de dezembro de 1954, na gestão do prefeito Gerson Sales que era batista, e no seu Art. 98 diz:

É expressamente proibido, sob pena de multa ou prisão: I – Perturbar o sossego público com ruídos ou sons excessivos, evitáveis tais como: [...]; II – Promover batuques, sambas, candomblés e outros divertimentos congêneres na cidade, vilas e povoados, sem licenças das autoridades, não se compreendendo nesta vedação os bailes e reuniões familiares²⁷.

O uso do termo “divertimento”, nesse dispositivo, denota o tratamento discriminatório dispensado ao povo-de-santo pelos setores dominantes, ou seja, a *elite política*, quase sempre filiada às tradições católica, kardecista ou batista que se sucediam no governo, dando continuidade ao posicionamento anterior sobre as estratégias para impedir o funcionamento de seus cultos. Revela ainda o preconceito para com os outros segmentos sociais, quando exclue de tal proibição os bailes e reuniões familiares ignorando a presença da família e dos laços de parentesco entre o povo de santo (LIMA, 1977, p.128).

A EXPANSÃO

No âmbito das religiões ocidentais, aumenta mais uma vez o número de templos católicos, espíritas e protestantes, surgindo como novidade a “Igreja Universal do Reino de Deus”, as evangélicas, adventistas, pentecostais e outras, consequentemente, acentuando-se mais ainda a disputa de posição na estrutura do capital de autoridade propriamente religiosa,

as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os

²⁷ Código de Posturas do Município de Vitória da Conquista, 1954, p.p.19-20.

pensamentos, percepções e ações segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social (BOURDIEU, 1998, p.57).

As religiões afro-brasileiras passam a gozar de ampla, geral e irrestrita liberdade de culto, concorrendo com as demais, fazendo uso do seu arsenal simbólico, embora em desvantagem, no que diz respeito, por exemplo, à utilização dos meios de comunicação, quase sempre a serviço das tradições religiosas de origem européia.

Existia na cidade um grande silêncio em relação a esse fenômeno: os meios de comunicação nada noticiavam; os acadêmicos na universidade não estudavam nem discutiam o tema; escritores e historiadores, estudiosos de fenômenos locais como Aníbal Viana, Mozart Tanajura, Ruy Medeiros e Humberto Fonseca, não publicavam qualquer artigo sobre o mesmo.

Eram omissões preocupantes, uma vez que as religiões afro-brasileiras em Salvador vinham sendo estudadas pelos acadêmicos, praticadas livremente, adotadas e divulgadas por romancistas, cineastas, músicos e outras personalidades de prestígio na sociedade baiana. Esse fato, a nosso ver, tem o seguinte significado:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e inconfessável, separa, em nosso exemplo, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar ou impor (POLLAK, 1989/3, p.8).

Apesar do tema ocultado, aumentam o número de terreiros das denominações já existentes e, com as novas correntes migratórias, surgem duas roças: uma de candomblé Queto e outra de nação ijexá, um terreiro de candomblé Jejê-marim e vários de “candomblé de caboclo ou Umbanda Conquistense”.

O conjunto das casas dessas tradições religiosas existentes hoje compreende uma diversidade de cultos; Candomblé Queto, Queto/Angola, Angola, Jeje-Marim e centros de Umbanda (ou candomblé de Caboclo). Além de um número expressivo de casas, tidas como *mesa branca* que não serão mapeadas, mas uma delas

arrolada e entrevistada sua liderança religiosa com o objetivo de verificar as suas relações com os batistas e vice-versa.

Rememorando, de 1930 até 1950, os templos das diversas religiões distribuíam-se pelos bairros de acordo com os segmentos sociais que a elas se vinculavam.

Os praticantes do candomblé, que também freqüentavam a Igreja Católica, habitavam as áreas periféricas mais antigas, hoje, os bairros: Alto Maron, Cruzeiro, Guarani, Jurema, Brasil, Bateias e Ibirapuera, onde funcionavam os terreiros.

Eram habitados geralmente por trabalhadores, mão-de-obra das oligarquias rurais, feirantes, motoristas, vigias, pequenos comerciantes, comerciários, mecânicos e domésticas.

Os templos das religiões de origem européia localizavam-se no Bairro Centro, no qual se encontravam: o único templo católico até então existente; os templos das igrejas protestantes, à época em número de três: a “Igreja Evangélica Independente”, registrada em cartório em onze de março de 1917; a “Segunda Igreja Batista de Conquista”, registrada em dezoito de setembro de 1941; a “Igreja Tattma Evangelista de Menezes”, registrada em vinte e sete de outubro de 1941; e os templos do espiritismo kardecista, em número de dois: o “Posto Magnético de Caridade”, registrado em vinte de abril de 1932 e o “Centro Espírita Humberto de Campos”, registrado em dez de setembro de 1940.

Essas três religiões se vinculavam às famílias ditas tradicionais, como vimos no primeiro capítulo a família Gonçalves da Costa ao catolicismo; a família Silva Gusmão ao protestantismo; e a família Dantas ao espiritismo.

As disputas pela ocupação do espaço urbano e pela clientela davam-se de forma mais acirrada entre protestantes e católicos, como ilustra este trecho de uma reportagem ao noticiar a inauguração do templo da “Primeira Igreja Batista” em dezesseis de outubro do ano 1928:

Ao terminar estas linhas não nos é possível conter a nossa censura aos católicos de Conquista, que deixam a Igreja Matriz prestes a cair, enquanto

que os de religião oposta edificam um templo belo tendo gasto até agora perto de 45 contos de réis, adquirindo assim, largo ganho de causa²⁸.

Essas disputas continuam sendo observadas, nos dias atuais, através das diversas atividades organizadas por cada uma das religiões como construção de escolas e templos, atividades filantrópicas, congressos e celebração dos seus rituais, dentre outras.

No período que se estende de 1950 a 1970, consolidaram-se o Bairro Recreio, e os bairros Brasil, Ibirapuera e Patagônia que foram povoados principalmente por migrantes vindos de vários estados do nordeste e das cidades circunvizinhas a Vitória da Conquista. As religiões européias aumentaram o número dos seus templos.

A Igreja Católica cria a “Diocese de Vitória da Conquista-Ba”, em vinte e sete de julho de 1957 através da “Bula Christus Jesus” da lavra do Papa Pio XII, que foi canonicamente instalada a quinze de agosto de 1958 com a posse do primeiro bispo e teve o seu território desmembrado da “Diocese de Amargosa-Ba”.

Criaram-se também as “Paróquias de Nossa Senhora das Graças” em onze de outubro de 1959, localizada na Rua Waldemar Sá Porto n°.149, Centro, e “Nossa Senhora de Fátima” em primeiro de janeiro de 1960, localizada na Avenida Brumado s/n, no Bairro Brasil e dirigida por padres Capuchinhos.

O espiritismo kardecista instalou os seguintes centros: “Centro Espírita Fé e Caridade”, fundado em primeiro de janeiro de 1951 e registrado em cartório em primeiro de janeiro de 1957, localizado na Rua João Pessoa s/n, Bairro Centro; o “Centro Espírita Antônio Cruz” fundado em três de outubro de 1959 e registrado em nove de dezembro de 1960, situado na Rua Olavo Bilac s/n, Centro; e o “Centro Espírita Paulo de Tarso” fundado em vinte e sete de abril de 1956 e registrado em dezoito de maio de 1957, localizado na Avenida dos Apóstolos s/n.

Além desses centros espíritas, destacou-se a realização da primeira “Semana Espírita de Conquista”, ocorrida durante a “Semana da Pátria de 1953”, a criação do Segundo Núcleo Nacional da LBV (Legião da Boa Vontade) e a fundação da “União Espírita de Vitória da Conquista – UEVC”, ocorrida em 1952 e registrada sob o n° 45, no Livro A, n° 4 em vinte e cinco de maio de 1954, tendo como uma das suas

²⁸ Jornal “A Semana”, edição de 24/10/1928.

funções realizar as semanas espíritas.

Foi durante a Semana da Pátria de 1953 com a presença do Sr. Alziro Zarur, Presidente Nacional da Legião da Boa Vontade, que por convite de João Gustavo, implantou em Conquista o Segundo Núcleo Nacional da LBV. [...]. Durante a Semana falaram exaltando o momento os Srs. Alziro Zarur, Elísio Dórea, João Gustavo, Luiz Barreto, Manuel Borges, Irênio dos Santos Silva e Alfredo Prates. [...]. Embora a União Espírita já estivesse tecnicamente constituída desde 1952, foi a partir de 1954 que ela passou a patrocinar praticamente as Semanas Espíritas (VIEIRA, 2003, p.25).

O protestantismo criou os templos: “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, fundada em vinte e cinco de outubro de 1954 e registrada em vinte e nove de novembro de 1954, na Rua Siqueira Campos, número 01, Bairro Centro; “Igreja Presbiteriana”, registrada em dez de novembro de 1960; “Igreja Batista Betel”, registrada em cinco de julho de 1963; “Igreja Batista Boa Vista”, fundada em dois de outubro de 1967 e registrada em vinte e sete de novembro de 1968; “Igreja Batista Conquistense”, fundada em nove de outubro de 1967 e registrada em dez de abril de 1969. Algumas dessas igrejas não informaram as datas de fundação, nem os endereços onde funcionavam.

Quanto às religiões afro-brasileiras, que não têm o hábito de promover o registro cartorial dos seus templos, aparece apenas uma entidade registrada: a “União Umbandista do Sul e Sudoeste do Estado da Bahia”, em dezenove de janeiro de 1961, fornecendo como endereço a cidade de Ilhéus no Estado da Bahia.

No último período, o que se estende de 1970 a 2006, acentuou-se a disputa entre as diversas religiões pela clientela e pela ocupação do espaço urbano, sendo este o período da fundação do maior número de templos de todas as religiões.

No tocante à Igreja Católica, foi criada a Província de São Salvador da Bahia em 16/01/2002 pela “Bula Sacrorum Antistites” da lavra do papa João Paulo II, compreendendo as dioceses de Caetité, Livramento de Nossa Senhora, Bom Jesus da Lapa e Jequié.

Assim, também foram criadas as seguintes paróquias: “Paróquia Nossa Senhora Aparecida”, fundada em 03/02/1974 na Avenida Equador, 778 – Jurema; “Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz”, fundada em 15/05/1982 na Avenida Frei Benjamim, 507 - Patagônia; “Paróquia São Miguel”, fundada em 25/12/1985 na Rua

Pe. Anchieta, 16 – Alto Maron; “Paróquia Nossa Senhora das Candeias”, fundada em 09/10/1986 na Rua Franklin Ferraz, 179 – Candeias; “Paróquia Santa Luzia”, fundada em 01/06/1997 na Via Local I, casa 51 – URBIS V – Zabelê; E em fase de criação, “a Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus” na Rua I, s/n – Jardim Valéria - Jatobá. Esses dados foram colhidos junto à secretaria da Diocese de Vitória da Conquista.

Os espíritas kardecistas criaram os seguintes centros: “Centro Espírita Pena Branca”, registrado em cartório em 04/07/1974, localizado na Praça da Saudade s/n, Centro; “Centro Espírita André Luiz”, fundado em 29/08/1973 e registrado em 17/07/1973; “Centro Espírita João Batista”, fundado em 01/04/1987 e registrado em 24/11/1987; “Centro Espírita Caminheiros da Esperança”, registrado em 14/13/1987; “Centro Espírita Nossa Senhora das Graças”, fundado em 17/12/1987 e registrado em 11/10/1988; “Centro Espírita Fabiano”, fundado em 03/10/1989 e registrado em 07/03/1990, localizado na Rua Lisboa, 148, Centro; “Centro Espírita Maria de Nazaré”, fundado em 09/04/1995 e registrado em 08/06/1995, na Rua Ayrton Senna, 01, Bairro Candeias; “Centro Espírita Andarilhos da Luz”, fundado em 06/04/1995 e registrado em 17/12/1995, na Rua 1º de Maio, 429, Bairro Alto Maron; “Casa Espírita Francisco Cândido Xavier”, fundada em 23/08/1997, na Quadra 01, Rua 13, nº.49, Jardim das Candeias; “Sociedade de Estudos Espíritas de Vitória da Conquista, fundada em 10/12/1997, na Travessa Monte Castelo, 50 – Alto Maron; “Núcleo Espírita de Arte Espirarte”, fundado em 26/04/1998, registrado em 28/07/1998, na Avenida Itabuna, s/n – Bairro Brasil; “Sociedade Beneficente Bezerra de Menezes”, fundada em 22/02/2002, registrada em 12/08/2002, na Rua Paulo Filadelfo, 1185 – Candeias. Alguns desses centros não declararam as datas de suas fundações, nem os seus endereços.

As religiões protestantes e evangélicas criaram a “Associação Evangélica de Vitória da Conquista” em 10/09/1997, sem finalidade lucrativa e com o objetivo de criar estabelecimentos de ensino, manter serviços assistenciais que beneficiem os estudantes, dentre outros. E o “Seminário Teológico Thompson”, registrado em 04/01/2001, objetivando a capacitação teológica de líderes religiosos protestantes e evangélicos.

A “União das Igrejas Congregacionais Fundamentalista do Brasil - (UICB)”, registrada em 19/01/2004, na Rua L, nº.531, Bairro Felícia, com as finalidades: I – Cooperar para o estreitamento do amor fraternal entre igrejas filiadas; II – Promover

a coordenação das atividades espirituais e temporais [...]; III - Colaborar com o desenvolvimento da obra missionária em cada igreja e, por fim, com objetivos semelhantes, criou a “Associação Batista do Sudoeste da Bahia - (ABASB)”.

Neste período foram registradas várias igrejas protestantes como pode ser visto no anexo – H.

Em respeito às religiões afro-brasileiras, foi registrada em cartório a “Federação dos Cultos Africanos e Espíritas Umbandistas Independentes de Sergipe”, em 04/07/1975, que não declarou a data de sua fundação, nem o seu endereço, informando que tem sede e foro no estado de Sergipe.

Os seguintes terreiros foram fundados e registrados nas datas abaixo relacionadas: “Centro Espírita Iansã”, em 25/01/1976 e 26/02/1992, com endereço não declarado; o “Terreiro de Candomblé Lojereci Nação Ijexá”, em 01/09/1988 e 27/03/1992, com endereço não declarado; “Centro Espírita Oxalá e Iansã”, em 24/10/1998 e 14/12/1998, na Avenida Macaúbas, 2162, Bairro Brasil; “Centro de Umbanda Oxalá Fé Esperança e Amor”, em 08/12/1980, e 21/07/2004, na Rua Vasco da Gama, 65 – Flamengo – Bairro Alto Maron.

As informações referentes ao registro das igrejas protestantes, evangélicas e de algumas entidades vinculadas a essas tradições religiosas, dos centros espíritas kardecistas, bem como de alguns terreiros de candomblé e centros de umbanda foram coletadas no “Cartório de Registros de Títulos e Documentos” da Comarca de Vitória da Conquista no Estado da Bahia, durante os meses de junho e julho, encerrando-se em 23 de julho de 1997 e complementadas durante o ano de 2005.

Os dados referentes à Igreja Católica foram fornecidos pelo Diácono José Dias, retirados dos documentos da Secretaria da Diocese de Vitória da Conquista, em 22/07/1997, e complementados com dados colhidos na Secretaria da mesma Diocese em 2005.

No entanto, os dados colhidos nessas fontes não foram suficientes para dar conta da diversidade e do número de informações necessárias ao mapeamento religioso, em função de muitos dos templos não estarem devidamente registrados em Cartório, como é o caso dos templos da Igreja Católica, dos terreiros e centros.

Assim, fomos buscar informações através de visitas às ruas dos diversos bairros e como também este caminho não se revelou suficiente, por muitos dos terreiros funcionarem nas residências dos seus líderes religiosos e a maioria deles não afixarem nas fachadas dos templos placas informando da sua existência,

tivemos que completar os dados através de informações junto a adeptos e praticantes. Os dados relativos a este item foram coletados até julho de 1998, e complementados até junho de 2006. Anexo I.

Deste mapeamento não farão parte as casas categorizadas como “Espírita de Mesa Branca” (CONCONE, 1987, p.74), por serem numerosos, de difícil localização, e não serem registrados no Cartório de Títulos e Documentos. Além disso, as casas destes rituais não ostentam placas identificadoras, é pequeno o número de praticantes por cada casa e, por muitas vezes, participam das sessões apenas membros da própria família. Por esses motivos escolhemos uma casa e entrevistamos o seu líder religioso, para saber das relações dos fiéis de igrejas batistas, com essas tradições.

Não foram também relacionadas neste mapeamento inúmeras casas que, no mês de setembro e, às vezes, em outubro, despacham caruru para Cosme e Damião, batem atabaques, incorporam os guias, embora o líder religioso não seja pai-de-santo, como por exemplo, a casa de Dona Dió, localizada no São Vicente, Bairro Centro.

Os dados coletados até julho de 1997 e apresentados na dissertação para o Mestrado revelam um total de 333 templos das diversas religiões existentes. A atualização dos mesmos, no que diz respeito aos templos das religiões de origem européia até 2005 e em relação às afro-brasileiras até junho de 2006, mostra que o número de templos, casas e terreiros, aumentou para 391, cada grupo contribuindo com um percentual para este total. Anexo J.

No final do século XX e início do XXI, parece amenizar-se o preconceito em relação às religiões afro-brasileiras, notado principalmente através do aumento do número de templos e do número de jovens de classe média iniciando-se como filhos de santo, freqüentando as festas públicas, escrevendo monografias de conclusão de cursos de graduação. Tomando-as como objeto de pesquisa, convidando pais e mães de santo a participarem de cultos ecumênicos em solenidades de formatura, promovendo lavagens das dependências da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizando congressos, palestras e oficinas, dentre muitas outras atividades. O mapa construído com os templos das diversas religiões encontra-se no anexo L.

Tais acontecimentos parecem reforçados pelo atual momento, onde o imaginário e os rituais afro-brasileiros passaram a ser mais divulgados pelos meios

de comunicação, especialmente canais de televisão, nas campanhas contra o racismo, nas políticas afirmativas da inclusão de negros nas universidades, dentre outras atividades que destacam a participação dos elementos de cultura africana e indígena, na definição da identidade brasileira.

CAPÍTULO III

OS PROTESTANTES E A ESPECIFICIDADE DOS BATISTAS

É difícil – talvez impossível – encontrar uma doutrina associada aos reformadores do século XVI que não tenha sido precedida por um equivalente oriundo do seio do mundo católico medieval.

Felipe Fernandez – Armesto Derek Wilson (1997, p.19).

Durante algum tempo, eram comuns os anúncios da morte de Deus e, até mesmo, o desaparecimento da religião. Porém, o que se tem constatado, no início do terceiro milênio é um reavivamento das religiões um determinado re-encantamento do mundo.

Observamos, quer no plano local, nacional ou internacional, um revigoramento da manifestação religiosa de modo plural, inventando e reinventando tradições, algumas vezes até mesmo composições de fragmentos difusos de sistemas mais ou menos institucionalizados. “Há uma geração, a história do cristianismo poderia ser encarada como algo que só interessava aos colecionadores de antiguidades” (FERNANDEZ; WILSON, 1997, p.9).

As reflexões do parágrafo anterior, além das especificidades da cultura local, constituem-se em alguns dos motivos deste trabalho que apesar do período que abrange aponta para a necessidade de revisitar os tempos da Reforma Protestante em busca de um entendimento para poder situar as relações entre Igreja e Estado, os diálogos dos povos e a constituição da nação brasileira.

Há quem veja nos acontecimentos dos últimos quinhentos anos, um movimento de ruptura com o Catolicismo praticado na Europa durante a Idade Média, como se as tradições católicas se apresentassem em todos os lugares como bloco monolítico, única e mesma engrenagem sem quaisquer influências de outras tradições religiosas dos distintos povos aos quais a Igreja Católica Apostólica Romana foi imposta.

Mas, apesar do caráter conflituoso e beligerante da Reforma (as chamadas guerras religiosas), ressalta-se a existência de um contínuo teológico que possibilitou o discurso e a prática do ecumenismo (principalmente entre as religiões

reveladas), podendo-se, a partir daí, falar de tradições cristãs que englobam o Catolicismo Romano e as diversas versões protestantes.

O que foi tradicionalmente chamado de “a Reforma” foi apenas o mais violento destes choques. Lutero, Zwinglio e Calvino ou seus equivalentes católicos, como Erasmo, Cisneros e Contarini, defendiam alguns dos mesmos ingredientes de renovação espiritual que Bernardo, Francisco e Wycliffe haviam defendido. Reformadores posteriores, como Wesley, Newman e William Booth, retomariam alguns desses ingredientes nos séculos seguintes. [...]. Isso não significa que a Reforma, como tradicionalmente se entende, nunca aconteceu, nem que sua importância tenha sido exagerada: significa apenas que ela não ocorreu como em geral se supõe (FERNANDEZ; WILSON, 1997, p.11).

Os acontecimentos históricos ocorridos a partir da expansão mercantil parecem indicar que a Reforma pode ser entendida como um movimento no sentido de adequar a religião às transformações do capitalismo, onde o centro das preocupações se desloca dos céus dos cristãos para a terra, a sociedade, o estado, o indivíduo, acompanhando o sentido da Revolução Copernicana, do Racionalismo Cartesiano, da Física Newtoniana, do Empirismo Inglês, do Racionalismo Crítico e do Idealismo Alemão, das grandes navegações, do colonialismo.

A construção europeia da forma bíblica de pensar e sua imposição aos povos do mundo, além do que representou o mercantilismo, como precedente ao acúmulo de capital necessário à vindoura revolução industrial, contextos nos quais a Reforma surgiu e se processou, nos remete ao texto a seguir:

Diz-se que ela ajudou a transformar o cristianismo medieval - unificado de forma ineficaz – no mundo ocidental escandalosa e produtivamente competitivo dos tempos modernos, repletos de rivalidades. Ajudou a preparar o mundo para receber outras idéias revolucionárias, inclusive – de acordo com o gosto dos analistas – o individualismo, o capitalismo e o imperialismo ou constitucionalismo, o socialismo e a democracia. [...], transformou uma Igreja monolítica em um pilar em chamas, envolto em fumaça, do qual saíram fagulhas e centelhas flutuaram para longe, para formar as incrivelmente numerosas igrejas e seitas cristãs [...] (FERNANDEZ; WILSON, 1997, p.17).

Apesar de existir algum exagero na expressão “Ajudou a preparar o mundo para receber outras idéias revolucionárias”, tudo leva a crer que o cristianismo conviveu ou se adaptou muito bem às circunstâncias do mundo moderno, com seus templos compondo paisagens e retratos dos distintos lugares nos quais se estabeleceu, provocando mudanças, sendo ressignificado e se tornando mais palatável ao gosto e aos desejos dos mais exigentes adeptos, ou se impor, enquanto ideologia ou componente ideológico da ação dos colonizadores seja nos tempos do mercantilismo ou durante a revolução industrial.

A Reforma reverberou através de todas essas mudanças e desafios. Apesar de sua reputação de ter dividido a Igreja, achamos que ela foi o grande tema unificador da história cristã nos tempos modernos. Os projetos da reforma tiveram continuidade. As Igrejas continuaram empreendendo modificações em suas práticas sob a inspiração da Bíblia, do modelo da Igreja primitiva e da influência de ambos sobre os outros. Continuaram a trabalhar no sentido de transformar os pagãos em cristãos [...] Continuaram a incentivar os indivíduos a tornar retos os caminhos para Deus dentro e ao lado das disciplinas coletivas da vida cristã (FERNANDEZ, WILSON, 1997, p.23).

Isto não significa que as tradições da Igreja Católica sejam idênticas às dos protestantes, como, por exemplo, de anglicanos e batistas, onde elas se apresentam com suas distintas manifestações na arquitetura nos seus templos, rituais, festas, disposições de ânimo e no imaginário dos seus adeptos, *ethos* e visões de mundo.

Tudo isso em um ambiente ecológico delimitado por suas especificidades locais, todavia participando do universo das tradições cristãs, lendo a Bíblia, referenciando-se nos Dez Mandamentos, compartilhando da mesma História Sagrada do nascimento, da vida, morte e ressurreição de Cristo, no Velho e Novo Testamento, possibilitando, assim, perceber um contínuo, isto é, princípios universais que os aproximam ou os identificam teologicamente.

OS PROTESTANTES E SUAS ORIGENS

A presença de protestantes em solo brasileiro se dá a partir do Brasil Colônia, provavelmente motivada pelas guerras religiosas provocadas pela Reforma Protestante e as demandas mercantilistas da Europa convulsionada de então.

Os Huguenotes franceses aportaram no Rio de Janeiro em 1555 sob o comando de Coligny e o ideário religioso de Villegaignon. Pretendiam instalar nas terras tropicais uma França Antártica, refúgio para a prática livre dos seus cultos reformados. Foram expulsos pela Coroa Portuguesa em 1560, permanecendo no Rio de Janeiro por apenas cinco anos e sem deixar marcas religiosas visíveis entre os seus habitantes. Findou-se assim“ o primeiro intento protestante de se estabelecer na América do Sul [...] realizando o primeiro culto, em 10 de março de 1557” (MENDONÇA, 1984, p.18).

Já os calvinistas chegaram a Pernambuco, no século XVII, com organização eclesiástica nos moldes de Genebra Zwelg (1947) sob bandeira holandesa e o comando de Maurício de Nassau.

Fizeram de parte do Nordeste brasileiro refúgio de protestantes por quinze anos, estendendo-se a sua presença de 1630 até 1645, impondo os rigores da disciplina e da moral puritanas, deixando marcas especialmente observadas nos olhos azuis de alguns nordestinos, até que foram expulsos pelos interesses católicos e açucareiros da expansão colonialista portuguesa.

Fracassadas as primeiras tentativas, até meados do século XVII, o Brasil passou por um período que se estendeu ao início do século XIX, sem a efetiva atividade religiosa de protestantes, mas com intensa atividade do Santo Ofício, inquirindo e mandando para a fogueira aqueles a quem a Igreja Católica julgava seus inimigos e contrários aos seus interesses. “Foi a idade das trevas na expressão de Erasmo Braga e Kenneth G. Grubb. Em 1720, uma lei proibiu que qualquer pessoa entrasse no Brasil, a não ser a serviço da Coroa ou da Igreja. Estrangeiros foram proibidos de visitar a Colônia” (MENDONÇA, 1984, p.20).

Mas, pergunta-se: quem eram esses inimigos? Quem foi assado na fogueira, preso ou deportado? Sem a pretensão de responder a tais questões, que certamente exigiria uma outra pesquisa, faz-se necessário lembrar a presença dos judeus que, por força da perseguição católica na península ibérica, se viram

obrigados na condição de marranos, cristãos novos, a aportar na Colônia onde nem sempre encontraram a paz.

O conflito entre a sociedade dirigente e os cristãos novos o que figura entre os problemas cruciais em que se debate o século XVII, e talvez o problema social mais complexo [...], a julgar por certa carta ferina [...] que o ilustre santista Alexandre de Gusmão endereçou aos “ilustres senhores puritanos” (NOVINSKY, 1992, p.47).

Os cristãos novos empreenderam a sua trajetória exercendo as mais diversas atividades sociais e econômicas: foram desbravadores do sertão, lavradores, mecânicos, mestres de açúcar, soldados, e até fidalgos, senhores de engenho, capitães-mores e donos de fazenda de gado.

Preservou da herança tradicional os princípios ou sentimentos básicos que serviram de fundamento às suas respostas, e, mesmo quando afastado da ortodoxia religiosa judaica, manteve [...], a aversão hereditária ao culto das imagens, à comunhão e à confissão, negava a divindade de Cristo e descrevia da Imaculada Conceição, da Santíssima Trindade e esperavam a vinda do Messias verdadeiro (NOVINSKY, 1992, p.p.37-40).

As suas tradições podem ser consideradas mais próximas das protestantes batistas do que dos pensamentos católicos ultramontanos, cultivadores e zelosos das mais “lídimas” tradições da Igreja Católica e devem ter contribuído juntamente com as ações do Santo Ofício para incentivar conversões ao protestantismo.

O PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO

Somente com a transmigração da Família Real para o Brasil, em 1808, que nos trouxe a presença de D. João VI com todo seu séquito financeiro e administrativo ao Rio de Janeiro, e com a “abertura dos portos às nações amigas” acontece novamente a presença de protestantes no Brasil.

Para além das mudanças, a chegada da família real provocou alterações no contexto religioso brasileiro, uma vez que o pacto então assinado entre Portugal e Inglaterra colocou o Brasil no centro dos interesses da última, potência mercantil e senhora dos mares. Nação oficialmente protestante cuidou de garantir aos seus

súditos o direito de prática religiosa, fazendo surgir o protestantismo como fenômeno legalmente consentido, situação até então impar na história do Brasil Colônia.

Tais fatos ensejaram a chegada dos anglicanos, que passaram a gozar de uma consentida liberdade de culto, o que incitou a intolerância religiosa dos católicos aos anglicanos. Ressalte-se que o catolicismo era a religião oficial da Coroa Portuguesa e, portanto, das suas colônias.

A liberdade religiosa foi expressa pelo “Tratado de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação”, assinado entre Portugal e Inglaterra em 19 de fevereiro de 1810 e que, pela sua importância para a tese, faz-se necessário apontar e do qual se seleciona o artigo XII para transcrição:

XII. Sua alteza real o príncipe regente de Portugal declara, [...], que os vassallos de sua Majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos, ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, que sua Alteza Real agora, [...] lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro dos seus domínios. Contanto, porém que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se assemelhem as casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhes seja permitido para fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino. Ademais se estipulou que nem os vassallos da Grã-Bretanha, nem quaisquer outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal, serão perseguidos, ou inquietados por matérias de consciência, tanto no que concerne suas pessoas como suas propriedades, enquanto se conduzirem com ordem, decência e moralidade e de modo adequado aos usos do país, e ao seu estabelecimento religioso e político. Porém se se provar que eles pregam ou declamam publicamente contra a religião católica, ou que eles procuram fazer prosélitos [sic], ou conversões, as pessoas que assim delinqüirem poderão, manifestando-se o seu delito, ser mandadas sair do país, em que a ofensa tiver sido cometida. E aqueles que em público se portarem sem respeito, ou com impropriedade para com os ritos e cerimônias da religião católica dominante serão chamados perante a polícia civil e poderão ser castigados com multas, ou com prisão em suas próprias casas. E se a ofensa for tão grave e tão enorme que perturbe a tranqüilidade pública e ponha em perigo a segurança das instituições da Igreja e do Estado

estabelecidas pelas leis, as pessoas que tal ofensa fizerem, havendo a devida prova do fato, poderão ser mandadas sair dos domínios de Portugal. Permitir-se-á também enterrar em lugares para isso designados os vassallos de Sua Majestade Britânica que morrerem nos territórios de Sua Alteza Real o príncipe regente de Portugal; nem se perturbarão de modo algum, nem por qualquer motivo, os funerais, ou as sepulturas, dos mortos. Do mesmo modo os vassallos de Portugal gozarão nos domínios de Sua Majestade Britânica de uma perfeita e ilimitada liberdade de consciência em todas as matérias de religião, conforme o sistema de tolerância que se acha neles estabelecido. Eles poderão livremente praticar os exercícios da sua religião pública, ou particularmente nas suas casas de habitação, ou nas capelas, e lugares de culto designados para este objeto, sem que se lhes ponha o menor obstáculo, embaraço, ou dificuldade alguma, tanto agora como no futuro (IN REILY, 1984, p.p. 26-27).

Esse tratado orientou a legislação do Brasil Império no que tange à liberdade religiosa, como ficou consignado na Constituição de 1824, especialmente o previsto no Código Criminal que regulamentou o artigo 5º da aludida Constituição: “Art. 5º. A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo” (IN REILY, 1984, p.28).

Os artigos do Código Criminal que tratam da regulamentação do Art. 5º da Constituição do Brasil Império estão inclusos no seguinte capítulo:

Ofensa à moral, à religião e bons costumes.

276. Celebrar em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja a do Estado:

PENAS. No grau máximo – serem dispersos pelo juiz de paz os que estiverem reunidos para o culto, demolição da forma exterior, e multa de 12\$, que pagará cada um.

277. Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Império, por meio de papéis impressos, litografados ou gravados, que se distribuírem por mais de quinze pessoas, ou por meio de discursos proferidos em públicas reuniões ou em ocasião e lugar em que o culto se prestar.

278. Propagar por meio de papeis impressos [...] que se distribuem por mais de quinze pessoas, ou por discursos em públicas reuniões doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma (IN REILY, 1984, p.28).

Os grandes debates da Constituinte de 1823 sobre a liberdade religiosa, presente nos textos legais, não deram conta dessa questão, o que motivou embates entre cristãos até a Proclamação da República, nem tocaram nos direitos de africanos e indígenas, até mesmo porque como “primitivos ou bárbaros” não eram considerados sujeitos de direitos, nem tinham as suas crenças e ritos reconhecidos com o status de religião. Índios e africanos, por força desse contexto, além de escravos ou de mão de obra barata, eram vistos apenas como clientela a ser catequizada ou evangelizada por católicos.

Em carta de 17 de dezembro de 1819, o Reverendo Boys, que exercia a função de Capelão Inglês de Santa Helena, ilha britânica localizada no Atlântico Sul, diz que no Rio de Janeiro morava uma população estimada em 300.000 habitantes e, com exceção de poucos europeus, os demais se encontravam na escuridão, sem vislumbre de liberdade. O dito Reverendo esteve em 1819 no Rio por causa do estado de saúde de sua esposa, e assim se expressou:

Os católicos romanos aqui em todo o seu culto são ainda mais insensatos que os chineses, dos quais, ou de outros como eles, parecem ter imitado o absurdo costume de soltar toda espécie de fogos de artifício no seu culto. O espetáculo das suas ridículas cerimônias – ou melhor, a forma vergonhosa na qual nossa pura e santa religião se exhibe aqui, e os 80.000 escravos que formam uma parte da população desta cidade, que não parecem ter mais probabilidade de serem libertados da sujeição ao pecado e a Satanás que dos grilhões da escravidão: o espetáculo, destas coisas, afirmo, torna este lugar, no meu modo de pensar, num dos mais miseráveis do mundo (IN REILY, 1984, p. 35).

Apesar dos obstáculos, outros grupos considerados protestantes de imigração foram atraídos ao Brasil. Na situação se enquadraram os luteranos alemães que, a partir de três de maio 1824, instalam a sua primeira comunidade em Nova Friburgo no Rio de Janeiro, liderada pelo pastor Friedrich O. Sauerbronn.

Também a comunidade de São Leopoldo, instalada em 1824 no vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, cujo nome teria sido apostado em homenagem à Imperatriz Leopoldina, pois, “Existia uma ligação familiar entre Dom Pedro e os teutônicos [...] casado com Maria Leopoldina Josefa Carolina, filha do então imperador Francisco I, da Áustria, [...], imperador do Sacro Império Romano Germânico [...] extinto [...], em 1806” (REILY, 1984, p.37).

Os vínculos familiares, base da política de povoamento através de agricultores europeus, propiciaram a instalação de comunidades de imigrantes alemães, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, além da região Sul de Minas Gerais, compondo o quadro do protestantismo de imigração, também chamado de protestantismo de igreja étnica.

Estes imigrantes tiveram, neste país, tratamento privilegiado em relação ao dispensado pelo Imperador aos indígenas brasileiros, negros africanos e a seus descendentes, a julgar pela carta do pastor Vogens à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira de 1827, que a certa altura descreve a situação dos colonos alemães no Brasil da seguinte forma:

- 1) Eles são bastante subsidiados por Sua Majestade o Imperador; durante dois anos recebem subsídios, 8 vinténs diários por cabeça; um pai de família que tem família grande, vive em melhores condições do que o que tem família pequena; um pai de família que vivia na miséria na sua pátria, é homem abastado aqui.
 - 2) Os colonos recebem os utensílios necessários para a lavoura.
 - 3) [Recebem] a roupa mais indispensável.
 - 4) Durante dez anos, médico e remédios gratuitos.
 - 5) Durante dez anos [estão] isentos de todos os impostos estatais.
 - 6) Cada colono recebe 600 jugadas alemãs de terra.
 - 7) O colono alemão recebe 3 cavalos, uma vaca com bezerro, dois bois de canga, porcos, gansos e galinhas.
- Os colonos também recebem as suas casas, construídas em estilo brasileiro (IN REILY, 1984, p. 42).

Destaca-se que a Igreja Luterana é marcada, desde a sua chegada, por preocupações étnicas, reproduzindo-se a partir deste horizonte; pode-se dizer uma igreja de alemães e seus descendentes. Posteriormente, vincularam-se à Igreja Luterana do Sínodo de Missouri, fundada nos Estados Unidos, em 1847, por migrantes alemães provenientes da Saxônia. As atividades dos “missourianos” no Brasil datam do ano 1868 quando da ação do pastor luterano Johannes F. Brutschin.

A presença dos protestantes imigrantes, além das benesses relatadas, implicou a partir das relações com o poder estabelecido, mudanças sociais significativas como: o direito a realizar casamentos segundo as suas tradições e, não obrigatoriamente, nos moldes das tradições católicas; o direito a cemitérios

próprios para sepultamento dos seus entes queridos como já acontecera com os anglicanos. Tais mudanças foram aos poucos, e no decorrer do tempo, abrindo caminhos para facilitar a vida e a chegada de protestantes missionários de distintas igrejas.

O PROTESTANTISMO MISSIONÁRIO

A presença dos protestantes missionários no Brasil, a partir de 1855, vai alterar, significativamente, as relações já em curso na história do Império, quer nas dimensões sociais, quer nas religiosas.

Diferente do que ocorreu com o protestantismo de imigração, em que o jogo se deu a partir das relações institucionais entre a Coroa Portuguesa a Inglaterra e a Alemanha, a partir de então vai se dar com um outro ator em cena: os Estados Unidos da América do Norte, poderosa nação protestante no Continente Americano, em franco progresso e anseio expansionista.

Em outras palavras, um novo colonizador desejoso de transferir para os seus vizinhos da América Latina e para o mundo, “os benefícios do ‘sonho americano’ ou do ‘estilo americano de vida’, cujos componentes são patriotismo, racismo e protestantismo” (MENDONÇA; FILHO, 1990, p.35).

Essas relações se dão tendo como objetivo a ação direta dos missionários para a evangelização e conversão dos que vivem no Brasil, sejam católicos, indígenas, africanos ou de qualquer outra origem étnica.

Trata-se, então, de disputa franca e direta entre igrejas protestantes e a Igreja Católica no mercado religioso à cata de clientes, o que envolve também relações de Estado, porém em perspectiva distinta da anterior, ou seja, a de um Estado laico vinculado a uma religião oficial.

O contexto envolve a busca da democracia, a invenção do Estado Laico, peça chave do Liberalismo a partir das Revoluções Francesa e Americana, passagem do mercantilismo para o capitalismo industrial, da Monarquia à República.

A ação dos missionários protestantes na América Latina lastreia-se em tese defendida por Cotto Mather em 1699, que afirmava ser o catolicismo implantado nesse continente um cristianismo deformado: discurso repetido daí em diante por diversos autores pelo mundo afora. Tem origem, ainda, na formação do

protestantismo americano, que pode ser dividido tendo como base os fundamentos religiosos procedentes da Reforma, em luteranos e calvinistas.

Os luteranos uma vez nos Estados Unidos organizaram-se em torno deles mesmos, buscando viver sua “piedade” sem se preocupar com a “salvação do mundo”, não aspiravam a ser o “sal da terra”. Já os calvinistas, os primeiros a pisar no solo americano, em função das circunstâncias históricas que envolviam o seu êxodo da Inglaterra para as colônias, julgavam-se responsáveis pela ordem social.

De modo que se pode dizer que a construção na nacionalidade americana, no seu espírito, está intimamente ligada ao calvinismo considerado em todas as suas virtudes. Eficácia e bom êxito na ação como sinais de beneplácito divino são as velhas normas do espírito calvinista e, seguramente, foram elas que involucraram o ideal dos construtores de um novo esquema de vida social no solo americano (MENDONÇA, 1984, p.43).

É neste ambiente que vão surgir as organizações das missões protestantes para evangelizar a América Latina, inclusive o Brasil, sendo a primeira delas a *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, organizada em 1810, inicialmente de natureza interconfessional e, mais tarde, congregacional.

Posteriormente, surgiram várias outras instituições missionárias como, entre 1814 e 1821, batistas, metodistas e episcopais; em 1837, o *Board of Foreign Missions* dos presbiterianos e, em 1893, *Foreign Missions Conference of North America*, interconfessional (MENDONÇA; FILHO, 1990, p.31).

A “cristianização”, como símbolo de “colonização”, era vista pelas missões envolvidas na teologia calvinista do “reino de Deus e de povo escolhido” e, encampadas pelo “sonho americano” como forma de expansão do reino. Não tinham dúvida qual era o povo escolhido, mas divergiam quanto à expansão do reino.

Desde o século XIX, as divergências teológicas apresentaram estratégias missionárias distintas. A doutrina calvinista da predestinação alimentava o sonho de que a educação no meio religioso favorecia o surgimento dos eleitos, sonho reforçado pela idéia de que a cultura protestante, através da educação, transforma a sociedade para melhor, inserindo-a no *corpus christianum* (MENDONÇA; FILHO, 1990, p.32).

Sem embargo, a teologia predominante no meio missionário e desenvolvida nos movimentos revivalistas foi a de John Wesley, originada de uma variante do

calvinismo presente na era metodista. Adotava a estratégia de entender a salvação a partir da consciência de culpa, seguida da aceitação da oferta de salvação, acompanhada da justificação e da santificação progressiva. Via, portanto, a fé como vocação, experiência pessoal e emotiva.

Consistindo a teologia missionária num processo de mudança cultural em que a conversão individual se dava no rompimento abrupto do indivíduo com seu meio cultural, através da adoção de outros padrões de conduta opostos aqueles em que foi criado:

sem dúvida, esta valorização do cumprimento do dever dentro das profissões seculares, no mais alto grau permitido pela atividade moral do indivíduo. Foi isso que deu pela primeira vez este sentido ao termo de vocação, e que, inevitavelmente teve como consequência a atribuição de um significado religioso ao trabalho secular cotidiano. Foi, portanto, nesse conceito de vocação que se manifestou o dogma central de todos os ramos do Protestantismo, [...] (WEBER, 1997, p.53).

Aos poucos, a vertente calvinista que via na educação o caminho para a evangelização foi perdendo terreno, o espaço educacional foi se laicizando cada vez mais, enquanto a conversionista foi gradativamente conseguindo apoio, até predominar inteiramente na ação missionária.

Entendiam as organizações missionárias que os seus recursos deveriam ser destinados à evangelização direta visando à conversão de indivíduos e à transformação paulatina da sociedade. Acreditavam que a leitura da Bíblia promovia o desenvolvimento tanto pessoal como social e investiram muitos recursos na impressão e distribuição de Bíblias.

Desde o início da presença do protestantismo no Brasil, agentes das sociedades bíblicas tentaram introduzir a leitura de textos sagrados nas escolas como recurso para a aprendizagem, e as organizações para-eclesiásticas, que se estruturavam enquanto “Missões de Fé”, viam na Bíblia veículo de renovação ética.

Com essas aspirações é que um grande número de igrejas, a partir da ação evangelizadora dos seus missionários enviados dos Estados Unidos, vão surgir no período Imperial e vão interferir diretamente na luta para a proclamação da República e separação entre a Igreja e o Estado.

O SURGIMENTO DOS BATISTAS

A origem dos batistas é tida, por muitos estudiosos do assunto, como a mais controvertida na história das igrejas originadas da Reforma Protestante, existindo grupos que não se vêem como herdeiros das tradições consideradas protestantes ou reformadas; traçando suas origens a partir da Igreja Apostólica Neotestamentária, além de não cultivarem elementos das tradições católicas romanistas. Nessas condições, como averiguamos em entrevistas com alguns dos seus adeptos, enquadra-se a Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, no Estado da Bahia.

A pesquisadora Silva, ao estudar a questão, aponta três correntes que tentam identificar as origens das denominações batistas sinteticamente reproduzidas a seguir:

A primeira corrente é a de Relação Antipedobatista, que afirma ser resultante da luta contra o batismo infantil (pedobatismo), tende a confundir a história do batismo com a história dos batistas e supõe existir um vínculo espiritual, substituindo a falta de vínculos históricos. Os seus principais representantes são o inglês, Tomas Crosby com sua *The History of the English Baptists*, de 1740; Joseph Ivimey que escreveu no ano 1830 *History of the English Baptists* e, no final do século XIX, Richard Cook, com uma história popular dos batistas, todos seguindo na mesma direção.

A segunda corrente, a Sucessão Apostólica, que sustenta a tese da história dos batistas tendo início nos tempos apostólicos com João Batista, o ministério de Cristo, ou o dia de Pentecostes. Os seus principais representantes são os pastores G. H. Orchard com a obra *Concise History of Foreing Baptists*, publicada em 1838 e J. M. Carrol, autor de *The Trail of Blood*, traduzida com o título “Rastro de Sangus”, bastante difundida no Brasil, e que foi o responsável, entre os batistas brasileiros, pela vulgarização da corrente da sucessão apostólica ininterrupta.

A terceira corrente, da Restituição Separatista, afirma ter acontecido a origem dos batistas no século XVII, começando com o movimento separatista na Inglaterra, uma dissidência da Igreja Anglicana que, a partir do exame da Bíblia, foi de encontro ao batismo infantil, adotando o batismo de adultos por imersão.

Assim, Justo Anderson aponta 1641 como a data na qual se originou a Denominação Batista; W. Walker toma 1608/1609 como datas a partir de quando se estabeleceu a primeira Igreja Batista por John Smith, refugiado em Amsterdã,

fugindo de perseguições religiosas. Defendeu esta corrente Guilherme Whitst com o livro publicado no ano 1896, *A Question in Baptist History. Whether the Anabaptists in England Praticed Immersion Before the Year 1641*.

Continuando a discutir a controvertida questão sobre a gênese dos batistas, a referida autora aponta, ainda, a posição expressa por Henrique C. Vedder em sua obra “Breve História dos Batistas até 1900”, já citada anteriormente, e analisa as posições apresentadas nas três correntes, dizendo: a Sucessão Apostólica peca por falta de respaldo histórico e pela impossibilidade de provar, historicamente, que os grupos religiosos que se opuseram à ortodoxia oficial ao longo de quinze séculos sejam batistas. Salienta-se que essa é uma preocupação de historiadores, podendo, talvez, não ser considerada relevante pelos adeptos dessa tradição religiosa.

Afirma ainda que a corrente Antipedobatista peca ao tentar extrapolar as origens da Denominação Batista enquanto movimento de oposição ao batismo infantil. Diz não serem estas duas correntes excludentes entre si.

Quanto à vinculação dos batistas do século XVII com os anabatistas do século XVI, escreve Silva têm em comum a defesa de comunidades autônomas, independentes do poder civil, além do batismo.

O termo “batista” não apareceu para designar uma denominação protestante, mas foi usado pela primeira vez como alcunha para os que discordavam do batismo infantil na Alemanha no século XVI e na Inglaterra do século XVII.

Escreve ser os dois termos, batistas e anabatistas, usados alternadamente, referindo-se ao anabatismo e que somente a partir do século XVIII a palavra “batista” foi usada para designar um grande setor entre os cristãos reformados.

Considera ainda, que mesmo historiadores contemporâneos, como Germano Tuchle e Robert Torbet, continuam a estabelecer identificação entre batistas e anabatistas e os historiadores vinculados à denominação “têm por evidente que os batistas surgiram na ambiência da Reforma, ao contrario dos defensores da corrente apostólica, como H. Ford, e admitem que, em 1589, havia diversos centros de reuniões anabatistas em Londres e outros lugares” (SILVA, 1998, p.30).

Historicamente admite-se que concomitantemente à reforma luterana, calvinista e inglesa, desenvolveu-se uma tendência mais radical que as anteriores, seguida por populações de baixa renda, conhecida como anabatista ou rebatizados.

Diz ainda essa autora que as convicções e práticas anabatistas guardam estreitas relações com o corpo doutrinário e aspectos da ética batista, tais como

batismo por imersão de adultos; igreja constituída de elementos batizados como convertidos; escolha de pastores e oficiais pela igreja local; governo congregacional, no qual cada congregação delibera sobre suas próprias questões; e, por último, a separação entre a Igreja e o Estado.

Pode-se dizer que o surgimento dos batistas prende-se ao contexto da Reforma Protestante e ao se falar de batistas do século XVII, necessariamente se tem que os vincular aos anabatistas do século XVI.

Para efeito desta pesquisa, é fundamental se levar em conta o modo como os membros da igreja local aceitam e vinculam as suas origens, mesmo que elas não estejam em acordo com os dados apurados pela História como verdadeiros, pois a vivência de um determinado grupo pode interferir nas tradições religiosas estabelecidas.

OS BATISTAS NO BRASIL

Os missionários batistas chegados ao Brasil vieram dos Estados Unidos, pertencentes a tradições religiosas levadas para aquele país por migrantes saídos da Inglaterra no século XVI, fugindo dos conflitos religiosos e sociais que assolavam parte do Continente Europeu, em busca da terra prometida, onde pudessem praticar a sua religião em liberdade e auferir vantagens financeiras que garantissem suas existências.

As convicções religiosas que levaram puritanos e separatistas à Holanda, levaram outros, com semelhantes idéias, a emigrarem para o Novo Mundo, notadamente uma parte da congregação de Leide que estabeleceu a colônia da Baía de Plymouth (Massachusetts), em 1620. Roger Williams (1604? – 1683) e outros, banidos de Massachusetts, fundaram a primeira igreja batista na América do Norte (1639) em Providence, Rhode Island (REILY, 1984, p.122).

Estabelecidos nos Estados Unidos, os batistas, após alguns anos de atuação, principalmente através dos chamados *farmer-preachers*, pessoas vocacionadas, mas sem grande preparo teológico, agricultores que nas horas de folga pregavam a palavra, organizaram a sua primeira convenção, na Filadélfia em 1707. Em 1764 fundaram o “Rhode Island College”, transformado na atual “Brown University”.

Mais adiante, em 1814, deu-se a formação da junta missionária e a necessidade de manutenção da obra missionária levou-os, de sua política eclesiástica congregacional, a se constituírem em denominação.

A exemplo do ocorrido com outras igrejas protestantes nos Estados Unidos, os batistas também se dividiram em função dos embates sobre a escravidão. No ano 1845, a Convenção Batista se recusou a receber donos de escravos como missionários, levando, assim, à criação da Convenção Batista do Sul, uma organização religiosa separada das igrejas do Norte, criada em Augusta, na Geórgia, em oito de maio de 1845 e composta pelos que admitiam trabalho escravo.

Foi esta convenção sulista que, desde 1850, tentou estabelecer uma missão batista no Brasil e que, pela primeira vez, em 1859 enviou, para o Rio de Janeiro, Thomas Jéferson Bowen e sua esposa,

missionários que haviam trabalhado entre os loruba, na África Ocidental, pediram transferência para o Brasil por motivos de saúde. Bowen utilizou seu conhecimento do idioma dos loruba para fazer contato com escravos nos arredores do Rio de Janeiro. Há evidência de que sua comunicação com os escravos, causou suspeitas e resultou na sua prisão (REILY, 1984, p.127).

Também por questões de saúde, o reverendo Thomas J. Bowen regressou aos Estados Unidos, levando a primeira tentativa de estabelecer uma missão batista no Brasil ao fracasso, uma vez que, antes mesmo do restabelecimento do Reverendo, a junta resolveu apreciar o assunto e decidiu não mais reabrir a missão.

A segunda tentativa de estabelecer uma ação missionária se deu com a decisão da Primeira Igreja Batista Norte Americana do Brasil, fundada em 10 de setembro de 1871, em Santa Bárbara do Oeste no Estado de São Paulo, por agricultores e proprietários de terras vindos dos Estados Unidos, que traziam cartas demissórias de várias igrejas batistas Norte-Americanas. Reunidos em assembléia, no dia 12 de outubro de 1872, resolveram enviar uma carta à Junta de Missões Estrangeiras, em Richmond, na Virgínia, solicitando o envio de missionários a este país.

O estabelecimento da colônia de Santa Bárbara do Oeste, no interior de São Paulo, coincidiu com o fim da guerra de Secessão ocorrida nos Estados Unidos entre 1861 e 1865, motivada não somente pela luta contra a escravidão, mas,

sobretudo, pelas contendas entre um modo de vida rural e uma sociedade em franco processo de industrialização.

Finda a Guerra e com a vitória do Norte sobre o Sul, aguçaram-se ainda mais as divergências entre os protestantes das duas regiões. Com o triunfo, os valores nortistas vão servir de referência aos valores nacionais. E, como em toda guerra civil, o processo de reconstrução de uma nação é sempre muito doloroso e humilhante, além de deixar seqüelas profundas, tornando a convivência entre as partes às vezes insuportáveis e levando, em alguns casos, a grandes migrações.

Foi o que aconteceu a muitos soldados e agricultores sulistas que, humilhados, fugiram à procura de um outro lugar onde pudessem se estabelecer com sua religião, em ambiente agrícola e que vivessem em regime de escravidão, nesse processo,

10.000 sulistas, aproximadamente, que deixaram os EUA após a Guerra de Secessão, cerca de 2.000 radicaram-se no Brasil. O grupo era formado por mecânicos, negociantes, clérigos, lavradores, médicos, gente de todas as categorias sociais que buscavam uma terra onde ainda houvesse escravidão negra, ou uma pátria a qual estavam prontos a servir, bem como ao seu imperador (SILVA, 1998, p.49).

Dentre os imigrantes que aqui chegaram, muitos eram protestantes que tentaram manter a sua cultura preservando a língua e a religião. Alguns eram pastores e, além dos serviços religiosos, atuavam como agentes facilitadores da imigração. Foi o que fez o reverendo Ballard Smith Dunn, pastor da Igreja São Felipe, de Nova Orleans, que se deslocou para o Brasil em 1865, objetivando abrir caminhos para outros imigrantes.

Considerava este país a terra prometida, na qual os derrotados na guerra poderiam estabelecer seus lares e propriedades, devendo, para tanto, dentre outras vantagens, utilizarem-se da mão-de-obra escrava. Escreveu um livro intitulado *Brazil the Home for Southerners*, no qual tecia loas às terras brasileiras considerando-as verdadeiros oásis para os norte-americanos.

O Brasil, assegurava Dunn, era a terra ideal para os sulistas. De um lirismo de comover. E bradava por que pelo menos três novas companhias de navegação se alistassem o mais tardar até 1867 na grande cruzada do povoamento do Brasil pelos confederados (MOOG, 1957, p.53).

Dos imigrantes que aqui chegaram, muitos se estabeleceram na província de São Paulo. Seguindo os seus líderes, uma parte deslocou-se para o Juquiá, no litoral sul, comandada por Dr. Gaston, o Reverendo Dunn e o senhor Mc Muller. Outros foram para Santa Bárbara do Oeste, liderados pelo Dr. Norris.

Os batistas que compunham o contingente dos que ficaram em Santa Bárbara do Oeste, além da primeira igreja já citada, criaram uma outra, menor, no local chamado “Station”, a estação da nova estrada de ferro, em torno da qual se expandiu a atual cidade de Americana.

Ressalta-se que, apesar da legislação civil brasileira da época ainda conservar algumas dificuldades à presença de protestantes, a situação geral no II Império era favorável ao imigrante estrangeiro, especialmente aos norte-americanos, uma vez que o governo imperial lhes concedeu grandes incentivos, levando em conta que,

exatamente na época em que a sociedade nacional ingressa no ciclo de expansão acelerada, entra em colapso o fornecimento de escravos [...]. No plano técnico o regime escravocrata estava condenado [...]. O regime representava um obstáculo à expansão da racionalidade indispensável à aceleração da produção de lucro (IANNI; IN FENELON, 1974, p.105).

A carta enviada pela Primeira Igreja Batista de Santa Bárbara do Oeste e assinada pelo Ver. Richard Ratcliff, registrado no Almanaque Paulista como fazendeiro e padre e que, na realidade, foi o primeiro pastor da Igreja de Santa Bárbara, resultou aceita pela Junta de Richmond. Além da referida carta, destaca-se neste episódio o relatório do General Hawthorne, que foram determinantes para o envio, ao Brasil, de missionários batistas. No aludido relatório, datado de 1880, o general destaca que

são recebidos de coração aberto os imigrantes industriais de todos os países estrangeiros e especialmente dos EUA [...] é evidente para nós que Deus na sua providência tem preparado de uma maneira muito especial aquela pátria e aquele povo generoso para os exércitos evangelizadores da nossa denominação (CRABTREE, 1962,p.62).

Outro elemento significativo na vinda dos missionários batistas e de outras tradições religiosas foi a intensificação das relações comerciais entre o Brasil e os

Estados Unidos, que compravam 75% do café produzido no país e realizavam investimentos em outros setores, como, por exemplo, a compra de concessão para explorar uma estrada de ferro, por Charles P. Greenough, representante da “Manhattan Blecker Street”, fazendo com que, logo após os anos 1860, ocupassem o segundo lugar na compra de produtos nacionais e marchassem para alcançar a hegemonia nestas relações, durante a Primeira República.

Apesar disso, naquele momento, a Inglaterra ainda era o país que ocupava o primeiro lugar na parceria comercial com o Brasil. Estes dados fortalecem a convicção de que o Império foi um período profundamente marcado pela introdução de tradições culturais anglo-saxônicas no território e na vida de muitos brasileiros.

Em 2 de março de 1881, aportaram no Rio de Janeiro, após 48 dias de viagem, os missionários batistas William Burck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby e seguiram de trem através de São Paulo para Santa Bárbara.

Aproximadamente um ano após, também desembarcam no mesmo porto, em 23 de fevereiro de 1882, depois de 42 dias de viagem marítima, o casal Zachery Clay Taylor e Kate Grawford Taylor, que foram se juntar aos Bagbis.

Os primeiros tempos transcorreram, ocupados com as pregações nas duas igrejas e no aprendizado do português, no Colégio Presbiteriano, na cidade de Campinas. Neste trajeto se encontraram com o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, já devidamente integrado à Igreja Batista e, juntos, rumaram para o Nordeste chegando a Salvador, na Bahia, onde dois meses após as suas estadias, se reuniram em igreja.

A PRIMEIRA IGREJA BATISTA NA BAHIA

Fundada às 10 horas da manhã do dia 15 de outubro de 1882 foi, inicialmente, composta por apenas 5 membros: os dois casais de missionários americanos e o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque. Instalada em Salvador que, à época, era a capital da Província da Bahia, sendo organizada por fiéis vindos de igrejas americanas, incluindo um membro brasileiro e com objetivos missionários.

Tais fatos marcam a distinção entre a Igreja Batista da Bahia e a Primeira Igreja de Santa Bárbara do Oeste, a qual se limitava a atender às necessidades espirituais dos colonos americanos. Por este motivo, a Primeira Igreja Batista da Bahia é considerada marco inicial das atividades missionárias.

Instalada a igreja, os cinco primeiros membros adotaram a confissão de fé como é praticada em geral pelas igrejas batistas missionárias, chamada “The New Hampshire” e pactuaram o que consta da sua ata de fundação:

Adotamos o seguinte pacto: o Sr. Bagby foi eleito por unanimidade de votos – moderador – O Sr. Antônio Teixeira da Albuquerque – idem – secretário. O nome da igreja foi intitulado: 1ª Igreja Batista na Bahia. Por unanimidade de votos, foi designado o 2º domingo de cada mês para Ceia do Senhor, depois da pregação às 11 horas da manhã. – Foi designado que haveria reunião da igreja para oração e negócios da igreja (IN REILY, 1984, p.130).

Por sua participação no processo de atuação dos missionários batistas, como, também, por ter sido o primeiro pastor nativo desta denominação no Brasil, cabe destacar alguns dados sobre o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque que viveu de 1840 a 1887. Nascido em Alagoas e ordenado em 1871 no Ceará, exerceu o sacerdócio em Maceió e em Recife; conheceu a Bíblia no Seminário de Olinda, quando por seu estudo foi levado a “abjurar a igreja de Roma” (REILY, 1984, p.132).

Foi evangelizado por Wandregésilo de Mello Lins, freqüentador dos cultos presbiterianos e congregacionais no Recife. Casou-se com Senhorinha Francisca de Jesus, em cerimônia celebrada pelo Rev. John Rockwell Smith, da Igreja Presbiteriana do Recife, em 7 de setembro de 1878, recebido, juntamente com sua esposa, como membro da Igreja Metodista, pelo Rev. Jonh James Ransom, no Rio de Janeiro, em 9 de março de 1879 e, por fim, alguns meses após, filiou-se à Igreja Batista de Santa Bárbara do Oeste.

O ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, pelos conhecimentos sobre a vida da Igreja Católica Romana, escreveu um panfleto intitulado “Três razões por que deixei a igreja de Roma”, peça obrigatória do proselitismo batista de então.

O panfleto foi largamente distribuído em Maceió, sua cidade natal, durante as campanhas evangelísticas batistas, para onde se deslocou após participar das atividades missionárias na Bahia e onde, juntamente com sua mulher e seu filho, fundaram a Igreja Batista de Maceió, em 17 de maio de 1885, da qual foi pastor até a sua morte a nove de abril de 1887.

A história religiosa da vida de Albuquerque, por si só, já representava um elemento prosélito de efeitos danosos para a Igreja Católica, potencializado e ampliado pelas declarações contidas no panfleto “As três razões”, críticas

direcionadas a algumas práticas de padres e a alguns fundamentos teológicos da Igreja Católica Romana: a missa ou transubstanciação, o celibato obrigatório e a confissão auricular e absolvição, utilizados como instrumento na disputa por clientela, desencadeada pelos batistas sobre os fiéis da Igreja Católica (IN REILY, 1984, p.p.134 -135).

Quando da criação da Primeira Igreja Batista na Bahia, em 1882, o quadro religioso encontrado pelos missionários era o de uma Igreja Católica ainda como religião oficial do governo Imperial e, conseqüentemente, majoritária. O País passava por mudanças visíveis, e a Igreja Católica participava da vida política brasileira, tunicamente, inclusive nas primeiras décadas do século XIX, quando a constituição de 1823 rompeu o monopólio religioso e do Padroado, instituição vigente desde 1827. Tal situação não era do gosto de toda a hierarquia católica:

Contra tal potência do Estado, ao menos implicitamente nas suas bulas, sempre protestou a igreja, declarando nelas o sumo pontífice conferir ao chefe do Estado o direito do padroado. O regalismo, entretanto implantou-se no Brasil [...] a legislação é uma série progressiva de atentados contra a Igreja e seus ministros, bem cedo reduzidos ao papel de empregados públicos. Desde então, viveu a igreja manietada pelo regalismo e gallicanismo, transplantados de Portugal (SILVA, 1998, p.54).

Em 1872, a intromissão do Estado nos assuntos internos da Igreja agravou mais ainda a situação, gerando uma crise nas relações entre o poder eclesiástico e o civil, que ficou conhecida como “Questão Religiosa”. Desta feita, envolvia diretamente a figura do imperador e dois bispos, e se ouviu um “grito de independência da Igreja em face do Estado. D. Vital e D. Macedo Costa deram um ‘nom plus ultra’ ao governo imperial em suas pretensões de transformar a Igreja num ramo da administração pública” (FRAGOSO, 1992, p.190).

Apesar dessa crise, separar a Igreja do Estado somente vai acontecer anos depois com a Proclamação da República e o fim da instituição do padroado. E isso se deu após vários acontecimentos como o ato de libertação dos escravos (onde o Império perde o apoio dos proprietários de terra); no confronto com os bispos, adquire a indiferença da Igreja Católica e, na questão militar, perde a simpatia das Forças Armadas.

Juntando-se a estes fatos, a luta dos Republicanos, da Maçonaria, das igrejas protestantes e de algumas revoltas populares, a exemplo da “Revolta do Vintém”, dentre outros, é que a Proclamação de República acontece, ensejando a Constituição de 1891, a qual registrou em seu Artigo 72º:

A constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e a propriedade nos termos seguintes: § 7º Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência, ou aliança com o Governo da União, ou dos Estados (IN FELIZARDO, 1980, p.41).

Como se pode ver, em relação à Constituição de 1824, no tocante às religiões, a Constituição republicana de 1891 traz apenas como novidade a separação entre a Igreja e os Governos da União e dos Estados, continuando, apesar disso, a Igreja Católica a gozar da condição de Igreja Hegemônica.

Quanto às religiões de índios, africanos e seus descendentes, permanecem não consideradas como tal, portanto sujeitas às proibições e perseguições policiais, fatos que denunciam a construção de uma República de cima para baixo e sem a participação de grande parte da sociedade.

Na verdade, criaram formalmente um país entendido como instrumento necessário para garantir a ideologia e o modo de vida dos colonizadores, mas não formalizaram plenamente uma nação, nem mesmo nos moldes republicanos, uma vez que deixaram de fora o contingente de índios, africanos e seus descendentes, que passam a serem vistos apenas como mão-de-obra barata, ignorantes, atrasados, deixados à própria sorte, quando não perseguidos como bandidos.

Uma outra questão que angustiava a Igreja era o número insuficiente de sacerdotes e a pequena quantidade de paróquias e dioceses, o que implicava o baixo conhecimento doutrinário por parte dos fiéis, levando autoridades da Igreja Católica ao entendimento de que

a principal necessidade das paróquias brasileiras é a doutrinação; mas se o nosso púlpito falla, isto é, se faz panegyricos e sermões de festa, não ensina [...] o ensino catholico se faz sem método e confusamente, pois o clero na sua maioria vivia absorvido por agitadas preocupações, mudanças de posição, riqueza, prazer ou pelas simples exterioridades das festas religiosas (IN SILVA,. 1998, p.54).

Faz-se necessário destacar que a Igreja Católica brasileira vinha, desde meados do século XIX, a partir da Província de São Paulo, implantando um processo de romanização, uma espécie de reforma, objetivando corrigir os considerados erros do catolicismo regalista e iluminista, opondo-se à prática do catolicismo popular. Na verdade, pretendia-se com isso uma maior centralização do poder, envolvendo a estrutura eclesiástica da Igreja Católica no Brasil. “A romanização significava uma centralização do poder religioso na figura do bispo e um reforço da autoridade episcopal sobre o clero regular, secular e associações leigas” (WERNET, 1987, p.182).

Essas mudanças trouxeram da Europa para o Brasil novas ordens religiosas e congregações da Igreja Católica, visando efetivar suas pretensões e promover as transformações julgadas necessárias. Sendo assim, pergunta-se: a situação de abandono em que viviam os fiéis da Igreja Católica teria tido repercussão na aceitação das doutrinas batistas e protestantes? A carência de ações espirituais pela igreja oficial teria levado seus fiéis a buscar outras religiões?

Ao instalar sua igreja na Bahia em 1882, os batistas se depararam com um panorama religioso composto, além da Igreja Católica, por outras tradições como os terreiros de candomblé que já tinham presença marcante em Salvador e em outros lugares do Recôncavo baiano, os quais, apesar da proibição e das perseguições, congregavam africanos, seus descendentes e mestiços. Já se encontravam também ali algumas comunidades protestantes: os anglicanos, presentes desde 1814, e os presbiterianos, a partir de 21 de abril de 1872.

A instalação da Primeira Igreja Batista em Salvador, sob o patrocínio da Junta de Richmond, não se deu por acaso. Ela fazia parte da estratégia para vulgarização da doutrina. É o que revela a correspondência do Ver. Bagby dirigida à Junta de Richmond, na Virginia.

Escolhemos a Bahia por diversas razões: primeiro pela sua grande população [...] Encontramos ali massa do povo ao alcance imediato. Segundo, a região que cerca a cidade é muito povoada. Terceiro, é ligada pelo mar com outros portos importantes, por baías e rios com grandes cidades e vilas por duas linhas de estrada de ferro com muitos lugares no interior. Quarto, teremos também na Bahia um campo quase desocupado enquanto no Rio se acha seis ou oito missionários de outras denominações evangélicas (CRABTREE, 1962, p.p.73-74).

Além dos dados registrados na correspondência do Rev. Bagby, um outro muito importante encontra-se na autobiografia do Rev. Taylor, referindo-se à Bahia por “ter sido a capital civil e agora ser a capital eclesiástica do País”. De tais referências pode-se concluir que as preocupações dos batistas, ao escolherem Salvador como sede da sua Primeira Igreja, se estendiam para além das questões religiosas, envolvendo as econômicas, sociais, geográficas e de comunicação, elementos importantes para o estabelecimento e expansão da denominação batista por todos os lugares do Brasil.

Na tentativa de dar consequência aos seus propósitos, inicialmente os batistas também se dedicaram à causa da educação, como os metodistas e presbiterianos. No que diz respeito à expansão das suas doutrinas para o interior da Bahia, destaca-se no final do século XIX, a fundação do Colégio Taylor Egidio, na cidade de Jaguaquara que, desde os anos 1920, mantinha relações com a Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, chegando mesmo a anunciar os seus períodos de matrícula em jornais na Cidade.

Um outro elemento importante na estratégia de expansão das suas doutrinas, já adotado por outras denominações, foi a distribuição de Bíblias e outros escritos protestantes a despeito do grande analfabetismo reinante. É o que relata o Rev. Taylor num balanço sobre a sua atuação nos três primeiros meses a partir de 1883, dizendo ter vendido 50 Bíblias e Novos Testamentos e organizado pontos de pregação em bairros, na casa de membros da igreja ou pessoas interessadas. Destas ações tiveram como resultado, no final do ano de 1884, 50 novos membros convertidos e batizados.

A Primeira Igreja foi dirigida até junho de 1884, num esquema de revezamento entre os pastores Tylor e Bagby, quando então o Rev. Bagby mudou-se para o Rio de Janeiro, objetivando organizar o trabalho batista naquela Cidade.

A Igreja era mantida financeiramente por ofertas dos seus membros, recursos doados pela Junta de Richmond e contribuições da Igreja Batista do Texas que, em julho de 1883, presenteia a comunidade com um harmônio. Já em 1888, receberam 8:000\$00 (oito contos de reis) dos americanos para a compra do templo. Registra-se que “Em 1916, como resultado de intenso trabalho de divulgação de suas doutrinas, a Primeira Igreja Batista contava na sua membresia 241 membros” (SILVA, 1998, p.58).

Além da ação dos missionários e pastores, contava a Igreja com o trabalho de leigos, que não tinham curso teológico formal, mas eram designados pela congregação para executar atividades de conversão. Na Bahia, o Sr. João Gualberto Batista, funileiro de profissão, convertido em 1883, foi um bom exemplo. “Trabalhou ativamente na capital e em todo o Estado da Bahia, até a sua morte em 1906” (SILVA, 1998, p.59).

Os batistas se destacaram, desde a sua constituição nos EUA, por esse tipo de proselitismo, e esta tem sido uma das razões mais sólidas da sua expansão. Por isso mesmo alcançou o crescimento observado em todo o País e no interior do Estado da Bahia, “contando em 1915, com 41 igrejas organizadas na Bahia, em torno de 2.748 membros” (TEIXEIRA, 1975, p.94).

A presença dos anglicanos no Brasil e na Bahia levou a Igreja Católica a reagir contra a presença de cultos não católicos no início do século XIX, que foi amenizando-se com o passar dos anos.

Porém, com a chegada dos batistas e o início das suas atividades de evangelização, houve um recrudescimento das disputas e vários fatores contribuíram para o desencadeamento de tensões entre as duas tradições, dentre os quais se destaca a hostilidade do conteúdo doutrinário difundido pelos missionários batistas contra o catolicismo. Em carta dirigida aos seus familiares, em 1881, o Ver. Bagby se refere ao catolicismo nos seguintes termos:

seja o que for em outras terras, o catolicismo romano no Brasil é paganismo glorificado. Seus templos e seus rituais, seu clero e suas vestimentas, seu simbolismo, adoração de imagens e amuletos, suas penitências para os vivos e suas orações pelos mortos [...] são todos puro paganismo. O romanismo aqui não tem semelhança com a religião de Jesus, salvo em profissão (HARRISON; IN SILVA, 1998, p.59).

A agressão direta e sem rodeios à Igreja Católica pode ser vista como um método de evangelização que se dava, dentre outras formas, através de panfletos, como um folheto intitulado o “Retrato de Maria Como Ela é no Céu”, cuja distribuição provocou indignação e reação agressiva por parte da Igreja Católica contra os hereges enquanto “inimigos que têm como intuito plantar a discórdia, enfraquecer a união, desviar os fracos e roubar-lhes o mais precioso legado de nossos pais, a nossa Religião” (SANTOS; IN SILVA, 1998, p.60).

Os adeptos que trocavam o catolicismo por outras tradições religiosas eram tratados como

trânsfugas que deixando-se vencer na sua fraqueza, têm se deixado apanhar pelos laços da malícia e predição, não podemos deixar de lamentá-los. A esses infelizes, pois dirigimos nossos rogos para que voltem aos arraiaes, em que a luz do Evangelho iluminou os seus primeiros dias (SANTOS; IN SILVA, 1998, p.60).

Parece, pelos argumentos desta citação, que as autoridades católicas já estavam preocupadas com a incursão dos protestantes, mesmo que no momento o contingente dos convertidos ainda não fosse assim tão numeroso.

Apesar das preocupações externadas, nenhum outro fato agravou tanto as tensões entre católicos e protestantes como os embates sobre a liberdade de culto, desde a tramitação, no senado Imperial, do projeto que desembocou na Constituição de 1824, quando o Arcebispo da Bahia, o Márquez de Monte Pascoal, protestou veementemente contra a liberdade de culto que em sua opinião, “dissolveria entre os brasileiros a unidade de doutrina em matéria de fé” (SANTOS; IN SILVA, 1998, p.60).

Na medida em que os protestantes estendiam seus limites de ação para o interior da Bahia, as lideranças católicas também acirravam o combate ao que chamavam de “as idéias heréticas” por meio da imprensa religiosa. O acirramento dos ânimos terminou por se estender às perseguições ao nível pessoal, realizadas por populares e curiosos que estranhavam as práticas batistas.

Segundo Silva, os livros de atas da Primeira Igreja Batista registram vários incidentes resultando sempre em violência e diz ainda que, em 1884, durante um culto que se fazia em casa de um irmão recém-convertido aconteceu uma inesperada e

súbita perseguição e violência contra o irmão Bagby e o dono da casa, o irmão Pedro de O', pedradas no irmão Pedro e sua senhora e outra no irmão Bagby, na parte superior da testa do lado direito, que o prostrou em terra por uma síncope momentânea, abrindo uma brecha de uma polegada de comprimento, deitando bastante sangue que estancou logo que foi medicado passadas as turbulências dos primeiros anos houve uma espécie

de trégua, mas as relações entre as duas comunidades religiosas, até hoje, movem-se sobre desconfiança e preconceitos (SILVA, 1998, p.61).

Além das disputas por clientela ocorridas entre os batistas e os católicos na Bahia, os primeiros também vivenciaram, no seio da sua igreja, divergências internas que, pela relevância do ocorrido, valem ser pontuadas.

Trata-se de dois momentos distintos, o primeiro motivado por divergências entre o Rev. Taylor e o Rev. Joyce. Este último um missionário de origem inglesa que cindiu a Primeira Igreja Batista do Brasil e se retirou, juntamente com cento e vinte e três membros, para organizar a da Rua Dr. Seabra e que, “após dez anos de atuação separadamente, as duas igrejas voltaram a se reunificar sob a designação de Primeira Igreja Batista da Bahia” (TEIXEIRA, 1975, p. 40).

A segunda divisão se deu por disputa de poder e questões administrativas entre missionários americanos e uma liderança brasileira, em 1910, provocando divisão na Primeira Igreja Batista do Brasil ensejando a organização da Igreja Batista Independente do Garcia e, posteriormente, a Missão Batista Independente, com a finalidade de criar “um trabalho evangélico nacional no qual o elemento indígena seja o único preponderante” (IN SILVA, 1998, p.62).

Alguns fatores contribuíram para gerar tal divisão, tanto de ordem interna como de ordem externa. Merece destaque a coincidência da chegada das missões protestantes com a expansão do capitalismo norte-americano. Tal fato “ocasionou uma dependência eclesiástica bastante acentuada das novas igrejas brasileiras em relação às igrejas-mãe, instaladas em solo norte-americano” (SILVA, 1982, p.135).

A dependência eclesiástica envolvia, além da liturgia voltada para a cultura norte-americana, o autoritarismo dos missionários e, principalmente, o financiamento das atividades das Denominações no Brasil.

As relações entre os fiéis da Igreja Batista e dos missionários eram marcadas por atitudes etnocêntricas, o que contribuiu para o surgimento do cisma que deu origem à Missão Batista Independente. Os americanos referiam-se sempre aos baianos como nativos, despreparados para as ações eclesiásticas.

Havia uma grande disparidade na mentalidade entre os líderes batistas dos EUA e a gama de fiéis baianos, pois “as Missões que chegaram até nós conheciam uma situação estática, vinham de continente onde a vida alcançava certos níveis de

estabilidade e onde predominava a mentalidade urbana” (CEZAR, 1973, p.87). Os batistas baianos eram, na sua maioria, pobres, analfabetos ou semi-alfabetizados.

Há também que se considerar certo nacionalismo que criticava e não aceitava, com naturalidade, a liderança estrangeira na Igreja Batista, sendo esse um fato importante no desencadear do cisma e na origem das igrejas nacionais:

no Brasil, mais do que no Chile, o anti-protestantismo assumiu um aspecto nacionalista [...] Os protestantes diante disso precisavam provar que eram bons cidadãos e uma forma de provar isso seria através da emancipação da tutela das juntas missionárias americanas e a formação de igrejas autônomas (WILLEMS, 1967, p.60).

Na criação da Missão Batista Independente, a tendência nacionalista ficou evidente,

concretiza-se na formação da Igreja do Garcia como uma tentativa de nacionalizar o evangelho – [...] muito mais como um indício de amadurecimento do grupo dissidente que se propõe à formação de um setor batista nacional, brasileiro, sem nenhuma ingerência estrangeira (SILVA, 1982, p.143).

Os membros da Missão Independente não organizaram essas idéias a partir de pressupostos teóricos, mas das suas próprias vivências.

No intento de consolidar as suas posições, em 1916, os Batistas Independentes inauguraram um jornal, intitulado o “Libertador”, no qual publicaram artigos sobre temas referentes à nacionalização do evangelho e à dependência do Brasil para com os países ricos. Por ocasião do segundo aniversário da Missão Independente, o libertador apresenta um artigo no qual o seu autor dizia:

Eu creio sinceramente que uma das causas que bem salienta a necessidade da Missão, é de ser o povo brasileiro, a quem anunciamos o evangelho, enfrentado pelos próprios brasileiros, por causa do bairrismo, muitas vezes ou quase sempre justificado, inato em nós todos, que a doutrina de Jesus é um meio de exploração do estrangeiro, conforme muitas vezes tenho ouvido (IN SILVA, 1998, p.64).

A reação da Convenção Batista e do Comitê da Junta de Richmond foi de considerar “desfraternizados” os membros da Igreja Independente do Garcia e ilegítima a Missão Independente, “o anticristo” a perturbar a obra do Senhor. O secretário da Junta de Richmond, na época, afirmou que “theorias subversivas estavam aparecendo e era preciso ter cuidado com os demais fiéis”.

Ao condenarem o movimento independente, e desqualificá-lo como “anticristo”, os missionários utilizaram um importante arsenal simbólico acionado pelo imaginário protestante, que via um inimigo a ser evitado e um demônio a ser combatido.

Os independentes não fizeram por menos e se viam como mais batistas do que os missionários de Richmond; considerando-se democráticos, não se rendiam a decisões anti-bíblicas. Os dois grupos utilizaram de fundamentos universais batistas durante o confronto, uma verdadeira luta de representações as quais “têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p.17).

Afastados da tutela dos missionários norte-americanos, a Missão Batista Independente firmou-se enquanto setor Batista na Bahia e em várias cidades do Nordeste brasileiro, mantendo-se como grupo independente vinculado à Denominação Batista, paralelamente à Convenção Batista Baiana ligada às lideranças missionárias estrangeiras.

Os batistas de Vitória da Conquista, que se registraram como Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, a partir de 1917, vincularam-se a este movimento por um período, retornando posteriormente a se associar à Convenção Batista Baiana.

De um modo geral, até mesmo no seio dos independentes, os batistas são denominacionias, contrários às relações de aproximação com outras igrejas, seitas ou religiões. Não obedecem a organismos de cooperação ou ecumênicos com outras igrejas.

Quanto à eclesiologia, apresentam igrejas locais inteiramente autônomas, que participam de convenções regionais as quais traçam planos e definem orientações, mas não têm poder para interferir nas igrejas locais. Observa-se que apesar dessa liberdade e autonomia, as igrejas batistas apresentam um grau elevado de semelhança eclesiástica e institucional.

Quanto à teologia, as igrejas batistas brasileiras adotam a dos arminianos-Wesleyana, conversionista e individualista. Admite a atuação do Espírito Santo na vida do crente e tem como objetivo evangelizar e converter pessoas.

Praticam uma ética ascética semelhante à adotada pelos demais protestantes tradicionais. No cenário político, os seus fiéis concorrem geralmente a cargos eletivos, por iniciativa dos indivíduos, sem envolvimento direto da Igreja, uma participação individualista e conservadora

CAPÍTULO IV

UM BOIADEIRO, UMA BÍBLIA, A IGREJA BATISTA EM CONQUISTA

E é só em face dessa crença de que as tendências do homem são para o bem, e que ele é suscetível de ser persuadido desde que lhe seja possível distinguir o bem do mal, que tudo se torna claro, translúcido, óbvio, transparente.

Viana Moog. (1957, p.296)

Distintamente do que ocorreu com as igrejas batistas missionárias em outros lugares do Brasil, em Vitória da Conquista o surgimento dessa igreja vai se dar de modo peculiar. Não foi fundada por ação planejada ou presença de missionários na Cidade, nem mesmo por algum morador que se deslocasse para um outro centro com objetivo de se iniciar na religião e retornar tempos depois para implantar uma igreja. O seu surgimento está envolto em situações que este trabalho tentará esclarecer.

As famílias tidas como tradicionais buscavam monopolizar as relações de poder num processo social que envolvia além de outras, as atividades religiosas. Assim, os núcleos principais das famílias Silva, Gusmão, Figueira, Mendes, Mello, Rocha, Correia, e outras, se filiaram ao protestantismo batista sob a liderança de Tertuliano da Silva Gusmão, que mantinha vínculos com o Cel. Gugé, católico, fazendeiro e líder político carismático durante as duas primeiras décadas do século XX.

Velho Terto como o chamavam familiares e amigos gozava de grande prestígio político e de projeção na sociedade. Foi sincero correligionário do Coronel José Fernandes de Oliveira Gugé. Exerceu o cargo de Juiz de Paz desta Cidade. Sempre ligado à lavoura e à pecuária, junto aos seus irmãos teve por herança a fazenda Santana que abrangia todos os terrenos dos lugares Felícia, Lagoa de Baixo, Santa Rita e Jatobá (VIANA, 1982, p.84).

Provavelmente as boas relações entre Tertuliano da Silva Gusmão e o Cel. Gugé decorriam, dentre outros fatos, deste último ter se casado com a Sra. Ana

Gusmão Cunha, filha do casal Maria Vitória da Silva Gusmão e Belarmino Francisco da Cunha, portanto uma das netas de Tertuliano.

Segundo o Sr. Nelson Gusmão Cunha, um dos prefeitos da Cidade nos anos 1950, foi Tertuliano quem fundou o protestantismo batista em Conquista ao afirmar que

em suas viagens como boiadeiro, teve oportunidade de conhecer na zona de Areias, um jovem Pastor Evangélico, muito perseguido pelos adversários religiosos naquela época em que ainda não havia liberdade de culto religioso e lhe fez exposição de sua situação, pedindo-lhe socorro, no que foi atendido. Em reconhecimento pela acolhida, o jovem lhe ofereceu um exemplar da Bíblia Sagrada (VIANA, 1982, p.84).

O PROCESSO DE EMERGÊNCIA

Os fiéis da Primeira Igreja Batista também atestam que a sua fundação se deu em quatro de fevereiro de 1900. Num documento fornecido pelo atual pastor José Infante Junior, e elaborado pelo Diácono Genro Calista Moreira, está escrito que “A Primeira Igreja Batista desta cidade foi organizada no dia 4 de fevereiro de 1900 pelo conquistense Tertuliano da Silva Gusmão, na Fazenda Felícia, em uma casa de adobe, por ele construída, em frente à sua residência”. Falando sobre as atividades desenvolvidas por Tertuliano, registra:

Tertuliano era fazendeiro e também comerciante de gado, ou boiadeiro, [...]. Formada a boiada, era conduzida por terra até regiões próximas a Salvador, onde o gado era vendido. Numa dessas viagens, [...] ele esteve acampado num lugar chamado Areias, quando lhe apareceu um jovem, [...] que se identificou como pastor evangélico. Ele contou as perseguições e ameaças [...] pelos inimigos do Evangelho. Tendo solicitado pousada em seu rancho, Tertuliano lho concedeu [...]. Em sinal de reconhecimento e gratidão, aquele jovem ofereceu a Tertuliano uma Bíblia, presente valiosíssimo e raro naquela época²⁹ Anexo Q

Areias (hoje Ubaíra) era uma praça de venda das boiadas trazidas da região do São Francisco e de Conquista. “Em 1911, o preço de arroba de boi em pé era de

²⁹ Genor Calixto Moreiria. Alguns dados históricos da 1ª Igreja Batista de Vitória da Conquista Bahia (digitado).

7\$500 em Areias neste Estado, e nesta região, um boi para açougue, com 10 a 12 arrobas era vendido por 60\$00” (VIANA, 1982, p.580). Um negócio que garantia um lucro de 33% (trinta e três por cento) do capital aplicado.

Esta localidade tem uma longa história de relação com a cidade, que se estende desde a segunda metade do século XVIII, quando o Cel. João Gonçalves da Costa abriu a estrada da “Casca”:

Diz o Cons. Tranquilino Torres em sua interessante ‘Memória Sobre o Município da Vitória: ‘Em seguida vai o Cel. João Gonçalves da Costa à Capital dar o resultado de suas conquistas e explorações; de volta abre a estrada da Casca, comarca de Areia e que se prolonga até o Valo, limites deste Estado com Minas, tendo um curso de mais de cem léguas, percorrendo toda esta comarca de Norte a Sul (VIANA, 1983, p.68).

No trajeto da estrada de ferro após Jequié, localizava-se a terceira estação ferroviária, a de Areias, observando-se o sentido Conquista – Salvador. Uma viagem no início do século XX para o Recôncavo baiano percorria-se o seguinte itinerário: a cavalo de Conquista a Jequié, daí em diante de trem até Jaquaquara e desta à estação de Areias, os fatos registrados fizeram, dessa localidade, um ponto de referência importante na história de Vitória da Conquista.

A Bíblia que serviu como ponto de partida para criar a Primeira Igreja, segundo Genísia Sales de Melo, neta de Tertuliano da Silva Gusmão, se encontra com um dos seus primos, o crente Gidalfo Gusmão, ex-membro dessa mesma Igreja e atualmente residente em Belém no Estado do Pará.

No tocante à distribuição e venda de Bíblias, uma das estratégias dos protestantes desde o Império, era enviar vendedores do Livro Sagrado para várias províncias. Na Bahia, um dos mais antigos destes personagens foi o espanhol catalão Thomaz Gallart, que morou em Salvador por 14 anos, casou com uma baiana, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1858, onde se converteu ao protestantismo.

Homem muito viajado, falava vários idiomas, inclusive o português, retorna a Salvador em abril de 1862 e logo começa a vender Bíblias e panfletos.

As atividades de Gallart, entretanto, não se confinaram a São Salvador da Bahia. Posteriormente, também viajou para o interior por Santo Amaro, Cachoeira, Nazaré e outros lugares circunvizinhos, onde, às vezes, era recebido com forte objeção da parte do clero e da polícia (VIEIRA, 1980, p.191).

Das diversas atividades dos missionários norte-americanos, os reverendos Taylor e Bagby, uma foi a venda e distribuição desses materiais. Assim, viajando pelo Recôncavo, no final do século XIX, provavelmente não seria muito difícil se deparar com um vendedor de Bíblias sendo perseguido, como dizem ter acontecido ao personagem que doou a Bíblia a Tertuliano.

O Reverendo Salomão L. Ginsburg, filho de judeus, nascido na cidade de Suwalki na Polônia, consagrado em Londres como ministro interdenominacional por volta de 1882, batizado em novembro de 1891 na Primeira Igreja Batista da Bahia e, em seguida consagrado como ministro batista, em visita a Vitória da Conquista, registrou os seguintes fatos:

Uma Bíblia foi dada ao tabelião da cidade de Conquista, [...]. Ele começou a lê-la, e leu-a para os vizinhos. Um grupo de umas noventa pessoas se reunia em torno dele, [...]. Logo se organizou uma igreja neotestamentária. A única coisa que os perturbava era a questão de quem os batizaria, [...]. Finalmente ouviram a respeito do missionário na Capital do Estado. O tabelião, que se chamava Teófilo de Queiroz, passou um mês em casa do missionário Dr. Z. C. Taylor. Foi instruído, batizado, ordenado e na sua volta para Conquista batizou cerca de noventa crentes e organizou uma igreja, uma organização batista completa. Em 1911 visitei aquela cidade, preguei ali durante duas semanas e houve cerca de sessenta conversões e batismos (GINSBURG, 1970, p.p.234-235).

A informação de Ginsburg contém um equívoco quando fala de Antônio Teófilo de Queiroz, como quem recebeu uma Bíblia de presente, e daí fundou uma igreja. O fato aconteceu com Tertuliano da Silva Gusmão, como já demonstrado.

O documento escrito pelo diácono Moreira também registra as providências para o batismo de Queiroz e coincide, em parte, com as informações de Ginsburg:

Certa vez ouviram de um missionário, Zacarias C. Taylor, que se encontrava em Salvador. Queiroz para lá se dirigiu e lá permaneceu por 30 dias. Ali ele

foi batizado, doutrinado e consagrado pastor. Voltando à Conquista, reuniu os crentes já batizados e organizou a igreja em quatro de fevereiro de 1900, tornando-se seu pastor [...]. Foi ele, pois, o primeiro pastor desta 1ª Igreja.

Os entrevistados Genísia Sales de Melo e Genor Calixto Moreira lembram a visita feita por Ginsburg, fato constantemente comentado pelos fiéis da Igreja por vários anos e assim noticiado na imprensa local:

No dia 28 de Outubro de 1911 chegou nesta Cidade um missionário de nome Revm°. Dr. Salomão L. Gisburg (norte americano), o qual foi recebido pelos crentes com bela festividade abrilhantada pela filarmônica “Aurora”. Nessa época já estava criada a Congregação Batista desta Cidade. O Dr. Salomão fez conferência na Igreja Batista atraindo cerca de 300 pessoas ouvintes e assim aumentou o número de adeptos. (VIANA, 1982, p.575).

Ginsburg informa que quando chegou a Vitória da Conquista, em 1911, encontrou 90 crentes batizados pelo pastor Antônio Teófilo de Queiroz e durante a sua estadia batizou mais 60 fiéis. A Primeira Igreja, portanto, no ano de 1911 contava com cerca de 150 fiéis batizados

O pesquisador e professor universitário francês, diplomado arquivista paleógrafo pela École des Chartes da Sorbone em 1919, Émile Guillaume Léonard, registrou o ano 1900 como sendo a data de fundação da Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista quando, ao traçar um quadro das igrejas protestantes no Brasil, diz:

Os esforços dos pregadores e o zelo dos fiéis já haviam criado, nos primeiros anos deste século, um total considerável de Igrejas protestantes [...]. O quadro seguinte nos dará uma idéia das Igrejas das denominações mais importantes, a presbiteriana e a batista (indicando-se em *itálico* as Igrejas batistas) [...] 1900. Cabo Verde (Minas), Juquiá (SP), Piumhi (Minas). São Francisco do Sul (S. Cat.), São João da Cristina (Minas). – Cambuci (Rio), Campinas (SP), Conquista (Bahia), Boa Nova (hoje Bom Jardim Rio), Paciência (Rio), Rio Preto (Rio), Timbaúba (Pern.) (LÉONARD, 1981, p.p. 90-92).

Tratando ainda sobre o mesmo assunto, encontramos nos arquivos da Primeira Igreja, três cartões de identificação apresentando o Sr. Antônio Teófilo de

Queiroz como pastor, no verso dos quais está escrito à mão, provavelmente pelo próprio pastor, os nomes de três pessoas, um em cada cartão informando as datas de batismo de cada uma e, ao lado dos cartões anotações escritas à mão pelo pastor José Infante Junior, fornecidas por Eny Gusmão explicando os vínculos familiares das pessoas batizadas:

Batisou Manoel Gonçalves de Oliveira em 22 de outubro de 1899 – Avô da irmã Eny Gusmão, batismo em Lagoa de Baixo, ainda congregação -; Batisou Vicente Rodrigues da Silva em 22 de outubro de 1899 – genro do avô de Eny Gusmão -; Batizou Oliva da Silva Gusmão em 22 de outubro de 1899 – avó da irmã Eny Gusmão ³⁰. Anexo M.

Como já foi dito, Queiroz foi o primeiro pastor da Igreja e permaneceu nesta função por aproximadamente duas décadas. Segundo declaração de Eny Gusmão, foi trazido de Stº. Antônio de Jesus, pelo irmão Tertuliano da Silva Gusmão, para evangelizar a família e amigos. O pastor Queiroz, casou-se com a filha de Tertuliano”.

Genísia Sales de Melo revelou que, mesmo antes de 1900, o senhor Antônio Teófilo de Queiroz, casado com Isidória, uma das filhas de Tertuliano, antes mesmo de ser consagrado pastor, começou a batizar por conta própria.

O ritual de batismo era realizado por imersão, em um cocho grande, onde se armazenava água para dar de beber aos animais, existente em uma pequena propriedade de um dos seus parentes, localizada após a antiga Rua da Várzea, hoje Rua Dois de Julho, em uma área onde está construído atualmente o ginásio de esportes Raul Ferraz.

O documento organizado por Moreira também trata do vínculo de Queiroz com uma das filhas de Tertuliano, confirmando as afirmações de Eny Gusmão e Genisia Sales de Melo.

Retornando à Conquista, Tertuliano não perdeu tempo: leu logo o livro com sua família e foi aos poucos atraindo parentes e amigos. [...]. Aprenderam na Bíblia que o batismo significa imersão; todavia, quem estaria autorizado para realizar os batismos? Antônio Teófilo de Queiroz, genro de Tertuliano, homem de alguma cultura, [...], foi escolhido por unanimidade para realizar os batismos. As primeiras pessoas batizadas foram: Nanu, Ana Vitória,

³⁰ Cartões de apresentação do pastor Queiroz da 1ª Igreja Batista de Vitória da Conquista.

esposa de Tertuliano, Isidória, esposa de Queiroz, Melânia, Olívia e Laudicéia.

Genísia Sales de Melo conta ainda que, certa feita, uma fiel católica pediu a Tertuliano que emprestasse a sala da sua casa onde nos primeiros tempos os membros da família se reuniam para ler a Bíblia com o intuito de velar o corpo de um parente morto. O pedido foi aceito.

Quando o cadáver chegou, começaram a arrumar a sala com velas, crucifixos, imagem de santo e outros símbolos. Foram objetados com a afirmação de que o corpo poderia ser velado, mas os símbolos da Igreja Romana teriam que ser retirados.

Tal evento foi pretexto para desentendimentos entre protestantes e católicos a ponto de se armarem para um confronto. Segundo a entrevistada, exigiam os católicos que Antonio Teófilo de Queiroz teria que deixar a Cidade montado em um cavalo a pêlo, o que não aconteceu: Queiroz fugiu pelos fundos da casa e se refugiou na Fazenda Felícia, onde foi construída a primeira capela de orações. Anexo N.

Humberto Flores, católico, afirma que ouviu do seu pai Otávio José dos Santos Silva, relatos dando conta de que Tertuliano da Silva Gusmão, antes de se tornar batista, era católico dos mais dedicados, fabriqueiro³¹, responsável pela guarda dos bens da Igreja, e que, ao mudar de religião, passou a ser muito hostilizado pela comunidade católica.

Por esta razão, num fim de tarde do ano de 1895, os parentes de Tertuliano, os Mendes e os Gusmãos, organizaram na Rua da Várzea, a destruição das imagens de santos e outros símbolos da Igreja Católica. Esses objetos, de propriedade da família, foram quebrados, rasgados e queimados na rua, provocando um grande conflito entre batistas e católicos, fato que ficou conhecido como “A noite de São Bartolomeu”.

Autores conquistenses já citados também produziram trabalhos sobre a história da Cidade e merecem considerações.

A primeira Igreja Batista desta Cidade foi fundada pelo conquistense Tertuliano da Silva Gusmão. A casa de Orações foi por ele levantada na

³¹ **Fabriqueiro.** S. m. O encarregado da fábrica de uma igreja; fabricário. (Novo Dicionário Aurélio, p. 604).

Fazenda Felícia e inaugurada em quatro de Fevereiro de 1900. Logo foi instalada, houve uma série de Conferências pelo Pastor Oswaldo Ronis, do Rio de Janeiro (VIANA, 1982, p.575).

Após alguns anos de funcionamento na Fazenda Felícia resolveram transferir a Igreja para a sede do Município, que passou a funcionar nas dependências de uma casa localizada na antiga Rua da Várzea, vejamos fotos nos anexos S até AA.

Chega o dia vinte e dois de outubro de 1905. Tertuliano realizava o grande e inesquecível sonho seu e de sua filha. Melânia chorava de alegria. Por fim, efetuava-se o primeiro culto batista numa igreja desta religião em Conquista. Ali, estava o pastor Antônio Teófilo de Queiroz. Lá, pai e filha, Tertuliano e Melânia, de mãos dadas elevavam preces de agradecimentos ao meigo Nazareno (ORRICO, 1982, p.195).

Com a instalação da Igreja na Cidade em 1905, reacendem os conflitos ocorridos nos primeiros tempos, e o documento organizado por Moreira registra que um protestante chamado Altímio Teixeira deixou por escrito narrações de lances de perseguições aos batistas, onde diz que “dentro da igreja os crentes eram apedrejados [...] a esposa do pastor foi atingida por uma pedrada [...] resultando no local da pedrada um tumor que lhe causou a morte”.

Assim como também, a entrevistada Genísia Sales Melo, mas ao que parece, em outro momento, diz que “os grupos se armavam com armas de repetição para atacar os crentes na igreja, mas os crentes prostrados em orações, desestimulavam-nos do intento perverso e tomavam outro caminho”.

O escritor Orrico, fala ainda de Eufrosina Oliveira Freitas Trindade, “Fulô do Panela”, já citada no primeiro capítulo desta pesquisa, dizendo que “era Católica fervorosa e criatura de ação, mais tarde iria opor-se, veementemente, à criação da Igreja Batista nesta cidade. [...], assegurou, peremptoriamente, ao pastor dessa igreja que ela não o deixaria fundá-la aqui”. Provavelmente, por tais declarações, Fulô do Panela ficou marcada como quem autorizava pessoas a picharem durante a noite as portas das casas dos batistas com uma cruz em cor preta.

Moreira também registra, ao que tudo, indica este mesmo fato: “Os inimigos formavam grupos que saíam à meia-noite com latas de piche e pincel, fazendo cruzes nas portas das casas dos crentes. Pichavam a cruz maior na porta da casa do pastor”.

Tal ato faz lembrar a ação da Igreja Católica nos tempos da inquisição quando condenava os judeus a vestirem o sambenito, uma capa sobreposta à roupa com uma grande cruz preta nas costas e outra na frente, marcando desse modo, a sua identidade judaica. Portanto, é como se católicos de Conquista tivessem “sambenitado” (NOVINSKY, 1992, p.51) as casas dos batistas.

Continuando o mesmo tipo de relato, diz ainda Moreira que outros grupos saíam à noite pelas ruas da Cidade fazendo batucada em latas, provavelmente com o intuito de provocar e ridicularizar os membros da Igreja Batista, cantando versos como sendo música de um “Cantor Cristão”, com a seguinte letra:

Jesus é meu, Jesus é meu só.
Jesus não é meu nem teu,
Jesus é do Dondó
Quem comprou uma parte do Céu,
Por moedas de ouro em pó.

E esclarece que “Dondó era Ricardo Ferraz de Oliveira, fazendeiro e crente fiel. Afirma, ainda, que o padre recomendava aos seus adeptos a queimarem toda literatura evangélica que recebessem dos protestantes hereges. Assim, foram queimados folhetos e bíblias em abundância”.

Humberto Flores lembra que o pastor Queiroz fez um loteamento no final da Rua da Várzea, onde hoje se localiza a Praça Vitor Brito, que ostenta um monumento à Bíblia, objetivando arrecadar fundos para a construção do templo da Igreja Batista. “Na época comentava-se que os batistas dividiram o céu de Conquista em várias partes, e quem comprou a maior parte foi Dondó”.

Orrico declara ainda: “Finalmente, Fulô do Panela desistiu da luta, graças às exortações do Padre Exupério”. Mas, segundo Genisia Sales de Melo, “os conflitos, só foram amenizados, quando Tertuliano da Silva Gusmão e o Cel. Gugé, fizeram um pacto para por fim ao cisma”.

Parece-nos que tais fatos repercutiram na política local, levando o intendente Maximiliano Fernandes Oliveira, parente e aliado ao Cel. Gugé, a sancionar o Código de Posturas de 1908, já citado, o qual proibia práticas rituais das tradições afro-indígenas e evidencia a utilização de ebós como feitiço, indicando, ainda, que o termo “imundice ou imundas”, foi utilizado com este mesmo significado.

O Código de 1908 foi criado logo após o grande conflito entre católicos e protestantes e, ao que tudo indica, dele participaram, de algum modo, as tradições afro-indígenas através da negra e católica “Fulô do Panela”, que foi parteira e, por sua origem familiar, possivelmente mantinha contato com alguma casa ou líder dessa tradição religiosa, a quem provavelmente recorria nos momentos difíceis, atitude que deve ter inspirado líderes políticos a sancionar o artigo da lei municipal, criminalizando a prática dos rituais afro-indígenas.

Após tal conflito, houve um período de trégua que perdurou enquanto viveram Tertuliano da Silva Gusmão e o Cel. Gugé, no final da segunda década dos anos 1900.

Na primeira década, sob a liderança do pastor Queiroz, “a igreja cresceu e começou a criar congregações fora da cidade em Quaraçu, Jussara, Perequito e outros lugares”. Todos esses lugares faziam parte do Município de Conquista.

O diácono Moreira afirma que “na luta contra o inimigo, os fiéis da igreja contavam com armas espirituais poderosas. Além de Tertuliano estava na luta Firmino da Silva Gusmão, José Matias, Bocagem da Silva Gusmão e Joaquim Viana de Castro”. Quanto à relação dos nomes citados, parece existir um equívoco, pois esclarece Eny Gusmão que “o seu avô materno, Firmino da Silva Gusmão, não participou da organização da Primeira Igreja Batista, uma vez que faleceu no início do ano 1892”.

Além dos fatos relatados, localizamos, com Genisia Sales de Melo, cópia de uma certidão dos Estatutos da Igreja lavrados no livro de “Registro de Sociedade Civis” da Comarca de Salvador com o nome de “Primeira Igreja Evangélica denominada Batista”, que se encontra no anexo O.

Encontramos também, quando da pesquisa de campo para o Mestrado em 1997, no Cartório de Títulos e Documentos da Comarca de Conquista, o registro de número 4, no Livro 3/1917 às páginas um e dois datados de 11 de março de 1917, com o nome de “Igreja Evangélica Batista Independente”.

Este registro confirma a filiação da Primeira Igreja ao movimento independente de inspiração nacionalista que, em 1910, dividiu a Primeira Igreja Batista do Brasil, organizando em Salvador a Igreja Independente do Garcia e, posteriormente, a Missão Batista Independente, “com o objetivo de criar um trabalho

evangélico nacional no qual o elemento indígena, seja o único preponderante” (SILVA, 1998, p.62).

Nos anos 1920 se iniciou a construção do seu terceiro templo na antiga Praça Dois de Julho, hoje Caixeiro Viajante, onde está localizada a atual sede da Primeira Igreja. Em mais um ato de perseguição, desta feita por parte de uma autoridade da Igreja Católica, o próprio “Vigário da Freguesia tentou embargar os trabalhos da construção, conforme se tem notícias através de uma publicação feita pelo Cel. Virgílio Mendes Ferraz e Américo Almeida” ³².

O embargo do vigário não prosperou, uma vez que a inauguração do templo teve lugar a 24 de outubro de 1928. Vide fotos nos anexos BB até GG.

Depois de 11 anos de trabalho, de constantes esforços por parte da agremiação Batista desse município foi inaugurado na Praça 2 de Julho a 16 do corrente um grande templo Batista. As festas inaugurais foram animadíssimas, notando-se a presença de mais de 400 pessoas de todas as posições locais. Um prédio construído à moderna, elegante e bem fortificado é o novo Templo Protestante que muito vem concorrer para o embelezamento da Cidade e maior difusão da crença evangélica em nosso meio. Presidida a sessão pelo Ministro Firmino Silva, usaram da palavra os senhores J. A. Tumblin, missionário batista, Felinto Alves, M.G.White, Manoel Augusto de Melo e outras pessoas ³³.

De tudo quanto foi relatado, pode-se dizer que o surgimento da Primeira Igreja Batista deu-se, de modo peculiar, em uma data dos anos 1890 que não foi possível precisar. Foi organizada de cima pra baixo, por iniciativa de um líder de família tradicional, descendente de judeus e católico.

Além dos rituais próprios dessa tradição religiosa, a Primeira Igreja Batista desenvolveu, ainda, atividade educativa confessional permanente através da “Escola Dominical”. Adota a Bíblia como instrumento pedagógico e os seus professores são escolhidos anualmente pela Igreja dentre os seus membros.

Preocupados com a alfabetização e formação escolar, cientes da deficiência do ensino, fundaram o Colégio Marcelino Mendes em 1921, primeira instituição de ensino confessional a funcionar na Cidade, que aceitava alunos de qualquer credo e cuja criação foi assim noticiada na imprensa local:

³² Jornal “A Notícia”, edição de 28 de agosto de 1921.

³³ Edição do jornal conquistense A Semana de 24 de outubro de 1928.

A presente instituição com habilitado corpo docente, propõe-se eficaz e escrupulosamente, cooperar na educação da nossa promissora mocidade; para o que oferece um curso de cinco anos, três dos quais serão empregados no ensino primário e dois no intermediário. Não há exceção quanto a aceitação de alunos. Corpo docente: Pastor Abílio Pereira Gomes, Diretor. Dr. Adalberto da Silva Portelada, D. Inês C. Gomes, D. Percília Gusmão Sales e Prof. Francisco Antônio de Vasconcelos (Musico) ³⁴. Anexos EE, FF.

Em 1923 o intendente era Justino da Silva Gusmão, filho de Tertuliano que professava fé batista. O jornal “A Semana” era dirigido pelo Cel. Deraldo Mendes Ferraz, que seria o segundo batista a governar o Município. No mesmo exemplar, além da notícia sobre o “Colégio Marcelino Mendes” traz matérias sobre os “Festejos à Virgem Imaculada, A Iluminação da Cidade” e outra, que achamos por bem transcrever, intitulada “Tela dos sonhos ao Satanaz”:

Oh! Satanaz impudico e pedante
 Que a rir, nervosamente andas do Pai Eterno,
 Pelo Olympto, no mando, e pelo teu Inferno
 Maltrapilho e cobarde, imprevidente e errante.
 Tu não és, Asmodeu, matreiro e tão superno,
 Como nos diz o mundo em medo fulminante,
 Mas és um pobre clow, um clow demais farsante,
 Estúpido e papalvo. Eu não sei como o averno.
 Queres que se conserve! Há quantos Sec' los quantos,
 Trabalhas, Belzebut, p'ra derribar os santos.
 Para lançar por terra o nosso Pai Bendito?!
 Tu és um moleirão coberto de mazelas ...
 Um arlequim bestial cantador de rodela,
 Que sondas allucinado as portas do Inferno! Garcia Junior. ³⁵

Durante o período de emergência, a Primeira Igreja foi dirigida pelos pastores Antônio Teófilo de Queiroz, sucedido por Antônio Marques da Silva, José Felix, Casemiro Gomes de Oliveira e Abílio Gomes de Oliveira, que permaneceu à frente dos trabalhos pastorais até o ano 1934.

³⁴ Jornal A Semana, edição de 10 de agosto de 1923, p. 3.

³⁵ Jornal A Semana, edição de 10 de agosto de 1923.

O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO

A Primeira Igreja inicia essa nova fase num momento conturbado da política brasileira, com repercussões em Conquista onde aconteceram fortes mudanças. Com a Revolução de 1930, foi deposto o intendente Otávio José dos Santos Silva, que professava fé católica e, em seu lugar, assume o comando da política local o Cel. Deraldo Mendes Ferraz, o segundo batista a governar o Município.

A Igreja tinha como líder espiritual, à época, um membro de família tradicional, o pastor Abílio Gomes de Oliveira, responsável pela chegada a esta Cidade do Sr. João Norberto da Silva. Anexo HH.

João Norberto da Silva era natural de Limoeiro, Pernambuco. Nascido a oito de dezembro de 1897, veio a Conquista pela primeira vez e nesta Cidade cursava o 3º ano primário quando foi convidado pelo pastor M. G. White para estudar no Colégio Tylor Egídio em Jaguaquara no ano 1922.

Concluído o curso ginasial naquela instituição de ensino, retorna a Conquista assumindo as funções de evangelista da Igreja e professor dos filhos de Ricardo Ferraz (Dondó). Casou-se com Antônia Cavalcante Silva e deste enlace nasceram Jetro, Jesiel, Jesimiel, Abigail, Alvinéia, João Norberto Filho, Azanias e Jedaías, passando assim a integrar a tradicional família batista.

Desejoso de continuar os estudos, ingressou no “Seminário Batista Teológico do Norte do Brasil” na cidade de Recife em 1927. Diplomado pastor, foi convidado a dirigir a Igreja Batista do Zumbi em Recife e daí é chamado a pastorear a Primeira Igreja Batista de Conquista. O pastor Silva assume a Igreja e também a direção do Colégio Marcelino Mendes em 1934. Anexos II, JJ, LL, MM, NN, OO, PP.

Durante seu pastorado, Silva coordenou ações que resultaram na criação de algumas igrejas, congregações e escolas nesse Município e municípios vizinhos, até seis de janeiro de 1952, quando, “pediu exoneração do pastorado desta Igreja, por ter aceitado dirigir a Igreja Batista de Campina Grande – Paraíba”³⁶.

A Primeira Igreja foi sempre mantida por contribuições financeiras e campanhas desenvolvidas, exclusivamente, junto aos seus fiéis, com os quais adquiria recursos para desenvolver as atividades de doações, ajudar irmãos carentes em dificuldades, pagar salários ao pastor, aos evangelistas, zeladores,

³⁶ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata nº. 195, p.p.132-134.

professores, missionários e demais prestadores de serviços, para despesas de manutenção, reforma e equipagem do templo, sedes das congregações e escolas.

Além disso, remunerar convidados a ministrar palestras, contribuições anuais às Convenções Batista Baiana e Brasileira e ajudar entidades filantrópicas, bem como a igrejas de mesma fé e ordem quando solicitada, para cobrir toda e qualquer despesa decorrente das suas atividades.

Desses recursos eram feitas prestações de contas mensais, através de relatório da responsabilidade do tesoureiro, apresentado às chamadas “reuniões de negócios”, que aprovavam e decidiam onde os recursos deveriam ser gastos.

Além disso, para deliberar sobre toda e qualquer questão, elegiam uma comissão composta por irmãos de fé escolhidos de acordo com a capacidade da liderança e conhecimento do assunto em apreciação, que elaborava um parecer levado à reunião de negócios, onde era votado e os resultados consignados em ata.

A Igreja era gerida pelo pastor e por uma “Mesa Administrativa” eleita para o mandato de um ano. Elegiam também para o mesmo mandato os “Oficiais e professores da Escola Dominical”³⁷.

Os membros das comissões constituídas para tratar de qualquer assunto do interesse da comunidade religiosa eram escolhidos, em sua maioria, dentre os membros das famílias tradicionais que eram fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais e outros que gozavam de prestígio na sociedade local, participavam na administração e faziam doações extras para custear os negócios da Igreja.

O ingresso do fiel na sociedade religiosa se dava através da profissão de fé e do batismo por imersão, a partir dos 13 anos de idade, ou em idade menor que esta, quando filho de pais pertencentes ao rol de membros da Igreja, devidamente autorizado por estes, e freqüentadores da “Escola Dominical” desde tenra idade. Notamos que pelos nomes são descendentes da tradicional família batista conquistense e encontramos registro de batizados de indivíduos aos oito anos de idade.

O candidato à profissão de fé era inquirido pelo pastor ou por uma comissão designada para este fim e, logo após, submetido à votação pela assembléia que decidia sobre a sua aceitação, marcando a data do batismo.

³⁷ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 44, p.p. 29-30.

Apresentaram-se para da profissão de fé os irmãos: Lídia Malta com 15 anos de idade, solteira, residente nesta cidade, Dalva Mendes Ferraz com 17 anos de idade, solteira, residente nesta cidade, Agripino Novais Dias com 16 anos, solteiro residente nesta cidade; sendo interrogados segundo o método da igreja foram aceitos para o batismo, por unanimidade de votos

³⁸.

Uma outra modalidade de ingresso ocorria através de “carta demissória” emitida por uma outra igreja batista da mesma fé e ordem. Nesse caso, o fiel procurava a Igreja manifestando interesse em se tornar um dos seus membros e solicitava a essa requerer a sua carta da instituição religiosa na qual foi batizado ou que se encontrava freqüentando no momento do pedido de sua transferência.

Podia também solicitar reingresso o fiel que foi eliminado por iniciativa da Igreja, ou a pedido. Nesses casos, solicitava-se a reconciliação através de um outro irmão, por carta ou pessoalmente, manifestando arrependimento da falta cometida e o interesse em tocar a vida, daí por diante, nos moldes cristãos. “Apresentou-se para pedir a sua reconciliação, a irmã D. Geni Lopes, a qual foi acolhida”³⁹.

O fiel podia deixar de ser membro da Igreja quando solicitava carta para ingressar em outra da mesma fé e ordem. Neste caso, dirigia-se a esta pessoalmente, através de carta ou, ainda, por meio de ofício enviado pela Igreja à qual desejava se congregar.

Outra forma de afastamento era a eliminação do rol de membros, o que se dava a pedido do fiel e por decisão da Igreja quando este deixava de cumprir suas obrigações cristãs como: não freqüentava a Igreja, deixava de contribuir com as finanças, mudava de religião, casava ou se batizava na Igreja Católica.

Também recebiam sanção negativa freqüentar o candomblé e organizar bailes, brincar o carnaval e festa de São João, participar de outras atividades consideradas profanas, por exemplo, fumar, beber e praticar o adultério. Enfim, deixar de observar os mandamentos cristãos e os estatutos da Igreja.

Para a eliminação de um membro, organiza-se uma comissão composta por fiéis que aprecia o caso e emite um relatório a ser discutido e votado em reunião.

Foi lida uma carta da irmã Eurídice Nunes Gusmão na qual pedia a sua eliminação [...]; o que sendo a seu pedido, a Igreja o fez passando por

³⁸ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta n°. 15, 29/10/1938, p.p.11-12.

³⁹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 111, 30/06/1945, p.p. 66-67.

unanimidade de votos. [...]. Foi ainda eliminada a irmã Anizia Feliciano dos Santos, pois sendo apresentado por alguns irmãos casos verídicos de faltas na sua vida cristã, foi proposto e apoiado a sua eliminação, por voto unânime⁴⁰.

Assim, eliminaram durante o pastorado de João Norberto da Silva, 1937 até 1952, muitos fiéis. As datas a partir de 1937 foram utilizadas porque anteriormente a ela inexistem outras atas no arquivo da Primeira Igreja. E apenas até 1952, porque foi nesse ano que pediu a sua transferência para dirigir outra igreja. A eliminação dos vários fiéis se deu por diversos motivos registrados no anexo HHH - quadro 5.

Observamos que as exclusões se deram por comportamentos sociais e religiosos considerados indesejados pela Igreja, que exige dos fiéis uma conduta fundada numa ética ascética (WEBER, 1996, p.p.106-109), atitudes muitas vezes não sancionadas negativamente por outros segmentos sociais.

Notamos também que foram expulsos no período 41 fiéis, sendo 20 do sexo masculino e 21 do feminino. Do total, nove fiéis foram excluídos por transgredir o sétimo mandamento. De acordo com informações colhidas junto a alguns membros da Igreja, a transgressão ao 7º mandamento corresponde ao adultério, segunda maior causa de expulsão de irmãos da Igreja no período, ou seja, 21.95%.

O primeiro lugar coube ao item “exclusão a pedido sem motivo declarado”, com 24.39%; em terceiro lugar vem “irregularidade na vida cristã”, igual a 17.07%; em quarto lugar a “ausência e falta de cooperação”, com 9.75%; em quinto “Desviado dos preceitos: chegando a se batizar na Igreja Católica”, com 7.39% e, em último lugar, os outros 13 motivos, envolvendo um fiel para cada caso igual a 2,43% dos 41 expulsos.

Buscando mais informações para melhor esclarecimento quanto ao conteúdo do 7º mandamento, fomos consultar “O segundo Livro de Moisés, chamado Êxodo” que, no Capítulo 20, traz uma série de versículos dentre os quais se encontram o de número 14: “Não adulterarás” e o 17: “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo”.

Na gestão do pastor Silva elaborou-se um plano de evangelização e expansão das atividades da Igreja na região. Assim, foi providenciada uma infra-

⁴⁰ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata nº. 115. 01/12/1945, p.p. 69-70.

estrutura que permitisse alcançar os municípios vizinhos de Vitória da Conquista, criando congregações e escolas de alfabetização, adquirindo serviços de alto-falante, organizando programa de rádio, comprando ou tomando de animais de empréstimo aos irmãos para deslocamento do evangelista, fazendo campanhas para compra de carro, compra e doação de lotes para construir templos, dentre outras providências.

A criação da II Igreja Batista

A primeira congregação criada na sede deste Município foi a que deu origem à Segunda Igreja Batista. O processo de sua fundação teve início logo após “o convite da Primeira Igreja ao seminarista Valdomiro de Oliveira para passar as férias aqui” ⁴¹.

Em seguida, os membros da referida congregação enviaram uma carta convidando a Primeira Igreja para cooperar, durante os dias de conferências proferidas pelo seminarista Valdomiro de Oliveira, além de solicitar o empréstimo de alguns bancos, no que foram atendidos em 1º de janeiro de 1939. No dia 28 do mesmo mês e ano, a Primeira Igreja recebe o convite para a reunião de organização da II Igreja.

Foi lida uma carta da Congregação fazendo um especial convite a Igreja para abrilhantar a reunião por ocasião da organização da 2ª I. B. nesta Cidade no dia 12 do p. mez Fevereiro, solicitando a presença do Pastor João Norberto como um dos membros do Concílio. Foi proposto e apoiado que a Igreja ofereça ao irmão Valdomiro Oliveira a quantia de 100\$000 ⁴².

Por fim, a II Igreja Batista “foi inaugurada no dia 22 de outubro de 1939, sob a direção do Pastor Valdomiro de Oliveira”, e registrada no Cartório de Títulos e Documentos, em 28 de setembro de 1941 (OLIVEIRA, 2001, p.64). Anexo RR.

A fundação da II Igreja, no entanto, apesar do apoio da Primeira e da sua criação caracterizar o processo de expansão da doutrina batista na Cidade, parece não ter se dado de modo tão tranqüilo, pois, ao verificar documentos daquela época, notamos que algumas inquietações se verificaram.

⁴¹ Livro de Ata da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta nº 14, de 29/09/1938, p. 11.

⁴² Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta nº. 19 de 28/01/1939, p. 15.

Primeiro, o convite ao seminarista Valdomiro de Oliveira, apesar da motivação religiosa, envolvia também o fato de ter sido colega de alguns batistas conquistenses vinculados à Primeira Igreja no Seminário Batista do Norte, dentre os quais se encontrava Almerinda Figueira, filha de “Virgílio Manoel Figueira com Maria Gusmão Figueira, de quem se enamorou, e com a qual veio a se casar em 14 de junho de 1940” (OLIVEIRA, 2001, p.p.31-71).

Segundo, a resistência oferecida pela Primeira Igreja quando foram solicitadas as cartas demissórias dos primeiros irmãos para criar a Congregação, membros de famílias tradicionais batistas, nos seguintes termos:

Em continuação foi lida uma carta da Segunda Igreja Batista desta cidade solicitando as demissórias dos irmãos que haviam pedido na sessão anterior: Virgílio Manoel Figueira, Oswaldo Moreira, Almerindo Silva Costa, Carmosina Moreira, Victória; e Bemvinda Silva Gigante, Olívia e Tertuliano da Silva Gusmão. Depois de bem discutida foi proposto e apoiado que a Igreja conceda as referidas demissórias excepto a do irmão Tertuliano da Silva Gusmão. Entrando em votação passou por unanimidade ⁴³

Desta relação não foi liberado o irmão Tertuliano da Silva Gusmão, que tem o mesmo nome do fundador da Primeira Igreja, o que provavelmente desfalcava uma e fortalecia a outra, parecendo existir alguma disputa por prestígio entre lideranças religiosas, no sentido de manter ou atrair para sua igreja indivíduos que gozavam de prestígios na sociedade local.

E, por fim, a relação dos primeiros membros que seguiram o pastor Oliveira, na sua empreitada para a criação desse centro de pregações, membros de famílias tradicionais, descendentes de Tertuliano da Silva Gusmão e de outras famílias a ele vinculadas. Isso numa época em que morava na Cidade uma população de apenas 7.682 habitantes⁴⁴, conforme o referido pastor:

quero deixar transcrito neste livro de memórias o nome dos 22 primeiros membros fundadores da II Igreja Batista de Vitória da Conquista; [...]. Virgílio Manoel Figueira, Maria Gusmão Figueira, Almerinda Figueira Andrade, Almerinda Gusmão Figueira, Acelino Pires de Andrade, Noeme Figueira Andrade, Jair Gusmão Figueira, Eurídice Gusmão Figueira, Laura Gusmão

⁴³ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta nº 21. 25/03/1939, p.17.

⁴⁴ Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), Censo Demográfico – 1940.

Figueira, Rosália Gusmão, Avelino Rodrigues de Souza, Sátiro Bernades, Maurina Araújo Matos, Francisco Assis Santos, Avelina Assis Santos, Osvaldo Moreira de Araújo, Sidália Assis Santos, Noeme Assis Santos, Neemias Assis Santos, Raquel Assis Santos, Estefânio Assis Santos e Leonel Rocha. (OLIVEIRA, 2001, p.p. 62-63).

Estes dados mostram que se transferiu da Primeira Igreja parte dos fiéis que davam sustentação à vida evangélica, o que não causou prejuízos à causa batista, mas provavelmente criou dificuldades nas atividades de ambas as igrejas uma vez que foram divididos os meios para a execução do mesmo fim e em uma cidade pequena com poucos recursos financeiros, a julgar pelos relatórios deficitários apresentados em atas da Primeira Igreja. “Foi também apresentado o relatório do tesoureiro que se achava com um saldo devedor para Dezembro de 309\$000 foi aceito sem emendas” ⁴⁵. Vejamos, ainda, os dados de meses anteriores e posteriores à criação da II Igreja. Anexo III - quadro 6.

Ao observarmos os dados, notamos que apresenta um resultado deficitário em onze meses e, em apenas dois, apurou resultado financeiro positivo, o que justifica, em parte, a resistência da Primeira Igreja na liberação dos irmãos. No caso do congregado Tertuliano da Silva Gusmão, uma preocupação de natureza simbólica pelo fato deste ser parente e ostentar o mesmo nome do fundador da Primeira Igreja Batista.

A próxima congregação e escola de alfabetização criada na sede do Município, a 30 de junho de 1946, foi a da Rua das Pedrinhas, área urbana periférica habitada por pessoas pobres, na maioria negros e analfabetos. Isso se deu a partir de quando foi “transferida a congregação do Alecrim para as Pedrinhas por sugestão do Pastor” ⁴⁶.

Nesta parte da Cidade se localizavam os terreiros de Pai Antônio de Borocô e Mãe Vitória de Petú. Tal iniciativa marcou a decisão da Igreja em atingir uma outra clientela os pobres e adeptos dos terreiros de candomblé, que passam a fazer parte das preocupações evangelizadoras dos batistas, mesmo que de modo velado assim:

Foi proposto e apoiado que a Igreja adquira uma posse nas Pedrinhas para construção de um salão para alfabetização das crianças daquele arrabalde e reunião evangelística aos domingos. Para isso ficou designada a seguinte

⁴⁵ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta n°. 1, p. 1.

⁴⁶ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Acta n° 126, p.p.76-77.

comissão: Francisco Assis, Januário Andrade, Antônio Vicente de Andrade, Flavio Figueira e Macário Figueira ⁴⁷.

A professora da escola de alfabetização de Pedrinhas recebia um salário mensal pago pela Igreja nos seguintes termos: “A irmã Eurídiés Pereira, professora da Escola das Pedrinhas, pediu a Igreja um aumento de cr\$ 50,00 para o seu ordenado. Foi proposto e apoiado [...] o pedido da irmã, ficando o seu ordenado para cr\$ 200,00” ⁴⁸.

Além destas unidades evangelizadoras, nos anos 1940 funcionavam na zona rural e municípios vizinhos outras congregações e escolas mantidas pela Primeira Igreja: a da estrada de Campinhos, da comunidade de Goiabeira, Juanópolis, Poções, Nova Canaã, Itambé, Anagé e outras. A criação e manutenção dessas comunidades se constituíram na principal estratégia de consolidação da doutrina batista na Região.

A criação de escolas de alfabetização como instrumento de evangelização, justifica-se pelo fato da Igreja se organizar em torno da Bíblia e, conseqüentemente, necessitar de fiéis alfabetizados. Não obstante tal fato, iniciou-se o processo de privatização do Colégio Marcelino Mendes que funcionava desde os anos 1920. É o que ficou evidente em ata aprovada a oito de janeiro de 1946:

Foi apresentada a proposta do ir. Nicodemos Assis que diz: “A fim de organizar uma instituição de cunho batista e de caráter particular, proponho: Comprar os móveis e equipamentos existentes no Educandário M. Mendes e alugar o prédio do mesmo”. Tudo por preço e condições a combinar ⁴⁹.

Após a proposta de privatização do Colégio, a Igreja criou uma comissão para estudar o assunto, composta da Mesa Executiva, além do irmão Januário de Andrade. Algum tempo depois, frustrada a proposição deste primeiro negócio, os seus membros votaram em dois de dezembro de 1951 e decidiram passar o prédio a Persiria Sales Barreto para o funcionamento de uma escola particular, por um ano, ficando esta irmã responsável apenas pela limpeza e manutenção do imóvel.

⁴⁷ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 129, p. 79.

⁴⁸ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 183, p. 123.

⁴⁹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 119, p.p. 72-73.

O pastorado de João Norberto da Silva encerrou-se quando foi apresentado pelo mesmo, na sessão regular de seis de janeiro de 1952, o seu pedido de exoneração, registrado em ata como a seguir:

Após dirigir algumas palavras à Igreja, o pastor pediu exoneração [...], por ter aceito o pastorado da Igreja B. de Campina Grande – Paraíba. Passando a liderança ao Pastor Hostilio de Carvalho, este pediu que o pastor João Norberto se retirasse por alguns minutos para tratar de um assunto reservado à Igreja. Retirando-se o pastor, a Comissão de finanças declarou haver deliberado, [...] comprar uma lembrança a ser ofertada ao pastor João Norberto – um relógio-pulceira, no valor de cr\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzeiros). A Igreja aprovou a deliberação [...], passou por unanimidade de votos ⁵⁰.

O afastamento definitivo do pastor João Norberto da Silva vai se dar somente na sessão seguinte, ocorrida em 13 de janeiro de 1952 empossa o seu substituto temporário M. G. Write, que assume o pastorado acumulando-o com o da Igreja Batista de Jaguaquara. Nesta mesma sessão, aproveitou a oportunidade para apresentar um balanço das suas atividades ao longo dos 18 anos e, pela importância dos dados apresentados, transcrevemos parte do que foi registrado na ata:

[...]. Encontrei a Igreja com 187 membros. Organizamos a Igreja de Ribeirão do Salto, a Igreja de Poções; e a 2ª segunda Igreja aqui na cidade; demos carta demissória a quase metade dos crentes para organizarem as Igrejas de Itambé e São Paulinho. Entrego a ao meu substituto interino com 271 membros. Este ano batisei 10 crentes e mais 2 deram profissão de fé e aguardam batismo. Fora da sede há 4 congregações: Goiabeira, Anagé, José Gonçalves e Lagoa Formosa. Na sede: Pedrinhas, campinhos e Alto Maron. Há 4 Escola Dominical funcionando: A da sede, Goiabeira, Anagé e Pedrinhas; o Trabalho de evangelização não foi feito melhor, a falta de transporte; isso já estávamos providenciando para este ano; mesmo assim, se fez melhor do que qualquer outro ano. A E. Dominical, está assim organizada: Departamento de jovens e adultos, Juniores e intermediários, principiantes e primários; há também o Departamento do lar, e o Rol do Berço, recentemente organizado. A União de Treinamento, marcha em franco progresso; está assim organizada: União de Adultos; União de

⁵⁰ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955, Ata n° 195, p.p. 132-134.

Mocidade, União de Intermediários, União de Juniores e Principiantes e Primários. Há também as sociedades: Juvenil, moços e senhoras; esta tem sido um braço forte para o desenvolvimento numérico e espiritual da igreja. Propriedades da Igreja: Há 2 casas na Rua Góis Calmon, a nº 1, alugada a \$ 250,00; completa mês, no dia 31; a nº 3, alugada \$ 350,00; completa mês no dia 23, e uma posse no fundo do templo, alugada a \$120,00; completa mês no dia 30; duas posses no Bairro Jurema, foram compradas a prestação por \$ 2.400,00; só pagamos \$ 1.000,00; faltando ainda \$ 1.400,00, que deverão ser pagos em 7 prestações (Explicação) (escritura a Preta). Há ainda o prédio onde funciona o Educandário Marcelino Mendes, no valor de 80 a 100 mil cruzeiros que servirão para a construção do Novo Santuário e mais de cem na C. Predial em Recife, pro fundo de construção, [...]. Há também uma casinha na Rua das Pedrinhas, onde funciona uma escola mantida pela igreja, para as crianças pobres. [...]. Nosso plano era colocar uma escola em cada ponto ou Bairro pobre da cidade e nos domingos E. Dominical. A igreja votou na sua penúltima sessão, a compra de um harmônio no valor de 18 a 20 mil cruzeiros. = Até aqui nos ajudou o Senhor. Fil 1:3 – 11.13 – 1 – 51. = Com palavras de agradecimento e despedida, o Pastor J. Norberto deu posse ao Pastor interino M. G. Write, indo, em seguida, a Igreja levada em oração a Deus por intermédio do irmão Dr. Esaú Matos ⁵¹.

Empossado na condição de interino, M. G. Write cuidou logo de propor uma comissão para, junto com ele, escolherem um pastor definitivo, composta dos seguintes fiéis: Dr. Hostilho Carvalho, Dr. Esaú Matos, Francisco de Assis Santos, Macário Figueira, Virginia Andrade, José Cândido e Maria Sales de Melo.

O pastor Write ainda declarou que “não iria perceber quais quer gratificação pelos seus serviços, mas quanto às despesas de viagem até esta cidade aguardava uma palavra da Igreja a respeito”. A Igreja aprovou custear as suas viagens de ida e volta de Jaguaquara a Conquista.

O pastor Write permaneceu no posto de 13/01 a 03/11/1952, período no qual a Igreja manteve as atividades de rotina. Quanto à entrada e saída de fiéis limitou-se a expedir e solicitar cartas demissórias, a eliminação de um fiel por contrariar o 7º mandamento. Não realizou novos batizados nem criou congregações e escolas.

No tocante às finanças, logo na primeira sessão ordinária advertiu sobre a fraqueza das contribuições que apresentou entrada de cr\$ 8.543,90 (oito mil

⁵¹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata nº 196, p.p.134-136.

quinhentos e quarenta e três cruzeiros e noventa centavos), tomados por empréstimo ao Dr. Esaú Matos e, pela tesouraria, a quantia de cr\$ 4.498,10 (quatro mil quatrocentos e noventa e oito cruzeiros e dez centavos), perfazendo um total de cr\$11.472,00 (onze mil quatrocentos e setenta e dois cruzeiros), para uma saída de igual valor. Mostrou à comunidade que era preciso aumentar as contribuições.

A partir de então, todos os relatórios financeiros apresentaram saldo positivo mês a mês, a exemplo do último, que anotou uma entrada de cr\$ 20.062,10 (vinte mil sessenta e dois cruzeiros e dez centavos), com saldo positivo de cr\$7.382,20 (sete mil trezentos e oitenta e dois cruzeiros e vinte centavos).

Com os recursos arrecadados na vigência deste pastorado, foram mantidas ajudas a irmãos carentes, pessoas doentes e vitimadas pela seca, e a entidades filantrópicas, como a Santa Casa de Misericórdia e o Leprosário Colônia Santa Isabel - Mario Campos – Minas Gerais, assim como as demais despesas da Igreja.

Em substituição ao pastor interino foi empossado, em 03/11/1952, Saturnino José Pereira proveniente da Igreja Batista de Feira de Santana na Bahia, nas seguintes bases financeiras: “[...]: a) pagar ao pastor cr\$4.000,00 por mês de salário. b) pagar sua aposentadoria na Junta Beneficente Batista cr\$600,00 mensais. c) fornecer uma residência ao Pastor, por conta da Igreja [...]. 4) Que sejam as despesas de mudanças p/c da Igreja”⁵². Na sessão seguinte, decidiu-se ainda conceder ao pastor mais uma gratificação de cr\$1.000,00 (um mil cruzeiros), para fazer face às despesas de viagem.

A posse do pastor Saturnino José Pereira constou de uma sessão solene à qual se fizeram presentes membros de outras igrejas, inclusive os Pastores José Jacinto, Dr. Carlos Dubois, Pacífico Monteiro da Costa, José Sales da Costa, Hostílio de Carvalho e M. G. Write. Durante a sessão se desenvolveu a seguinte programação:

O pastor interino M. G. Write declarou empossado o Pastor Saturnino, (dirigindo-se aos presentes). Falou o Pastor Saturnino dirigindo-se aos presentes em geral; após citar Atos 20:24, dirigiu-se à Igreja exaltando o seu trabalho, desde a sua fundação e agradecendo à mesma por lhe haver escolhido para o seu pastorado. Em seguida ouviu-se um dueto pelo Pastor Pacífico Monteiro e a Irmã Deolinda Pereira. Fez o sermão oficial o Pastor José Sales da Costa, baseado em Hebreus 13:7, após o que o cântico da

⁵² Livro de Ata da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata nº 205, p.p. 144-145.

Igreja cantou o câro “A graça do Senhor”. [...]. Falou o Dr. Carlos Dubois, parabenizando a Igreja e o Pastor e apresentando palavras de pesar pelo passado do irmão José Gusmão, [...]. Pela Igreja Batista de Mares e a Junta Geral da C. B. Bahiana, saudou a Igreja o Pastor M. G. Write. A Igreja B. de Poções se fez representar por uma caravana, falando em seu nome o irmão Alcides Fernandes. Também as Igrejas de Itapetinga e Itambé se fizeram representar por caravanas, falando os respectivos representantes. Falou o irmão Aurino Figueira pela 2ª I.B. de V. da Conquista. Ainda usaram da palavra o pastor José Jacinto em nome da I. B. de Nova Canaan e associação B. Suleste Bahiana e o Pastor Pacífico Monteiro pelas I. B. de Maiquinique e Novo Acordo. Algumas das organizações desta Igreja (1ª de Conquista) se fizeram representar: Pela Sociedade Juvenil, saudou o Pastor a menina Lícia Figueira; a Mocidade se fez representar com uma poesia declamada pela irmã Deolina Pereira. A Sociedade Auxiliadora de Senhoras apresentou um quarteto e uma poesia declamada pela irmã Lourinha Vieira. Representaram a União de Adultos os irmãos Otaviano J. da Silva, com um solo e o irmão Francisco Assis Santos com uma saudação. Encerrando os trabalhos, o Pastor agradeceu as saudações. Com uma “benção apostólica” dirigida pelo Pastor Carlos Dubois, foi encerrada a sessão ⁵³.

Apesar da sua posse em novembro de 1952, o pastor Pereira somente iniciou os trabalhos em quatro de janeiro de 1953. Nessa sessão, apresentaram-se para dar profissão de fé oito candidatos aceitos ao batismo:

Cleonice Araújo de Souza, branca, solteira, brasileira, 17 anos, sabendo ler e escrever, residente à Trvessa Justino Gusmão; Maria da Penha Peixoto Bezerra, branca, solteira, 18 anos, sabe ler e escrever, residente à Rua Lisboa, nº 17; Tarcila Peixoto Bezerra, 16 anos, branca, solteira, sabe ler e escrever, residente à Rua Lisboa, nº 17; Angelina Mendes Correia, 14 anos, branca, solteira, sabe ler e escrever, residente à Praça Sá Barreto s/n; Maria Luiza Mendes Correia, 15 anos, branca, solteira sabe ler e escrever, residente a Praça Sá Barreto s/n; Lícia Marlene Sales Figueira, branca, 12 anos, solteira, sabe ler e escrever, residente à Rua Dois de Julho, nº 5; Newton Sales Figueira, 14 anos, branco, solteiro, sabe ler e escrever, residente à Rua Dois de Julho, nº 5; Manoel dos Santos, pardo 25 anos, cego, solteiro, não sabe ler nem escrever, residente à Rua do Curral, s/n. Sendo todos integrados, de per si, sobre a certeza da salvação, deveres cristãos, cooperação com os trabalhos evangélicos, significação do batismo,

⁵³ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata nº 207, p.p.146-147.

regeneração do crente etc. e tendo todos respondido satisfatoriamente foram aceitos por unanimidade ⁵⁴.

Chamamos atenção para o registro em ata, pela primeira vez, nos dados de qualificação do candidato à profissão de fé, o uso do critério cor da pele, assim como, pela primeira vez, aparece um deficiente visual relacionado no rol de candidatos ao batismo. Foram solicitados vários pedidos de demissórias de outras para a Primeira Igreja e instalada uma comissão para investigar a vida de uma fiel.

Durante o pastorado de João Norberto da Silva, os dados de qualificação dos candidatos registrados em atas eram: nome, idade, estado civil, residência e grau de instrução. A partir da posse do pastor Pereira, foi acrescida a cor da pele, dado esse que teve curta duração, sendo retirado a partir da ata de 08 de novembro de 1953. Assim, foram registrados 17 candidatos, 11 com a cor da pele branca, 3 com a parda e 3 morenas. Em substituição incluíram os dados: filiação e endereço completo.

No que diz respeito às finanças, o primeiro relatório da gestão do pastor Pereira apresentou a seguinte receita: cr\$ 45.753,90 (quarenta e cinco mil setecentos e cinquenta e três cruzeiros e noventa centavos), recursos para cobrir despesas no valor de cr\$ 24.173,70 (vinte e quatro mil cento e setenta e três cruzeiros e setenta centavos), restando um saldo para o mês de fevereiro de cr\$ 21.580,20 (vinte e um mil quinhentos e oitenta cruzeiros e vinte centavos).

Por se tratar da primeira reunião de 1953 e do início de novo pastorado foram eleitos os ocupantes dos cargos, assim constituídos: Mesa Administrativa: Presidente – Esaú Matos (reeleito); Vice-presidente, Virginia Andrade (reeleita); Secretário de registro, Enedina Gonçalves de Carvalho (reeleita); Sec. Correspondente, Hostílio de Carvalho (reeleito); Sec. – Arquivista, Macário Figueira (reeleito); procurador, Antônio Vicente Andrade (reeleito); Tesoureiro, Orlinda Gonçalves (reeleita); Zelador, Selcino Santos (reeleito). Foram também preenchidos todos os demais cargos, inclusive os professores da Escola Dominical.

Nessa sessão, deliberou-se enviar mensageiros ao congresso da “Convenção Batista Brasileira”, a realizar nos dias 23 a 28 de janeiro de 1953, na Primeira Igreja Batista de Salvador. Para participar do conclave escolheram o pastor Pereira, Hostílio de Carvalho e Galdino J. da Silva, sendo facultado aos demais assistir ao evento.

⁵⁴ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n° 209, p.p. 148-149.

Foi atendido o pedido do Sr. Macário Figueira, proprietário de farmácia, o auxílio de cr\$ 385,00 (trezentos e oitenta e cinco cruzeiros) para despachar receita médica a uma indigente tuberculosa.

Na sessão extraordinária de 18 de janeiro de 1953, decidiu-se aceitar oferta do Sr. Candido Sales, “a oferta de uma casa no valor de \$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) para reuniões evangélicas naquela localidade. Foi proposto e apoiado que a Igreja aceite a dádiva [...], devendo o Séc. Correspondente comunicar-lhe a resolução”.

Desse modo, iniciaram os trabalhos para a criação de mais uma congregação. O lugar chamado Nova Conquista, passou, mais tarde, à condição de cidade, recebendo o nome de Candido Sales, sendo a última à margem da BR -116 na fronteira entre Bahia e Minas Gerais.

Em três de maio de 1953, aprovaram a reorganização do trabalho evangélico, designando-se os irmãos Argemiro J. da Silva, visitador e relator da Congregação de Anagé; Otacílio J. da Silva para a Congregação de Nova Conquista; Genor Calixto, Congregação de Campinhos e Macário Figueira para a de Goiabeira. Todos estes núcleos de evangelização faziam parte do Município de Vitória da Conquista.

No intuito de alcançar maior eficiência nos trabalhos de evangelização, decidiu-se comprar uma camioneta. Para tanto, organizou-se uma campanha visando angariar fundos, sem prejuízo da campanha de construção do novo templo, e foi criada uma comissão composta por “Virginia Andrade, Hostílio Carvalho, Francisco Assis, Dr. Esaú Matos, Macário Figueira e J. Pedro”⁵⁵.

Na primeira sessão de 1954, dentre outros assuntos, foi convidado o missionário E. Keidema, de Feira de Santana, a fazer o sermão oficial no aniversário da Igreja, sendo também chamado o pastor Jesimiel Norberto da Igreja de Nova Canaã a participar das referidas festividades. Nesta data, houve eleição da diretoria da Igreja.

Na mesma data foi consignada a decisão de adquirir, pela Sociedade de Senhoras, seis vestimentas apropriadas ao batismo e em razão do clima frio durante o inverno decidiu-se comprar um aquecedor de água.

Em quatro de abril de 1954, deliberou-se hospedar a Convenção Batista Bahiana, além de entrar em entendimento com a 2ª Igreja para, juntas, verificarem a possibilidade da retransmissão do programa “Escola Bíblica do Ar”, através da rádio

⁵⁵ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata nº 217, p. 154.

Clube de Conquista. O processo ficou concluído com a Primeira Igreja assumindo despesas no montante de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) mensais.

Durante os pastorados de M. G. Write e Saturnino J. Pereira, a Igreja atendeu pedidos para irmãos tratarem da saúde, recuperar casas danificadas, ajudar entidades filantrópicas, como se pode constatar no seguinte trecho: “mandar novo auxílio ao pastor Mateus Eleutério, a importância de \$2.000,00 ao pastor J. Guimarães, em novembro, e \$2.000,00 ao pastor Eleutério, em Dezembro”. Para fazer face às despesas, vide síntese dos relatórios financeiros nos anexos JJJ, LLL - quadros 7-8.

Os dados destes foram coletados nas atas que vão de 02/12/1951 a 05/12/1954 e transcritos do modo como aparecem registrados. Os das atas 193 até a 209 referem-se ao pastorado de M. G. Write, daí em diante ao do pastor Pereira. Os lugares assinalados com um tracinho indicam que não existem aqueles dados na ata correspondente. Os números da coluna SAÍDAS, excetuando-se os das atas nº 196, 219 e 220 foram copiados dos documentos respectivos. Os demais valores não foram encontrados, por esse motivo deduzimos do item ENTRADAS os dados do item SAÍDAS e os resultados foram marcados na coluna SALDO.

Durante as gestões dos pastores citados, foram eliminados vários fiéis por diversos motivos, registrados em atas e expressos no anexo MMM - quadro 9.

O item “Abandonar a congregação, voltando à doutrina sabatista” foi retirado, permanecendo “Por batismo e casamento na Igreja Católica Romana e Pelo vício do álcool”, não sendo registrado casos de exclusão pelo 7º mandamento. Os demais itens dizem respeito a questões cujo comportamento não aparece de modo claro e evidente; podemos supor a existência de cuidados no registro do motivo de maneira a preservar a pessoa do fiel excluído.

Durante a gestão do pastor Pereira houve 49 batizados, sendo 32 pessoas do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Quanto ao número de cartas demissórias da Primeira Igreja Batista para outras igrejas, somaram 12 pedidos e, ao contrário, de outras igrejas para a Primeira, ocorreram 33.

Esse pastorado foi concluído na sessão regular do dia sete de novembro de 1954, após a efetivação do convite ao pastor José Rego do Nascimento para substituir o pastor Pereira nas mesmas bases financeiras. Em reconhecimento aos serviços prestados, resolveu-se gratificar o pastor demissionário com cr\$10.000,00

(dez mil cruzeiros), além do pagamento completo do salário referente ao mês de novembro.

O pastorado de José Rego do Nascimento teve início a dois de janeiro de 1955, data na qual apresentou um relatório financeiro com entrada de Cr\$ 99.357,20 (noventa e nove mil trezentos e cinqüenta e sete cruzeiros e vinte centavos) e saldo de Cr\$ 45.300,00 (quarenta e cinco mil e trezentos cruzeiros). Realizou despesas no valor de Cr\$ 54.075,00 (cinqüenta e quatro mil setenta e cinco cruzeiros). Destinou a oferta de Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros) a Santa Casa de Misericórdia e igual valor à Sociedade de Senhoras para cobrir as despesas com Natal para os pobres.

Na mesma sessão, elegeu-se a diretoria para o ano 1955; a Comissão de Finanças, Comissão Missionária, as diretorias das demais organizações e foram conduzidos através do voto os dirigentes das Congregações: de Goiabeira, Macário Figueira; Anagé, Argemiro J. da Silva; Campinhos, Genor Calixto; e Nova Conquista, Otavino J. da Silva.

Para a campanha de construção do novo templo, o pastor Nascimento fez as seguintes proposições: Que toda quantia apurada na Campanha Pró-Templo seja empregada na compra de bezerros;

- 1- Os bezerros ficarão em nome da Igreja, marcados com ferro próprio, colocados em fazendas da confiança da Igreja;
- 2- Que seja criada uma comissão para superintender a aquisição e preservação dos animais;
- 3- Que essa comissão seja composta dos seguintes irmãos: Sinval Figueira – procurador; Esaú Matos - tesoureiro; Dr. Hostilio Carvalho – relator; Antonino Andrade e Gidalfo Figueira;
- 4- O procurador é o assistente técnico e coordenador das compras e localização dos animais, mas não deve tomar qualquer medida sem o parecer da comissão;
- 5- Haverá um livro “Conta Corrente” para o registro das ofertas em dinheiro e um livro comum para o registro do movimento de entrada e saída dos bezerros. Na entrada deve constar os seguintes dados: data - nome do ofertante ou a designação “compra” – quantidade – preço – localização;
- 6- A comissão se reunirá sempre que for preciso ouvir parecer do procurador ou por convocação da Igreja;
- 7- A comissão prestará relatório, mensalmente, na Sessão Regular da Igreja;

- 8- O relatório da comissão antes de ser levado à Igreja, deve receber o “Visto” do pastor, e depois de aprovado em sessão, será afixado no quadro da Igreja, para a plena informação a todos os seus membros da marca da campanha;
- 9- A comissão é autônoma nas suas funções de aplicação dos fundos na compra de bezerros, mas não pode efetuar qualquer venda sem autorização expressa da Igreja em sessão regular, ou extraordinária;
- 10-A comissão fará os gastos necessários à preservação dos animais, que serão levados, sob comprovantes, ao débito da Tesouraria da Igreja;
- 11-Os livros acima referidos devem ser cuidados com todo o zelo, pois, após o término do templo, serão encadernados e incorporados, com outros objetos significativos, à “Sala Memorial”.

Observamos que tal Sala Memorial ainda não foi instalada. Quanto ao teor das demais ações propostas, tudo indica que facilitavam as contribuições dos membros da Igreja uma vez que boa parte dos seus fiéis eram fazendeiros e em muitos casos usavam o boi “como moeda de troca” nos negócios.

A gestão do pastor Nascimento foi marcada por preocupações quanto ao planejamento, sistematização, organização e registros das ações, evidenciando o orçamento financeiro e os demais atos apresentados na sessão de janeiro de 1955:

Orçamento para o ano eclesiástico de 1955, [...]:

Base: Cr\$16.500,00

Títulos:

Remuneração e salários: a) Pastor... 7.000,00

b) Zeladoria - 1.000,00

c) Aposentadoria pr. da 750,00

Igreja

d) Professora das Pedrinhas 800,00

e) Aluguel da casa pastoral 2.500,00 12.050,00

Cooperação Denominacional:

a) 15% dos dízimos e ofertas [...] para as convenções 2.250,00

Imóvel:

a) Imposto Predial b) Conservação dos Prédios c) luz 560,00 560,00

Beneficência:

a) Pobres da Igreja	500,00	500,00
Literatura e Publicações:		
a) Revistas em geral e outros fins	600,00	600,00
Organizações Internas:		
a) Escola Dominical	100,00	
b) União de Mocidade	100,00	
c) União de Adultos	100,00	
d) União Intermediária	80,00	
e) Sociedade de Moços	80,00	
f) Sociedade Juvenil	80,00	540,00
Total		16.500,00

Saldo – 80% para a Campanha do templo; 20% para Despesas Ordinárias e Eventuais.

Adendo ao orçamento financeiro para o ano eclesiástico de 1955:

1) O título “Despesas Ordinárias e Eventuais” atenderá aos seguintes fins a) Despesas Ordinárias – elementos para a ceia, flores, material de expediente, correspondências, taxa de telegrama e matéria de limpeza; b) Despesas Eventuais – festas denominacionais e da Igreja, séries de conferências evangélicas (no mínimo duas vezes ao ano), despesas de viagem e qualquer outra de emergência votada pela Igreja. 2) Dias Especiais da Denominação – Missões Estrangeiras – 2º domingo de março. Dia das Mães (orfanato) – 2º domingo de maio. Dia do Pastor – 3º domingo de maio. Missões Nacionais – 2º domingo de setembro. Missões Estaduais – 31 de dezembro. Dia de Educação Ministerial - 3º domingo de novembro. Dia da Bíblia – 2º domingo de dezembro. Obs. – Os dias especiais acima serão observados com ofertas especiais.

3) Encerrado o ano eclesiástico, a Comissão de Finanças se reunirá para apurar os saldos porventura existentes nas diversas contas, os quais serão apresentados à Igreja, na sessão regular seguinte, a fim de ser deliberada a sua aplicação [...].

Sugestões à Comissão de Finanças [...]:

1) Incorporar a contribuição ao culto público, de sorte que os dízimos e ofertas alçadas sejam depositados diretamente pelo contribuinte na arca da Casa do Senhor.

- 2) Essa “hora de cultuarmos a Deus com os bens de nossa mordomia” será dominicalmente, antes do culto doutrinário.
- 3) O segundo domingo de cada mês será dedicado às crianças, que assim serão exercitadas na fidelidade ao Senhor.
- 4) Além dos dízimos, recomendar aos irmãos entregarem, também, uma oferta alçada que será dedicada à campanha do Templo.
- 5) Mandar confeccionar um quadro, com a relação nominal dos membros da Igreja seguida dos meses do ano, onde será afixada a contribuição mensal de cada um. Não somente suprirá o trabalho e tempo tomado na leitura nominal, [...], como servirá de aferidor da fidelidade de cada um, para com sua Igreja e o Reino de Deus. [...].

Parecer à Comissão Missionária:

- 1) Que a campanha seja liderada pela União de Mocidade, com a cooperação de toda a Igreja.
- 2) A União de Mocidade elegerá uma comissão responsável pela coordenação e execução do trabalho evangélico.
- 3) Promoverá estudos de livros evangélicos. Ex. – “Pescadores de Almas”, etc.
- 4) Promoverá reuniões de oração visando à salvação de almas e a santificação da Igreja.
- 5) Dará ênfase a uma campanha no seio da Igreja, visando: a) Cada membro da Igreja – um evangelista pessoal; b) Toda a Igreja responsável pela evangelização; c) cada um trazendo um visitante para os cultos aos domingos, à noite.
- 6) Assistir os visitantes com literatura evangélica e os decididos tomando os dados precisos para um trabalho posterior (seria interessante a confecção de cartões de decisão, com esses dados).
- 7) Promover um ALISTAMENTO de pessoas decididas, interessadas e congregadas, para um trabalho pessoal de evangelização.
- 8) Comissão de recepção aos visitantes: Macário Figueira e Ademar Brito.

Trabalho na Cidade:

- 1) A cidade será dividida em setores para facilitar um trabalho evangelístico de maior envergadura;

- 2) Periodicamente, a Igreja se dividirá em grupos, conforme os setores, e numa tarde fará a cobertura evangelística da cidade pregando, distribuindo literatura, convidando;
- 3) Promover concentrações nas praças e lugares estratégicos, com a participação de toda a Igreja, com um programa de: a) Hinos especiais pelo Coro da Igreja; b) Conferência Evangélica; c) Distribuição de literatura e convite para o culto na Igreja;
- 4) Estudar a criação de um programa semanal, dominical, pelo rádio local, com retransmissão por um serviço de alto-falantes da cidade, se possível;
- 5) Assistir moral e espiritualmente os detentos;
- 6) Promover duas séries de conferências evangélicas, no ano.

Trabalho fora da Sede:

- 1) Planejar um programa de trabalho para as congregações periódicas nas mesmas;
- 2) Estudar a abertura de novos trabalhos. [...].

A Escola Dominical funcionará com a seguinte Diretoria: Superintendente, Genisia Sales de Melo; Vice-superintendente, Nívea Figueira; 1º Secretário, Argemiro Silva; 2º Secretário, Otavino Santos; e com os professores e auxiliares escolhidos para atuarem nas diversas classes da referida Escola.

Para viabilizar e agilizar os trabalhos planejados decidiu-se comprar “um jeep no valor de \$ 190.000,00 faltando para isso a importância de \$ 13.700,00. Foi proposto e apoiado que a Igreja retirasse do saldo deste mês a importância necessária para completar a compra e demais despesas do jeep”⁵⁶.

Quanto à venda do prédio do Colégio Marcelino Mendes, após o trabalho da última comissão eleita pra tratar do assunto, ficou decidido (em sessão extraordinária a 14 de fevereiro de 1955), negociar o imóvel nas seguintes bases:

[...], falou o irmão Dr. Esaú Matos, declarando que a irmã Perciria propôs dar 40 bezerros no valor de 2.000,00 cada e a importância de 40.000,00 em dinheiro. A irmã Perciria também propôs fornecer pasto aos referidos bezerros, em sociedade. Por unanimidade de votos a Igreja resolveu vender o prédio em apreço, nos termos da proposta, ficando a C. de Construção encarregada de receber os bezerros [...]⁵⁷.

⁵⁶ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 242, p.p. 185-186.

⁵⁷ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1937/1955. Ata n°. 143, p. 187.

Passados alguns anos, a Senhora Perciria resolveu devolver o referido prédio à Igreja pelo valor de Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros). Logo em seguida, no dia 13 de abril de 1958, por sugestão do pastor, “a Igreja cedeu, por unanimidade a irmã Adalgisa Araújo, uma das salas do prédio Marcelino Mendes, com a finalidade de ser ali aberta uma escola” ⁵⁸.

Durante o pastorado de Nascimento, as finanças apresentaram mês a mês resultados positivos, permitindo que a Igreja executasse as atividades planejadas, exceto no último relatório da comissão de finanças, no qual segundo o “informativo da Tesouraria Geral, com um movimento de cr\$ 84.372,00 não houve saldo. Relatório informativo da Campanha do Templo total cr\$ 1.963.663,60, não houve despesas” ⁵⁹.

Além do saldo demonstrado pela Campanha de Construção do Novo Templo, em moeda nacional, foi na gestão do pastor Nascimento que se realizou o primeiro negócio envolvendo o uso de bezeros como moeda. Anexo NNN – Quadro 10.

A partir de 05/02/1956, até o fim da gestão do pastor Nascimento em maio de 1958, não mais aparece registrado em ata a compra de novos bezeros, não obstante durante os anos 1950, a criação de bovinos, eqüinos e muares, ainda eram as principais atividades econômicas do Município.

Na segunda metade de 1955, algumas decisões importantes foram tomadas pela Primeira Igreja. Dentre elas a criação do corpo de diáconos, a compra de um terreno no bairro popular denominado Departamento e outro no Peri-Peri, com o objetivo de construir, nesses lugares, santuários para a instalação de novas congregações ⁶⁰.

Na última sessão do pastorado, elegeu-se a diretoria para o ano eclesiástico de 1956, na qual aparecem novas funções para as atividades religiosas, além de continuar a prática de ocuparem os cargos com membros das famílias tradicionais batistas.

Foram eleitos os membros para dirigir a Escola Dominical, e criados: a função de “Organista”, o Departamento de Creanças. A Sociedade Auxiliadora de Senhoras criou a função de “Procuradora de Missões Nacionais” e a de “Organista”. A União

⁵⁸ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 13/04/1958, p. 51.

⁵⁹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 02/05/1958, p. 52.

⁶⁰ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1957. Ata de 09/09/1955, p.p. 195-196.

de Treinamento: a União Geral, a União de Adultos, a União de Mocidade, a União Intermediária.

A Igreja manifesta, pela primeira vez, para o ano eclesiástico 1957, preocupação com atividades missionárias no Brasil e em outros países ao registrar que, “também foi proposto, apoiado e aceito que da oferta a ser levantada na noite de Vigília sejam retirados Cr\$ 20.000,00 para Missões Estrangeiras” ⁶¹.

Quanto, à evangelização na Cidade, foi detectada a necessidade de criar, no lugar conhecido como Departamento, no outro lado da Cidade, após a BR – 116, a conhecida Rio Bahia, no atual bairro Brasil, uma nova congregação e, para esse fim,

o Pastor expôs à igreja a necessidade urgente de um serviço de evangelização no Departamento organizado e sugeriu convidar o Irmão Edson Ribeiro, para auxiliar no trabalho da Igreja [...] com a quantia de Cr\$ 3.000,00 mensais, [...]. Também foi aceito por unanimidade [...] a construção de um salão de culto no terreno que a Igreja possui no Departamento ⁶².

Aproximando-se o término da construção do salão supracitado, o pastor propôs fazer um ambulatório para assistir a população, ou seja, um “anexo ao salão de cultos que está sendo construído ali, foi proposto [...] autorize o Pastor a tomar as providências [...], sendo a proposta aceita por unanimidade de votos” ⁶³.

Em quatro de outubro de 1957, chega o momento da inauguração do referido santuário da Congregação, prevista para o dia seis deste mês. Por unanimidade foi eleito zelador, daquele prédio, o senhor Cirilo Torres, um dos fiéis da Igreja.

Na sessão de oito de dezembro do mesmo ano, foram eleitos novos membros e preenchidos os cargos das instituições internas da Igreja para o mandato eclesiástico do ano seguinte.

Na primeira sessão de 1958, decidiu-se criar uma comissão de construção do novo templo, que ficou assim constituída: Administrador, Otavino José da Silva; Tesoureiro, Genor Calixto Moreira; Tesoureiro Auxiliar, Misael Sena e Silva e os demais diáconos e membros da Comissão de Finanças. “[...] e que a Igreja dê ao irmão Otavino Silva um salários mensal de Cr\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros), quando for efetivamente iniciado o trabalho da construção”. Na sessão ordinária a

⁶¹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 30/12/1956, p. 24.

⁶² Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 03/05/1957, p. 31.

⁶³ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 14/07/1957, p. 36.

onze de fevereiro do ano em curso, o fiel Otavino Silva foi eleito ecônomo, zelador dos bens da Igreja.

Ao findar o pastorado de José Rego Nascimento, a oito de maio de 1958, apuramos terem sido realizadas 156 profissões de fé e batizados, sendo 106 indivíduos do sexo feminino e 50 do masculino; 49 fiéis pediram suas cartas demissórias para outras igrejas batistas, sendo 29 mulheres e 19 homens 120 ingressaram na Primeira Igreja, provenientes de outras, 76 mulheres e 44 homens.

Foram excluídos do rol de membros 25, sendo 13 mulheres e 12 homens. Pediram reconciliação 3 fiéis, 2 mulheres e 1 homem. As exclusões de membros, ao contrário do que vinha acontecendo, foram registradas de modo genérico, quase sempre, “por estar procedendo irregularmente, moral e espiritualmente”.

José Rego Nascimento foi substituído pelo pastor Gerson Correia da Rocha. Na ocasião não houve sessão solene de despedida, nem de posse do novo pastor, simplesmente em sessão extraordinária,

foi propôs e aceito por unanimidade que seja pago ao Pastor José Rego o salário integral do mês de maio e seja dado um presente de Cr\$ 10.000,00 em dinheiro. Também foi proposto e apoiado que o Pastor Gerson passe a perceber o seu salário, a partir do dia 1º de maio corrente, sendo a proposta aceita por unanimidade ⁶⁴.

O pastorado de Gerson Correia da Rocha teve início a partir de quando dirigiu a sua primeira sessão frente à Igreja, ocorrida em dezoito de maio de 1958, durante a qual foram tratados, dentre outros, os seguintes assuntos:

1.Construção do novo templo – Sugestões: autorizar a Comissão de Finanças a nomear uma subcomissão com poderes para agir e resolver casos de urgência, de conformidade com as necessidades, dentro do setor da construção do templo, devendo a mesma apresentar relatório à Igreja reunida em sessão, Chamada Comissão de Construção; 2.Estudar a possibilidade da compra de um caminhão para melhor andamento da construção; 3.Nomear o pastor Gerson Correia da Rocha para o cargo de Presidente da Mesa Administrativa ⁶⁵.

⁶⁴ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 08/05/1958, p. 53.

⁶⁵ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 18/05/1958, p. 54.

Na sessão realizada a seis de junho de 1958, foram lidas as cartas demissórias expedidas pela Igreja Batista de Volta Redonda – Rio de Janeiro, do pastor Gerson Correia da Rocha e de sua esposa Eunice Lopes Rocha.

Na mesma reunião, foram expedidas as demissórias do pastor José Rego Nascimento, de sua esposa Joselina Oliveira Nascimento e da sua filha Lilia Oliveira Nascimento para a Igreja Batista Lagoinha de Belo Horizonte – MG.

Nos primeiros anos do seu pastorado, Rocha, sem negligenciar as demais atividades, conduziu a Igreja a priorizar a construção do novo templo. Foi apresentado o movimento da conta de construção, que se encontrava com um saldo de cr\$ 1.996.051,80 (um milhão novecentos e noventa e seis mil cinqüenta e um cruzeiros e oitenta centavos), e a planta do templo, arquitetada pelo Dr. Jurandir Gomes Alves da Cunha. Abandonou-se a comissão de construção do novo templo constituída no pastorado anterior e elegeu-se uma nova comissão que ficou assim constituída:

Gerson Rocha – Relator; Os diáconos – Francisco de Assis Santos, Otavino Silva, Dr. Esaú Matos, Macário Figueira, Genor Calixto, Gidalfo Sales Figueira e os Irmãos: Flávio Figueira, Emídio Sabino, Sinfrônio Matos, Antônio Andrade, Tertuliano Gusmão, Maria Sales Melo e Dilma Figueira, foram escolhidos 1º e 2º secretários: Flávio Figueira e Emidio Sabina ⁶⁶.

Além da planta do templo, a Igreja recebeu do missionário Lingesfelt a oferta de entrar em entendimento com o Departamento de Arquitetura da Junta de Escolas Dominicais dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, para ser ali preparado o anteprojeto de fachada do novo templo que foi aceito e, deste modo, arquitetada.

A Primeira Igreja, provavelmente inspirada no movimento nacionalista que criou a Igreja Independente do Garcia, jamais recebeu contribuições financeiras de qualquer instituição. Priorizou a evangelização de indígenas, mestiços, africanos e judeus.

Elegeu o pastor Rocha seu Coordenador de Evangelização e organizou uma Comissão de Visitas para o apoio espiritual dos iniciados, composta dos seguintes membros: pastor Gerson Rocha, Macário Figueira, Antonino J. da Silva, Genor Calixto, Maria Sales, Francisca Viana Andrade e Carmem Viana, bem como designou-se para efetuar a compra de um caminhão o irmão Gidalfo Sales Figueira.

⁶⁶ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 06/06/1958, p. 56.

Para execução dos planos fizeram necessárias medidas financeiras, tais como: a redução de despesas cortando o financiamento de atividades não consideradas prioritárias e o aumento das receitas através de maior contribuição da parte dos seus membros. Para tanto, a “Comissão de Construção e Finanças lança o alvo de cr\$ 1.000.000,00 para 31 de dezembro próximo – com 3% para Missões Estrangeiras; e delibera que a Igreja auxilie somente os irmãos comprovadamente necessitados” ⁶⁷.

Foram mantidas as atividades da Escola Dominical, que cuida da formação cristã dos fiéis, desta feita criando turmas de acordo com as faixas etárias organizadas a cada ano e com os professores exclusivamente escolhidos, ano a ano, entre os membros da Igreja. Além de adotar a Bíblia como instrumento pedagógico passa a escolher outras literaturas, produzidas por autores batistas, tais como jornais, revistas e livros.

Com respeito às demais escolas, foram mantidas as já existentes nas congregações com o objetivo de alfabetizar as crianças e adultos na sede do Município, na Zona Rural e em município vizinhos, a exemplo da Escola das Pedrinhas, para a qual “foi deliberado que a professora [...] dê relatório mensal e que o irmão Davino tome as providências necessárias para os consertos do prédio”. A Sociedade de Senhoras sugeriu criar uma Escola Batista na Cidade e, para tal fim, decidiu

abrir um livro de ouro para a compra do terreno e para a manutenção da Escola, uma oferta levantada num dia especial. Aceitas por unanimidade de votos, foi constituída a Comissão composta pelos irmãos: Osanias Andrade Silva, Dazira Gusmão Pereira, Francisco Vieira Andrade, Maria Sales Melo, Eunice Lopes Rocha, Jandira Cunha Carvalho, Dr. Ezaú Matos, Otavino J. da Silva e Sinval Gusmão Figueira ⁶⁸.

Quanto à saúde, de início, foram mantidas as contribuições que vinham sendo destinadas à Santa Casa de Misericórdia, por sugestão do Dr. Esaú Matos, que era médico e prestava assistência naquela instituição. Também foram mantidos os serviços do ambulatório na congregação do bairro de nome Departamento.

⁶⁷ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 05/09/1958, p.p. 58-59.

⁶⁸ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 07/11/1958, p. 63.

No tocante às ações de evangelização, realizaram trabalhos em praças públicas, no bairro Departamento e visitaram casa por casa. Nos demais bairros, realizaram visitas aos decididos e fracos na fé, aos excluídos do rol de membros, aos presidiários na cadeia pública, aos doentes e recém-nascidos nos hospitais e em suas casas. Quanto às demais atividades, resolveram:

2. Aumento da verba para compra de literatura para cr\$ 2.500,00; 3. Missões Nacionais – que a Igreja continue com a oferta mensal de cr\$ 1.500,00; 4. Missões Estrangeiras – oferta mensal de cr\$ 1.500,00; 5. Recolhimento Betel – oferta de cr\$ 1.500,00 mensal; 6. Ajuda mensal ao irmão Augusto Belo de cr\$ 200,00; 7. Instituto dos cegos, uma oferta de cr\$1.000,00; Deliberada a utilização do caminhão da Igreja no trabalho da Evangelístico, podendo ser dirigido pelos irmãos: Emilio Sabino e Ubaldino Figueira ⁶⁹.

Em relação à filiação doutrinária, a Igreja permaneceu vinculada à Convenção Batista: Baiana e Brasileira, junto à qual participava de congressos anuais, enviando os seus representantes após escolhidos pelo voto em assembléia, assim como decidiram também através do voto destinar recursos financeiros para ajudar no pagamento das despesas dos referidos congressos, como nos exemplos seguintes: “[...]; 3. Para as despesas da Convenção Batista Brasileira foi deliberado pela Igreja enviar a importância de cr\$ 500,00” ⁷⁰. E no caso da “Convenção Batista Baiana a se realizar de 1 a 5 de julho próximo – [...], decidiu enviar cr\$ 500,00 para a impressão de atas” ⁷¹.

Pretendendo maior sistematização e eficácia nas ações, o pastor Rocha apresentou um “Roteiro do Trabalho de Evangelização [...], a ser dirigido por Dr. Mário, auxiliado pelo Sr. Laudelino”, com a seguinte programação:

I – O Trabalho na Sede:

1. Todos os domingos as 14 e 16 horas, um grupo de moços e intermediários levarão o evangelho de casa em casa. É oportunidade para quem quiser participar desse tipo de evangelismo de inestimável eficácia;
2. Todos os quatro domingos deverá haver trabalho na Cadeia Local;

⁶⁹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 05/12/1958, p.p.65-67.

⁷⁰ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 06/01/1959, p.p. 71-72.

⁷¹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1955/1959. Ata de 28/06/1959, p. 82.

3. Todos os quintos domingos haverá trabalho ao ar livre nos pontos estratégicos da Cidade, incluindo bairros. Esse trabalho só poderá ser feito com a cooperação em massa da Igreja. Os carros da Igreja atuarão subordinados ao programa preparado pela Comissão de Programação;
4. Todas as sextas-feiras, as 09h30m a Igreja manterá um trabalho evangelístico pela Rádio Clube de Conquista, e um trabalho de evangelismo a domicílio, pela União de Adultos, às 19h30m.

II – Trabalho fora da Sede: 1. Departamento; 2. Goiabeira; 3. Lagoa dos Macacos; 4. Peri-Peri; 5. Nova Conquista – caravanas; 6. Anagé – caravanas; 7. Barra do Choça – caravanas; 8. Simão – caravanas; 9. Lagoa Grande – caravanas; 10. Jussara – Caravanas. (Todas são Congregações da Primeira Igreja)⁷².

Além das atividades desenvolvidas na Cidade e na região, decidiu-se também manter um casal de missionários na Bolívia com um salário de cr\$ 32.000,00 (trinta e dois mil cruzeiros) mensais e, pela primeira vez em sua história, as ações evangelizadoras da Primeira Igreja ultrapassaram as fronteiras do Brasil, como também aumentaram o salário pastoral para cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros).

Para a construção do templo desenvolveu-se campanha de arrecadação específica e, a partir da sessão de primeiro de agosto de 1958 até a sua inauguração em fevereiro de 1966, arrecadaram as quantias expressas no anexo OOO – quadro 11.

A movimentação financeira utilizada na construção do prédio, e os dados apresentados foram extraídos das atas do período, e dos meses de março e abril de 1966, isso porque algumas questões ficaram pendentes.

Daí em diante, continua existindo a Comissão de Construção para atuar nas reformas e edificações da sede das congregações dos prédios escolares, do ginásio de esportes, das casas do pastor e dos evangelistas, da casa de praia e outros.

A construção e a inauguração do templo marcaram um novo momento nas atividades da Igreja que, durante o período, foram dinamizadas e consumiram uma quantidade grande de dinheiro. Na sua edificação foram gastos recursos na ordem de cr\$ 62.660.394,00 (sessenta e dois milhões seiscentos e sessenta mil e trezentos e noventa e quatro cruzeiros).

⁷² Livro de Atas da Primeira Igreja, 1960/1963. Ata de 02/08/1960, p.p. 27-28.

O prédio, cuja arquitetura expressa as mudanças já observadas nas grandes cidades brasileiras, simbolizou o anúncio das transformações que Vitória da Conquista experimentou desde então, com reflexo na sua paisagem, observado principalmente na área da construção civil.

Os casarões coloniais e as edificações neoclássicas existentes no centro da Cidade vão, aos poucos, dando lugar aos prédios quadrados e retangulares, edificadas com finalidades previamente estabelecidas e plantas tecnicamente elaboradas.

O novo templo localiza-se na Praça Caixeiros Viajantes, na qual se encontra atualmente um monumento aos índios. A sua fachada apresenta escadaria em mármore branco, conduzindo a um pátio coberto por marquise e acesso à entrada do templo. Encimada por uma torre com escada interna que leva a um patamar, mirante, do qual é possível visualizar toda a Cidade. Anexo QQ.

Compõe-se de cinco andares, um subterrâneo e quatro outros que se projetam acima do nível das ruas. No subsolo, localiza-se um grande auditório, com palco e um salão mobiliado por bancos construídos em madeira de lei e enfileirados um após o outro, além de divididos em duas alas separadas uma da outra por uma distância de aproximadamente dois metros.

Nesse auditório realizam-se congressos, cultos, apresentações teatrais, corais e filmes. No fundo, encontra-se um largo corredor que liga a um conjunto de banheiros masculinos e femininos. Desse corredor nasce uma escada larga edificada em mármore branco que leva ao andar seguinte.

No andar térreo localiza-se o salão nobre, com teto na altura do forro do segundo andar, um palco, parede e piso forrados com madeira de lei e bancos também da mesma madeira, dispostos nas situações e sentido dos que se encontram no salão do subsolo. Estes salões possuem tratamentos acústicos tecnicamente elaborados para projetar o som dos sermões, da melodia dos cânticos, da voz do ator, das orações dos fiéis e das notas dos pianos, instrumentos com os quais estão equipados. Nele são realizados, também, casamentos, velórios, solenidade de formatura e outras atividades.

No fundo do salão nobre estão localizadas as salas da secretaria e tesouraria, separadas por uma sala de espera, e outras salas que se prestam às reuniões e aulas de classes da Escola Dominical.

A sala de espera dá acesso a uma porta no fundo da Igreja voltado para o lado da Rua Góes Calmon e dela também nascem uma escada e uma rampa que levam ao andar seguinte; a rampa está localizada numa larga área de luz onde se encontram uma cozinha e área de serviços, usada para guardar o material de limpeza, e um outro cômodo para conforto dos zeladores.

No segundo andar, localizam-se uma galeria que completa o salão nobre, ladeada por dois corredores: de um, nasce a escada interna que leva à torre e a duas salas: uma abriga a ilha de edição com equipamentos de vídeo, câmera cinematográfica, e um acervo de fitas; a outra guarda os equipamentos necessários ao batismo e dá acesso a um tanque atrás do palco, no qual são realizados os batizados, equipado com aquecedor de água. O segundo corredor leva à sala do berçário, ao ambulatório médico, a outras salas de reuniões e aulas da Escola Dominical, ao escritório do pastor. E dele nasce também a escada de acesso ao terceiro andar.

No terceiro andar estão localizados escritórios de dois outros pastores, salas de reuniões e aulas da Escola Dominical. Encontra-se aí, também, um corredor que vai dar na escada que leva ao último andar, no qual se encontra um salão equipado com capacidade para trezentas pessoas, que se presta a comemorações de casamento, aniversário e outras festas próprias aos membros desta tradição religiosa.

A sede da Primeira Igreja se constitui em motivo de orgulho dos seus congregados, testemunho do esforço da união e da pujança da comunidade batista local. Demonstra a competência dos seus líderes religiosos e fez do pastos Rocha um cidadão respeitado na Cidade e querido entre os fiéis. Escreveu um livro intitulado “O Romance de Uma Construção” e ficou conhecido na Cidade como homem culto.

Este templo se constituiu em um monumento, um “mosteiro batista”, responsável por trabalhos de evangelização no Estado da Bahia, no Brasil e em outros países do mundo, um centro de formação e consagração de pastores e diáconos. Para tanto, criou-se um Concílio, assim constituído: “Presidente – Pastor Gerson Rocha; Orador - Mário Mota; Oração Consagrativa – Pastor Ápio Santos” ⁷³.

⁷³ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1963/1967. Ata de 23/05/1967, p.p. 195-197.

As mudanças culturais, vivenciadas pelos brasileiros a partir do pós-guerra e durante os anos 1950, manifestaram-se, em Vitória da Conquista, de modo mais visível a partir da década de 1960, quando os hábitos e costumes dessa pequena cidade sertaneja, marcada por um modo de vida rural, sofre transformações acentuadas.

Como em todo o país, e pelos meios de comunicação como o cinema, os jornais, as revistas, o rádio e a televisão, expressos na medida das saias, nas calças coloridas e boca de sino, no tamanho das costeletas, nos hábitos do fumo do álcool, nos bailes do Clube Social, nos cordões de carnaval, nas festas de São João e outros costumes.

Tudo isso se instalou com mais ênfase na Cidade devido à presença da rodovia Rio Bahia BR -116 que, cortando-a e não apenas ao município, acentuou determinados perfis desse conjunto de transformações.

Tais mudanças levariam os membros da Igreja a intensificar o estado de vigilância sobre os fiéis e a cobrança de comportamentos condizentes com os estatutos da Igreja reformados em 1967 e os mandamentos bíblicos os quais sevem de base aos processos de exclusão, cujos motivos estão registrados no anexo PPP – quadro 12.

Esse registra os motivos pelos quais os membros da Igreja foram excluídos da convivência com os irmãos de fé. Registra na coluna ATAS as datas nas quais os motivos aparecem pela primeira vez no período de 01/08/1958 a 04/12/1970. A coluna SEXO está dividida em duas, uma para o sexo feminino e outra para o masculino, mostra o total de membros excluídos por sexo e a última coluna apresenta a quantidade dos excluídos pelos mesmos motivos, bem como os percentuais em relação ao total das exclusões.

O volume dos recursos empregados nas atividades descritas e registrados em atas, ao que tudo indica, sobrecarregou as despesas dos fiéis. Este motivo, o processo de vigilância e as exclusões, provavelmente, contribuíram com os pedidos de cartas demissórias para outras igrejas. Assim, as principais lideranças das famílias tradicionais ligadas ao seu fundador, se transferiram para outras igrejas e de uma só vez no ano 1961: Vitor Pereira da Silva, Helio Gusmão de Oliveira, Márcia Silva Figueira, Sinval Gusmão Figueira, Gidalfo Gusmão Figueira, Diva Silva Figueira, Nélia S. Figueira, Nívea S. Figueira, Dilma S. Figueira, Maria S. de Melo, Isidoria S. Figueira, Delza Figueira Guanais e Maria Nunes Figueira.

Ao longo dos anos 1960, muitos outros fiéis, que antes ocupavam cargos de relevância na Igreja, foram também se mudando para outras, como por exemplo: Manuel Augusto Figueira, para a 2ª Igreja Batista; Macário Figueira para fundar a Igreja Betel; Hostilio de Carvalho para a Igreja de Poções; Melânia Figueira S. Andrade, para a Igreja Batista de Sião; Esaú Matos e Shara Matos, também deixam a Igreja; e Amélia Rocha pediu carta demissória para a Igreja Batista São Cristóvão.

À medida que os membros das famílias tradicionais vão se retirando da Primeira Igreja, muitos outros adeptos de famílias não tradicionais filiam-se a ela através dos inúmeros batizados decorrentes das campanhas de evangelização.

Deste modo, concomitantemente às mudanças verificadas nos costumes, a Igreja vai deixando de ser liderada por fiéis das famílias tradicionais e não mais aparecem os nomes das famílias Gusmão, Mendes, Melo, Assis, Rocha e Figueira, na composição da sua Mesa Administrativa. Com o prestígio alcançado pelo pastor Rocha, adquire o perfil de entidade religiosa batista fundamentalista. Decidem não participar da política eleitoral e partidária e, em abril de 1966, ao tratar da caixa de beneficência, deliberam sobre quem pode ser beneficiado com a ajuda dos seus recursos, estabelecendo, para tanto, as seguintes condições:

1ª Só os membros da Igreja necessitados; 2ª O beneficiado que for excluído perderá o direito; 3ª Quando for do sexo feminino e se casar perde o direito ao auxílio; 4ª Um casal só pode ser beneficiado se ambos forem membros de igreja, e seus parentes não possam ajudá-los; 5ª Um casal deverá ser socorrido pela Igreja, caso em se tratando de parentes não crentes, e estes se negarem a ajudá-los; 6ª Quaisquer necessitados deverão caso tenham parentes em condições de ajudá-los, ser socorridos por esses parentes, ficando a igreja livre para ampara outros; 7ª Só entrarão na Caixa de Beneficência indivíduos crentes, membros da Igreja, que não tenham parentes crentes para auxiliá-los, e se não podem mais trabalharem. Os diáconos ficarão responsáveis para avaliar quem deve entrar na Caixa de Beneficência ⁷⁴.

Com o avanço dos movimentos de renovação espiritual que não estão de acordo com a doutrina do Novo Testamento e com as convicções tradicionais dos batistas em todo o mundo, a Igreja corta as contribuições à “Associação Sul e

⁷⁴ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1963/1967. Ata 05/04/66, p.p.140-144.

Sudoeste Bahiano por deixar deliberadamente infiltrar [...] em seu seio igrejas do movimento renovadas”.

No ano 1968 se afasta das Convenções Batistas Bahiana e Brasileira e se alinha ao movimento fundamentalista Batista Bíblico, passando a contribuir financeiramente e a participar do “Congresso Batista Bíblico”.

Ainda neste período, em lotes de sua propriedade no bairro Jurema, em 1967, cria uma congregação que em pouco tempo é transformada na Igreja Batista Boa Vista. Salienta-se que nas proximidades deste bairro se localizava o Terreiro de Candomblé de Caboclo liderado pelo Pai Zé Piqueno.

Ao findar os anos 1960, existiam apenas a Primeira e a Segunda Igreja Batista, cujo templo atual foi construído com projeto arquitetônico de Elomar Figueira, descendente de tradicional família batista, localizado na Avenida Lauro de Freitas, s/n; A Primeira Igreja Batista Betel, na Rua Siqueira Campos; A Igreja Batista Ebenezer, na Avenida Deraldo Mendes; a Igreja Batista Boa Vista, na Rua Humberto de Campos s/n, no Bairro Jurema.

Das demais igrejas protestantes existiam apenas a “Igreja Presbiteriana Fundada em Setembro de 1960 [...] situada à Rua da Misericórdia. [...]. Igreja Adventista do Sétimo Dia templo situado à Praça Estevão Santos. Fundada em 1953. [...]” (VIANA, 1983, p.576-577).

O PROCESSO DE EXPANSÃO

Na sessão de seis de dezembro de 1970, o pastor Rocha submete, à plenária, se deve ou não reelegê-lo moderador para o ano seguinte. Após ampla discussão, com o pronunciamento de vários fiéis, ficou decidida a continuidade do seu pastorado, registrado em ata um voto de gratidão e louvor pelos serviços prestados à Igreja.

Já na última reunião realizada em dezessete de dezembro de 1970, a Igreja recebeu as demissórias dos missionários “Ernest Leroy Johnson e Bárbara Jane Johnson da Dear Park Baptist Church de Cincinnati, Ohio – U.S.A. para esta Igreja”. Assim inicia-se um novo período com a participação de missionários estrangeiros em seus trabalhos religiosos.

Nessa nova fase, a Primeira Igreja priorizou o combate sistemático ao que considerava mundanismo; intensificou as atividades evangelizadoras na Cidade e na

Região; as ações missionárias entre tribos indígenas amazônicas as missões estrangeiras na África e em Israel a evangelização de judeus residentes no Brasil. Continuou custeando as suas atividades exclusivamente com recursos dos seus fiéis.

Tais decisões caracterizam a entrada da Igreja para o rol das fundamentalistas, nesta condição deixa de ser uma igreja batista marcada fortemente pelas características de instituição religiosa vinculada aos interesses da tradicional família conquistense e avança na busca de fiéis nos seguimentos sociais menos favorecidos aos quais se vinculam a maioria dos considerados filhos de santo.

Também se fortalece teologicamente e promove a sua expansão na Cidade, na Região, no Brasil e em outros países privilegiando a ação evangelizadora junto a alguns povos: africanos, judeus e indígenas.

Para tanto, além dos sermões no púlpito, aumentaram as comissões de visita, incluindo no âmbito dos visitados as pessoas excluídas e as atividades culturais: os piqueniques, a prática esportiva, os retiros, a ampliação do número de corais e das suas apresentações, a ampliação das atividades do teatro, a exibição de filmes bíblicos, a orientação no uso da televisão, dentre outras, e, principalmente, a manutenção das exclusões dos fiéis cujos motivos aparecem no anexo QQQ – quadro – 13.

Neste destacamos os motivos cujos atos dos fiéis não podem ser identificados com precisão; mais ainda o percentual do motivo “Por abandonar a Igreja” que alcançou a casa dos 22.63% do total dos excluídos; as transferências para igrejas evangélicas se reunindo aos 28 que mudaram de igreja ou praticam a dupla pertença, aparecem em maior quantidade e diversidade que nos períodos anteriores, Alcançando 1/3 do total, a exemplo das saídas para “Igrejas do Movimento de Renovação Espiritual, do Movimento Quadrangular – Pavilhão da Benção”, da Igreja Pentecostal, e outras.

No que diz respeito ao Movimento Quadrangular – Pavilhão da Benção, a Igreja se posicionou afirmando, “[...] qualquer membro desta Igreja, que esteja participando do movimento [...] ficara desligado do rol de membros”.

Quanto ao Movimento de Renovação Espiritual, ponderou: “Servir a dois senhores já é algo condenável por Jesus, como poderia sua Igreja tolerar que um membro seu seja Católico, Espírita e o que mais possa ser ao mesmo tempo?”⁷⁵.

Esta Primeira Igreja sempre se manteve contrária ao ecumenismo e, na qualidade de batista fundamentalista, não admite relações com outras que não sejam da mesma fé e ordem.

O combate sistemático aos hábitos e costumes foi a tônica das atividades durante os anos 1970, chegando a provocar divergências internas, principalmente com as mulheres, no que diz respeito à moda no vestir e se apresentar, pois quase sempre algumas desobedeciam as orientações do pastor quanto ao uso de mini-blusas, mini-saias, calças compridas e outras práticas⁷⁶.

O acirramento dos ânimos entre os fiéis conduziu a uma situação de conflito tal, que levou o pastor Rocha a declarar em sessão ser “informado pelos Diáconos que alguns senhores da Igreja estão chamando o pastor de EXAGERADO E CONTRADITÓRIO, em virtude de seu combate ao mundanismo em todos os seus aspectos”.

Para tratar desta delicada questão o pastor recorreu aos preceitos bíblicos fundamentados em Isaías 40:26. para mostrar que o Deus dos batistas é exagerado; Em Mateus 02:13. para dizer que Deus se mostra contraditório, “Um Deus perseguido com medo de Herodes [...]”⁷⁷. Disto decorreu a criação de uma comissão à qual denominaram “Cessar Fogo”.

No entanto, estes problemas não se restringiram ao comportamento das mulheres, mas se estenderam aos outros membros da Igreja.

O processo não se esgotou com a criação das comissões do “Cessar Fogo”. Foi além e, por isso, voltou a ser tratado pelo pastor que, após relembrar embates anteriores contra o mundanismo, cinema, saia curta, calças compridas, calças coloridas, travesti, costeletas, cabeludos e outros, faz referências às decisões contidas na Carta Pastoral, no “Estado de Alerta em Ação”, anexo P, e concluiu “do modo que vai a situação, daqui a pouco as mulheres terão vergonha de usar saias e se isso continuar virá tempo em que membros da Igreja quererão trazer tal costume para nosso meio”.

⁷⁵ Livro de Atas da Primeira Igreja. 1977/1982 Ata de 01/08/1972, p.p. 64-65.

⁷⁶ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1967/1974. Ata de 01/08/1972, p.p. 236-238.

⁷⁷ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1967/1974. Ata de 23/12/1973, p.p. 283-284.

Frente a tudo isso, o pastor em desabafo declara: “a carga é pesada demais e injusta”. Na tentativa de resolver o assunto, ponderou e propôs:

1. As aberrações da moda já não são condenadas em muitos lares da Igreja: consultando a Deus sobre o assunto, Deus lhe deu o verso “Ao justo nasce luz nas trevas”; 2. A coerção externa do mundo e das igrejas está conseguindo que esta Igreja não considere tão grande o mundanismo ostensivo, principalmente a generalização das saias curtas e calças compridas para mulheres; 3. O fato de estarmos numa situação relativamente boa é por causa da Palavra de Deus, pregada no púlpito. Mas estará a Igreja aceitando mesmo esta repressão? 4. O ministério já não tem está certeza se é mesmo de coração que a Igreja esta aceitando sua orientação a respeito das modas atuais. [...]. O pastor pede que a Igreja proponha que fique o assunto do mundanismo ostensivo com os membros da Igreja e não com o pastor [...] a Igreja vota pela aceitação da proposta unanimemente ⁷⁸.

Ao que tudo indica, este embate teve repercussões nas finanças a ponto de ameaçar comprometer as metas e o plano de ação estabelecido pela Igreja, motivando a sua tesouraria a tratar do assunto, “a fim de que os irmãos considerem se estão amando a obra de Deus comparando o número de contribuintes numa Igreja de mais de 400 membros [...]: Contribuíram em janeiro, 212; em fevereiro, 191; em março 226 e em abril 218” ⁷⁹. E destaca que as despesas vêm ultrapassando as receitas e dificultando o avanço do trabalho de evangelização.

Amainadas as divergências, e em decorrência do programa de evangelização, foram criados vários pontos de “pregação” na Fazenda Cabeceiras, em Barra do Choça, na Fazenda Acre, no Espírito Santo, em Mirante, Caldeirão e Lagoa Rica; e mais as Congregações e Igrejas: Congregação de Macapá; Congregação de Ibiaçucê, Igreja Batista de Mata Verde e a Igreja Batista de Encruzilhada.

Ação missionária para outros países manteve o casal Rempel na Nova Guiné, o que vinha fazendo desde o ano 1970 em parceria com a SAMI (Sociedade Missionária Internacional) e as Igrejas Batista Bíblica de São Paulo. Foi mantido em Conceição, no Paraguai, o casal missionário Clovis Amélio Diedrich e Gleide Selma

⁷⁸ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1967/1974. Ata de 02/06/74, p.p. 293-295.

⁷⁹ Livro de Atas da Primeira Igreja. 1964/1982. Ata de 02/06/74, p.p. 293-295.

Diedrich, até dois de janeiro de 1973, quando foram excluídos por estarem cooperando com uma igreja de doutrina pentecostal.

Em quatro de julho de 1974, foi apresentado um relatório dando conta dos bens da Igreja, os quais foram avaliados em aproximadamente cr\$ 7.000.000,00 (sete milhões de cruzeiros).

A Igreja realizou em onze de março de 1976 um evento intitulado “Seminário Sionismo e Extermínio dos Judeus”, transformado em folheto e publicado por uma entidade judaica e decidiu enviar aos seus missionários o livro *Sionismo não é Racismo*. Manteve entre os judeus os missionários Sadi e Ana Profes e resolveu dar uma oferta mensal ao missionário Judeu Eduardo Loewenthal.

Para demonstrar a prioridade das Missões Evangelizadoras neste período, semelhante ao ocorrido tempos atrás para a construção do templo, foi definido um item específico na arrecadação de recursos e na prestação de contas definido com o título sugestivo de “Termômetro Missionário”, para o qual, ano a ano, estabelecia uma meta de arrecadação. Assim, a guisa de ilustração, ficou aprovado “o alvo missionário para o ano de 1975, cr\$ 80.000,00, já o alvo missionário para o ano 1980, cr\$ 800.000,00”.

Quanto à Ação Missão Evangelística para tribos indígenas, foi enviada Alda Gusmão, parente de Tertuliano da Silva Gusmão, primeira missionária natural de Vitória da Conquista a trabalhar com os índios, motivo de orgulho da Igreja que assim registrou o feito, “a Igreja tem o grande privilégio de enviar a nossa irmã Alda Gusmão, para trabalhar com os índios Kaingangs no Rio Grande do Sul”⁸⁰.

Além disso, manteve ainda outros missionários entre os índios: Dimas Batista, Paulo Korenshuk, Durval Uchoa e, entre os Caiapós, José Silvestre, Alda Silvestre e Dalva Oliveira.

A Igreja, no âmbito local, não participa diretamente, enquanto instituição, de atividades partidárias e eleitorais, deixando os seus fiéis livres para atuarem individualmente, mas, não obstante tal norma, contribuiu financeiramente com o pastor Vorn Bran que “Organizou uma missão cujo objetivo é alcançar comunistas com a mensagem do evangelho. Essa missão já opera em vários países do mundo e, num jornal editado por ela, faz um apelo ajudemos à igreja mártir”.

Na preparação dos missionários para o trabalho evangélico enviava os seus fiéis às instituições fundamentalistas, reconhecendo nelas a competência

⁸⁰ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1974/1982. Ata 05/02/1976, p.p. 34-35.

necessária. Assim, eram indicados: 1. Instituto Evangélico Missionário Peniel em Jacutinga – Minas Gerais; 2. Instituto Bíblico de Araçatuba – São Paulo; 3. Summer Institute of Linguistic Wicliger – Brasília; 4. Instituto Bíblico Palavra da Vida em Atibaia – São Paulo.

Durante os anos 1980, manteve todas as atividades tradicionais necessárias ao seu funcionamento: definição do plano anual de ação; aprovação do orçamento; eleição dos membros da Mesa Executiva e dos demais componentes de suas instituições, inclusive professores da Escola Dominical.

Para expansão das suas doutrinas permaneceu enfatizando as práticas de evangelização e as missões estrangeiras e indígenas. Continuou a sistemática de vigiar e punir através dos afastamentos e exclusões de quaisquer membros que infringissem os seus estatutos e desrespeitassem os princípios do Evangelho. Deste modo, muitos foram excluídos. Anexo RRR – quadro 14.

Dos dados expressos, destacamos o grande número de fiéis excluídos por razões que podem mascarar os verdadeiros motivos: Por mau testemunho do Evangelho, 66 membros (19.01%); Por motivo não registrado em ata, 63 fiéis (26.14%); Por abandonar a Igreja, 32 fiéis (13.28%); Por unir-se a movimento contrário à Igreja, 19 fiéis (6.22%).

Os demais motivos, em sua maioria, exceto “Por banhar-se vestida com fio dental na piscina e Por participar de gincana estudantil”, não trazem novidade em relação aos já registrados nos quadros anteriores.

Visando custear as despesas referentes às missões durante os anos 1980, foram aprovados alvos missionários: referente ao ano 1981, cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros); a 1982, foi aprovado dr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros); para 1984, cr\$ 12.000.000,00 (doze milhões de cruzeiros); previsto para 1985, cr\$ 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzeiros); e 1987, cr\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil cruzados).

Os dados referentes a 1983 e 1986 não foram encontrados nas atas. Os dados dos anos após 1987, não foram apontados, pela mudança da moeda de cruzeiro para cruzado a partir daquele ano.

A “Missão Indígena” durante estes anos, manteve os missionários relacionados anteriormente e enviou mais: Hélio Alberti, à tribo Vanomarin; o casal Sidney e Rubertina, aos Ianomâmis; Donald e Dalvani, às tribos Gavião e Zoro; Dimas e Iracy, aos Jaminauá; Gerencias Fereira Dias, aos índios Pancararus; José e

Alda Silvestre; Vanderley José Lopes, aos Baniws; Maria Amélia Maximo aos Craiós; Josenira Cardoso; João Batista e Leila Mendes, à tribo dos índios Kulina;

No trabalho missionário entre os judeus manteve José Infante Junior, na cidade de São Paulo e José Samuel Coelho em Jerusalém, Israel.

Em relação à criação de novas igrejas e congregações aparecem: Congregação do bairro Kadija e da Vila do Café. Transformadas de Congregação em Igreja, surgem: a de Anagé, em vinte e um de maio de 1981; a de Simão, em oito de agosto de 1985; a do Kadija, em dez de setembro de 1985; a de Ibiassusê, em vinte e sete de setembro de 1985; e a Congregação de Boquira-Ba, em “Primeira Igreja Batista Bíblica de Boquira” na sessão de vinte e um de setembro de 1986.

O pastor José Infante Junior, por solicitação do pastor Gerson Correia da Rocha, foi convidado, na sessão de sete de abril do ano 1983, a assumir o ministério da Primeira Igreja na condição de pastor auxiliar.

Uma das atividades mantidas e dinamizadas nesta ocasião foi a consagração de pastores, o que aconteceu ao Missionário Jackson Trindade, em treze de setembro de 1983; Durval Brizola em cinco de abril de 1984; e Paulino Viana de Araújo, em trinta de novembro de 1986.

No tocante à política, a Igreja mandou imprimir vinte mil exemplares do panfleto “Dez razões porque não sou comunista” e providenciou a distribuição, para algumas pessoas na Cidade, de exemplares do livro “O comunismo e o evangelho eterno”.

Dentre os debates internos, travados em torno do comportamento de seus membros, aparece na sessão de quatro de janeiro do ano 1990, um que ficou cognominado O VOTO NO URSO, referente às eleições dos dias quinze de novembro e dezessete de dezembro de 1989. Apesar da Igreja não participar de questões políticas partidárias e eleitorais, no caso em questão ela se posicionou ponderando que,

se alguém votou no “URSO”, apesar de toda luz que teve através de todos os ensinamentos ministrados, e isso ficou em segredo entre ele, Deus e sua consciência, nada temos a exortar, afinal de contas, Deus sabe de muitos pecados ocultos praticados por seus filhos. Mas se a pessoa votou no “URSO”, alardeou isso e “fez a cabeça” de outros com propaganda ostensiva, a Igreja nesta assembléia deliberativa, considera tal expediente

inadequado, condenável e com firmeza, após proposta e apoio é votado favorável pela Igreja ⁸¹.

Nessa situação estavam envolvidos dois irmãos de fé, apesar de um deles justificar que não considerava o candidato que escolheu para votar um comunista, mas um político cuja plataforma atraiu a sua atenção e apoio.

A Igreja entendeu que o partido do candidato votado estava ligado com setores radicais do comunismo e, com antecedência das eleições, mostrou aos irmãos a necessidade de uma maior reflexão sobre o assunto, “pois votar nestes candidatos é ferir o princípio doutrinário da Palavra, pois tal ideologia é contra Deus, contra a Igreja e contra os santos de Deus. [...]” ⁸². Os irmãos aceitaram a decisão e receberam a carta de transferência para unirem-se a outra Igreja.

Ao iniciar mais uma década de funcionamento, a Primeira Igreja reafirma a sua posição frente ao que considerou os “Dias do Fim”. Decidida a preservar a sua identidade e fidelidade à “Palavra de Deus com as igrejas bíblicas do Novo Testamento”, exorta as igrejas consideradas primitivas a:

1°. Não serem cúmplices nas obras infrutíferas das trevas, mas a reprová-las. Reprová-las e condena-las com autoridade divina (Ef. 5:1); 2°. Não participarem da imoralidade e a repudiarem tudo quanto sirva de veículos à introdução da imortalidade em nosso meio, ou, seja, no arraial dos santos (Içô. 10:7 – 9). [...]. 4° A música profana, como: baião, samba, maxixe, as carnavalescas – e mui especialmente o diabólico rock – são abomináveis a Deus e agressão a sua santidade. Nesta área estamos vigilantes contra os hinos – pontes que ficam entre a música profana e a música sacra em nosso meio. [...]. As mundanas buscas da História estão aí e são, nitidamente, mundanas escatológicas: A volta dos Judeus para a sua terra – o reverdecimento da figueira; [...] e o preparo da História para o grito da paz mundial anti-Deus, anti-Israel e anti-igreja a preludiar a repentina destruição (I.Ts). 5:3 [...] ⁸³.

Com esta disposição de ânimo, os batistas mantiveram as atividades já tradicionais e edificaram uma casa de praia em Ilhéus para férias dos pastores e de outras pessoas, desde que devidamente autorizadas em sessão própria a este fim.

⁸¹ Livro de Atas da Primeira Igreja, 1982/1991. Ata de 04/01/1990, p.173.

⁸² Livro de Atas da Primeira Igreja, 1982/1991. Ata de 04/01/1990, p. 173.

⁸³ Livro de Atas da Primeira Igreja. 1990/1997. Ata de 14/08/90, p.p. 187-191.

Construíram fora da Cidade um ambiente devidamente equipado para seus retiros, principalmente nos períodos de festas como o carnaval ou micareta; construíram um ginásio de esportes para os irmãos de fé.

Decidiram oficializar posição contrária à participação de seus fiéis a quaisquer eventos tidos como “Roda de Escarnecedores, tais como: Estádio de Futebol, Ginásios de Esportes, Autódromos e similares. Tal posição deixa claro que membros desta Igreja não devem ser praticantes de tais obras das trevas (Efésios – 5:11 – Salmos 1:1 e 94:20)”. Como também, definiram que os seus membros, “não participem de Reuniões, Igrejas, Congressos, Associações e etc. onde estejam presentes [...] as da Apostasia Carismática - Romanos 16:17 [...]”.

Além de tudo, mantiveram a vigilância e os processos de afastamento e exclusão dos irmãos considerados em pecado, porém com um pouco mais de cuidado e insistindo mais nas tentativas de recuperação dos fiéis, através do arrependimento e da reconciliação com Deus e com a Igreja. Anexo SSS – quadro 15.

Merecem destaque os itens que dificultam identificar o comportamento social dos expulsos, que são: Por agredir a moral do Evangelho, com 68 membros (25.10%) dos excluídos; Por abandonar a Igreja, 67 (24.72%); Por motivo não registrado em ata, 30 fiéis (11.07%).

Como também, apontamos os itens Por agressão física; Por abandonar o lar; Por sociedade numa loja de vídeo; Por desonrar pai e mãe; Por viver amasiado; Por vestir inadequadamente; Por desejar contrair novas núpcias; Por comentários sobre seu namoro e Por comentários negativos na área sexual, isto porque aparecem pela primeira vez.

Destacamos ainda, o item “Por fazer parte de um grupo de capoeira”, uma vez que esta atividade integra o conjunto das tradições de origem africana no Brasil.

Motivados a fazer o previsto nos planos de ação, os fiéis contribuíram com recursos, ano a ano, suficientes para cobrir as despesas das atividades programadas, muito embora alguns meses apresentassem saldo negativo. Anexo TTT – 16.

Tais recursos resultavam da contribuição dos congregados da Igreja, que iniciou o ano 1995 com o total de 865 membros e, em decorrência da movimentação, das entradas e saídas de fiéis por diversos motivos durante este ano, chega a 1996 com o total de 861 irmãos de fé filiados.

Durante os anos 1990, deu continuidade às atividades missionárias entre os indígenas, judeus, africanos, brasileiros e portugueses. Em novembro de 1995, contava com o trabalho de 48 missionários sobre sua responsabilidade. Já em vinte e nove de novembro de 1998 apresentou relatório informando que a Igreja ajuda no sustento dos seguintes missionários:

Servindo a Missão indígena: Carlos Alcântara e Raul Alcântara – Kaiambi – Paraná; Elias Melgarejo e Adriana Melgarejo - Arara – Rondônia; Elton Chaves e Lurdes Chaves – Dani – Amazonas; Helio Alberti e Elena Alberti – Apoio Missionário – Amazonas; Heloccio Gouveia e Sonia Gouveia – Iskariana – Pará; João Batista e Leila Mendes – Gavião – Rondônia; Josias Cambuí e Sara Cambuí – Ianomâmi – Amazonas; Josué Lima e Ivonete Lima – Carajás - Goiás; Luis Ferreira e Márcia Ferreira - Poturú – Pará; Paulo César e Elianae Souza – Guarani – Paraná; Semirames Ferraz e Laudilene Ferraz – Ipangreacú – Rio Grande do Norte; Shoji Wakahara e Eulo Wakahara – Loró Rondônia; Silvério Siqueira e Maria Augusta – Nyengatú – Amazonas; Francisco Carvalho e Romilda Carvalho – Poturú – Pará; Antonia Neris – Canamarí – Amazonas; Josenia Caetano – Caiapó – Paraná; Dione Santos Lima – Caiapó – Pará; Hulda Mendes – Katukina – Amazonas; Walquiria Souza – Filhos dos Missionários; Eduardo Vieira e Claudia Vieira – Cintelarga – Rondônia.

Missionário na África: Deraldo Potoki e Sueli Potoki – Moçambique; Eldineir Batista e Miriam Batista – Papua Nova Guiné; Jefersson Cordeiro e Glória Cordeiro – Senegal; Wanderlei Borges e Márcia – Nigéria; Ivoneide Sobral – Senegal – África.

Missionários em Portugal: Jacinto Nunes e Cristina Nunes e entre judeus no Brasil: José Samuel e Juventina Coelho em Curitiba no Paraná.

No que diz respeito a Missões Estrangeiras, o pastor Junior assume a Presidência da OIMI (Organização Internacional de Missões aos Israelitas), com sede na cidade de São Paulo.

No âmbito da evangelização na Cidade e na Região, manteve as atividades de rotina e decidiu transmitir um Programa Evangélico pela Rádio Clube, aos sábados, das 19 às 20 horas, “juntamente com a Igreja Bíblica Congregacional (Pr. Dimas), Congregação da Igreja Congregacional (Pr. Davi Thompson), Igreja Batista da Liberdade (Pr. Stenio), Igreja Batista Perúcia (Pr. José Silvestre)”⁸⁴.

⁸⁴ Livro de Atas da Primeira Igreja. 1990/1997. Ata de 02/05/1996, p.p. 172-174.

Ao findar 1998, contava a Primeira Igreja com 975 membros filiados e resolveram criar uma “Organização Teatral e de Produção Cinematográfico Bíblico Missionário – Artecine”. Quanto à educação, voltaram a criar, na sede, uma escola de alfabetização de adultos.

Decidiram a quatorze de agosto de 1999, transformar a Congregação da URBIS VI em Igreja localizada na rua C. s/n, no Bairro Espírito Santo, sendo pastorada por Gerson Nogueira da Silva.

A Primeira Igreja completou, em quatro de fevereiro de 2000, cem anos de criada, festejou a data com o pastor Rocha convidando os pastores João Amado, Emídio Viana Souza e Mirivaldo Pinheiro a pronunciarem uma série de conferências.

Em doze de abril de 2000, o Concílio Examinador da Igreja consagrou pastores ao Ministério da Palavra os fiéis Agnaldo Almeida Oliveira e Carlos José da Silva. Já em quinze de novembro de 2001 foi consagrado pastor Gilberto Viana Primo.

Ainda neste ano, em dezesseis de julho, o pastor Rocha pediu o seu afastamento em virtude de sua idade avançada, indicando seu substituto o pastor José Infante Junior que foi aceito por aclamação.

O pastor Rocha, no entanto, não se afastou definitivamente permaneceu na condição de Pastor Sênior, isto é, com a responsabilidade de ensinar, pregar e aconselhar aos fiéis.

José Infante Junior, já nas funções de pastor titular, apresentou o casal Sidney Siqueira e Rubertina Siqueira para atuarem na evangelização, assistência aos novos decididos e na coordenação do trabalho junto aos adolescentes. A posse ficou marcada para primeiro de outubro de 2000.

Após quarenta e três anos de atividade, a maior parte da sua vida dedicada a Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista, o pastor Rocha, no dia dez de outubro de 2001, renunciou ao pastorado. Na ocasião pronunciou um longo sermão do qual extraímos o trecho seguinte:

Se dei mais da metade de minha vida a esta igreja, deixo a mesma feliz porque aconteceu uma multiplicação de vidas, [...]. Afirmando, também ter, nestes 43 anos de ministério e de visão missionária realizado, pois a igreja alcançou os confins da terra - Nova Guiné - [...]: aqui, ali, mais além e até os confins da terra, podemos dizer com muita tranquilidade que, dentro de suas possibilidades e a pesar de suas limitações, a igreja ajudou a

apressar a vinda de Jesus, [...]. Ao renunciar o meu ministério, faço-o por ter Deus decidido escrever a última página de minha vida a convite da Igreja Batista Independente de Ribeirão Preto, São Paulo, [...] para passar-lhe a bagagem que adquiri nesses 48 anos de ministério pastoral e 8 (oito) de evangelista. Convidam-me para fazer preleções para seminaristas, para pastores novos e menos novos. Apela-me, também, para que produza literatura fundamentalista bíblica. [...] ⁸⁵.

Após a renúncia do pastor Rocha, a Igreja passou por uma crise interna e financeira, acumulando saldos negativos por vários meses no ano 2002, agravada pela crise que se abatia sobre o Brasil. Apesar de tal situação, o pastor José Infante Junior conduziu os destinos da comunidade batista amenizando a crise e permanece como pastor até 2005, quando concluímos o levantamento de dados para esta pesquisa.

Em 2005, segundo o documento “PRIMEIRA IGRJA BATISTA BÍBLICA - Estatística Geral dos Membros” se encontrava com 921 membros ativos, sendo 344 homens e 577 mulheres. Durante os anos de sua atuação, a Primeira Igreja Batista Bíblica organizou muitas igrejas que repetindo o mesmo modo de expansão, criaram várias outras, de tal sorte que as Igrejas Batistas existentes na Cidade surgiram desse processo por ela desencadeado que, pelos seus modos de atuar, são classificadas como Igrejas Batistas Fundamentalistas, Tradicionais e Renovadas.

⁸⁵ Livro de atas da Primeira Igreja, 1997/2002. Ata de 10/10/2001, p.p. 170-171.

CAPÍTULO V

DAS RELAÇÕES ENTRE BATISTAS E O POVO DE SANTO

Procuravam-se feiticeiras para filtros de amor, para ensinarem palavras mágicas que mantivessem sempre enamorado o parceiro, para desvendar segredos, prever o futuro, [...], curar chagas, fechar feridas, benzer animais vitimados de bicheiras. Sobre elas, a comunidade despejava seus demônios internos, suas angústias, dúvidas, incertezas.

Laura de Mello e Souza (1986, p.375).

A partir daqui tentaremos identificar a dinâmica das relações entre os membros de igrejas batistas e os adeptos das tradições afro-brasileiras. Quando registramos que as igrejas batistas têm membros e as religiões afro-brasileiras têm adeptos, deve-se à forma como essas duas instituições administram estruturalmente os seus cultos: enquanto a primeira possui membros fichados e intransferíveis, a não ser apenas de uma igreja para outra, a segunda possui um comportamento identificado por Roberto Damata como mais democráticos.

Com esta finalidade, coletamos informações através de entrevistas feitas com fiéis dessas tradições religiosas, dos dados apresentados nos capítulos anteriores e da fundamentação teórica adequada.

OS BATISTAS

As igrejas batistas organizadas durante o século XX e nos primeiros anos do XXI surgiram, como vimos, de congregações inicialmente criadas pelo trabalho de evangelização da Primeira Igreja Batista que, ao se organizarem em igrejas repetiram o mesmo método de expansão, alcançando o número das existentes na Cidade até então.

Para o seu funcionamento, cada igreja, em assembléia e através do voto, decide sobre toda e qualquer questão do seu interesse. Reunir-se, discutir questões e votar sobre os assuntos pertinentes à sua tradição religiosa faz parte do ideário batista desde sua organização nos EUA. Aliás,

observa-se que a sua forma de governo congregacional – cada assembléia é autônoma para decidir seus problemas e todo membro tem direito a voz e voto – não subordinada ao nível decisório a nenhuma instância superior como Sínodos ou Presbitérios, possibilitaria maiores oportunidades de oposição e veiculação de posturas alternativas ou dissidentes (SILVA, 1982, p.128).

A Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista é dirigida por três pastores: o titular e dois auxiliares, escolhidos pela comunidade após passarem um tempo em experiência servindo aos seus propósitos; e uma Mesa Executiva composta de Presidente, Vice-Presidente, Secretário Correspondente, Tesoureiro, 1º e 2º Secretários.

Pelas mesmas razões, existe ainda o diaconato, organização interna composta de homens e mulheres, escolhidos pelo voto dentre os membros mais experientes. Funciona como um conselho, cuja finalidade é cuidar das causas consideradas mais importantes, tais como orientar, aconselhar e definir os destinos da Igreja nos momentos cruciais.

Uma outra instância considerada relevante é o concílio, integrado por pastores, com a finalidade de dirigir as reuniões da consagração de diáconos e novos ministros para servirem ao pastorado e à causa da evangelização.

Além das já citadas, cria tantas organizações, serviços e comissões, quantos julgar necessários ao cumprimento das suas atividades, como, por exemplo, se vai fazer uma construção, cria uma comissão responsável para tratar do assunto; se organiza um retiro estabelece outra ou uma diretoria para se preocupar com questões afetas a este; se uma escola dominical elege professores, organiza uma diretoria para cuidar da escola e assim por diante.

Essa Igreja sempre foi mantida com recursos financeiros exclusivamente arrecadados através dos dízimos, ofertas especiais e doações junto a seus membros, e são aplicados nas diversas atividades deliberadas em assembléias, a cada mês faz-se uma prestação de contas que é submetida à aprovação numa reunião de negócios. Assim como as demais batistas existentes na Cidade, não admitem mulheres no exercício da função de pastor, sendo este lugar reservado exclusivamente aos homens.

As igrejas batistas locais, juntamente com outras da mesma fé e ordem, uniram-se em grupos distintos, surgindo a "Convenção Batista Brasileira", a

“Convenção Batista Nacional” e a “Comunhão Batista Bíblica Nacional”: entidades organizadas de acordo com os interesses e perfis religiosos de cada grupo.

A Primeira Igreja de Vitória da Conquista fundada em 1900 e que se registrou em 1914, na Comarca de Salvador, “Primeira Igreja Evangélica denominada Batista” como prova documento no anexo O, registrou-se também na Comarca de Vitória da Conquista em 1917, com o nome Igreja Batista Independente, associando-se a “Missão Batista Independente” (SILVA, 1998, p.65).

Nos anos 1930, denominou-se Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, alinhando-se à Convenção Batista Brasileira e, por fim, passou a ser chamada Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista, compondo com outras igrejas fundamentalistas a Comunhão Batista Bíblica Nacional, organizada em 1973.

Segundo o pastor Sidney Siqueira, associam-se à Comunhão Batista Bíblica Nacional as seguintes igrejas fundamentalistas: Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista; Igreja Batista Nova Jerusalém; Igreja Batista Bíblica Ebenezer; Igreja Batista Bíblica Shekinah; Igreja Batista Bíblica do Simão e a Igreja Batista Bíblica Perúcia, dados confirmados pelo pastor José Infante Junior.

Observam os postulados da Convenção Batista Brasileira, enquanto instituições religiosas tradicionais, dentre outras, a Segunda Igreja Batista de Conquista, como vimos, fundada em 1939 e registrada no ano 1941 e a Igreja Batista Boa Vista fundada em 1967, com as quais a Primeira Igreja não se alinha, mas estabelece algum nível de diálogo. Anexo TT.

Encontram-se irmanadas na Convenção Batista Nacional as igrejas batistas renovadas, co-irmãs da Igreja Batista Nova Sião, existentes em maior número que as demais, com as quais a Primeira Igreja não dialoga e não troca cartas demissórias, por não considerá-las da mesma fé e ordem. Anexo UU.

Apesar de se reunirem em Convenções ou Comunhão, as igrejas batistas se constituem em unidades autônomas que se dizem democráticas, sem relação hierárquica com qualquer outra instituição, a despeito da universalidade doutrinária que adotou o “contemptus mundi” (DELUMEAU, 2003, p.p.227-256).

Perpassam por elas comportamentos e costumes, contrários ao mundanismo, sensualismo dos corpos nus, adultério, álcool, danças e festejos populares, procedimento negativamente sancionado no ambiente de trabalho, não honrar os compromissos financeiros, aos apelos da carne e vícios do fumo, vivendo como se

“sal da terra”, numa comunidade de santos, um modo de vida orientado por uma ética ascética:

E este ascetismo não era mais uma opus supererogationes, mas algo que podia ser requerido de todo aquele que estivesse certo da salvação. A vida religiosa dos santos, desligando-se da vida “natural”, não era muito vivida – este é o ponto mais importante – fora do mundo, em comunidades monásticas, mas dentro do mundo e de suas instituições. Esta racionalização da conduta dentro deste mundo, mas para o bem do mundo do além, foi a consequência do conceito de vocação do protestantismo ascético. [...]. Agora, ele adentrou-se no mercado da vida, fechou atrás de si a porta do mosteiro, tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com a sua meticulosidade, e a moldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele (WEBER, 1996, p.109).

O universalismo que permeia as igrejas batistas, incluída a Primeira Igreja de Conquista, que após algum tempo de atividade, recebeu orientação doutrinária da Primeira Igreja Batista da Bahia, tem os seus fundamentos retirados da Bíblia e da confissão de Fé “New Hampshire redigida por John Newton Brown em 1833” (REILY 1984, p.p.125-127), uma vez que o seu primeiro pastor foi nela batizado e trouxe de lá tais fundamentos e doutrinas.

Nesse modo de vida, um indivíduo para se iniciar tem que, antes de tudo, passar pelo rito da profissão de fé que o qualifica para o ritual do batismo, como vimos no terceiro e quarto capítulos.

Na criação da Primeira Igreja, o pastor Queiroz, antes mesmo de ser consagrado, já batizava os seus adeptos por “imersão em um cocho onde davam de beber aos animais”, atribuindo alguma importância, portanto, a esse ritual.

Assim cabe perguntar que importância ou significado tem o ritual do batismo para os adeptos desta tradição religiosa.

Procurando respostas a essa questão, encontramos na “Confissão de Fé New Hampshire”, dentre outros fundamentos, que a Bíblia foi escrita por homens divinamente inspirados. Sua finalidade é a salvação e a verdade. É o elo da união cristã, revela os princípios do julgamento divino. Trata ainda do caminho da salvação, arrependimento e fé, divino propósito da graça, batismo e Ceia do Senhor; justos e injustos, mundo vindouro, e outros. No seu item XIV, está escrito:

Cremos que o batismo cristão é a imersão de um crente na água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; para mostrar, um distintivo solene e belo, nossa fé no salvador crucificado, sepultado e ressurreto, resultando em nossa morte para o pecado e ressurreição para a nova vida; que é o requisito indispensável aos privilégios tanto da relação com uma igreja [ou seja, de tornar-se membro dela] quanto da Ceia do Senhor, em que os membros da igreja, pelo uso sagrado do pão e do vinho, devem comemorar juntos o amor do Cristo crucificado, precedido sempre de solene auto-exame (REILY, 1984, p.126).

A vinculação simbólica do batismo com a morte, submersão na água é uma sucinta analogia de estar sendo também sepultado para o mundo e, ao emergir, sob a proteção da santíssima trindade, provoca a ressurreição para a vida eterna e o renascer para uma nova vida.

O batismo simboliza a morte para uma vida de pecado, o abandono do mundanismo, dos prazeres e vícios, o assumir de uma outra ética fundada nos princípios doutrinários do grupo reunido em igreja. Desse modo, “o batismo para os crentes é a adoção de um estilo de vida que exige morrer para o mundo e ressuscitar em Cristo” (NOVAES, 1983, p.280).

Concebem a morte física como um fenômeno irreversível. Não existe volta a este mundo em nenhuma circunstância antes da ressurreição (ninguém fica para semente - dizem), embora no outro encontre a vida eterna. Acreditam que “a divina providência”, ao criar o homem, previa para ele a imortalidade, condição perdida a partir do pecado original. Justificam dizendo que

tanto a morte física como espiritual são resultados da transgressão de Adão. Desde o momento em que ele e a sua companheira pecaram começou o trabalho da morte no seu systema physico [...] a queda de Adão também causou a morte espiritual ⁸⁶.

Resumindo o que diz a projeção das suas crenças podemos afirmar que o seu imaginário corresponde aproximadamente o seguinte:

em sua sábia bondade e incontida misericórdia, Deus é o gestor da salvação dos humanos, vítimas da danação deste pecado, desde que a

⁸⁶ O Jornal Baptista, 30/01/1904: n° 3, p. 6.

vida, o sacrifício da crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo, seja aceitos como redenção, perdão e reconhecimento da sabedoria divina⁸⁷.

Tal processo se realizaria pela manifestação do arrependimento e fé do ente pecador, uma vez que nenhuma obra realizada pelo homem tem o poder de redimi-lo. Assim, “a fé salvadora [que] é a confiança que temos em Jesus como nosso Salvador, no que ele fez, faz e há de fazer; nas suas promessas e no seu poder para nos salvar”⁸⁸.

Nessa tradição religiosa os fiéis recebem a morte (DELUMEAU, 2003, p.p. 349-369) como um interlúdio: “morrer é descansar ou dormir no Senhor”, ou seja, os que comungam os princípios bíblicos, ao morrer dormem no aguardo da ressurreição eterna, esperando o toque da trombeta do Apocalipse. Aceitam-na pacientemente como ato da vontade divina, felizes ao passarem desta para a outra vida, antegozando o privilégio da presença de Deus.

Os que permanecem vivos, parentes e irmãos de fé, manifestam alegria ao saber da morte bem-aventurada de seu ente querido. O doente, ao perceber que é chegada a hora de “passar desta para a melhor”, fala para o conforto dos seus que está em paz e morrerá feliz.

Parece uma morte desejada, como a exprimir alívio por deixar de carregar o fardo pesado da vida. A autora da obra sobre “A morte e o morrer”, tratando de estágios da aceitação deste fenômeno, expressa: “o paciente chega a um ponto em que a morte nada mais é do que um grande alívio e que se torna mais fácil morrer quando se é ajudado a desapegar-se de todos os relacionamentos importantes da vida” (ROSS, 1977, p.131).

Tomando estas ponderações como parâmetro, tudo leva a crer que os batistas, na sua certeza de que a morte é algo desejado e a vida um fardo pesado, contribuem para um freqüente desapego às coisas do mundo, inclusive ao próprio corpo como carne, fonte dos desejos e do pecado, um simples invólucro do espírito.

Mulher diabolizada; sexualidade controlada; trabalho manual depreciado; homossexualidade no princípio condenada, depois tolerada e enfim banida; riso e gesticulação reprovados; máscaras, maquiagem e trajes

⁸⁷ As palavras não estão destacadas por não se tratar de um texto literal, mas da tradução de um discurso.

⁸⁸ O Jornal Batista, 14/02/ 1902: n° 6. p. 2.

condenados; luxúria e gula associados [...]. O corpo é considerado a prisão e o veneno da alma (LE GOFF; TROUNG, 2006, p.37).

Estes não aceitam o adágio popular de que a morte torna todos iguais, pensam ao contrário: o momento da morte marca a diferença entre o falso e o verdadeiro cristianismo, entre os batistas e os que cultivam outras tradições religiosas. Admitindo ser a religião que sobrevive à morte e se estende além-túmulo é a única verdadeira. Não participam, portanto, de atividades ecumênicas.

A morte é também utilizada como reforço ao proselitismo batista. Acreditam que a fé que pregam seja muito mais eficiente, verdadeira e poderosa que a mensagem da Igreja Católica. Asseveram que o seu evangelho não deixa dúvidas sobre a eternidade do homem (REHFELD, 1988, p.p.46-480), pelo contrário, aqui mesmo, em vida, os que aceitam a doutrina podem ter certeza da salvação eterna, sem necessidade de imagens de santos, missas, extrema-unção ou qualquer outro símbolo religioso. É suficiente aderir ao evangelho, basta aceitar a morte e o sacrifício de Jesus Cristo.

Além do simbolismo da ritualística do batismo, este fenômeno tem um significado histórico vinculado às teses sobre as suas origens, quais sejam Relação Antipedobatista, Sucessão Apostólica e Restituição Separatista.

Todas essas reflexões vêm, no batismo, o elemento central para firmar a data do surgimento dessa tradição religiosa, sendo que os teóricos da Restituição Separatista, ao tratar do assunto, consideram que

a Denominação Batista originou-se no século XVII no bojo do movimento separatista na Inglaterra, o qual, por sua vez, era uma dissidência da Igreja Anglicana, o puritanismo. Como resultado do exame da Bíblia, vários setores do puritanismo foram de encontro ao batismo infantil, passando a adotar o batismo de adultos por imersão (SILVA, 1998, p.29).

No que diz respeito à Primeira Igreja, apuramos que se alinha aos pensamentos da Sucessão Apostólica. Adota, desde a sua criação, o batismo de adultos por imersão. Neste caso, a maioria se inicia aos 13 anos, provavelmente inspirados na informação bíblica de que aos 13 anos Jesus Cristo pregou aos templários. Abriram exceção, todavia, a filhos de crentes vinculados às famílias

tradicionais batistas, batizando alguns deles a partir dos 8 anos, possivelmente por serem conhecidos e freqüentarem a Escola Dominical desde tenra idade.

O sistema de saída e de reingresso funciona como um processo de vigiar, punir e perdoar, seguindo a lógica dos princípios cristãos batistas, que articulam uma dinâmica interna onde

[...]: é preciso pagar uma dívida para com a moral pública, e deve-se estar preparado, nas sendas do castigo e da penitência, para voltar a uma comunhão da qual se foi expulso pelo pecado. Portanto, não é possível ser admitido [...] sem um atestado: não um bilhete de confissão, mas um certificado de punição (FOUCAULT, 2002, p.84).

Os processos de exclusão da Primeira Igreja são elementos importantes para verificar como se dão as relações entre os seus membros e destes com outros com os quais convivem e especialmente com o povo de santo uma vez que ao registrar o comportamento condenado dos seus adeptos, permite analisá-los e verificar a dialética das relações estabelecidas na sociedade local.

O POVO DE SANTO

As religiões afro-brasileiras com características regionais que preferimos chamar candomblés de caboclo de tradição local, somente foram identificadas a partir dos anos 1930. Mas, como vimos no capítulo II, representam a continuidade das tradições afro-indígenas presentes no Sertão da Ressaca desde o século XVIII.

Essas passaram a ser denominadas “Centros de Umbanda” a partir dos anos 1970. Integram essas religiões, terreiros de candomblé queto, angola, angola/queto e Jeje-Marrin, e mais as casas de Mesa Branca que completam o conjunto do que denominamos povo de santo. Anexos CCC até GGG,

Constituem um universo regido por cosmo visão mágica do mundo que opera até os limites do acaso e necessidade nas dimensões do jogo da vida, onde tudo é possível e um pouco de tudo há, e onde se procurando acha, isto é, uma “religião ritualística e mágica, de manipulação do destino através de poderes sobrenaturais de que os sacerdotes são dotados por Iniciação” (WEBER, IN PRANDI, 1991, p.49).

Tradições religiosas que operam com arquétipos de orixás, exus, inquices, caboclos, boiadeiros, pombas-gira, Martim Pescador, encantados e santos que

certamente dão conta das diversas facetas do existir e agir dos indivíduos no meio ambiente (natural, social, cultural e histórico), ritualizando o fazer e o viver.

Seus adeptos são portadores de características e condutas que os identificam como pertencentes a estas organizações sociais. Porque falam a mesma linguagem e se inserem no mesmo universo simbólico das tradições afro-brasileiras.

Consultam seus líderes religiosos que, através do jogo de búzios, identificam os seus guias protetores: um de cabeça, um de colo e outro de costa, que integram o juntó, o conjunto das entidades que acreditam reger a existência de cada um.

Nas tradições afro-brasileiras cada casa é uma casa, definida por elementos culturais africanos de matriz ioruba, jeje e banto, inter-relacionados com símbolos de matriz indígena e, também, elementos de tradições religiosas européias, notadamente do catolicismo e do espiritismo kardecista. Não encontramos vestígios de sincretismo com as batistas.

Para se tornar um membro nestas tradições, necessário se faz os rituais de iniciação, que começam com uma festa pública, onde o futuro iniciado bola no santo e em seguida é recolhido ao roncó⁸⁹, ou quarto de santo, participando durante alguns dias de distintos rituais de feitura da cabeça.

Na Umbanda Conquistense, o iniciando é recolhido por sete dias, nos quais faz limpeza de corpo, borí e outros rituais, porém não raspa a cabeça nem recebe cortes. Segundo alguns filhos de santo de diversas casas existentes, quem trouxe a navalha para Conquista foi Dona Merentina, mãe-de-santo de um terreiro de candomblé angola/queto, na década de 1960.

No caso das demais tradições, o iniciando, ao bolar no santo⁹⁰, é recolhido ao roncó por um período de vinte e um dias, em que participa de rituais especializados de acordo com o que determinou o jogo de búzios; raspa a cabeça; deita sobre a esteira em cima de folhas; e efetua cortes de acordo com a tradição de cada casa. Realizam-se matanças de animais, dentre vários outros ritos especializados que

⁸⁹ **Roncó** é como alguns adeptos das tradições afro-indígenas em Conquista pronunciam a palavra runcó, que segundo Castro (2001. p. 331) significa: RUNCÓ (kwa) 1. (LS) –s. [...]. 2. (PS) – s.m. a clausura ou camarinha, quarto especial do terre(i)ro onde os noviços são alojados e passam a dormir no chão, sobre esteiras, durante o período de reclusão. Ver sete-runcó. Fon hunk [...].

⁹⁰ **BOLAR**, v.t.i. e intr. No candomblé* e na macumba*, entrar em transe (BH) – Incerto, talvez de origem banta. Cp. o seguinte (LOPES 1993-95: p. 49.). BOLA(R) (banto) (°PS) – v. entrar em transe, incorporar a entidade. Ver cai(r)–no–santo. KiK./ Kimb. *mbo (ko)la*, entrar em transe + Port. (em)bolar, cair, rolando como uma bola, em alusão aos movimentos contorcidos no momento do transe (CASTRO, 2001: p.178).

podem variar de uma casa para outra ou ainda de acordo com as entidades que acompanham cada laô⁹¹ na mesma casa.

Após o recolhimento, em todas as tradições, chega o momento mais esperado: a saída do barco das laôs, na maioria das vezes mais de um iniciando por barco. Neste dia, realiza-se uma festa pública durante a qual, sob o som dos atabaques, sempre em número de três, tem lugar a entrada dos iniciandos no salão de festas, devidamente paramentados com as vestes e os distintivos do orixá de cabeça de cada um.

Acompanhados de líderes religiosos como num cortejo, participam da gira até o momento da tomada da dijina⁹², quando a laô em transe recita o seu nome para um líder religioso convidado. Este é um momento de grande júbilo, pois confirma a eficácia dos rituais realizados durante o processo de iniciação, levando prestígio ao pai ou mãe-de-santo do terreiro.

Cada casa tem um calendário próprio, no qual, durante alguns meses e dias do ano, está prevista a realização de festas públicas, mas não durante a Semana Santa e o mês de novembro que é consagrado aos mortos.

Cada dia da semana é dedicado a uma entidade: orixá, caboclo, exus, encantados e outros, aos quais também associam um tipo de comida, bebida, animais, plantas, cores, vestimenta, música, dança e ferramenta, de acordo com a tradição do terreiro, casa ou centro (AGUIAR, 1999, p.p. 95-168).

Os adeptos dessas tradições não questionam e nem fazem objeção ao discurso religioso; compõem a comunidade diretamente vinculada a cada casa e terreiro; não oferecem resistências culturais à autoridade; praticam as obrigações rituais que mantêm ativas as casas. Não são afeitos ao proselitismo nem costumam esmiuçar as questões essenciais das suas tradições.

Além dos adeptos, os seus líderes são procurados por clientes fortuitos que são todos os indivíduos cujo comportamento não se enquadra na categoria de iniciado. Não devem obediência ritual ou prescritiva, não freqüentam continuamente

⁹¹ **IAÔ** (Kwa) (°PS) – 2gen. Designação genérica dada aos noviços de ambos os sexos, postos em reclusão por três ou sete semanas, sozinhos ou em grupos (Ver **barco**), período em que se submetem a certos ritos secretos, que completam a sua iniciação religiosas. Também são treinados em cantos e danças rituais e proibidos de falar com quem quer que seja, nem mesmo uns com os outros, a não ser com permissão do **pai**- ou da **mãe-de-santo**. Terminada a reclusão, continuam a ser chamados como tal por mais sete anos. Ver ebame. Var. filha/filho-de-santo. Cf. mona-d(e) – inquite, muzenza, vodunce. Yor. iyâwó, esposa (CASTRO, 2001: p. 249).

⁹² **DIJINA** (banto) (°PS) – s. f. denominação corrente para o nome-de-santo, geralmente referente à origem ou a uma qualidade da divindade. Cf. orucó. KiK./ kimb. *dijina*, nome (CASTRO, 2001: p. 223).

os cultos, nem cumprem obrigações religiosas. Não observam um calendário litúrgico, ou seja, são clientes irregulares.

Geralmente não buscam pais ou mães-de-santo inspirados na descrença, mesmo porque poderia sofrer sanções negativas do grupo ao qual pertencem. Esta descrença se baseia em tentáculos religiosos existentes na consciência do catolicismo, uma subjetividade inconsciente de religiosidade, muito mais do que numa postura ideológica, pois entre eles não se encontram pessoas que se definam como ateus ou materialistas.

Os compreendidos nesta categoria só procuram pai ou mãe-de-santo em última instância, quase sempre por problemas de saúde depois de recorrer aos médicos e não encontrar solução para o mal que os aflige. Mesmo procurando esses líderes, em última instância estão mais propensos a aceitar a linguagem dos seus ritos que dos modelos míticos reificados de outras crenças.

Esta clientela interessa aos agentes do sagrado por determinados motivos: suporte financeiro, uma vez que os serviços religiosos são cobrados e pagos; um possível apoio econômico ao terreiro ou casa, como, por exemplo, a doação de animais como boi, cabra, galinha, e outros a serem utilizados nos rituais; até mesmo ajuda material ou financeira para reformar a casa ou construir um terreiro novo, pois estes clientes, muitas vezes, pertencem a segmentos sociais mais abastados que os adeptos.

Interessa-os ainda o reconhecimento do seu saber por pessoas que supõem importantes na sociedade com as quais estão em contato, aumentando assim a sua influência. As últimas vantagens citadas levam sua respeitabilidade a um círculo maior de relações.

Os clientes fortuitos quase sempre procuram um pai ou mãe-de-santo via informações de terceiros que os indicam como o melhor ou a melhor. Em geral, não são os necessitados dos serviços que procuram por iniciativa própria o líder religioso e sim os seus parentes ou amigos.

Os que influenciam clientes no sentido de uma primeira consulta o fazem por diversos motivos como resultados positivos alcançados para si, para pessoas próximas ou conhecidas, principalmente as de seu convívio.

Às vezes o pai ou mãe-de-santo é procurado por alguém em nome do necessitado, sem que este tenha conhecimento de tal providência. Ele pode estar sendo trabalhado para se livrar do alcoolismo, encosto, azar, insucesso no amor,

mau olhado, canseira, para curar bicheira de animais ou expulsar cobras dos pastos e outros problemas.

Constatamos também clientes praticantes de outras religiões. Tal clientela é composta principalmente por adeptos do catolicismo, espiritismo kardecista e batistas vinculados às igrejas fundamentalistas, tradicionais e renovadas, que também podem ser caracterizados como clientes fortuitos, mas que merecem destaque.

Esses últimos centralizam o objeto desta tese e, por isso, terão as suas relações com o povo de santo analisadas em um item determinado, os demais sofrerão uma abordagem mais genérica.

Os católicos, até meado dos anos 1990, recebiam dos seus agentes mensagens de rejeição às manifestações afro-brasileiras e, dado aos fatos de os filhos-de-santo manifestarem a sua “dupla pertença”, bem como as casas e terreiros realizarem obrigações ritualísticas nas igrejas, era comum os padres proibirem estas atividades, muitas vezes expulsando-os dos templos católicos, levando alguns terreiros a buscarem alternativas na realização dos seus rituais.

O terreiro de candomblé queto/angola de Mãe Merentina passou a desenvolver alguns dos seus ritos na porta do templo católico do bairro Campinhos, quando esse se encontrava fechado e os seus filhos-de-santo, ao assistir à missa, o faziam de modo a não ser identificada a sua pertença religiosa afro-brasileira.

O terreiro Queto de Nação Ijexá de Pai Jorge também teve problemas com a Igreja Católica, ao ser expulso de um templo juntamente com os componentes de um barco de laôs. Em substituição ao ritual na Igreja passou a realizar o “Panã”, armando uma capela fora do terreiro e levando as laôs em romaria para Oxalá.

Pai Francisquinho do “Centro São Jorge Candomblé” relatou os conflitos que enfrentou com padres da Igreja Católica, como também narrou que alguns deles participavam de procissões realizadas por sua casa.

A partir do movimento de padres negros na Cidade, das campanhas publicitárias de combate ao racismo e preconceito, dentre outros motivos, alteraram as relações antes tensas, modificando-as em mais amenas, através de padres visitando terreiros, da realização de cultos ecumênicos e levando símbolos de cultura afro-brasileira para o altar durante as missas. Era maior o ganho da Igreja Católica que das religiões afro-brasileiras.

Católicos, nessa ocasião, faziam suas consultas aos pais-de-santo de forma clandestina. Posteriormente passaram a fazer de maneira discreta e por motivos diversos, como, por exemplo, procurarem os líderes religiosos na tentativa de resolver casos de frustração amorosa, realizando trabalhos para pomba-gira, de cura do alcoolismo, trabalhos para Martim Pescador.

No espiritismo kardecista observa-se uma movimentação de mão dupla com alguns filhos-de-santo freqüentando sessões em centros espíritas e adeptos do espiritismo indo a festas públicas das casas e terreiros.

Os líderes kardecistas, porém, não encaminham seus irmãos de fé aos pais e mães-de-santo, alguns deles chegam a externar preconceitos em relação a estes, cognominando as suas práticas religiosas de “baixo espiritismo”, provavelmente pelas origens sociais dos fundadores do kardecismo na Cidade. Como vimos, no final do século XIX e na primeira metade do XX eram fazendeiros, integrantes da endogamia local e considerados intelectuais, e também porque durante muitos anos permaneceu como religião das famílias ditas tradicionais, mantendo o distintivo da intelectualidade.

Não descartamos, porém, possíveis influências do que vinha acontecendo em outros lugares, o que possibilitou a distinção de “alto” e “baixo” espiritismo, vez que se deu na Cidade, concomitante a outros centros pelo Brasil a fora (NEGRÃO, 1996, p.p. 44-66). Principalmente a partir dos anos 1950, quando se inicia a realização de “Semanas Espíritas” em Conquista, aumentando o contato entre os kardecistas e maior acesso à literatura por eles produzida.

Adeptos das casas e terreiros, por sua vez, quando vão a sessões espíritas, trazem de lá pensamentos e gestos aprendidos e reciclados, atribuindo-lhes novo significado e, em alguns casos, incorporam estes às suas tradições.

Por outro lado o kardecismo reage, especialmente, com os seus líderes incorporando caboclos e encantados (PRANDI, 2001), atribuindo a eles papéis negativos, como força do mal ou exemplos de ignorância, na tentativa de atrair adeptos dos candomblés as suas fileiras, pois os consideram clientes potenciais. Situação semelhante foi observada em outra vertente da herança africana, na Chapada Diamantina. Sabemos que

o jarê reaje tornando parte dos seus curadores em chefes também de mesa espírita, em ocasiões diversas dos seus cultos de caboclo, de modo que o

jarê encontra no espiritismo kardecista o seu adversário direto dentro de um universo mágico formado por similaridade, porque estes dois cultos estão, no que diz respeito ao processo de cura, como competidores (SENNÁ, 1998, p.172).

Observamos, ainda, em relação ao kardecismo, que alguns dos seus adeptos criaram um centro denominado “Centro Espírita Pena Branca”, o qual distribui uma sopa para pessoas carentes em bairros considerados populares, à qual denominaram “sopa dos pretos velhos”. Anexo XX.

A mesa branca formatou-se de modo semelhante ao que aconteceu em outros lugares do Brasil, mas num processo sócio-cultural distinto, o de constituição e vigência da endogamia conquistense.

Nessa Conquista, processaram-se as relações e as trocas simbólicas das quais decorre o que está sendo identificado como mesa branca, mas na realidade se constituem diversas casas ou modos distintos de trabalhos mágicos religiosos.

Abrange desde médiuns que incorporavam o espírito do “médico alemão Doutor Fritz”, o qual, dizem, realiza cirurgias e assim cura pessoas. Citamos a exemplo o professor Edvaldo Flores, que gozou de prestígio e atendeu a muita gente, inclusive a artistas de renome nacional.

A uma forma de mesa branca que se constitui de grupos de parentes, vizinhos, amigos ou conhecidos que se reúnem em torno de uma mesa forrada com uma toalha branca, um copo de água, rezas e concentração de médiuns, incorporando espíritos de mortos que enviam mensagens para um ou mais dos presentes ao ritual.

Já uma outra forma se apresenta como a da casa de Seu Nonô, geralmente localizadas nos bairros populares. Atendem grande número de pessoas, que vão consultar o caboclo incorporado pelo agente, como se fosse um pajé, um curador. Líder religioso semelhante a outros observados na zona rural de regiões do nordeste brasileiro, como Xico Fulô, na Cajazeira, município de Iraquara, estado da Bahia, que tivemos oportunidade de visitar nos anos 1970.

Além das citadas acima, existem muitas outras casas, cujos líderes foram iniciados nas religiões afro-brasileiras e atendem clientes por diversos motivos, os quais, de acordo com o problema apresentado, incorporam uma entidade especializada em cuidar daquele tipo de mal, como, por exemplo, o caso da líder

Eliene Simões de Souza, que para resolver questões de alcoolismo incorpora a entidade “Martim Pescador”. Anexo AAA.

Procuramos demonstrar três tipos de mesas brancas que se encontram mais próximas: a primeira das tradições kardecistas; a segunda das tradições indígenas e católicas; e a última das tradições afro-brasileiras.

Essas casas surgiram e foram se organizando no contexto da cultura local, onde indivíduos que viveram o cotidiano destas tradições vão aos poucos se definindo por uma e inventando outras, chegando às formas amalgamadas denominadas “mesa branca” que têm em comum, dentre outras características, o não usar atabaques nos seus rituais.

Tais casas não contam com uma grande parafernália, como no caso dos candomblés e umbanda. Os trabalhos normalmente são realizados em cômodos da própria residência do líder, numa sala ou num quarto da casa.

Não fazem rituais de iniciação para constituir uma casa com seus filhos-de-santo, geralmente o atendimento aos que os procuram, se desenvolve com o auxílio de alguns parentes ou amigos. Os seus clientes são eventuais e podem ser fiéis do kardecismo, protestantismo, católicos e outros sem opção religiosa declarada.

Protestantes procuram pais, mães-de-santo e líderes da mesa branca às escondidas, pois as suas comunidades religiosas se mantêm vigilantes e punem com a exclusão do rol de membros de suas igrejas todo aquele que for flagrado cometendo este tipo de pecado. Faz parte da moral destes grupos vigiar e punir para, em seguida, caso seja possível, perdoar.

As igrejas protestantes consideradas tradicionais, como a Presbiteriana, Batista e Metodista, relativamente discretas em relação às tradições afro-brasileiras, tratam do assunto apenas internamente, não fazem campanhas públicas ostensivas contra estas e não as perseguem ao ponto de satanizá-las. Geralmente vêem como o outro a ser evangelizado.

O rigor moral que estas tradições mantêm em relação aos seus adeptos impede, muitas vezes, que questões do cotidiano, como vida sexual ativa antes do casamento, adultério e prostituição, sejam discutidas e compreendidas no sentido de buscar soluções que amenizem o sofrimento dos envolvidos.

A sofisticação de linguagem utilizada não os acode, no sentido do seu discurso, e faz supor que não vivenciam mais as experiências de conversão, como

em tempos passados. Ser protestante tradicional, hoje em dia, parece resultar de ter nascido e sido educado numa família protestante. Assim,

ninguém se converte à doutrina da trindade, ou à doutrina do nascimento virginal, ou da inspiração verbal das escrituras ou mesmo à moral protestante. Essas doutrinas são palavras que não movem as emoções. [...]. Uma linguagem religiosa só é assumida na medida em que ela responde a uma necessidade emocional, ou seja, na medida em que ela é funcional em face de certas exigências da personalidade (ALVES, 2005, p. 67).

No que diz respeito às igrejas renovadas e pentecostais, como Deus é Amor, Assembléia de Deus e Universal do Reino de Deus (cuja maioria dos templos localiza-se nos bairros considerados pobres), na disputa direta pela clientela, chegam, em seu proselitismo, a serem agressivas com as afro-brasileiras e vêem as outras religiões, inclusive do campo protestante, como “pomares que produzem frutos a serem colhidos”.

Estas tradições têm conquistado muitos adeptos dos demais campos religiosos, inclusive dos afro-brasileiros e espiritismo kardecista. Ao que tudo indica, porém, não têm conseguido conversões em massa destas duas últimas. Provavelmente, porque a linguagem agressiva usada contra os líderes destas contém fortes ameaças de perdição:

Nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos ⁹³.

Também jamais em ti brilhará luz de candeia; nem voz de noivo ou de noiva, jamais em ti se ouvirá, pois os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas por tua feitiçaria ⁹⁴.

Quanto, porém aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte ⁹⁵.

Utilizando linguagem tão ferina e condenatória contra os “impuros, mentirosos, feiticeiros e idólatras”, as igrejas protestantes renovadas são seguidas

⁹³ A Bíblia Sagrada Antigo e Novo Testamento, 1969: Apocalipse - Capítulo 9, versículo 21, p. 298.

⁹⁴ Idem. Apocalipse: Capítulo 18, versículo 23, p. 305.

⁹⁵ Ibidem. Apocalipse: Capítulo 21, versículo 8, p. 308.

pelas Testemunhas de Jeová que nem sempre são identificadas como pertencentes ao campo protestante, mas algumas vezes vistas por não evangélicos como tais.

Esse proselitismo alcança os grupos e organizações religiosas granjeando conversões seletivas. Prendem-se mais às malhas da rede dos pentecostais e das igrejas protestantes renovadas, os “indiferentes” à religião, os fiéis da Igreja Católica, das igrejas protestantes tradicionais e os fundamentalistas. De modo distinto, prendem-se menos às malhas de tal rede os “peixes menores”, adeptos de mesa branca, do espiritismo kardecista e das afro-brasileiras.

Os fiéis da Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista se transformaram em presas importantes dessa “armadilha”, o que, como vimos no IV capítulo, passou a fazer parte das preocupações do pastor Rocha, a partir da segunda metade dos anos 1960.

O acontecido com essa igreja batista fundamentalista parece, mais uma vez, constatar que “a reforma sacralizou a consciência e dessacralizou o mundo” (ALVES, 1970, p.42). Apenas parece, uma vez que ao observarmos a história dos batistas nesta cidade e o conteúdo do parágrafo anterior, somos levados a comentar que nem a “todo o mundo”.

A DINÂMICA DAS RELAÇÕES ENTRE BATISTAS E POVO DE SANTO

Definidos os campos, ou seja, as tradições batistas e afro-brasileiras, cabe analisar como os adeptos dessas tradições religiosas transitam entre elas. Se permanecendo em uma, usam serviços religiosos da outra. Mas em que tipo de trabalho e como esta movimentação acontece?

Pai Cely, do centro de umbanda “OGUM MEGÊ”, ao ser entrevistado sobre esse assunto respondeu: “Com certeza já, eu tenho esse caso na minha casa, por uma pessoa membro da igreja né, por um problema espiritual me procurou [...] essa pessoa foi servida e, continua sendo minha amiga, [...]”.

Pode falar qual foi a igreja batista? “Posso, a Segunda Igreja Batista”.

Ao perguntar-lhe: Além desta vez, ela procurou outras vezes? “Com certeza! Procurou uma vez até mesmo por ela e, procurou a segunda vez por uma pessoa da família [...]”.

Pode dizer que tipo de trabalho foi feito? “Foi um jogo de búzios, uma limpeza de corpo e até mesmo para ajudar em afastar as obsessões”. Anexo UUU.

Pai Geci do terreiro “ILÊ IABÁ LINDAIÁ”, perguntado: Membros de igrejas batistas de Vitória da Conquista já procuraram a sua casa para fazer algum trabalho? “Já, já jogou buzo, carta, ifá, e fazer trabalho de união de amor”. Anexo UUU.

Pai Jorge do terreiro “ROÇA DE CANCOMBLÉ LOJERÊSI NAÇÃO IJEXÁ”. Perguntamos: Algum membro de alguma igreja batista de Vitória da Conquista já procurou a sua casa para fazer algum tipo de trabalho?

É meio difícil falar, mas se não pode negar tem que conversar e, tem que ser explicado, já me procurou pra jogo de búzio, pra orientação espiritual. Eu já tomei choque de pessoas de posse dentro da igreja, me procurou pra trabalho de amor e agente recebe como qualquer um, por que candomblé não tem colidade [cic.], se é preto ou se é rico, ou se é pobre ou se é bonito, se é feio, não importa religião. Candomblé não marca religião, por que eu sou crente não pode vim, por que eu sou católico não pode vim, candomblé é portas abertas e, já atendi de Conquista e to pronto pra atender a hora que me procurar. Anexo UUU.

Pai Rudy do terreiro “ILÊ AXE OXUM ONI PONDÁ”. Ao ser perguntado: Algum membro de alguma igreja batista de Vitória da Conquista já procurou a sua casa para fazer algum tipo de trabalho?

Já [...]. Ela veio até a minha casa através de uma moça. Ela frequenta a Segunda Igreja Batista [...] e ela tem um problema sério, conjugal. [...]. Eu recebi ela aqui quase dez horas da noite, para fazer o jogo de búzios e ela só me procurava nesses horários pra não ter a sua identidade revelada, até porque são pessoas influentes dentro da Igreja, [...]. Anexo UUU.

Eliene Simões de Sousa, líder de mesa branca, que foi durante algum tempo fiel da Igreja Batista Ebenezer. Ao entrevistá-la perguntamos:

Quais as entidades que a Senhora recebe para desenvolver os trabalhos e fazer a caridade às pessoas que lhe procuram? “Meu orixá de cabeça mesmo é Ogum, ele é que vem, trabalha pras pessoas e de vez em quando o velho Martim Pescador”.

A senhora já teve algum cliente membro de alguma igreja batista? “Já, várias pessoas, [...]. Fui procurada por várias pessoas daqui de Vitória da Conquista, por tipos de trabalho sendo batista”.

Já fez trabalho para pastor de alguma igreja batista de Vitória da Conquista? “Não, de Vitória da Conquista, não. Agora de Jequié, sim. Pastor de igreja batista. E ele continua na Igreja, mas não deixa de vir aqui, sempre vem, vem atrás de orações”. Anexo XXX.

Apuramos que é comum um filho-de-santo sair do seu terreiro para se filiar às igrejas batistas e, ao contrário, sair membros das igrejas batistas e se tornarem filhos-de-santo. Vejamos o que disseram alguns entrevistados:

Pai Geci: Existe em seu terreiro, algum filho-de-santo que foi antes membro de alguma Igreja Batista em Conquista? “Já, tanto eles sai daqui e passa pra lá, pra Igreja, e como vem da Igreja pra qui, pro centro”.

Pai Jorge ao responder o que perguntamos informou:

Eu tenho um filho-de-santo que já era diácono, já teve estudando pra ser pastor e, certo dia disse que Ogum pegou ele e mandou procurar um terreiro de candomblé. Essa pessoa se iniciou aqui na milha casa, já é feita, tá comigo até hoje e até o dia que Deus e o Orixá buscar do meio da gente.

Algum filho-de-santo de seu terreiro deixou o candomblé para se filiar a alguma igreja batista?

É tenho né, mais agente não pode negar por que mentir é erro, então eu tenho três ou quatro filhos-de-santo, acho que até cinco, que deixaram o candomblé, foram pras igrejas e tão lá. Eles me tratam bem, eu respeito por que se ele achou que a religião dele não era o candomblé, era pra ser crente, é direito dele, porque o candomblé não prende ninguém, você é livre de portas abertas, você entra e você sai à hora que você quiser. Para a igreja batista sim.

Pai Rudy, ao ser perguntado sobre o mesmo assunto, assim se expressou:

Tenho também uma filha-de-santo que foi batista muito tempo, chegou na casa procurando serviços mágicos, porque a idéia que as pessoas têm é

essa que o candomblé é pra resolver problemas, é serviço mágico né, aí você vai fazer o ebó, faz o trabalho e a pessoa melhora ou muda de situação.

Adriana Ferraz Couto, filha-de-santo, que antes foi filiada à Igreja Batista Monte Sião, declarou:

Na verdade eu vim aqui por curiosidade, eu fui trazida por amigos e simpatizei com a religião. Eu antes de ser filha de meu Pai Rudy eu fui amiga dele, ele me aceitou de braços abertos aqui na casa dele e, com o passar das visitas, das sessões, eu fui me identificando com a religião e foi aí que com os trabalhos eu fui ser filha-de-santo.

Quais os motivos que levaram você a se afastar da Igreja e ir para o terreiro de candomblé?

Quando eu fui membro da Igreja Batista, fui durante onze anos, desde criança aos vinte e um anos de idade. Eu via lá dentro divisão em questão financeira, ou seja, quem tinha uma condição econômica melhor não tinha amizade com quem tinha uma condição inferior e isso me levou também à falta de interesse. A ajuda mútua que eu vejo aqui, eu não via lá e isso foi me esfriando, fui me afastando. [...], foi uma das coisas que me influenciou a sair de lá. Não foi influência de amigos, não foi influência de nada, foi por mim mesma, por eles exigirem uma alta perfeição da pessoa, ou seja, tudo deles se refere a pecado, tudo é pecado, tudo era proibido e, em fim, tudo deles era pecado, era coisa do demônio. Anexo V V V.

Lys Alves Abreu da Igreja Batista Lírio do Vale, considerada batista renovada: Você pediu carta demissória ou foi expulsa pela Igreja?

No momento que eu falei pro pastor que eu iria me retirar da Congregação, ele me deu trinta dias para que eu pensasse né, como ele ficou sabendo que eu estava freqüentando centro espírita e outras religiões, apenas em visitas, ele preferiu me eliminar, ele fez um culto e a Congregação achou por bem me eliminar porque eu já não estava nos mesmos passos da Igreja, no caso.

Você já foi a algum terreiro de candomblé?

Fui sim. Ao terreiro de Pai Cely e acabei assim né, encontrando um ambiente diferente do que era tratado dentro da minha Igreja Batista né. Dentro da Igreja, o candomblé era visto como um lugar onde se cultua demônios, um lugar onde o pai-de-santo, no caso, mantinha relações com as filhas-de-santo, um lugar de orgias, [...].

Essas considerações sobre o candomblé levam a Igreja a expulsar membros que tenham contato com esta religião?

Leva sim, porque eles têm um preconceito tão grande que, no momento que você pisa o pé no candomblé a Igreja diz que você já está carregada de demônios, então você já não serve mais pra denominação batista, a não ser que você sofra uma libertação, onde eles usam o termo expulsar o demônio de você. Se você come um acarajé que, na Igreja Batista é dito que o acarajé é feito com ossos de criancinhas né, então se você come o acarajé, você não pode mais fazer parte da ceia da Igreja Batista, por que você comeu comida oferecida a demônios, você não pode ter contato com as coisas que são ditas do mundo, no caso o candomblé.

Existem membros da sua igreja que eram antes do candomblé e se tornaram batistas?

É tinha uma senhora mesmo que ela freqüentou durante muito tempo um candomblé aqui em Conquista, ela inclusive era filha-de-santo, se eu não me engano, e ela promove sempre culto dando testemunho contra o candomblé.

Você tem notícias de algum caso de pessoas da Igreja Batista que recorre aos serviços de um pai-de-santo [...], ou que foram expulsos da Igreja por esses motivos?

Já sim, é uma prática comum, às vezes a pessoa se sente tão sufocada pela religião que ela acaba né, buscando outros meios, agora não é muito, é um caso assim, são casos raros, porque se no caso a congregação, se o pastor descobre, essas pessoas são eliminadas. [...]. Procuram sim, tanto o candomblé quanto o centro espírita, sempre procuram outras religiões. Anexo V V V.

Glauba Ferraz Freitas, fiel da Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista. Quando perguntamos sobre a origem religiosa dos membros da Igreja, indagamos se dentre eles existiam alguns vindos das religiões afro-brasileiras, disse:

Das religiões afro-brasileiras, pouquíssimas. Eu me lembro nessa época de Rosália Alves, essa Rosália Alves aí, ela trouxe muita gente de lá, muita que eu quero dizer é assim umas 50 pessoas, ela trouxe de lá pra Igreja. Ela era candomblezeira. [...]. Ela era, eu não vou dizer que ela era mãe-de-santo, eu acho que o marido dela era mais do que ela, mais ela era envolvida com o candomblé. Anexo A A A A.

Emanuel Marcos Silva, também membro da Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista. Perguntamos-lhe: Como a Igreja vê as tradições religiosas afro-brasileiras?

São práticas ritualísticas não é, trazidas lá da África e então a Igreja tem uma postura muito rígida, ela não vê primeiro como religião, ela vê como seita, não vê como nenhuma manifestação cristã, por não vê também nenhuma orientação teológica, nenhum embasamento bíblico, [...]. Na verdade não existe uma relação, porque não existe um contato, digamos uma atividade da Igreja lá num terreiro e, eu diria que muito menos, do terreiro na Igreja, no máximo o que a Igreja procura fazer é alcançar de alguma forma, não indo nos terreiros, mais através de literaturas, através de recados, de convites a vir ouvir a palavra, mais isso no espaço de domínio da Primeira Igreja.

Perguntamos ainda se conhecia algum caso de conversão de adeptos das religiões afro-brasileiras à Primeira Igreja Batista, e noutro sentido, alguém que tenha saído da Igreja para ingressar em alguma casa ou terreiro.

Sim, tenho notícias de algumas pessoas que se converteram. Eram praticantes, integrantes, líderes até dessas religiões, no caso da prática do candomblé e que passaram, se converteram ao protestantismo e foram buscar isso justamente na Primeira Igreja [...]. O caso de uma senhora que era desse meio, mãe-de-santo, praticava a sua atividade muito intensamente, produzindo despachos e consultas e essas coisas todas, sacrifícios até, e se converteu [...]. O inverso, por ouvir dizer que ocorreu, mais não, nada que eu houvesse constatado, comprovado, mais eu sei de um caso inverso, contra dezenas de casos como o primeiro.

Indagamos ainda, se existem hoje na Igreja, alguns membros vindos das tradições afro-brasileiras. “Sim, existe sim, temos membros hoje ativos no nosso meio, professando a fé no Cristo, no cristianismo, vivendo esse legado protestante, que eram de lá, [...]”. Anexo AAAA.

Além dos casos que aparecem nas entrevistas acima, observamos que Pai Rudy descende de família batista, chegou a freqüentar uma igreja batista em Conquista, quando criança; Pai Jorge também, antes de se iniciar no candomblé foi batizado numa igreja batista, na cidade de Jaguaquara; Mãe Merentina, batizada numa igreja batista foi, posteriormente, levada por seu pastor para se iniciar num terreiro de candomblé em Salvador; Eliene Simões Santos, líder de mesa branca, tem uma passagem pela Igreja Batista Ebenezer e Alaíde Guimarães, mãe-de-santo de umbanda, por vinte e sete anos, se tornou batista. Anexo UUU, XXX, ZZZ.

Estes dois modos de vida religiosa, aparentemente incompatíveis, apartados, coabitam o espaço social. Mantendo-se cada qual institucionalmente nas suas especificidades, comportam relações sociais marcadas e demarcadas por traços de uma economia de início predominante rural, mas que, com o passar dos anos, vai aos poucos se urbanizando não obstante permanecer no imaginário dos atores sociais, desempenhando papéis significativos no contexto da cultura local:

Um pouco como a arquitetura de uma cidade desabitada ou destruída, reduzida ao esqueleto por uma catástrofe da natureza ou da arte. Cidade não mais habitada, mas também não simplesmente abandonada; antes assombrada pelo sentido e pela cultura. Este assombramento que a impede aqui de voltar a ser natureza é talvez em geral o modo de presença ou de ausência da própria coisa na linguagem pura (DERRIDA, 2002, p.p.15-16).

O processo que observamos em Conquista envolveu elementos de diversas culturas, num meio ambiente tal que possibilitou atividades econômicas cujo carro chefe foi a agricultura, a pecuária e o comércio; viabilizou relações sociais que resultaram na endogamia local, unindo, através do vínculo de sangue, parentesco e compadrio, indivíduos que se posicionaram nas distintas instituições religiosas.

Toda essa história criou uma dinâmica que tornou possível aos seus habitantes experimentar aspectos das diversas tradições, a depender do momento existencial que cada um vivenciou, possibilitando que mesmo desejando continuar

ou continuando vinculados à tradição religiosa na qual se batizou, sentisse a necessidade e utilizasse dos serviços mágicos das tradições afro-brasileiras. Tudo isso comprova as hipóteses levantadas.

Comprova a hipótese A, as conversões de filhos-de-santo às igrejas batistas, quer sejam fundamentalista, tradicional ou renovada, assim como as diversas exclusões de fiéis do rol de membro destas, por freqüentarem ou utilizarem serviços mágicos religiosos das tradições afro-brasileiras, como também o fato de os batistas não aceitarem, de modo algum, os contatos entre suas igrejas com as casas e terreiros, como pode ser observado nos trechos das entrevistas transcritos acima, bem como nos anexos UUU até AAAA. Por outro lado, não se verifica, nas casas ou terreiros, qualquer elemento de cultura que possa ser identificado como pertencente às tradições batistas.

No que diz respeito à hipótese B, é comprovada pela organização da Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, pela origem religiosa dos seus primeiros adeptos, inclusive a de seu fundador Tertuliano da Silva Gusmão e parentes, que eram católicos. Assim como as conversões de outros católicos, mais as de alguns filhos e pais-de-santo, verificadas durante o século XX. Dados que aparecem mais evidentes, nos capítulos primeiro e quarto deste trabalho.

Para comprovar a hipótese C, levantamos o ideário e a doutrina batistas, fundados na Bíblia, defendidos nos estatutos das igrejas, nos rituais de profissão de fé, batismo, aceitação e exclusão do rol de membros, observados nas igrejas batistas locais dos três matizes: Fundamentalista, Tradicional e Renovada. Materializados nos processos de exclusão por diversos motivos considerados pecado, tais como fumar, beber, dançar, casamento com membros de outras tradições, participação em rituais de outras religiões, adultério, não pagamento de compromissos financeiros, dentre outros, registrados no IV capítulo e nos anexos HHH até SSS.

Quanto à hipótese D, é comprovada pelo I capítulo, que trata do processo de constituição da endogamia conquistense, como também no capítulo IV, cujo conteúdo, em grande parte, trata da criação da Primeira Igreja e das famílias consideradas tradicionais batistas.

Já a hipótese E, que vai além do que evidencia o primeiro capítulo, isto é, os casamentos entre membros das diversas famílias, as sociedades empresariais, as disputas políticas, trata de outras questões que a comprova. No capítulo II o

mapeamento do campo religioso e a distribuição de templos por bairros; no capítulo III o surgimento do protestantismo e a especificidade dos batistas; No IV capítulo, os conflitos ocorridos nos primeiros trinta anos de existência da Primeira Igreja Batista, as soluções a eles apresentadas e mais os anexos UUU até AAAA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o protestantismo alcançou o Brasil de modo duradouro a partir do ano 1819, quando os anglicanos fundaram oficialmente, na cidade do Rio de Janeiro, a “Christ Church”. Tudo isso teve motivação na transmigração da família Real Portuguesa para o Brasil e na abertura dos portos às nações amigas em 1808, fato que ensejou a celebração dos “Tratados de Paz e Amizade, Comércio e Navegação”, em 1810, entre a Inglaterra e a Coroa Portuguesa. Em 1821, instalou-se em Salvador, uma capela anglicana com capelão residente e celebração de cultos regulares.

A tradição batista, por sua vez, foi trazida ao País na segunda metade do século XIX, em decorrência das relações políticas e econômicas estabelecidas entre os Estados Unidos da América do Norte e o Brasil.

Logo após o fim da guerra civil, ocorrida entre o Norte e o Sul daquele país, teve lugar um processo de imigração dos sulistas derrotados, indivíduos religiosamente inspirados, em busca de abrigo onde pudessem se estabelecer com sua religião, em terras férteis e com mão de obra escrava abundante para trabalhar. Fundaram a Primeira Igreja Batista na província de Santa Bárbara do Oeste, atual cidade de Americana no Estado de São Paulo.

A presença dessa religião com objetivo missionário e expansionista somente teve lugar entre os brasileiros a partir da fundação da Primeira Igreja Batista do Brasil, ocorrida em 15 de outubro de 1882 em Salvador, capital da província da Bahia, pelos missionários norte-americanos William Burck Bagby, sua esposa Anne Luther Bagby, o casal Zachery Clay Taylor com Kate Grawford Taylor e mais o ex-padre brasileiro Antônio Teixeira de Albuquerque.

Salvador, sede do Arcebispado Primaz do Brasil, era um importante centro de atividades da Igreja Católica que exercia a hegemonia das atividades religiosas, se constituindo assim em elemento importante no estabelecimento do protestantismo, uma vez opositor e interlocutor especial.

Ao fundar em Salvador o primeiro núcleo de evangelização, os batistas alcançaram, com o seu proselitismo, principalmente trabalhadores braçais e manuais, domésticas, vendedores ambulantes e outros membros dos segmentos sociais menos abastados, na sua maioria negros e mestiços que, também à época, se constituíam na maioria dos habitantes.

Nesse quadro, não tardou a ocorrer conflitos que se deram logo de início entre batistas e a Igreja Católica, na luta pela conservação e busca de clientela, e como também entre os próprios batistas, a partir das querelas entre os missionários Reverendos Taylor, norte-americano, e Joyce, natural da Inglaterra que cindiu a Primeira Igreja Batista do Brasil e organizou a da Rua Dr. Seabra.

Mais tarde uma segunda divisão se observa entre batistas estrangeiros e brasileiros, motivada, dentre outras, por questões de natureza nacionalista, surgindo daí a organização da Igreja Batista Independente do Garcia em 1910 e, posteriormente, a Missão Batista Independente.

Os missionários batistas desenvolveram discursos centrados numa visão maniqueísta de mundo, utilizando uma linguagem em torno de Deus e do diabo, da luz e das trevas, bem e mal, sagrado e profano. Inspiravam-se no modelo de organização social e política dos Estados Unidos da América do Norte. Viam a cultura baiana nos seus valores católicos, africanos e indígenas como fonte de pecado e entendiam a sociedade local como de envergadura moral inferior.

Acreditavam ser os Estados Unidos da América (EUA) e os demais países protestantes, modelos de nações desenvolvidas, progressistas e moralmente perfeitas, e que isto se devia ao fato de os seus cidadãos terem abraçado os princípios do evangelho e aceitado os pressupostos da reforma protestante. De outro lado, os países não protestantes eram vistos como mundanistas e ateus guiados por forças demoníacas.

Coerentes com sua doutrina operavam com representações individualistas, articulavam saídas evangélicas pessoais como respostas aos problemas sociais. Admitiam a existência de injustiças sociais e, baseados em seu fundamentalismo, propunham, como alternativa, a conversão dos brasileiros, acreditando piamente que os problemas e a imoralidade reinantes no País se enraizavam nos pecados individuais e na baixa espiritualidade.

Quando os problemas eram da ordem que afetavam, diretamente, a sua comunidade religiosa de tal sorte a dificultar a comunicação de suas doutrinas, centrada numa cultura letrada e na leitura da Bíblia, tentaram solucioná-lo instalando escolas nas congregações para alfabetizar os filhos dos fiéis e dos moradores próximos às igrejas.

Os batistas vinculados à Igreja Independente desenvolveram um discurso político para tratar das questões sociais, acrescentaram ao pecado individual as

ações de maus governos que só se lembravam da população no período eleitoral e criticaram, também, a exploração dos pobres pelos ricos.

De modo geral, os batistas de Salvador não deixaram referências escritas sobre a etnia ou cor dos seus fiéis. “Os batistas da Igreja Independente do Garcia eram majoritariamente negros. O seu fundador e primeiro pastor foi um negro, mas, mesmo assim, fizeram apenas um único registro de uma irmã de origem africana” (SILVA, 1998, p. 407).

No seu etnocentrismo os missionários batistas rejeitaram os rituais religiosos de origem africana, que existiam em grande número em Salvador e no Recôncavo baiano, discriminaram-nos cognominando-os fetichistas e os considerando como “culturalmente inferiores” (SILVA, 1998, p.p.180 -181).

Ao converterem um descendente de africano ou um adepto do candomblé, desqualificavam as suas práticas culturais de origem, tratavam-nas como coisas do Satanás, incutindo-lhes novas doutrinas, hábitos e costumes.

Esses missionários não se preocuparam em retirar do evangelho a marca cultural do país de onde vieram e, de acordo com o projeto “civilizar e modernizar tentaram desafricanizar a Bahia, sendo seguidos nestes propósitos pelos republicanos a partir de 1889” (SILVA, 1998, p.145).

A cidade de Vitória da Conquista surgiu do processo de ocupação do Sertão da Ressaca a partir de um primeiro núcleo populacional instalado na base da Serra do Periperi, às margens do rio Verruga durante a segunda metade do século XVIII, e se chamou Arraial da Victória, cuja expansão se deu em torno do templo da Igreja Católica, mandado construir pelo negro forro João Gonçalves da Costa e alguns dos seus parentes, fazendeiros na Região.

João Gonçalves da Costa gozou do título de Capitão Mor do Batalhão dos Henriques e combateu os índios Pataxós, Botocudos e Mongoiós, que viviam na extensão de terra localizada entre o Rio de Contas e o Rio Pardo, a Chapada Diamantina e o litoral a altura da cidade de Ilhéus.

Como doação pelos serviços prestados à Coroa Português recebeu uma sesmaria correspondente a parte desta área, implantou fazendas de gado, abriu longas estradas e transformou o arraial em uma encruzilhada por onde passavam mercadorias, tropas e boiadas vindas das fazendas às margens do Rio São Francisco, em direção a Salvador, ao litoral de Ilhéus e a outros lugares.

Para esta região convergiram portugueses, espanhóis, italianos e, em menor quantidade, outros grupos de origem européia, árabes e judeus, além de escravos africanos de distintas etnias, predominantemente angolanos e congoleses, trazidos pelos colonizadores.

Na trama das relações entre os que ali chegaram e os indígenas que viviam no Sertão da Ressaca, sob o comando de João Gonçalves da Costa, organizou-se uma teia de relações endogâmicas, uma parentela que até a Proclamação da República congregava-se no catolicismo, religião oficial, considerada a única existente até então. Ao seu lado, porém, existiam as tradições religiosas afro-indígenas, vivenciadas por africanos, indígenas e seus descendentes e que prestavam serviços mágicos a quantos os procurassem.

A emancipação do Arraial da Conquista se deu no ano 1840, como coroamento das atividades econômicas, políticas e sociais desenvolvidas pelo seu fundador o já referido João Gonçalves da Costa, sucedido por seu filho Antônio Dias de Miranda e, após a morte deste, por outros parentes do velho colonizador, passando a se chamar Imperial Villa da Victória. Em 1891, cinquenta anos mais tarde, adquire a condição de cidade, sendo chamada simplesmente Conquista.

No decorrer dos anos 1890, surgiu em Conquista o kardecismo, fundado por Ernesto Dantas, professor, fazendeiro e jornalista, considerado importante intelectual pela sociedade local, tendo as primeiras sessões espíritas acontecido em sua propriedade, na fazenda Jequitibá. Contou também com a participação de Francisco Soares de Andrade, Cel. Chicão, fazendeiro, intendente do Município, em cuja residência na Cidade foram realizadas as primeiras reuniões desta tradição, logo no início da sua organização.

Pouco tempo depois, criou-se a Igreja Batista fundada por Tertuliano da Silva Gusmão, descendente de judeus, boiadeiro e católico que se auto-converteu ao protestantismo. Suas atividades culminaram com a construção da primeira capela de orações na fazenda Felícia, de sua propriedade.

Segundo admitem os batistas, Gusmão recebeu uma Bíblia, presente de um pastor, em Areias, no Recôncavo da Bahia, onde se encontrava no seu acampamento de boiadeiro.

De volta a Conquista começou a ler o “Livro Sagrado” para parentes, amigos e vizinhos que foram aos poucos absorvendo a doutrina e escolheram Antônio Teófilo de Queiroz, genro de Gusmão, como pastor. Este, antes mesmo de ser

batizado, já realizava batismos dos primeiros fiéis por imersão. Posteriormente, foi a Salvador, esteve com o missionário Taylor, foi ordenado pastor e organizou a igreja inaugurada em quatro de fevereiro de 1900.

Tertuliano da Silva Gusmão descende de Plácido da Silva Gusmão, filho de judeu espanhol, nascido em São Paulo, que chegou ao Arraial da Victória nos anos 1820 na condição de comerciante de eqüinos e muares. Nesta paragem, alugou os pastos da fazenda Choça, propriedade do fazendeiro Lourenço da Cruz Prates. Poucos meses depois, casa-se com Isidora Joaquina de Santana, filha de Prates, com a qual teve dezesseis filhos, dentre os quais Tertuliano da Silva Gusmão, nascido em 1831.

Tertuliano da Silva Gusmão casou-se com Ana Moreira da Silva, com a qual teve doze filhos, faleceu em 1919 com oitenta e oito anos, deixando uma prole que nesta data, “entre filhos, netos, bisnetos e trinotos foram contados [...] 256 descendentes” (VIANA, 1982, p.p.84-85). Durante a sua longa vida, gozou de prestígio social e exerceu o cargo de Juiz de Paz da Imperial Villa da Victória.

A conversão de Gusmão à doutrina batista, a nosso ver, se funda nas suas origens familiar e histórica, como vimos, descende de tradicionais famílias judias vindas da Espanha para Portugal e posteriormente ao Brasil. Plácido da Silva Gusmão instala-se no Arraial da Victória nestas mesmas condições. O seu filho Gusmão permanece católico até quando fundou a Primeira Igreja Batista, logo após a Proclamação da República em um clima de “liberdade religiosa” e quando já integrado à parentela local, em condição social, política e financeira privilegiada.

Ao que tudo indica, Gusmão era letrado, pois antes mesmo de se tornar batista já atendia gratuitamente a população em questão de saúde, usando os conhecimentos contidos no Chernoviz e num Dicionário de Medicina em três volumes, livros de sua propriedade.

As tradições religiosas dos judeus, especialmente dos “sefardins da Península Ibérica descendentes da nobreza de Jerusalém” (NOVINSKY, 1992, p.45), fazem supor que as suas heranças e princípios estão mais próximos das tradições batistas que católicas. Assim sendo, a origem familiar e histórica, juntamente com as demais circunstâncias citadas, a liberdade religiosa após a Proclamação da República, a leitura da Bíblia que recebeu como presente do pastor, tudo isso deve ter contribuído com a decisão de Gusmão para abraçar o evangelho, se converter e fundar a Igreja Batista.

A parentela conquistense, nas duas primeiras décadas do século XX, encontrava-se sobre a liderança do Coronel Gugé, fazendeiro, político e católico, descendente de João Gonçalves da Costa, casado com uma neta de Tertuliano da Silva Gusmão e amante da negra Fulô do Panela, também descendente de João Gonçalves da Costa.

Nesse período, a moral dominante no Município era aquela ditada pelos coronéis proprietários de fazendas de gado, patriarcas e líderes políticos, própria ao modo de vida nordestino e sertanejo, reinante durante a “Velha República”, lastreada nos princípios do catolicismo português, no compadrio, no poder extraído do bacamarte manejado por jagunços, muito embora com as peculiaridades do lugar.

Tal modo de vida identificava a política e a religião de maneira tal que as eleições para escolher os intendentess, eram realizadas na sacristia da Igreja, antecedida da celebração de uma missa com o propósito de iluminar a consciência dos eleitores, componentes de um colégio eleitoral do qual não participavam, por exemplo, mulheres e analfabetos.

Até os anos 1920 existia apenas o partido “Republicano Democrático da Bahia”, que abrigava os grupos liderados por diferentes coronéis. De um lado o Cel. Gugé e do outro o Cel. Francisco José Santos Silva, parentes que disputavam o poder local. Durante a Velha República, foram eleitos intendentess católicos, espírita kardecista e batistas.

Quanto à opção religiosa, os membros das diversas famílias consideradas tradicionais filiavam-se à Igreja Católica, ao espiritismo kardecista e à Igreja Batista. Cada uma dessas religiões abrigava líderes de uma dessas famílias e membros de diversas outras, vez que casavam entre si, constituíam parentelas, onde a esposa seguia a liderança do marido e, por isso, passava a integrar a igreja à que este pertencia.

Os fiéis dessas tradições procuravam os serviços mágicos religiosos das afro-indígenas, às quais se vinculavam pessoas dos segmentos menos abastados: vaqueiros, pequenos agricultores, trabalhadores rurais, artesãos, domésticas, feirantes, pequenos comerciantes, descendentes de índios e negros.

A população do Município nos anos 1890 somava um pouco mais de 13.500 habitantes, sendo que a maioria residia na zona rural e menos de 5.000 na Cidade.

Neste contexto surge o primeiro conflito entre batistas e católicos, motivado pelo fato de Tertuliano da Silva Gusmão, que exercia papel de destaque na Igreja

Católica, ter trocado a sua religião pela tradição batista, mandando queimar na Rua Dois de Julho os símbolos católicos de propriedade da família, fato que ficou cognominado de “a noite de São Bartolomeu”. Após este incidente, as atividades batistas passaram a ser realizadas na Fazenda Felícia.

Tempos depois, no entanto em 1905, os batistas resolvem fundar uma congregação na Rua Dois de Julho, voltando a realizar seus rituais na Cidade. Surge então um segundo conflito, desta feita liderado por Fulô do Panela, que supomos envolveram as tradições afro-indígenas, na realização de trabalhos mágicos em favor dos católicos.

Tal conflito teve fim quando Tertuliano da Silva Gusmão e o coronel Gugé, que lembremos era casado com uma neta de Tertuliano e amante de Fulô do Panela, se entenderam. Desde então, cessaram as hostilidades, até os anos 1920, após o falecimento desses patriarcas.

Em 1914 essa Igreja Batista foi registrada num cartório de Salvador como Primeira Igreja Evangélica denominada Baptista e, um pouco mais tarde, no ano 1917, fizeram um outro registro na Comarca de Vitória da Conquista, denominando-a Igreja Evangélica Batista Independente que associa-se à Missão Batista Independente, comungando com outras igrejas da mesma fé e ordem.

Adotaram os princípios de autonomia financeira em relação à ajuda externa, especialmente das missões dos Estados Unidos da América do Norte, da evangelização, com destaque para os índios, e do envolvimento na política, responsabilizando os governantes pelos problemas sociais observados no País.

A participação direta na política nesta época, com fiéis se filiando e dirigindo partido, candidatando-se e disputando eleições, exercendo liderança de uma facção, parece ter sido uma peculiaridade dos batistas da Igreja Evangélica Independente de Vitória da Conquista, decorrente das relações da parentela operante na Cidade.

Desde os primeiros anos de sua existência, a Igreja Batista de Conquista cuidou com esmero da evangelização dos moradores no Município, bem como da sua expansão, construindo congregações por distritos, povoados e vilas.

Com o desenrolar da História, muitos destes lugarejos cresceram e se emanciparam, de modo que hoje, em cada cidade da Região, existe pelo menos uma igreja desta tradição.

A guisa de curiosidade, sabemos que é comum nas cidades do interior da Bahia, referir-se ou marcar encontros na praça da matriz, geralmente onde se

localiza um templo da Igreja Católica. Na cidade de Itapetinga considerada importante centro da pecuária baiana, este fenômeno se repete, só que na praça onde fica o templo da Igreja Batista.

Passados alguns anos, desde o último conflito de 1905, outro desentendimento entre batistas e católicos veio a ocorrer quando os batistas decidiram construir o seu terceiro templo.

E tal fato se deu quando um padre católico questionou o direito de edificarem o templo batista no local onde pretendiam. Esta querela somente foi resolvida após ação judicial e o templo enfim foi inaugurado no ano 1928. Desde então, as igrejas se mantêm cada uma realizando os seus rituais, sem manifestação explícita de hostilidades uma com a outra, porém não desenvolvem atividades ecumênicas.

A Igreja Batista durante esse período congregava adeptos principalmente das famílias Gusmão, Silva, Sales, Melo, Mendes, Figueira, Correia, Rocha, Andrade, Carvalho, Viana, Malta, Brito, Matos e Costa que a mantinham financeiramente e decidiam sobre suas atividades.

Além dos rituais religiosos como cultos, congressos e escola dominical resolveram fundar, nos anos 1920, o Colégio Marcelino Mendes para ensinar aos filhos dos fiéis e pessoas da comunidade a ler, escrever e contar.

Dentre as suas várias atividades, incluía-se prestar assistência de saúde, distribuir remédios, abrigar e alimentar vítimas da seca, doar agasalhos aos necessitados durante as estações frias e chuvosas. Porém, essas eram desenvolvidas por Tertuliano da Silva Gusmão e alguns outros membros da sua família, não diretamente pela Igreja enquanto instituição, mas é como se fosse, pois a grande maioria dos congregados eram seus parentes.

Mantendo as tradições deste rito religioso, a Primeira Igreja Batista, institucionalmente, não se relacionava com outras tradições religiosas presentes na Cidade. No tocante às afro-indígenas, sequer as consideravam religião.

Envoltos numa visão de mundo, onde as mudanças nas estações do ano, o regime de chuvas, a ação danosa dos ofídios e dos felinos, as doenças, e outros fenômenos importantes para o sucesso ou o fracasso na pecuária, na agricultura e na própria vida, levavam os indivíduos a se sentirem frágeis, sujeitos aos desígnios da roda do destino, da sorte e do azar, do sucesso e do insucesso, da vida e da morte. Essas condições mais os hábitos e costumes possivelmente os levaram a fazer sua opção religiosa.

Como na teologia, nos discursos e nos rituais não encontravam respostas suficientes às suas aspirações e necessidades e associando-se a este fato a oferta de serviços mágicos, mais os contatos face a face mantidos com adeptos das tradições afro-indígenas. Passam a recorrer aos trabalhos mágicos dessas culturas nos momentos de agruras, desamparo e desespero, talvez porque entendiam melhor a linguagem dessas tradições, muito embora desejassem permanecer batistas.

Não obstante as mudanças políticas e sociais ocorridas no mundo e no Brasil durante as décadas 1930 e 1940, com alguma repercussão em Conquista, no âmbito religioso pouco aconteceu.

A Igreja Batista deixou de fazer parte da Missão Independente, se associou à Convenção Batista Brasileira e se denominou Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, batista tradicional. Em 1939 foi fundada a Segunda Igreja Batista.

Ainda no ano 1940, quando a Cidade contava com 7.682 habitantes, continuavam a existir templos apenas das tradições citadas anteriormente, tendo surgido mais alguns terreiros de Candomblé de Caboclo.

Neste mesmo período, organizou-se a Cooperativa Agro-Pecuária de Vitória da Conquista e teve lugar a primeira exposição municipal agropecuária que, desde então, acontece todos os anos.

Foi instalada no bairro das Pedrinhas uma congregação batista e uma escola de alfabetização para converter, ensinar a ler e escrever aos filhos dos adeptos dos terreiros localizados naquela área, então periferia da Cidade.

Iniciaram-se nesta década, também, campanhas de arrecadação de recursos para a construção do novo templo, feita exclusivamente entre seus fiéis. A Igreja, enquanto instituição, passou a ajudar financeiramente a Santa Casa de Misericórdia, bem como a outras instituições humanitárias, a distribuir remédios, organizar Natal para os pobres e colaborar com a maçonaria em campanhas assistenciais junto à população necessitada.

Apesar da congregação e da escola erguidas nas Pedrinhas representarem a primeira tentativa no sentido de alcançar e converter os adeptos do candomblé, nos documentos da Primeira Igreja não foi encontrado registro que desqualificasse aos indivíduos de cor negra ou os rituais dos candomblés.

No ano 1950, moravam na Cidade 17.503 habitantes, sendo que em 1953 criou-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Continuou a campanha de arrecadação

de recursos para construir o templo, com uma peculiaridade: utilizando bezerros como moeda, não obstante já apareçam as primeiras notícias de jornal reclamando da passagem de tropas e boiadas nas ruas.

Destaca-se que nas fichas de registro dos fiéis da Igreja aparecem, pela primeira vez, dados referentes à cor da pele. Porém, pouco tempo depois, foram substituídos pelos nomes dos pais e endereço dos congregados.

Não podemos, por este fato, rigorosamente falar de preconceito de cor nem de discriminação das atividades religiosas afro-indígenas, mas salientamos que de 1954 até 1958, o Município se encontrava sob a gestão de um prefeito de formação batista que sancionou, em 9 de dezembro de 1954, um Código de Posturas, proibindo expressamente a realização de batuques, sambas, candomblés e outros divertimentos congêneres.

Em 1959, surgem os primeiros registros em ata dando conta da exclusão de membros da Igreja Batista por freqüentar igreja pentecostal e se iniciam as providências para a construção do quarto templo da Primeira Igreja, sob a liderança do pastor Gerson Correia da Rocha.

Já em 1960, quando a população contava 46.778 habitantes, as principais atividades econômicas do município ainda eram a pecuária, agricultura e comércio, muito embora a área de serviços, principalmente a da construção civil, marcenaria e mecânica de automóveis, começavam a despontar como significativas. Neste ano, aconteceu a fundação da Igreja Presbiteriana.

No decorrer dos anos 1960, verifica-se uma dinâmica maior na economia local, o aumento da população se intensifica, com mais pessoas mudando-se do campo para a Cidade, mudança incrementada pela imigração de nordestinos através da rodovia Rio Bahia, BR-116.

As Igrejas Católicas, Batistas, os centros espíritas kardecistas e os terreiros de candomblé de tradição local, aumentam o número dos seus templos e surge um terreiro de candomblé angola/queto vindo de outra região do Estado da Bahia.

A Primeira Igreja Batista acelera o ritmo das atividades de evangelização, criando pontos de pregação em casas de irmãos de fé, visitando casa por casa, realizando pregações nas praças públicas, nos distritos, povoados, fazendas e cidades vizinhas, construindo templos para oração e escolas para alfabetização.

Passa a contribuir com seminários, instituições missionárias nacionais e estrangeiras, investe na preparação de missionários da própria igreja para a

evangelização de índios brasileiros na Amazônia e judeus no Paraná e São Paulo. Envia missionário a países da África, à Colômbia e a Portugal. Aumenta o ritmo na construção do templo, providenciando recursos que majoram em muito as despesas dos seus fiéis

Esses fatos conduzem ao aumento do número de congregados, trazendo para a Igreja elementos das camadas menos abastadas, como também acentuam-se os pedidos de cartas demissórias recebidas e expedidas e das exclusões por diversos motivos: vícios de beber, fumar, jogos de azar, freqüentar o cinema, adultério e prostituição, não honrar compromissos financeiros, casamentos com membros de outras tradições religiosas, por freqüentar as igrejas renovadas e pentecostais, católica, centro espírita Kardecista, terreiros das tradições afro-indígenas e casas de mesa branca.

Neste contexto, muitos fiéis considerados da tradicional família batista, pedem suas cartas demissórias e deixam de ocupar funções importantes na gestão da Igreja. Líderes como Gidalfo Sales Gusmão e Macário Figueira mudam para outras igrejas. Gidalfo e mais alguns parentes para a Igreja Batista de Itambé, Macário Figueira e alguns dos seus se deslocam para organizar a Primeira Igreja Batista Betel.

Em 1966, inaugura-se o novo templo, um prédio suntuoso, localizado no bairro Centro, com planta arquitetônica elaborada por arquiteto batista, e a fachada por outro natural dos Estados Unidos. Construção moderna com cinco andares, a primeira deste porte que abre caminho a edificações semelhantes promovendo assim uma nova fase da expansão urbana: a construção de prédios retilíneos, quadrados e retangulares apontando para o alto.

A referida construção consumiu grande fortuna, recursos poupados desde 1940, uma quantia registrada em ata de CR\$ 62.660.394,00 (sessenta e dois milhões seiscientos e sessenta mil trezentos e noventa e quatro cruzeiros), elevando, deste modo, a auto-estima dos batistas e aumentando o prestígio do pastor Rocha que passa a ser considerado na sociedade local como homem de visão que fala vários idiomas e “muito culto”.

Esse perfil deve ter contribuído para o enfretamento cada vez mais intenso contra o mundanismo, em uma época de profundas transformações no mundo, a exemplo da revolução de 1968 e a expansão da indústria cinematográfica, difundindo pelos quatro cantos do planeta de modo cada vez mais rápido novos

hábitos e costumes. Contrapondo-se à ética ascética, os movimentos feministas, o movimento “hippie”, de modo caricato, o “é proibido proibir”.

A Primeira Igreja, até então filiada à Convenção Batista Brasileira, alegando que esta abriga igrejas pentecostais e renovadas, se desconfraterniza e muda o seu nome para Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista. Declara-se Fundamentalista, perde características de uma igreja hegemônica por membros da tradicional família batista local e muitos deles deixam de freqüentá-la.

Dando continuidade às suas atividades, a Igreja se afasta da política partidária eleitoral, deixa de fazer caridade assistindo aos pobres da comunidade e mantém ajuda apenas aos seus fiéis necessitados. Organiza congregações em bairros novos que vão aos pouco surgindo.

No bairro Jurema, área de atuação do famoso pai-de-santo Zé Piqueno, cria-se a Igreja Batista Boa Vista e no bairro Departamento, uma outra Igreja e um ambulatório para prestar serviços médicos aos fiéis.

Em 1970, a população de Conquista atinge a casa dos 83. 814 habitantes e, no decorrer dos anos desta década, continuam as mudanças na economia que passa por transformações significativas, com a implantação do pólo cafeeiro, a transformação da Cidade em centro administrativo regional, a implantação do Centro Industrial dos Imborés, a criação de hospitais e clínicas particulares, a fundação da Faculdade de Formação de Professores.

Os templos das tradições protestantes permanecem os mesmos criados até a década de 1960. Os terreiros de tradição local aumentam de número e passam a ser denominados centros de umbanda.

A Primeira Igreja continua firme no combate ao mundanismo, exige dos homens o tamanho das costeletas, os cabelos bem cortados e das mulheres, o cumprimento da saia, o não vestir calças compridas, a não ser em certas circunstâncias.

Em 1973, já gozando do status de igreja fundamentalista, associa-se ao Congresso Batista Bíblico. Nesta década, também aparece em ata a exclusão do rol de membros por freqüentarem os terreiros de Candomblé e participarem de atividades das outras tradições religiosas.

Em 1980, a população conquistense chega a 125.516 habitantes. Nesta década, a Faculdade de Formação de Professores alcança o status de Universidade e ganha novos cursos.

As igrejas protestantes renovadas e pentecostais ganham destaque e aumentam em muito o número dos seus templos, surgindo, dentre outros, os da Igreja Universal do Reino de Deus.

As outras tradições religiosas aumentam o número dos seus templos, assim como os centros de Umbanda e os terreiros de candomblé, além de aumentar a quantidade de casas, se diversificam, surgindo um terreiro da Nação Queto e vários de Nação Angola.

A Primeira Igreja Batista aumenta o envio de missionários às tribos indígenas da Amazônia e a países estrangeiros, inclusive ao Estado de Israel.

No tocante às relações com o povo de santo, esta Igreja registra o ingresso, nas suas fileiras, de adeptos do candomblé sob a influência de Rosália Alves, tratada no meio batista como “Rosália candomblezeira”.

No ano de 1990 não foi realizado o censo demográfico como de costume pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), fato somente verificado no ano 1991, quando então se apurou existirem 180.063 habitantes vivendo na Cidade. Nesse período, aumentam o número de templos de todas as tradições religiosas.

Quanto à política, observa-se alterações. Desde os anos 1930, foram eleitos prefeitos considerados católicos, batistas e espíritas kardecistas, vinculados, de algum modo, às famílias tradicionais. Em 1962 foi eleito José Fernandes Pedral Sampaio, agnóstico, descendente de João Gonçalves da Costa.

Cassado durante o Golpe Militar de 1964 teve os seus direitos políticos suspensos até a redemocratização. Mesmo nestas condições, participou do processo político, militando ao lado de companheiros do MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Durante os anos 1970, contribuiu decisivamente para as eleições do Prefeito Jadiel Matos, que era batista, e Raul Ferraz, de família católica.

Em 1982, este líder que comandou a política local por mais de três décadas, foi eleito prefeito. Após esse mandato, contribuiu para a eleição do seu sucessor Carlos Murilo Pimentel Mármore, também de tradição católica.

Sampaio exerceu mais um mandato de prefeito, vindo a perder as eleições em 1996 para Guilherme Menezes, filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores), sem religião identificada. Menezes foi reeleito no ano 2000, renunciou ao mandato em 2002, sendo substituído pelo vice-prefeito José Raimundo Fontes, também filiado ao PT, que se diz ateu. Fontes foi reeleito em 2004, tendo como vice-prefeito Gilzete Moreira, de religião batista.

Ao iniciar o terceiro milênio e até o ano 2006, nota-se que a Cidade manteve-se crescendo e aumentou o número dos seus habitantes que alcançou a casa dos 300.000, aproximadamente.

Nesse período criam três instituições particulares de ensino superior que abrigam algumas faculdades e aumentaram os investimentos na área da construção civil. Diversificaram as atividades econômicas de tal sorte que hoje em dia os setores da agricultura e pecuária representam apenas cerca de 10% da economia no Município.

Apesar das atividades da pecuária e agricultura terem reduzido a sua participação no contexto da economia do Município, a cultura local, forjada durante os últimos 250 anos, continua povoando o imaginário da população.

As diversas tradições religiosas aumentaram o número dos seus templos, exceto os da Igreja Universal do Reino de Deus. Os das tradições afro-brasileiras, além de aumentarem diversificaram-se, surgindo dois terreiros de Nação Queto e um Jeje Marrim. Apuramos, ainda, que tanto as Igrejas Batistas, como as casas e terreiros de tradições afro-brasileiras cresceram mais ou menos na mesma proporção.

As relações entre estas tradições religiosas, todavia, não se verificam no plano institucional, ou seja, as Igrejas Batistas fundamentalistas, tradicionais ou renovadas, não reconhecem os terreiros e casas das diversas tradições afro-brasileiras como religião, provavelmente apenas como seitas, demonstrando desconhecer o fato de que seita se antepõe à igreja e não à religião.

Não desenvolvem contra elas qualquer campanha pública no sentido de desqualificá-las, muito embora satanizem as suas práticas no âmbito interno, durante os cultos e outros rituais. Vêem seus adeptos como o outro, que vivem perdidos em um mundo de pecados e, portanto, como clientela a ser conquistada para o evangelho, para a comunidade dos “santos, sã, moralmente perfeita e libertada dos vícios do mundanismo”.

De outro lado, os terreiros e casas das tradições afro-brasileiras não se preocupam com a opção religiosa do indivíduo. Qualquer um é livre para fazer a sua opção, inclusive mudar de religião quando assim entender, até mesmo se confessar adepto ou freqüentar mais de uma religião ao mesmo tempo. Como disse um dos seus líderes: “candomblé é portas abertas” e, como diz um ditado popular, “portas aberta mané dentro”.

Os dados apurados nas entrevistas e em atas das igrejas batistas mostram de modo insofismável, que aconteceram conversões de filhos-de-santo para as Igrejas Batistas, e também batistas trocaram suas igrejas por terreiros. Alguns pais de santo, inicialmente freqüentaram igrejas batistas e foram levados, até por pastores, a se iniciarem no candomblé. Também membros de igrejas batistas, inclusive pastores, procuram os terreiros, centros e as casas de mesa branca para trabalhos mágicos.

Os dados levantados mostram que, num ambiente ecológico envolvendo parte da mata atlântica, de cipó e caatinga - o Sertão da Ressaca -, os indivíduos dos diversos segmentos se organizaram, política e socialmente, de tal modo a constituir uma endogamia.

Vivendo em uma economia baseada na agricultura e na pecuária, forjaram uma cultura mágico-religiosa singular, muito embora permanecessem uns no catolicismo outros nas tradições afro-indígenas, alguns no espiritismo kardecista e diversos nas Igrejas Batistas.

Esses dados deixam transparecer, também, que todas essas tradições religiosas compõem, junto às outras atividades, um quadro com significado indissociável, levando a entender que o boi é, por excelência, o mito fundador da Cidade.

Inventou-se aqui uma visão de mundo e modo de vida que permitem às instituições religiosas, principalmente aos batistas, cobrar dos seus adeptos fidelidade doutrinária. Entretanto, protegidos pelo manto do silêncio, às escondidas e em momentos especiais, recorrem aos serviços mágicos, participam ou acompanham procissões, festas de carnaval, São João e outras festividades, mesmo correndo o risco de serem excluídas, embora deseje permanecer batista, católico ou espírita kardecista.

Essa visão mundivivência parece ter sido intuída e expressa por diversos artistas como, por exemplo, o escultor Cajaíba, já falecido. Usou ferro, areia e cimento, para esculpir rostos e bustos de personagens da História do Brasil, como Rui Barbosa e Castro Alves. Esculpiu também imagens de entidades afro-indígenas.

No seu museu, localizado no alto da serra do Periperi, encontram-se a céu aberto as esculturas de personagens da história da pátria, porém as das entidades das tradições afro-indígenas foram por ele colocadas em cubículos, espécie de pequenos quartos, protegidas ou escondidas.

O cantor Xangai, nacionalmente consagrado por suas composições e especialmente pelas interpretações da obra de Elomar Figueira, além de outros cantadores e cancioneiros de renome, diz ter aprendido a cantar com os vaqueiros aboiadores da região e aprendido a tocar com o seu pai. Já chegou a declarar em uma das suas cantorias que ele encarna o caboclo boiadeiro.

Elomar Figueira, pelo conjunto de sua obra, canta de modo peculiar, com estilo próprio, as tradições populares e a vida de personagens como vaqueiros, tropeiros, benzedores, ciganos e outros que viveram no Sertão da Ressaca.

Descendente da tradicional família batista de Vitória da Conquista, graduado em arquitetura, projetou o templo da Segunda Igreja Batista. Em uma de suas canções, “Cantiga do Boi Encantado”, mostram-se presentes elementos simbólicos, como o mito do Caboclo Boiadeiro, um dos arquétipos que se manifesta nos rituais dos terreiros de candomblé de Caboclo de tradição local.

Glauber Rocha, também filho de tradicional família vinculada à Primeira Igreja Batista Bíblica de Vitória da Conquista, cineasta brasileiro e um dos fundadores do “Cinema Novo” trata, em vários dos seus filmes, de temas ligados à religião. Em “Barravento”, por exemplo, a trama do filme se desenvolve em torno de uma comunidade de pescadores que é ao mesmo tempo uma comunidade de candomblé.

Finalmente, por tudo quanto foi pesquisado sobre a tradição local, tendo como objeto algumas religiões em suas relações e envoltas em uma ambiência social, política, histórica, econômica e culturalmente dadas, esperamos ter contribuído com a análise de um modo de vida peculiar e local.

O teatro analisado, não obstante estar inserido em um contexto cultural mais amplo, apresenta-se com suas especificidades, integrando-se como mais um dos diversos modos de viver e ser brasileiro. Essas considerações finais são apresentadas como conclusões provisórias, estando esse tema sujeito a novas pesquisas, a outras indagações.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Ignácio. **Memórias históricas e políticas da Província da Bahia.** (Anotações de Braz do Amaral). Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 4 vols. , 1925.

AGUIAR, Edinalva Padre et alli. **Política: o poder em disputa – Vitória da Conquista e Região.** Vitória da Conquista: Museu Regional - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999.

AGUIAR, Itamar Pereira de. **AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA: Caminhos da Diversidade.** São Paulo: PUC/SP. Dissertação de Mestrado, 1999.

_____. **O caboclo boiadeiro: o ser dos pastos sujos.** São Bernardo do Campo: Anais do XI Congresso latino Americano sobre Religião e Etnicidade. ALER, 2006.

AGUINIS, Marcos. **A saga do marrano: um retrato da inquisição na América Latina.** Trad. Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Palíndromo, 2005.

ANDERSON, Justo A. **História de Los Bautistas.** s/1. Casa Bautista de Publicaciones, 1978.

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **O reino dos Encantados: caminhos, tradição religiosidade no sertão do Nordeste.** São Paulo: PUC/ SP. Tese de Doutorado, 1999.

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Protestantismo e Repressão.** São Paulo: Ática, 1979.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações.** São Paulo: Pioneira, 1960.

_____. **Contribuição ao Estudo do Sincretismo Católico-Fetichista.** Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1946.

BERGER, Peter Luckmann. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Trad. Floriano de Souza Fernandes. 20ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BÍBLIA Sagrada: **Novo e Velho Testamento. Rio de Janeiro.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda.** 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRAGA, Júlio Santana. **O jogo de búzios: um estudo de adivinhação no candomblé**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BUENO, Maria Lucia; CASTRO, Ana Lucia (Orgs). **Corpo, território da cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.

CHACON, Vamirech. **A Grande Ibéria**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2005.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras: notas de etnografia religiosa**; Negros bantos; notas de etnografia religiosa e de folclore. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.

_____. **Ladinos e Crioulos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

_____. **Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica**. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAROSO, Carlos. BACELAR, Jéferson (organizadores). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro: Pallas, Salvador-Ba: CEAO, 1999.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **FALARES AFRICANOS NA BAHIA: Um Vocabulário Afro-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras – Topbooks, 2001.

CÉSAR, Waldo. **Protestantismo e Imperialismo na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1969.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. **Umbanda uma religião brasileira**. São Paulo: FFLCH/ USP, CER, 1987.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **Sincretismo ou Africanização? Os sentidos da dupla pertença**. São Paulo: VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, PUC, USP/ SP, 1998.

_____. **Sincretismo religioso: o ritual afro**. Congresso Afro-brasileiro (4: 1994: Recife). Anais do IV Congresso Afro-brasileiro. – Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996, p.p. 17-23.

_____. **Sincretismo e Africanização em terreiros jeje nagô de Salvador**. São Paulo: Sociedade, cultura e política: ensaios críticos (Organizadores) Ana Amélia da Silva, Miguel Chaia. EDUSC, 2004, p.p. 195-203.

_____. **Sincretismo ou Africanização? O culto dos orixás em busca de novos caminhos.** São Paulo: Ciências Sociais atualidade, percursos e desafios. (Organizadores) Terezinha Bernardo e Silvia Tótora. Cortez, 2004, p.p. 277-286.

CRABTREE, A. R. **Historia dos Batistas do Brasil até 1906.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

DA MATA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia.** Petrópolis: Vozes, 1983.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco.** Campinas: 1982.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O pecado e o medo: a culpabilidade no Ocidente** (séculos 13 – 18). Trad. Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003, Vol. I e II.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença.** Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DREHER, Martin. **Igreja e Germanidade.** São Leopoldo: Sinodal. 1985.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **As regras do método sociológico.** Tradução Paulo Neves; São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história.** Ed. 16ª. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERNÁNDEZ, Armesto Felipe, WILSON, Derek. **Reforma: o cristianismo 1500-2000.** Trad. Celina Cavalcante Falk. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo: Estudos sobre a Casa da Mina.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

FELIZARDO, Joaquim José. **História nova da Republica Velha: do manifesto de 1870 à revolução de 1930.** Petrópolis: Vozes, 1980.

FERREIRA, Júlio Andrade. **O catolicismo romano: um simpósio protestante.** São Paulo: ASTE, 1962.

FRAGOSO, Hugo. **A Igreja na Formação do Estado Liberal (1840-1875)** in História da Igreja no Brasil tomo II, Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT - Livros Técnicos e Científicos, 1989.

_____, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

GINSBURG, Salomão L. **Um judeu errante no Brasil**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Trad. Manoel Avelino de Souza. Casa Publicadora Batista, 1970.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Cecília Santos Raposo. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Morais. **RELIGIÃO POPULAR, FESTA E O SAGRADO: catolicismo popular e afro-brasilidade na festa do Bonfim**. Salvador: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Bahia, 1994.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 2ª ed. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARRISON, Helen Bagby. **Os Bagby do Brasil**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

IVO, Isnara Pereira. **A Tragédia do Tamanduá: um estudo de caso de poder local e de mandonismo no sertão da Bahia**. Vitória da Conquista. Dissertação de Mestrado, 1998.

JASPERS, Karl. Coleção **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil contemporâneo**. 22ª ed. São Paulo: brasiliense, 1992.

KEPEL, Gilles. **A revanche de Deus: cristãos, judeus e mulçumanos na reconquista do mundo**. São Paulo: Sicilianos, 1992.

LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos igrejas e seitas no Brasil**. Antonio Gouvêa Mendonça. Um critério de classificação religiosa. Rio de Janeiro: ISER, 1989.

LEAL, Ondina Fachel, (Org.). **Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 1995.

LEAL, V. N. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉONARD, Émile Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social**. Trad. Linneu de Camargo Schutzer. 2ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1981.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo de relações intra-grupais**. Salvador: Dissertação de Mestrado, 1977.

LOPES, Nei. **Dicionário banto do Brasil**. Prefeitura do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, 1993-95.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

MACHADO, José Nemésio. **Educação batista no Brasil: uma análise complexa**. São Paulo: Cortez, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1986.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia século XIX – uma província no Império**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. Ser escravo no Brasil. Trad. James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MATTEI, Jean-François. **A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno**. Trad. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MAUS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

_____. Antônio Gouvêa, FILHO, Prócolo Velasques. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MEDEIROS, Ruy A.H. FONSÊCA, Humberto J. **O município da vitória**. Vitória da Conquista, Ba. Museu Regional de Vitória da Conquista/ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996.

MEIN, David. **Esboço histórico do seminário teológico batista do norte do Brasil 1902 – 1977**. Pernambuco: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, 1977.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Tempos temporalidade: a Festa da Marujada**. Contraponto. Salvador: Universidade Católica do Salvador, Mestrado Interinstitucional em História Social, v. I - nº 1 - nov. 1998.

MOREIRA, Zaqueu. ANDRE, Ramos. **Panorama Batista em Pernambuco**. Pernambuco: Junta Evangelizadora Batista de Pernambuco, 1964.

MOOG, Viana. **Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1957.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Tese de Livre-Docente. 1997.

MUNSTER, Arno. **Utopia, messianismo e apocalipse nas primeiras obras de Ernest Bloch**. São Paulo: UNESP, 1997.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio**. Salvador: Ed. UFBA; Feira de Santana: UEFS, 1998.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos novos na Bahia: a inquisição no Brasil**. São Paulo: 2ª Ed. Editora Perspectiva, 1992.

NOVAES, Regina Reys. **Os crentes: razões para viver e morrer**. In MARTINS, José de Souza. A morte e os mortos. São Paulo: HUCITEC, 1983.

OLIVEIRA, Valdomiro. **Memórias de um pastor**. Vitória da Conquista. Ed Betania. 2001.

ORRICO, Israel Araújo. **Mulheres que fizeram história em Conquista**. Vitória da Conquista: Bahia Artes Gráficas, 1982.

PANG, E. **Coronelismo e Oligarquias 1889 – 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos de ir e vir e caminhos sem volta: índios estradas e rios no sul da Bahia**. Salvador: UFBA, Dissertação de Mestrado, 1982.

PASSOS, Sinval Almeida. **Vitória da Conquista, cidade e região**. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Dissertação de Mestrado, 1995.

PENNA, Lucy. **Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo**. São Paulo: Summus, 1989.

PEREIRA, J. Reis. **Breve História dos Batistas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, 1972.

PESSOA, Yeda Castro de. **FALARES AFRICANOS NA BAHIA: Um Vocabulo Afro-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória esquecimento, silêncio**. Tradução de Dora Rocha Falksman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editor Revista dos Tribunais Ltda., v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social**. Trad. de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v. 5, nº 10, 1992, p. 200 -212.

PONTY, M. Merleau. **O visível e o invisível**. 4ª Ed. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PRANDI, José Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

_____. **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Reginaldo Prandi, organizador; textos de André Ricardo de Souza... [et al.]. – Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REILY, Alexandre Duncan. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

REHFELD, Walter I. **Tempo e religião: a experiência do homem bíblico**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1935.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**, 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979.

ROSS, Elisabeth K. **Sobre a morte e o morrer**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SANTOS, Antônio Luiz. **Produção da riqueza e miséria na cafeicultura: as transformações Recentes do espaço rural nos municípios de Vitória da Conquista e Barra do Choça, Bahia**. Dissertação de Mestrado, Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1987.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia**. Salvador: Sarah Letras, 1995.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SENNA, Ronaldo Salles de. **Jarê – uma face do candomblé; manifestação religiosa. Chapada Diamantina**. Feira de Santana: UEFS, 1998.

_____. Ronaldo Salles de e SOUZA, Maria José de. **A remissão de Lúcifer: o resgate e a ressignificação em diferentes contextos afro-brasileiros**. Feira de Santana: Editora – UEFS, 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Elizete da. **A missão independente: uma alternativa nacional**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia – UFBA, 1982.

_____. **Cidadãos de outras pátrias: anglicanos e batistas na Bahia**. Tese de Doutorado. São Paulo: apresentada ao Departamento de História – FFLCH-USP, 1998.

SOUZA, Maria Aparecida Silva de. **A conquista do sertão da ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. 1998.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **A Experiência da Salvação. Pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Arreios, currais e porteiras: uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1999.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SPIX, J. B. von, MARTIUS, C. F. P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. 4ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, v. II - 1981.

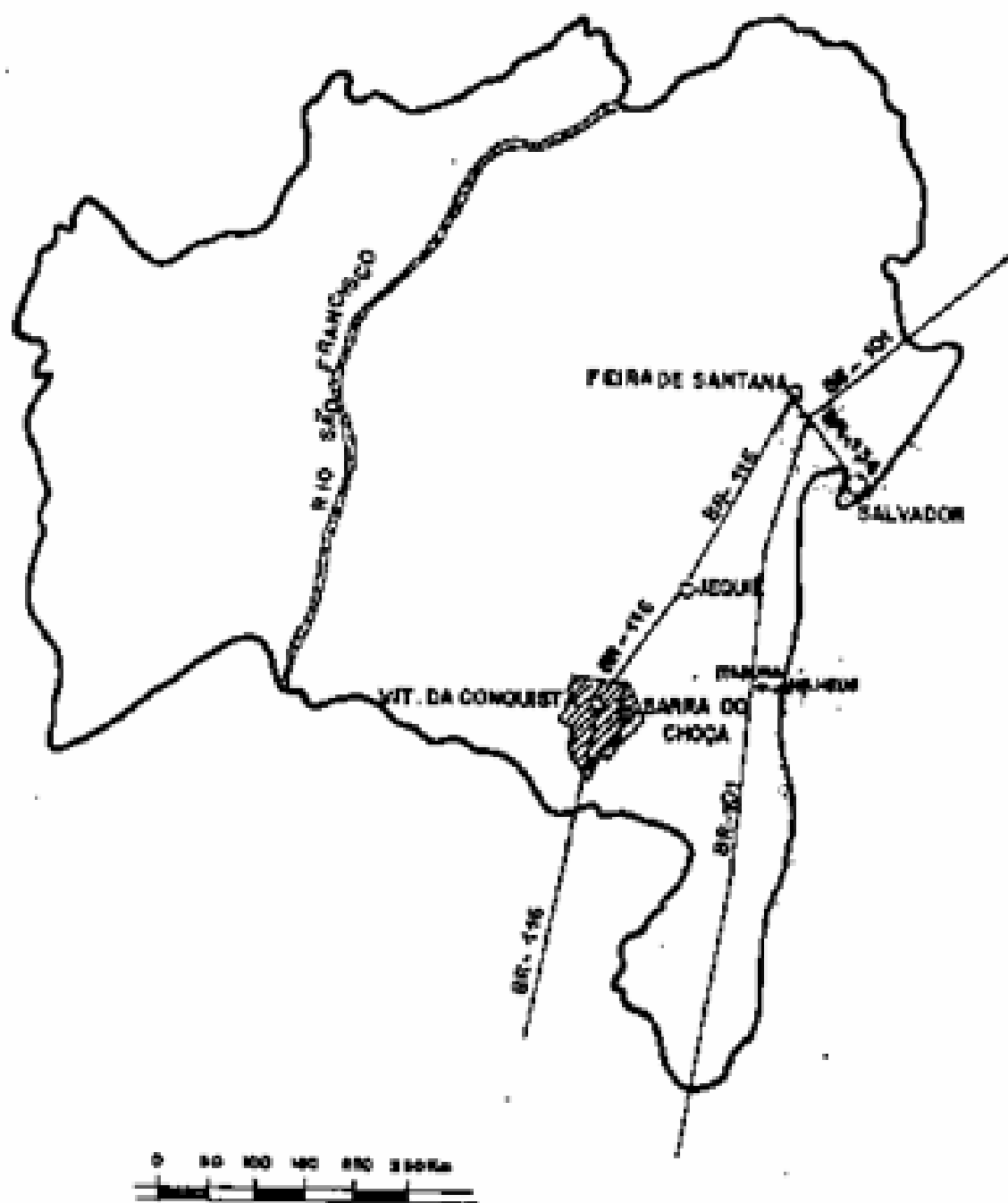
TANAJURA, Mozart. **História de Conquista: crônicas de uma cidade**. Vitória da Conquista - Ba: Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, 1992.

- TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os Batistas na Bahia 1882-1925**. Salvador: UFBA, 1975.
- TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Arx, 2002.
- TROELTSCH, Ernest. **Protestantism and Progress. The Significance of Protetantism for the Rise of the Modern. World**. Philadelphia. Firtress. Oress. 1986.
- VANHARGEN, Francisco Adolfo. **História geral do Brasil**. 4ª ed. (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). São Paulo: Ed. Melhoramentos, v. IV, 1952.
- VASCONCELOS, José Adirson de. **A mudança da Capital**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1978.
- VEDDER, Henry C. **Breve história dos Batistas**. Recife: Prelo da Faculdade de Teológica Batista de Recife, 1934.
- VIANA, Aníbal Lopes. **Revista histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: Gráfica de "O Jornal de Conquista", 1982 v. 1 e 2.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.
- VIEIRA, Luiz Barreto. **História de uma época 1952-1969: 50ª Semana Espírita de Vitória da Conquista -2003**. Salvador: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, 2003.
- VOGEL, Arno. MELLO, Marco A. da S. BARROS, José F. P. de. **A Galinhas-d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas: FLACSO; Miterói, RJ: EDUFF, 1993.
- YNGER, J. Milton. **Religion, Societé, Persone**. Paris: Editora Universitária, 1964.
- WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 1967.
- WALSH, R. **Noticias do Brasil (1828 – 1829)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 3ª ed. Trad. M Irene de Q. F. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1983.
- _____. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Brasília: UNB, 1991.
- _____. **Sociology of Religion**. Boston: Beacon Press, 1963.
- WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.
- WIED-NEWIED, Maximiliano (príncipe de). **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Nacional, 1940.

WILLEMS, E. **Followers of the New Faith (Culture change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile)**. Nashville. Tenn Vanderbilt. 1967.

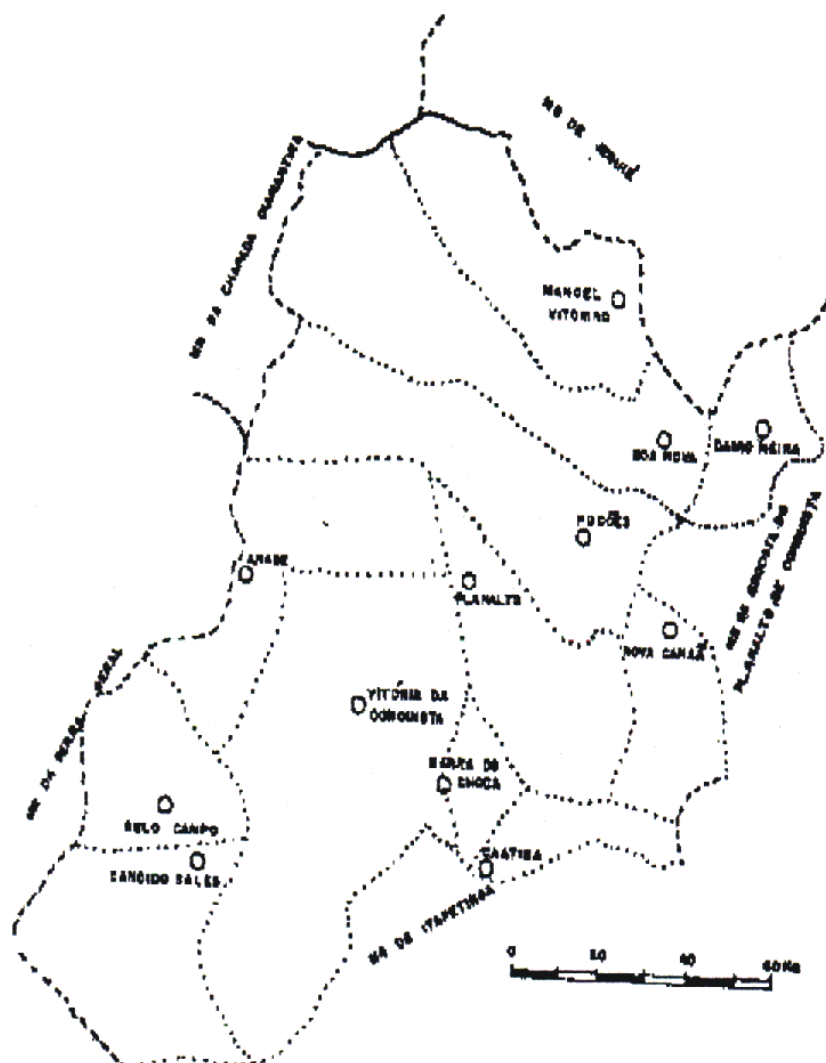
ZWEIG, Stefan. **Uma consciência contra a violência: Castellio contra Calvino**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1943.

ANEXOS

ANEXO A – LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE VITÓRIA E CONQUISTA

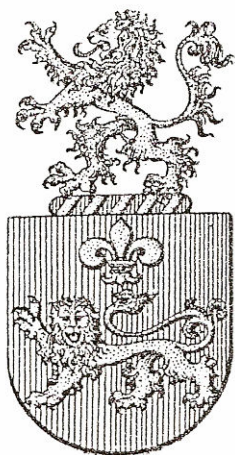
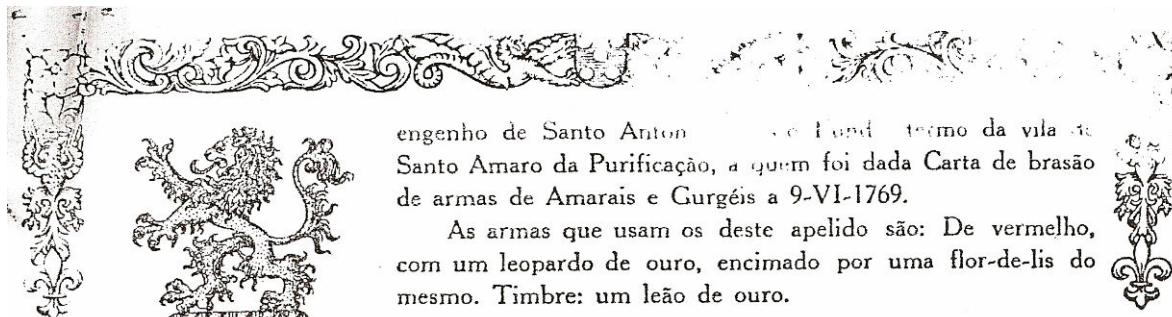
FONTE: SEPLANTEC, 1979

ANEXO B - MR - PLANALTO DE CONQUISTA



FONTE: SEPLANTEC, 1974

ANEXO C - Documento da Origem e Brasão da Família Gusmão



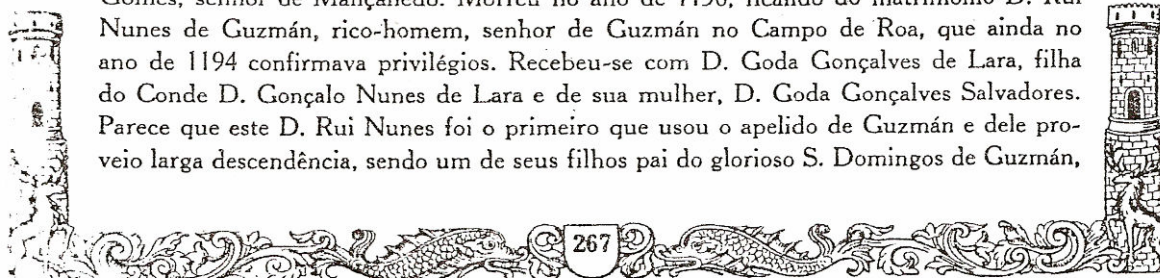
Gurgel

engenho de Santo Antonio e fundou termo da vila de Santo Amaro da Purificação, a quem foi dada Carta de brasão de armas de Amarais e Gurgéis a 9-VI-1769.

As armas que usam os deste apelido são: De vermelho, com um leopardo de ouro, encimado por uma flor-de-lis do mesmo. Timbre: um leão de ouro.

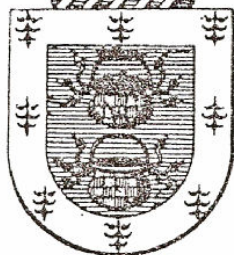
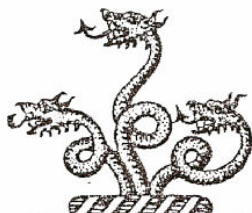
GUSMÃO. Figura esta família entre as mais ilustres de Espanha, provindo, por varonia, dos Reis de Leão. D. Ordonho I, Rei de Leão e de Oviedo, e sua mulher, D. Nuna ou Mumadona, foram pais de D. Nuno, Infante de Leão, que se casou com uma filha de D. Rodrigo II, Conde de Castela, filho do Rei D. Ramiro I e de sua mulher, D. Urraca Pateros, de cujo matrimónio nasceu, entre outros, D. Rodrigo Nunes, que fundou o castelo de Gundemaro, em Castela a Velha, em uma vila de Gundemaro Pinioliz, seu sogro, em home-

nagem ao qual lhe deu o seu nome. Pretendem alguns escritores que este nome de Gundemaro se corrompeu em Guzmán, ficando o referido castelo por solar da família, de onde ela tomou o apelido. D. Rodrigo casou com uma senhora de apelido Gundemaris, que lhe levou em dote aquela vila. Houve alguns filhos, sendo um deles D. Nuno Rodrigues, que viveu nos reinados de D. Afonso V a D. Fernando I, o Magno, e de quem existem muitas referências nos documentos até ao ano de 1040. Dizem certos escritores que D. Nuno Rodrigues foi casado com D. Ximena Ordonhes, filha do Infante D. Ordonho e de D. Fronilda Pelais, enquanto outros asseveram que sua mulher era filha de D. Bermudo II e da infanta D. Fronilda Pelais, sendo, portanto, conforme aqueles, neta deste D. Bermudo. D. José Manuel Trelles, na obra *Astúrias Ilustrada*, afirma que viu documentos pelos quais D. Nuno Rodrigues fora casado com D. Enderquina, cujos pais se ignoram. Foi D. Nuno Rodrigues Conde de Astorga e teve diversos filhos, sucedendo-lhe D. Rodrigo Nunes, também Conde de Astorga, que morreu na batalha de Sacralias, pelo ano de 1086, e se recebera com D. Urraca Dias ou Elvira, filha do Conde D. Diogo Nunes, fundador do mosteiro de S. Miguel de Espinosa no ano de 1033. Nasceram deste matrimónio D. Álvaro Rodrigues e D. Nuno Rodrigues, o primeiro dos quais foi rico-homem, senhor da Casa de Guzmán, no Campo de Roa, casado com D. Elvira Gonçalves, que também teve por marido a D. Fruela de Trastamara, filha de D. Gonçalo Gomes, dando-lhe alguns autores a descendência que teve seu irmão, D. Nuno Rodrigues. Este D. Nuno Rodrigues, filho de D. Rodrigo Nunes, foi também rico-homem e senhor de Guzmán, e recebeu-se com D. Elvira de Mançanedo, filha do D. Gonçalo Gomes, senhor de Mançanedo. Morreu no ano de 1130, ficando do matrimónio D. Rui Nunes de Guzmán, rico-homem, senhor de Guzmán no Campo de Roa, que ainda no ano de 1194 confirmava privilégios. Recebeu-se com D. Goda Gonçalves de Lara, filha do Conde D. Gonçalo Nunes de Lara e de sua mulher, D. Goda Gonçalves Salvadores. Parece que este D. Rui Nunes foi o primeiro que usou o apelido de Guzmán e dele proveio larga descendência, sendo um de seus filhos pai do glorioso S. Domingos de Guzmán,



fundador da Ordem dos Pregadores. Os Gusmões passaram a Portugal várias vezes e aqui vieram casar muitas outras.

D. João Ribeiro Gaio, bispo de Malaca, fez-lhes estes versos:



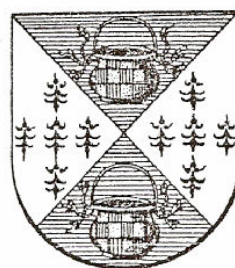
Gusmão

*Um cavaleiro bretão
que se juntou a esta gente
misturou este brazão
o qual não foi diferente
da gotica geração.*

*Gusmão quer dizer nobreza
em arabigo e em vulgar,
Godo magno e com certeza
pois dele é o solar
de Torralva, em Tropeza.*

Com o título de *Outros Gusmões* deixou mais esta quintilha:

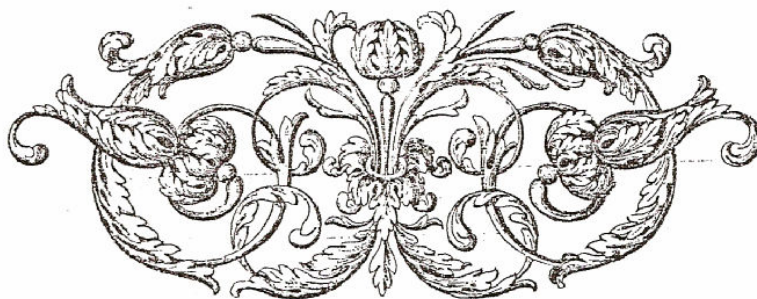
*Estes são das mesmas gentes
trazem torre defumada
por sinal que foi queimada
dos Flores seus descendentes
Aranda la bien cercada.*



Gusmão (outros)

Dos que passaram a Portugal, uns usam por armas: De azul, com duas caldeiras xadrezadas de ouro e de vermelho, uma sobre a outra, com três serpentes de ouro em cada uma das asas; bordadura de prata, carregada de oito mosquetas de negro. Timbre: três pescoços de serpe de ouro, o do meio montante.

Outros trazem: Franchado: o primeiro e o quarto de azul, com uma caldeira xadrezada de ouro e de vermelho, com três serpentes de ouro em cada uma das asas; o segundo e o terceiro de prata com cinco mosquetas de negro, postas em cruz.



ANEXOS D – Endogamia Conquistense

A família Oliveira Freitas originou-se do casamento de Faustina Gonçalves da Costa (filha de João Gonçalves da Costa e Josefa Gonçalves da Costa) com o português Manoel de Oliveira Freitas, em 1801. Deste enlace, nasceram Vitória de Oliveira Freitas, Tereza de Oliveira Freitas e João de Oliveira Freitas.

João de Oliveira Freitas casou-se com Maria Clemência do Amor Divino e tiveram como filhos Ubelina Maria de Oliveira, Joaquim de Oliveira Freitas Primo, Joana, Isabel e Jorge de Oliveira Freitas. Desfeito o primeiro casamento, o Capitão Ajudante João de Oliveira Freitas conviveu maritalmente com Maria Bernarda, escrava forra, com a qual teve os seguintes filhos: Higina, Rosa, Lydia, Engrácio, Felismina, Maximiliano e Eufrosina de Oliveira Freitas - conhecida por “Fulo do Panela”.

Tereza de Oliveira Freitas casou-se com o seu primo, o português Luiz Fernandes de Oliveira, nascido em 16 de janeiro de 1789. Vitória de Oliveira Freitas foi casada com o também português Jacinto Fernandes de Oliveira.

Surgindo, assim, a família Fernandes de Oliveira. Um dos seus rebentos, Luiz Fernandes de Oliveira, foi Capitão da Guarda Nacional quando da emancipação política do Arraial da Vitória em 1840 e também presidente da Câmara Municipal, logo o seu primeiro “intendente”.

O poder exercido por Luiz Fernandes de Oliveira, casado com uma das netas de João Gonçalves da Costa, seria de certa forma herdado por seu filho José Fernandes de Oliveira Gugé, o famoso Cel. Gugé, que foi liderança da Cidade desde a Proclamação da República até o seu falecimento em 1918. O Cel. Gugé foi liderança carismática (WEBER, 1993: p. 124), católico como seu pai, manteve a coesão e o equilíbrio da endogamia conquistense, no período em que surgiam o espiritismo kardecista e a Igreja Batista.

A família Oliveira Dantas decorre da união em segundas núpcias de Ubelina Maria de Oliveira (filha de João de Oliveira Freitas e Maria Clemência do Amor Divino) com o Sr. Ernesto Dantas. Tiveram os filhos: Manoel Dantas Barbosa, Flaviano de Oliveira Dantas, Maria Dulcina Dantas, esta se casou com o Sr. Manoel

Emiliano de Andrade (futura liderança da facção denominada “Meletes”⁹⁶ entre os anos 1911-1919) e tiveram os filhos: Maria Celestina Dantas, Antônio Dantas Barbosa e Ana Angélica Dantas. Salienta-se que Ernesto Dantas foi o fundador do espiritismo kardecista e proprietário da Fazenda Jequitibá, onde as primeiras reuniões dos seus adeptos eram realizadas.

No primeiro enlace, a Sra. Ubelina foi casada com seu primo Manoel Fernandes de Oliveira (filho de Luiz Fernandes de Oliveira com Tereza de Oliveira Freitas). Onde nasceram: José Maximiliano Fernandes de Oliveira (Cazuza Fernandes); Joaquim Fernandes de Oliveira, João Fernandes de Oliveira e Manoel Fernandes de Oliveira, apelidado “Maneca Grosso”, católico e poeta, muito atuante politicamente no início do século XX, na facção denominada “Peduros”⁹⁷, cuja principal liderança era o seu tio José Fernandes de Oliveira Gugé.

A família Santos Silva foi fundada em Conquista pelo casal Manoel José dos Santos Silva e D. Ana Angélica de Lima, naturais de Nazaré no Recôncavo da Bahia e compôs a endogamia conquistense em formação, quando do casamento de D. Eliza dos Santos Silva com Antônio Fernandes de Oliveira (filho de Luiz Fernandes de Oliveira e Tereza de Oliveira Freitas, logo, irmão de José Fernandes de Oliveira Gugé).

Outro ramo da parentela conquistense é a família Gusmão. O seu fundador foi Plácido da Silva Gusmão que, juntamente com seu irmão Manoel da Silva Gusmão, comerciante de animais, especialmente eqüinos e muares, em 1812, em primeira viagem, chegaram a Minas Gerais para comprar cavalos e burros e revendê-los no Estado de São Paulo. Numa segunda viagem, por volta de 1821, alcançaram Minas Novas do Araçuaí, no Norte de Minas Gerais, onde tiveram notícias que na Bahia, no lugar denominado Santo Amaro, encontrava-se uma grande demanda por animais, os quais gozavam bons preços. Plácido decidiu arriscar-se nesta aventura dirigindo-se para a Bahia, seu irmão Manoel retornou a São Paulo.

No percurso para o Recôncavo da Bahia, Plácido chegou ao Arraial da Vitória, no qual parou para descansar os homens e os animais, alugando uma área de

⁹⁶ Nas cidades do interior da Bahia é costume antigo, apelidar os grupos ou facções políticas com nomes de animais. “Melete” é uma espécie de pequeno tamanduá, também chamado de “Mixila”, existente no Sertão e, no caso da política conquistense, foi o apelido colocado no grupo político liderado pelo Cel. Pompílio Nunes de Oliveira, por seus adversários.

⁹⁷ “Peduro” é uma denominação atribuída para rotular animais, principalmente cavalos e bois, sem raça definida, e neste caso foi o apelido usado para desqualificar os membros da facção política liderada pelo Cel. Gugé.

pastagem. Com algum tempo de estadia, enamorou-se pela filha do fazendeiro que lhe alugara o pasto, por nome Isidora Joaquina Moreira. Decidiu casar-se, fixando residência na região, tornando-se grande pecuarista.

Do casamento de Plácido e Isidora, nasceram os seguintes filhos: Cassiano, Tertuliano, Maria Vitória, Marcionília, Rosária, Joana, Bertolina e Petronília. “Plácido da Silva Gusmão exerceu na Imperial Vila da Vitória o cargo de suplente de Juiz Municipal e de Órfãos e foi ele quem fez o “Termo de Abertura” do primeiro livro do Tabelionato, do Termo, no dia 8 de fevereiro de 1841”⁹⁸.

Tertuliano da Silva Gusmão nasceu no ano 1831 e casou-se com Ana Moreira da Silva, com quem teve quatorze filhos: Firmino, Cornélio, José, Justino, Olívia, Laudicéia, Joana, Melânia, Vitória, Isidória, Maria Vitória, Marcionília e Minervina, todos “da Silva Gusmão”, dentre os quais merece destaque: Justino da Silva Gusmão, que foi batista e se tornou figura importante na política da Cidade durante as décadas de 1920 e 1930, chegando a ocupar o cargo de intendente, como veremos em 1923.

Dos outros filhos, Olívia casou-se com Manoel de Oliveira Freitas; Vitória casou-se com Belarmino de Oliveira Freitas, casamentos que uniram as duas famílias e contribuíram para a formação da endogamia conquistense. Maria Vitória casou-se com Baldoino Francisco da Cunha, dando origem à família Gusmão Cunha; e por fim Melânia casou-se com Cândido Sales, dando origem à família Gusmão Sales. Dentre seus filhos, teve destaque Gerson Sales que foi batista e se tornou prefeito da Cidade por duas vezes em meados do século XX.

Tertuliano, antes de fundar a Primeira Igreja Batista de Conquista, segundo declaração do Sr. Humberto Flores, um dos nossos entrevistados, professava fé católica e ocupou a função de tesoureiro da Paróquia de Nossa Senhora da Vitória.

Em torno de 1814, chegaram vindos de Portugal os irmãos Nicolau e José Rodrigues do Prado, se instalaram no Recôncavo da Bahia exercendo a administração de engenho de cana-de-açúcar. Em 1831, quando ocorre a crise do Primeiro Império e eclode a “Revolta do Mata-Maroto”⁹⁹, resolveram migrar para o interior.

⁹⁸ VIANA, Aníbal Lopes. 1982: Vol. I, p. 85.

⁹⁹ A REVOLTA DO MATA-MAROTO – movimento ocorrido em 1831, durante a crise do Primeiro Império que, desencadeou atentados contra portugueses residentes no Brasil.

José Rodrigues do Prado fixou-se no Vale do Rio São Francisco. Nicolau R. do Prado chega aos limites do Arraial da Vitória instalando-se na margem do Rio Gavião. Posteriormente, em decorrência da seca de 1860 que se abateu sobre a região, um dos filhos de Nicolau, Joaquim Rodrigues do Prado mudou-se para uma área mais próxima do Arraial, estabelecendo relações com a família Lemos, essa aproximação resultou em alguns casamentos e conseqüentemente a fusão das duas famílias.

Indivíduos da família Lemos, também de origem portuguesa, já se encontravam na região desde a segunda metade do século XVIII, onde realizaram alguns casamentos. Vicente da Silva Lemos desposou Joaquina Gonçalves da Costa. Manuel Damasceno Lemos uniu-se em matrimônio a Verônica Gonçalves da Costa. Aponta-se que Joaquina e Verônica eram netas do Cel. João Gonçalves da Costa.

Os patriarcas da família Ferraz foram Joaquim Ferraz de Araújo e seu pai Antônio Ferraz de Araújo, provenientes de Campinas no Estado de São Paulo. Joaquim chegou ao norte de Minas Gerais para trabalhar nos garimpos, acompanhado de sua esposa Joaquina Ferreira Michaela, de origem italiana, e se instalaram posteriormente na Bahia no lugar chamado Jacaré, fundando aí uma comunidade que mais tarde passou a ser denominada Tremedal dos Ferraz, distante do Arraial da Vitória cerca de dez léguas. Tiveram até a morte de Joaquina doze filhos.

Enviuvado Joaquim Ferraz de Araújo casou-se com Maria Antônia de Carvalho e tiveram nove filhos, dentre os quais se destacam Ricardo Ferraz de Araújo, Antônio Ferraz de Araújo Catão e Domingos Ferraz de Araújo. Estes irmãos casaram-se respectivamente com três irmãs: Ana Tereza Fernandes, Zeferina Maria de Oliveira e Joaquina Fernandes de Oliveira, filhas do casal Luiz Fernandes de Oliveira e Tereza de Oliveira Freitas. Tais casamentos contribuíram com a formação da endogamia conquistense, pois uniram duas poderosas famílias católicas, facilitando a consolidação da liderança do herdeiro político de Luiz Fernandes de Oliveira, o Cel. Gugé.

Outra família integrante da endogamia em apreço é a família Andrade, fundada pelo Padre José Joaquim de Andrade que foi, anteriormente, vigário da Freguesia de Nazaré, chegando à região em 1841 para assumir a Freguesia da Imperial Vila da Vitória, onde se tornou negociante de escravos. Tinha quatorze

filhos, dentre os quais Antônio e Ana Constança, fizeram “voto de castidade”, os demais se casaram com filhos e filhas das famílias já instaladas na Cidade. Uma das filhas do Padre Andrade, Eufrozina Andrade casou-se com Pedro Moreira de cuja união nasceu Manoel Emiliano Moreira de Andrade, que se tornou lideranças dos “Meletes” nos idos de 1911 até 1919.

Um outro padre veio a substituir o vigário José Joaquim de Andrade na Freguesia da Imperial Vila da Vitória em 1866; chamava-se José Muniz Cabral Leal de Menezes que tinha sete filhos com uma mulher negra de nome Bernarda Maria de Jesus; a exemplo do que aconteceu com o vigário Andrade, os filhos do padre Menezes também se casaram com membros das famílias existentes em Conquista.

O casal Antônio Correia de Melo e Joaquina Salgado foram os primeiros representantes da família Correia de Melo em Conquista e tiveram cinco filhos. Dentre esses, o de nome Vital casou-se com Joana Maria de Oliveira (filha do casal João de Oliveira Freitas e Maria Clemência do Amor Divino, bisneta do Cel. João Gonçalves da Costa), tiveram treze filhos, dentre os quais se destacaram na vida pública Joaquim Correia de Melo e Zeferino Correia de Melo. Uma das suas irmãs, Joana Correia de Melo, casou-se com Joaquim Fernandes de Oliveira, estabelecendo vínculos familiares com o principal núcleo da endogamia conquistense, os Fernandes de Oliveira.

Os Nunes de Oliveira têm o seu surgimento em Conquista a partir do casamento do Tenente José Bahiense com Senhoria Fernandes de Oliveira Ribeiro. Ele chegou à Cidade como fugitivo da “Sabinada”¹⁰⁰, disfarçado de professor com o nome de João da Silva Rego e exerceu o magistério ministrando aulas aos filhos do Cel. Jacinto Fernandes Ribeiro. Senhorinha era filha do casal Jacinto Fernandes Ribeiro e Vitória de Oliveira Freitas (neta do Cel. João Gonçalves da Costa). Deste casamento nasceram oito filhos, dos quais Pompílio Nunes de Oliveira teve destaque na vida pública, sendo um dos opositores do Cel. Gugé, seu primo em terceiro grau.

A família Fonseca surgiu em Conquista liderada por João José dos Santos Fonseca, que possuía o título de Alferes e administrou os bens da Igreja de Nossa Senhora das Vitórias em 1815, nomeado pelo Sargento-mor Antônio Dias de

¹⁰⁰ Sabinada foi um movimento republicano liderado pelo médico Sabino Álvares da Rocha Vieira em 1839, do qual participava o Tenente José Nunes Bahiense que, fugindo de perseguições veio ter a Conquista, onde se casou com Senhorinha Fernandes de Oliveira, dando origem à família Nunes de Oliveira.

Miranda. O seu filho Vitor Gomes Fonseca uniu-se em matrimônio a Joaquina de Oliveira Moitinho (bisneta do Cel. João Gonçalves da Costa). Deste casamento nasceram muitos filhos, tendo um deles, Paulino Fonseca, ocupado papel de destaque na vida pública, foi intendente de Conquista de 1º de janeiro a 20 de setembro de 1922.

Já a família Viana veio de Portugal se instalando de início no Recôncavo da Bahia. A sua presença na Imperial Villa da Vitória se deu por volta de 1850, através da chegada de Clemente Viana de Castro. No mesmo período, um outro ramo da família, representado pelo médico João Francisco Viana, dirigiu-se para Santo Antônio da Barra (hoje Condeúba), fixando ali residência, tempos depois, os seus descendentes vieram morar na Imperial Villa da Vitória, onde também através de vários casamentos misturam-se com as famílias tradicionais já residentes na Cidade.

Além das já relacionadas, Aníbal Viana trata de outras famílias que participaram da referida endogamia: “Leite; Palmeira; Mendes Ferraz; Borba; Piloto; Prates; Bacelar de Oliveira; Padre; Brasil; Bittencourt; Ferreira Campos; Flores; Portela; Vieira Feitas; Bastos; Bahiano; Paes; Gomes Cardoso; Cairo e Brito”, cujos descendentes exerceram diversas atividades na Cidade: foram comerciantes, fazendeiros, professores, músicos, jornalistas, escritores, artistas plásticos, advogados e médicos; ocuparam funções burocráticas, participando também da política ocupando os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores. Quanto à opção religiosa foram católicos, espíritas kardecistas e Batistas, alguns se confessaram a partir dos anos 1940 comunistas e agnósticos.

A base familiar constituída, na seqüência Gonçalves da Costa, Oliveira Freitas e Fernandes de Oliveira conduziram a organização do poder local, decorrente de articulação com outras famílias que se juntaram a elas, originando assim, o sistema de relações identificado como endogamia conquistense. O poder constituído com base nas famílias tradicionais controlava a terra, a produção, o comércio e os produtos das riquezas, assim como os aspectos culturais, políticos, sociais, jurídicos, ideológicos e, também religiosos.

ANEXO E - Jornais Editados a Partir de 1926.

“A Vanguarda”, fundado por Iolando Fonceca, cujo primeiro e único número circulou em sete de setembro de 1926.

“O Combate”, criado por Laudionor de Andrade Brasil, circulou de onze de agosto de 1929 até maio de 1964, tendo como os seus principais colaboradores Camilo de Jesus Lima, Clóvis de Lima, Mário Padre, Nestor Passos, Rostil Matos e Erathósthene Menezes. Com o falecimento de Laudionor Brasil, passou a ser dirigido por seu irmão Claudionor Brasil, sendo também seus redatores Nilton Gonçalves, Padre Luiz Palmeira e Flávio Jarbas Vasconcelos.

“O Avante”, criado em 1930, teve como diretor-redator Bruno Bacelar de Oliveira. Era um jornal de oposição. Por esse motivo, em 9 de julho de 1932, com o advento da Revolução Constitucionalista de São Paulo, seu diretor foi preso e recolhido à Casa de Detenção em Salvador. De volta a Conquista, teve o seu jornal incendiado na noite de 3 de novembro de 1933.

“A Batalha” foi fundado por José da Silva Guimarães e circulou de 1952 até 1965; “O Conquistense” tinha por Diretor Dr. Artur Seixas Pereira e o Jornalista Pedro Lopes, funcionou a partir de primeiro de janeiro de 1956 e foi extinto em dezembro de 1959; “O Jornal de Conquista” criado por Aníbal Lopes Viana e Asdrúbal Lopes Viana, lançado em 15 de agosto de 1958, que circulou até 13 de maio de 1988; “O Sertanejo”, fundado por Pedro Lopes dos Santos e Cid Augusto dos Santos Ferraz, em 15 de agosto de 1962; “Equipe”, por Ronildo Zanon e Luiz Spínola Braga, que circulou de março de 1969 até 25 de dezembro de 1982; “Tribuna do Café”, por Isnar Vasconcelos circulou a partir de 1974; “O Fifó”, redigido por Ruy Medeiros, circulou de 11 de outubro de 1977 até 18 de janeiro de 1978; “Povão” fundado por Paulo Brandão, que circulou de 17 de maio de 1982 até setembro de 1985; “O Radar” criado por Maximo Ricardo Benedictis, em 26 de fevereiro de 1983; “O Impacto” fundado em 1987, pela “Ticronays Editora e Publicidade Limitada”; “Opinião”, editado por J. Luiz Cezar de Oliveira, redigido por Antônio Thaumaturgo Soares e J. Luiz Cezar de Oliveira.

ANEXO F - Quadro 1 - Intendentes
Vitória da Conquista – Bahia: 1892-1930

NOME	RELIGIÃO	PROFISSÃO	PLEITO
Joaquim Correia DE Melo	Católico	Advogado comerciante fazendeiro	1892 / 1895
José Antônio Lima Guerra	Católico	Comerciante	1896 / 1899
José Antônio Lima Guerra	Católico	Comerciante	1900 / 1903
Francisco Soares de Andrade	Espírita	Oficial do Registro de Imóveis, fazendeiro	1896
Estevão José dos Santos Silva	Católico	Fazendeiro	1904 / 1906
João Diogo de Sá Barreto	Católico	Advogado, promotor	1906 / 1907
José Maximiliano F. Oliveira	Católico	Fazendeiro	1908 / 1911
José Fernandes de O. Gugé	Católico	Fazendeiro	1912 /1915
Leôncio Sátiro dos S. Silva	Espírita e católico	Tabelião, Fazendeiro	1916 /1918
Francisco da Silva Costa	Católico	Comerciante	Janeiro 1919
Ascendino dos Santos Melo	Católico	Fazendeiro	Fev/Dez 1919
Jersulindo de Oliveira	Católico	Comerciante Fazendeiro	1920
Ascendino dos Santos Melo	Católico	Fazendeiro	1921/1922
Paulino Fonseca	Espírita e católico	Comerciante	1922
Antonio Agripino da S. Borges	Católico	Advogado	1922 /1923
Justino da Silva Gusmão	Batista	Fazendeiro	1924 /1925
Paulino Fernandes dos S. Silva	Católico	Fazendeiro	1926 / 1927
Otávio José dos Santos Silva	Católico	Coletor Estadual	1928/ 1930
Bruno Bacelar de Oliveira	Agnóstico	Escritor ,jornalista	(15 dias) 1930

**ANEXO G - Quadro 2 - Prefeitos
Vitória da Conquista – Bahia: 1930-2006**

NOME	RELIGIÃO	PROFISSÃO	PLEITO
Deraldo Mendes Ferraz	Batista	Fazendeiro	1931 / 1932
Júlio Lacerda	Católico	Comerciante	(40 dias)1932
Arlindo Mendes Rodrigues	Católico	Fazendeiro	1933 / 1936
Florentino M. de Andrade	Espírita	Delegado Regional	1936 / 1937
Joaquim Fróes de C. Castro	Católico	Comerciante	1937 /1938
Luis Régis P. Pereira	Católico	Médico	1938 / 1945
Eduardo Martins de Castro	Católico	Juiz de Direito	1945
Salvador F. de O. Santos	Católico	Promotor	1945 / 1946
Antonino P. de Oliveira	Católico	Fazendeiro	ABR/MAI 1946
Izailton Ferraz de Araújo	Católico	Comerciante, fazendeiro	1946/1947
Antonino P. de Oliveira	Católico	Fazendeiro	1947 / 1950
Gerson Gusmão Sales	Batista	Fazendeiro	1951 /1955
Edvaldo de Oliveira Flores	Espírita	Agrônomo, fazendeiro	1955 / 1958
Nelson Gusmão Cunha	Batista	Comerciante, Fazendeiro	NOV/ 1958 ABR / 1959
Gerson Gusmão Sales	Batista	Fazendeiro	1959 /1963
José F. Pedral Sampaio	Agnóstico	Engenheiro, fazendeiro	ABR /1963 MAI/1964
Orlando Silva Leite	Católico	Advogado, fazendeiro	1964 / 1967
José Gil Moreira	Católico	Médico	1964 /1967
Fernando Ferreira Spínola	Católico	Médico	1967 /1971
Nilton Gonçalves	Católico	Advogado	1971 / 1973
Jadiel Vieira Matos	Batista	Médico	1973/ 1977
Raul Carlos de A. Ferraz	Católico	Cafeicultor, advogado	1977 / 1983
Gildásio Cairo dos Santos	Católico	Comerciante, fazendeiro	1982/1983
José F. Pedral Sampaio	Agnóstico	Engenheiro, fazendeiro	1983/1988
Hélio Ribeiro Santos	Católico	Comerciante	1987
Carlos Murilo P. Mámore	Católico	Fazendeiro, advogado	1988 / 1992
José F. Pedral Sampaio	Agnóstico	Engenheiro, fazendeiro	1993/1996
Guilherme S.Menezes	?	Médico, fazendeiro	1997/ 2000
Guilherme S. Menezes	?	Médico, fazendeiro	2001/2002
José Raimundo Fontes	Ateu	Professor	2002/2006

ANEXO H - Relação das Igrejas Protestantes registradas de 1970- 2006.

“Igreja Batista Bíblica Evangélica”, fundada em 16/09/1970 e registrada em 20/03/1975; “Igreja Batista Getsêmani”, fundada em 21/08/1974 e registrada em 18/12/1975, Trav. Jorge Stoltz s/n; “Igreja Cristã Presbiteriana do Alto Maron”, fundada em 21/06/1977 e registrada em 27/06/1977, R. São Miguel Lourenço, 615, Alto Maron; “Igreja Batista Missionários da Fé”, fundada em 19/02/1978 e registrada em 13/03/1978, R. Olavo Ramos, 971; “Igreja Batista Tabernáculo do Senhor”, fundada em 17/09/1979 e registrada em 16/10/1979, Av. Serrinha, 3080, Bairro Brasil; “Igreja Pentecostal Jerusalém”, fundada em 22/06/1980 e registrada a 09/01/1981, R. São José, 35b, Alto Maron; “Igreja Pentecostal Independente Maranata”, registrada em 08/12/1981; “Primeira Igreja Batista Memorial do Centenário”, fundada em 21/01/1982 e registrada a 12/11/1982, Av. Santa Marta, 261; “Igreja Ortodoxa do Patriarcado do Brasil”, fundada em 31/12/1982 e registrada a 28/03/1983, Av. Irecê, 114, Bairro Patagônia; “Igreja Batista Independência e Vida”, registrada em 02/03/1983; “Igreja Universal”, fundada em 30/01/1983 e registrada a 29/06/1983; “Igreja Batista Nova Sião”, registrada em 17/08/1983; “Igreja Batista Independente Filadélfia”, fundada em 20/08/1984 e registrada a 17/10/1984, R. São Pedro, 310, Centro; “Igreja Cristã Rosa de Saron”, fundada em 01/03/1985 e registrada a 12/03/1985, R. João Pessoa, 402, Bairro Brasil; “Igreja Batista Bíblica Hequiná”, fundada em 03/01/1985 e registrada a 25/02/1986; “Igreja Cristã Maranata da URBIS-I”, fundada em 01/04/1986 e registrada a 17/06/1986, R. Artur Seixas, 64, Candeias; “Igreja Que Está No Bairro Patagônia”, fundada em 20/07/1985 e registrado a 01/09/1986, Av. Frei Bejamim, 700, Patagônia; “Igreja Evangélica do Reino de Deus”, fundada em 03/04/1987 e registrada a 08/05/1989, R. Paulino Santos, 173, Guarani; “Igreja Batista Nova Sinai”, registrada em 21/03/1988; Igreja Evangélica Assembléia de Deus, registrada em 11/04/1988, Rua Hermes da Fonseca, 212; “Igreja do Senhor Jesus”, registrada em 28/04/1988, Av. Lauro de Freitas, 55, Centro; “Igreja Salém”, fundada em 16/07/1987 e registrada a 02/06/1987, R. Venceslau Brás, 62; “Igreja Batista Peniel”, fundada em 18/08/1988 e registrada a 12/09/1988; “Segunda Igreja Independente Filadélfia”, registrada em 28/04/1989; “Igreja Evangélica do Espírito Santo”, registrada em 03/08/1990; “Igreja Batista Congregacional”, registrada em 03/09/1990; “Igreja Evangélica Triangular”, fundada em 07/07/1989 e registrada a 17/09/1990, R. Fernando Matos, 36^a, Centro;

“Igreja Batista Liberdade”, fundada em 19/01/1990 e registrada a 16/10/1990; “Igreja Batista do Evangelho Pleno”, fundada em 15/02/1988 e registrada a 15/01/1991; “Igreja Batista Bíblica Perúcia”, registrada em 14/11/1990; “Igreja Evangélica Javé Nessi”, fundada em 11/12/1990 e registrada a 23/01/1991; “Igreja Pentecostal Continuidade dos Apóstolos”, fundada em 18/05/1999; “Igreja Pentecostal Unidos na Fé”, fundada em 01/07/1991 e registrada a 01/08/1991, R. São Felix, 675, Patagônia; “Igreja Evangélica Nova Esperança”, registrada em 10/12/1991, Av. Itabuna, 455, Brasil; “Igreja Missão El Shaddai”, fundada em 11/06/1991 e registrada a 09/01/1992; “Igreja Batista Betesda”, fundada em 29/01/1990 e registrada a 27/01/1992; “Igreja Pentecostal do Universo”, fundada em 14/05/1993 e registrada a 17/05/1993, Trav. Santo Amaro, 423, Alto Maron; “Igreja Missionária Cristo é a Porta”, registrada em 09/06/1993, R. Olavo Ramos s/n, Guarani; “Igreja do Senhor Jesus Cristo”, fundada em 13/02/1995 e registrada a 24/03/1995; “Igreja Batista Ortodoxa”, registrada em 19/04/1995; “Igreja Pentecostal Mensagem da Cruz”, fundada em 26/01/1995 e registrada a 26/04/1995; “Igreja Católica Ortodoxa Renovada”, fundada em 30/05/1992 e registrada a 26/05/1995, Praça do Cajá, 227, Brasil; “Igreja Pentecostal em Cristo Venceremos”, fundada em 06/07/1994 e registrada a 08/06/1995, Caminho 14, casa, 08, Zabelê; “Igreja Batista Lírio do Vale”, fundada em 06/05/1980 e registrada a 18/07/1995, R. Francisco Braga, 160, Centro; “Igreja Batista Fonte D’ Água”, fundada em 22/03/1992 e registrada a 23/10/1995; “Igreja Evangélica Encontro do Povo de Deus”, fundada em 06/06/1992 e registrada a 15/01/1996, Terceira Trav. Torres, 30, Alto Maron; “Igreja Missão Evangélica da Fé”, fundada em 29/09/1995 e registrada a 08/05/1996, R. 13 de maio, 117, Centro; “Igreja de Senhor Jesus Cristo”, fundada em 24/03/1995 e registrada a 17/07/1996, Rua Macaúbas, 60, Patagônia; “Igreja Comunidade a Voz de Deus”, fundada em 25/09/1995 e registrada a 30/08/1996, R. Chile, 169, Jurema; “Igreja Pentecostal Unidos com Cristo”, fundada em 02/10/1996 e registrada a 11/10/1996, Av. Professor Itamar, 230, Brasil; “Igreja Pentecostal Aliança Celeste”, fundada em 27/05/1996 e registrada a 30/10/1996, R. Mascarenhas de Moraes, 38, Alto Maron; “Igreja Pentecostal Sabedoria de Deus”, fundada em 01/12/1996 e registrada a 19/12/1996; “Igreja Pentecostal Fogo do Espírito”, fundada em 14/01/1996 e registrada a 26/12/1996, Caminho 04, salão nº. 32, Bateias; “Igreja Batista Volta de Jesus Cristo”, fundada em 14/01/1996 e registrada a 03/01/1997, “Igreja Comunidade Evangélica Vivas Com Deus”, fundada em 20/03/1997 e registrada a

23/03/1997, R. São José, 35, Alto Maron; “Ministério da Comunidade Evangélica Nova Aliança”, fundada em 02/11/1996, registrada a 10/09/1997, no caminho 18, casa 19, URBIS – IV, Bateias; “Igreja Pentecostal Aliança Celeste”, fundada em 29/05/1996, registrada a 13/09/1997, R. Humberto Campos, 18 – São Vicente – Centro; “Igreja Pentecostal Aliança Celeste” Registrada em 28/04/1998, Av. Presidente Vargas, 45 – Alto Maron; “Igreja Adventista do Evangelho Eterno”, registrada no Livro AA, 05, p.44, R. Alice Veloso, 119 – Bairro Cruzeiro; “Igreja Evangélica Hosana”, fundada em 01/03/1998, registrada em 28/08/1998, no Livro AC-1, p.p. 40 e 41, R. da Conquista, 668, Centro; “Igreja Evangélica Avivamento de Deus”, fundada em 10/08/1997, registrada em 02/09/1998, Av. Itabuna, 2334, Bairro Brasil; “Igreja Casa Benção de Deus”, fundada em 20/12/1998, registrada em 18/01/1999, Av. Piauí, 243, Bairro Brasil; “Igreja Ágape Ministério de Evangelização”, fundada em 29/11/1998, registrada em 10/02/1999, no Livro AB-03 p.32, Av. Presidente Vargas, 736-B, Bairro Alto Maron; “Igreja Evangélica Pentecostal Jesus é Vida”, fundada em 30/03/1999, Registrada em 09/04/1999, R. Florianópolis, 947, Kadija, Bairro Patagônia; “Igreja Evangélica Só o Senhor é Deus”, fundada em 03/08/1999, registrada a 17/08/1999, Av. Itabuna, 290, Bairro Patagônia; “Igreja Pentecostal Israel de Deus”, fundada em 10/01/1999, registrada a 17/08/1999, R. Caravelas, 10 – Kadija – Bairro Patagônia; “Igreja Batista da Restauração”, Registrada em 11/11/1999, Praça Vitor Brito, 26, Bairro Centro; “Igreja Evangélica Missionária Jesus Cristo é o Deus Vivo”, fundada em 23/11/1999, registrada em 28/08/1999, no Livro AB-11, p. 105, Lote -06, quadra -08, Loteamento Jardim Valéria, Jatobá; “Ministério da Comunidade Jerusalém”, registrada em 08/02/2000; “Igreja Pentecostal Anjos de Deus”, registrada em 23/02/2000, Av. Principal, 72 – Vila Serrana IV – Bairro Zabelê; “Igreja Brasa Viva no Altar”, fundada em 07/07/1999, registrada a 08/03/2000, Caminho – 24, n°. 24 – URBIS V, Bairro Zabelê; “Igreja Presbiteriana Independente”, fundada em 10/03/1999, registrada a 14/03/2000, Rua -21, n°.355 – Senhorinha Cairo – Bairro Zabelê; “Igreja Batista Bíblica Nova Jerusalém”, fundada em agosto de 1999, registrada a 28/06/2000; “Igreja Evangélica Santuário de Deus”, fundada em 11/03/2000, registrada a 19/07/2000, R. São Pedro, 391- São Vicente – Bairro Centro; “Igreja Evangélica El Shadday”, registrada em 07/08/2000, na Av. Macaúbas, 323 – Kadija - Bairro Patagônia; “Igreja Batista Nova Sinai”, registrada em 22/08/2000, Av. Itabuna, 37, Bairro Patagônia; “Igreja Tabernáculo Vale da Benção”, registrada em 13/12/2000, Av. Bartolomeu de

Gusmão, 356, Bairro Centro; “Igreja Batista Esperança Viva”, fundada em 17/12/2000, registrada a 19/12/2000, R. Conquista, 315, Bairro Centro; “Igreja Evangélica Pentecostal Jesus Está Aqui”, fundada em 1999, registrada a 01/02/2001, Caminho – 18, Casa 20, URBIS-VI, Bairro Espírito Santo; “Igreja Batista da Paz”, fundada em 14/02/2001, registrada no Livro AB-7, p.p. 13 a 15, R. Presidente Vargas s/n, Bairro Alto Maron; “Igreja Pentecostal Encontro de Vasos”, fundada em 05/08/2001; registrada a 08/08/2001, R. José Bonifácio, 37 – Flamengo – Bairro Alto Maron; “Igreja Batista da Restauração”, fundada em 06/03/1999, registrada a 09/08/2000, Praça Vitor Brito, 261 - Centro; “Igreja Pentecostal Aliança Celeste”, mudança de endereço para a R. da Misericórdia, 69 – A, 1º andar, Bairro Centro; “Igreja Pentecostal Chama do Espírito Santo”, registrada em 10/09/2001, R. H, 26 – Morada dos Pássaros – Bairro Felícia; “Ministério Internacional Canto em Família”, fundada em 11/09/2001, registrada a 08/10/2001, R. Bruno Bacelar, 46 – Flamengo – Bairro Alto Maron; “Igreja Pentecostal Restauração de Israel”, fundada em 27/08/2001, registrada a 10/12/2001, na Av. Caetité, 3093, Bairro Ibirapuera; “Igreja Pentecostal Missionária da Fé”, fundada em 24/11/2001, registrada a 19/12/2001, R. Olavo Ramos, 971, Bairro Guarani; “Igreja Renovada Evangélica Independente”, registrada em 29/01/2002, Av. Paramirim, 2768, Bairro Brasil; “Igreja Batista da Graça”, registrada em 13/03/2002, R. Odilon Correia, 364, Bairro Alto Maron; “Igreja Evangélica Reino de Cristo”, fundada em 25/08/2002, registrada a 14/10/2002, R. C, 12 – Jardim Valéria – Bairro Jatobá; “Igreja Presbiteriana Renovada”, registrada a 19/11/2002, Av. Macaúbas, 2670, Bairro Brasil; “Igreja Evangélica Monte Sião”, fundada em 01/01/2001, registrada a 13/12/2002, Av. Pará, 687, Bairro Ibirapuera; “Tabernáculo Vale da Benção”, mudança de endereço da Av. Bartolomeu de Gusmão, 356, Centro, para a R. Sete de Setembro, 47, Centro; “Igreja da Ressurreição de Jesus Cristo”, fundada em 23/03/2003, registrada a 01/04/2003, Av. Guanambi, 3732, Bairro Ibirapuera; “Igreja do Senhor Jesus Cristo no Brasil” – mudança de nome para “Igreja Evangélica Atos 2”, registrado em 23/04/2003; “II Igreja Presbiteriana Renovada”, registrada em 30/04/2003, Trav. Feira de Santana, 26 – Loteamento Alvorada – Bairro Ibirapuera; “Igreja Pentecostal Shekinah de Deus”, registrada em 06/06/2003, R. D, 33 – Sobradinho – Bairro Zabelê; “Igreja Evangélica União de Deus”, fundada no ano de 2003, registrada em 25/06/2003, R. E, 13 – URBIS VI – Bairro Espírito Santo; “Igreja Pentecostal no Universo”, fundada em 07/10/1993, registrada a 13/08/2003, Trav. Santo Amaro,

423, Bairro Alto Maron; “Igreja Evangélica Trono de Deus”, registrada em 21/08/2003, R. 02, n°. 262 – Vila América – Bairro Espírito Santo; “Filial da Igreja Pentecostal no Universo”, registrada em 05/09/2003, R. 05, n°. 09 – Nova Cidade – Bairro Primavera; “Igreja Pentecostal Jesus é a Vida”, fundada em 28/03/1999, registrada a 06/10/2003, estrada de Campinhos, 420 – Morada Nova – Bairro Campinhos; “Igreja Assembléia de Deus Ministério Castiçal”, fundada em 27/09/2003, registrada a 06/10/2003, R. F, n°. 23 – Morada dos Pássaros III – Bairro Felícia; “Igreja Evangélica Chama do Espírito”, fundada em 07/10/2003, registrada 29/10/2003, Av. Amélia Rodrigues – Kadija – Bairro Patagônia; “Igreja Evangélica Casa de Oração os Sinais Seguirão aos que Crerem”, fundada em 01/10/2003, registrada a 29/10/2003, R. I, n°.32 – Cidade Maravilhosa – Bairro Zabelê; “Igreja Batista Nacional Bethânia”, fundada em 21/09/2003, registrada a 04/11/2003, R. Gerson Sales, n°. 09-A – Praça do Café – Bairro Centro; “Igreja Pentecostal Jesus é a Luz”, fundada em 2003, registrada a 10/11/2003, R. A, Casa 23 – URBIS VI – Bairro Espírito Santo; “Igreja Pentecostal Ide”, fundada em 20/01/2002, registrada a 19/01/2003, Av. Paraná, 114, Bairro Ibirapuera; “Associação Pentecostal Mensageiro de Cristo”, registrada em 22/01/2004, R. G, n°. 20 – Cidade Maravilhosa – Bairro Zabelê; “Igreja Pentecostal Jesus é o Rei dos Reis”, registrada em 04/02/2004; “Igreja Evangélica Congregacional”, fundada em 12/10/1991, registrada a 06/04/2004, Av. Guanambi, 119, Bairro Brasil; “Igreja Pentecostal Chama do Espírito Santo”, registrada em 14/11/2003, R. H, n°. 26 – Loteamento Morada dos Pássaros – Bairro Felícia; “Igreja Evangélica Aliança com Deus do Brasil”, registrada em 05/12/2003 (sem endereço); “Igreja Pentecostal Fonte de Vida”, fundada em 21/12/2003, registrada a 06/01/2004, Av. Sergipe, 474, Bairro Brasil; “Igreja Pentecostal Rios das Águas Vivas”, fundada em 01/05/2004, registrada a 14/07/2004, R. Bruno Bacelar, 640, Bairro Alto Maron; “Igreja Pentecostal Apostólica”, fundada em 17/05/2002, registrada a 27/10/2004, Av. Frei Benjamim, 598, Bairro Patagônia; “Igreja Batista Missionária Hosana”, registrada em 03/11/2004, R. Aurelino Leal, 212 – Kadija – Bairro Patagônia; “Igreja Pentecostal Deus é a Luz”, registrada em 04/11/2004, R. Planalto, 222 – Kadija – Bairro Patagônia.

Algumas destas igrejas não registraram as datas de suas fundações, nem os endereços onde funcionam e duas delas a “Igreja Pentecostal Jesus é o Rei dos

Reis” e a “Igreja Evangélica Aliança com Deus do Brasil”, cujos endereços não foram localizados, não fazem parte do “Quadro das Religiões por Bairro”.

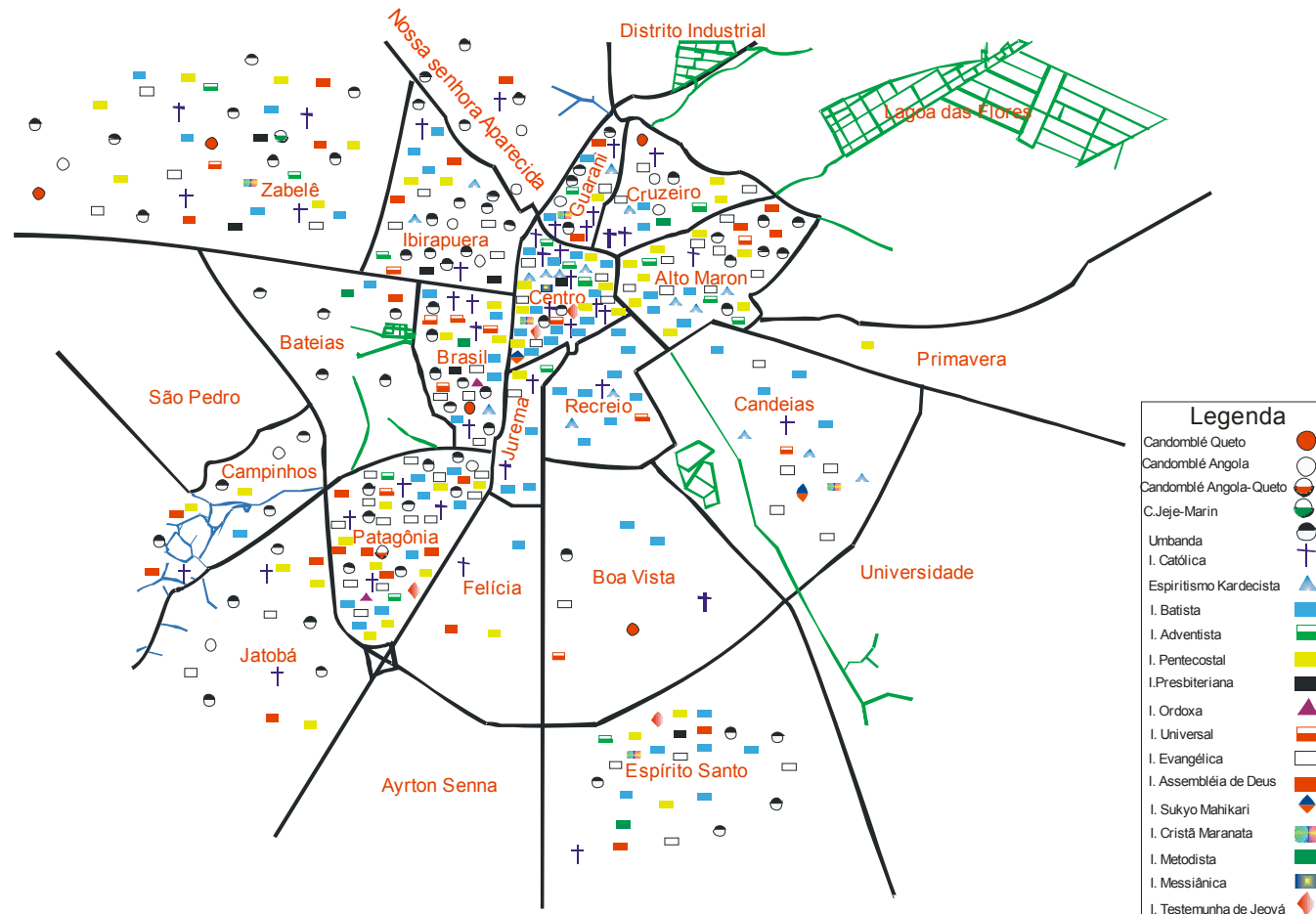
ANEXO I – QUADRO 3 DAS RELIGIÕES POR BAIRROS																								
TEMPLOS	BAIRROS																						TOTAL	%
	CE	GU	CR	AL	RE	JU	BR	IB	NA	PR	CA	BV	FE	PA	BA	ZA	UN	ES	AS	JÁ	CP	SP		
C. QUETO			1				1					1				3							6	1,53
C. ANGOLA		1	2					2	2					2		1					1		11	2,81
C.Q./ANGOLA														1						1			2	0,51
C.JEJE/MARIN																1							1	0,26
UMBANDA	2	4	1	7			3	10	4			1		8	5	8		5		5	4		67	17,14
I. CATÓLICA	8	4	3	1	1	2	4	2	1		1	1	1	4		4		1		2	1		41	10,49
E. CARDECISTA	4	1	1	3	2		1	2			3												17	4,35
I. BATISTA	12	2	2	4	8	3	5	3			4	2	1	8	1	5		6					66	16,88
I. ADVENTISTA	3	1	1	3		1		1						2		2		1					15	3,84
I. PETENCOSTAL	7	1	2	8		1	3	2		1			1	8		6		3		3	2		48	12,28
I. PRESBITERIANA	1						1	2								2		1					7	1,79
I. ORTODOXA														1									1	0,26
I. UNIVERSAL	1			1	1		4	1			1	1		1		1							12	3,07
I. EVANGÉLICA	5	1	3	8		1	4	4			5	1		13		4		4		2			55	14,07
I. A. DE DEUS	1	2		3				2	1				1	6	1	3		2		2	2		26	6,65
I. S. MAHIKARI											1												1	0,26
I.C. MARANATA	1	1									1					1		1					5	1,28
I. METODISTA			1				1								1			1					4	1,02
I. MESSIÂNICA	1																						1	0,26
TEST. JEOVÁ	2													1				1					4	1,02
S NO IÊ	1																						1	0,26
TOTAL	49	18	17	38	12	8	27	31	8	1	16	7	4	55	8	41		26		15	10		391	100,00

CE-CRUZEIRO; **GU**-GUARANI; **CR** CRUZEIRO; **AL**- ALTO MARON; **RE**-RECREIO; **JU**-JUREMA; **BR**-BRASIL; **IB** IBIRAPUERA; **NA**-NOSSA SRª APARECIDA; **PR**-PRIMAVERA; **CA**-CANDEIAS; **BV**-BOAVISTA; **FE**-FELICIA; **PA**- PATAGONIA; **ZA**-ZABELÊ; **UN**-UNIVERSIDADE; **ES**- ESPÍRITO SANTO; **AS**-AYRTON SENA; **JA**-JATOBÁ; **CP**-CAMPINHOS; **SP**- SÃO PEDRO

ANEXO J - Quadro 4 - Nº. % de Templos das Religiões 1997/2006.

TEMPLOS	JULHO DE 1997	%	JUNHO DE 2006	%	CRESCIMENTO Nº DE TEMPLOS
C. QUETO	1	0.30	6	1.53	+ 5
C. ANGOLA	13	3.91	11	2.81	- 2
C.Q./ANGOLA	1	0.30	2	0.51	1
C.JEJE/MARIN	0	0.0	1	0.26	1
UMBANDA	60	18.02	67	17.14	7
I. CATÓLICA	38	11.41	41	10.49	3
E. CARDECISTA	16	4.80	17	4.35	1
I. BATISTA	53	15.92	66	16.88	13
I. ADVENTISTA	16	4.80	15	3.84	-1
I. PETENCOSTAL	29	8.71	48	12.28	19
I. PRESBITERIANA	4	1.20	7	1.79	3
I. ORTODOXA	2	0.6	1	0.26	-1
I. UNIVERSAL	15	4.50	12	3.70	-3
I. EVANGÉLICA	43	12.91	55	14.07	12
I. A. DE DEUS	28	8.41	26	6.65	-2
I. S. MAHIKARI	1	0.30	1	0.26	0
I.C. MARANATA	5	1.50	5	1.28	0
I. METODISTA	4	1.20	4	1.02	0
I. MESSIÂNICA	1	0.30	1	0.26	0
TEST. JEOVÁ	3	0.9	4	1.02	1
SECHO NO IÊ	0	0.0	1	0.26	1
TOTAL	333	100	391	100	58

ANEXO L – MAPA RELIGIOSO DA CIDADE



ANEXO M - Cartão de identificação do 1º Pastor Batista de Conquista 1899

Antonio Theophilo de Queiroz PASTOR EVANGELICO Conquista	
Antonio Theophilo de Queiroz PASTOR EVANGELICO Conquista	
Antonio Theophilo de Queiroz PASTOR EVANGELICO Conquista	
Para o histórico da Igreja. Muito interessante. "O pastor A. T. Queiroz, foi enviado de St. Antonio de Jesus, pelo irmão Tertuliano de Silva Jesusão, para evangelizar a família e amigos. O pastor Queiroz, casou-se com a filha de Tertuliano. Foi Tertuliano quem trouxe, de St. Antonio de Jesus, a 1ª Bíblia a Conquista. Esta 1ª Bíblia existe, estando em poder de um membro desta igreja. (Ajuda ao histórico da Igreja, dada pelo irmão Eni Gusmão, ao Sr. José Inácio Jr. em 11/4/1986)	

Avô da irmã Eni Gusmão
em Batismo em Lagoa de
Boeiro, ainda Congregação

Baptismo Manoel
Gonzalves de Oliveira,
em 22 de outubro
de 1899.

genro do avô de Eni Gusmão
Batizado idem

Baptismo Vicente
Rodrigues de Silva,
em 22 de outubro
de 1899.

Avô da irmã Eni Gusmão
Batizado idem

Baptismo Olívia
de Silva Gusmão,
em 22 de outubro
de 1899.

OBS: A irmã Eni Gusmão, para efeito de esclarecimento
e colaboração ao histórico da igreja, afirma que
seu avô materno, Firmiano da Silva Gusmão, não
participou da organização da 1ª Igreja B. de V. consus-
ta, pois faleceu ~~em~~ no início do ano de 1892.

colaboração da irmã Eni Gusmão.

11/4/1996.

ANEXO N - Declaração de venda da Fazenda Campinhos desmembrada da Fazenda Santa Rita, da qual fazia parte a Fazenda Felícia.

THEZOURO DO ESTADO DA BAHIA

Eu abaixo assignado, Manoel da Silva Gusmão, declaro que sou senhor e possuidor de uma parte de terras na fazenda dos "Campinhos", do lado que é conhecido por "Fátoba", termo desta Cidade de Conquista, cuja parte de terras me pertencendo por herança de meus pais Plácido da Silva Gusmão e Tydoria Joaquina Gusmão, a qual vendo ao Senhor Candido José de Salles pelo preço e quantia de cem mil reis, (100,000 R\$) separando apenas dois mil reis (2,000) de terras da referida parte que nesta data já se achava vendida por mim a outro comprador, cuja importancia acima referida recibi do mesmo comprador ao passar d'este presente titulo em moeda corrente legal, cuja parte de terras transfiro a pessoa do mesmo (como acima se explica) toda posse jus e senhorio, que eu exercia na referida parte de terras para que a considere como sua como fica sendo. E por maior segurança mandei lavrar o presente titulo que por mim fica assignado em presença das testemunhas abaixo firmadas. Conquista 14 de Março de 1911.

Declaro, a exarcação é somente a de meu Pai Plácido da Silva Gusmão, e não de minha mãe Tydoria Joaquina Gusmão, e não de 14 de Março de 1911.

"Candido Rocha Corrêa de Almeida"

João Manoel da Silva Gusmão
Candido Rocha Corrêa de Almeida

ANEXO O - Certidão de registro da 1ª Igreja Batista em 1914.

THEZOURO DO ESTADO DA BAHIA

O Bacharel Alvaro Mac -
Donell de Oliveira Official Interino do
Registro Especial de Titulos, documentos e au-
tos papeis, nesta Cidade de Salvador, Comar-
ca da Capital deste Estado Federado da Ba-
hia, etc.

Certifico

e dou fé a todos, quanto a presente
viem, que do livro numero um, do-
tinado aos "Registros de Sociedade Ci-
vis", consta sob o numero de ordem
sessenta e seis, o registro dos estatutos da
"Primeira Igreja Evangelica denominada Baptista"
da Cidade de Conquista, realizado ho-
je, vinte e sete de Outubro de mil, no-
vecentos e quatorze, e nessa mesma da-
ta apontado no protocollo numero um,
sob o numero de ordem quatro mil
setecentos e um. Os estatutos da dita
Igreja Evangelica foram publicados, por
extracto, em o dia vinte e quatro de Se-
tembro q. passado, em a "Gazeta do Po-
vo", organo official, deste Estado, sob nu-
mero dois mil setecentos e vinte e seis,
ficando archivado neste cartorio um
exemplar dos alludidos estatutos, con-
juntamente com um exemplar do
estado organo official. E para constar,
parei a presente certidão, que escrevi



e assigno nesta Cidade do Salvador, Co-
marca da Capital deste Estado Fede-
rado da Bahia, aos vinte e sete dias
do mez de Outubro do anno corrente e
de mil novecentos e quatorze. Eu Alvaro
Mac-Donal. Oliveira, Official Inte-
rino do Registro Especial, que escrevi e assis-
no. *Alvaro Mac-Donal. Oliveira*

Bahia, 27 de Outubro de 1914
Alvaro Mac-Donal. Oliveira

Reconheço proprios a letra e firma
retrô e supra de Bacharel Alva-
ro Mac-Donal. Oliveira.

Eu Bacharel
Bahia, 28 de Out 1914
Augusto de M. de P.
Alvaro



ANEXO P - Carta do Pastor Gerson Rocha à Igreja.

NOSSO ESTADO DE ALERTA ESTÁ EM AÇÃO

Já que o que ficou dito na "Carta Pastoral", aprovada pela igreja, em 7 e 9 de setembro de 1971, não ficou bem explícito em certos pontos, a Igreja, em sessão espiritual regular de 4 de dezembro de 1973, deseja deixar bem claro, perante seus membros, o que passamos a enumerar:

1. A Igreja, também, não vai tolerar o aberração das costeletas e xageradas, conforme tentativa já ensaiada dentro de seu seio. As tais são determinadas pelo senso comum e pelo conceito de estética ainda não desfigurados pela atual decadência dos bons costumes.

2. Igualmente a igreja não tolerará a introdução do travesti por parte dos membros da mesma. Já tendo mostrado sua aversão e repulsa pela aberração do efeminismo dos cabeludos, a igreja deseja reter o princípio do não-travesti, lembrando as moças e senhoras, que:

1º - Embora não estejamos debaixo da Lei (Deut. 22:5), o princípio não deve ser destruído, tanto quanto não temos destruído o princípio do descanso, mesmo sem observar os dias de sábado, lua nova, dias de festa e cerimônias legais outras (Col. 2:16).

Para não violentarmos o princípio do não-travesti, pois sua violentação nos poria entre os que estão sexualmente degenerados, conforme nos diz a medicina, apelamos às irmãs que não generalizem o uso de calças com pridas e entendam a maneira equilibrada de usá-las dentro de uma necessidade perfeitamente justificável, como:

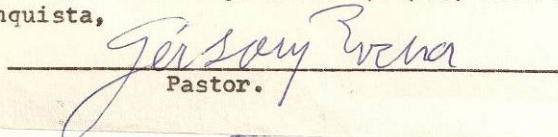
- Viagens: retiros, piqueniques e excursões outras.
- Fardamento escolar - para alunos e professores.
- Enquadramento disciplinar profissional, se a entidade o exigir.
- Zelo pelo pudor - se a natureza do trabalho conduzir a situações vexatórias. E, dentro dessas três últimas necessidades, só usem as chamadas calças "Lee" e similares, se, porventura, forem obrigadas a tal pela entidade estudantil ou empregatícia. Contudo, cabe à moça crente, ou mesmo adultos, pleitear o direito de recusá-las, antes de aceitar a imposição docilmente.

3. A bem da reverência apelamos aos membros da igreja que se abstenham do uso dos chicletes em quaisquer reuniões do templo. Os filhos dos crentes e visitantes estão incluídos neste apelo-exigência. Ainda, a bem da reverência, avisamos que o ministério e a igreja não concordarão com o uso de tamancos dentro deste templo por parte dos meus membros.

4. Podemos tolerar a saia curta e mesmões mini-saia por parte dos visitantes, pois assim se encontram por não conhecerem a Cristo nem, por conseguinte, a decência do Evangelho, mas não deverão ser toleradas as visitantes exibindo "costas-única" ^{duas} por tratar-se de costume pecaminoso demasiadamente ostensivo.

Alternativa: Ou exigimos a erradicação dos maus costumes do mundo em nosso meio, ou eles destruirão esta igreja. Decidir pelo correto não é apenas um dever, mas uma manifestação firme de fé e coerência cristãs.

Aprovado em sessão espiritual regular de 4/12/73, Pela 1a. Igreja Batista de Vitória da Conquista,


Pastor.



ANEXO Q - Dados históricos da 1ª Igreja por Genor Calixto Moreira – Diácono.

ALGUNS DADOS HISTÓRICOS DA 1ª IGREJA BATISTA BÍBLICA EM VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

A Primeira Igreja Batista desta cidade foi organizada no dia 4 de fevereiro de 1900 pelo conquistense Tertuliano da Silva Gusmão, na Fazenda Felícia, em uma casa de adobe, por ele construída, em frente à sua residência.

Tertuliano era fazendeiro e também comerciante de gado, ou boiadeiro, como chamavam esse tipo de profissional. Formada a boiada, era conduzida por terra até regiões próximas a Salvador, onde o gado era vendido. Numa dessas viagens, lá para o fim do século XIX - 1898/99, ele esteve acampado num lugar chamado Areias, quando lhe apareceu um jovem, cujo nome desconhecemos, mas que se identificou como pastor evangélico. Ele contou as perseguições e ameaças que esteve sofrendo naquela cidade pelos inimigos do Evangelho. Tendo solicitado pousada em seu rancho, Tertuliano lho concedeu de boa vontade. Terminados os negócios, chegou o dia da despedida. Em sinal de reconhecimento e gratidão, aquele jovem ofereceu a Tertuliano uma Bíblia, presente valiosíssimo e raro naquela época.

Retornando à Conquista, Tertuliano não perdeu tempo: leu logo o livro com sua família e foi aos poucos atraindo parentes e amigos. Bem logo, um grande número de pessoas já não tinha dúvida de que aquele livro era a Palavra de Deus e, pelo seu modo de viver e proceder, já eram batistas sem nunca terem tido qualquer conhecimento do que fosse uma igreja batista. Buscaram a Deus em Sua Palavra e O acharam.

Uma coisa os preocupava: Aprenderam na Bíblia que o batismo significava imersão; todavia, quem estaria, autorizado para realizar os batismos?

Antônio Teófilo de Queiroz, genro de Tertuliano, homem de alguma cultura, pois ocupava um cargo público na cidade, revelou-se crente fiel e estudioso da Bíblia, foi escolhido por unanimidade para realizar os batismos. As primeiras pessoas batizadas foram: Nanu, Ana Vitória, esposa de Tertuliano, Isidória, esposa de Queiroz, Melânia, Olívia e Laudicéia.

Certa vez ouviram de um missionário, Zacarias C. Taylor, que se encontrava em Salvador. Queiroz para lá se dirigiu e lá permaneceu por cerca de 30 dias. Ali ele foi batizado, doutrinado e consagrado pastor. Voltando à Conquista, reuniu os crentes já batizados e organizou a igreja em 4 de fevereiro de 1900, tornando-se seu pastor por muitos anos. Foi ele, pois, o primeiro pastor desta 1ª Igreja.

Logo após a inauguração do primeiro templo, construído na Fazenda Felícia, a 6 quilômetros da cidade, foi realizada uma série de conferências evangelísticas, dirigida pelo pastor Osvaldo Ronis, do Rio de Janeiro.

Os crentes eram assíduos aos trabalhos e fiéis dizimistas. Aqueles que moravam distantes, saíam de casa ao romper da aurora a fim de participarem de todos os trabalhos. A igreja cresceu em número, e, por isto, mais tarde, alugaram uma casa na Rua da Várzea (hoje, 2 de Julho), e organizaram ali uma congregação. Pouco tempo depois, compraram aquela casa, fizeram uma reforma e transferiram a igreja para o citado local. Aquela casa reformada foi o seu segundo templo.

Neste tempo, violentas perseguições se abateram sobre a igreja, e os crentes as enfrentaram com firmeza. O irmão Altímio Teixeira, já na glória, nos deixou escritos alguns lances dramático dessas perseguições. Dentro da igreja os crentes eram apedrejados. Numa dessas ocorrências a esposa do pastor foi atingida por uma pedra, resultando no local da pedrada um tumor que lhe causou a morte mais tarde. Os inimigos formavam grupos que saíam à meia-noite com latas de piche e pincel, fazendo cruzeiros nas portas das casas dos crentes. Pinchavam a cruz maior na porta da casa do pastor. Os grupos se armavam com armas de repetição para atacar os crentes na igreja, mas os crentes, prostrados em oração, desestimulava-os do intento perverso e tomavam outro caminho. Outros saíam à noite pelas ruas fazendo batucada em latas e cantando com música do Cantor Cristão a seguinte letra:

“Jesus é meu, Jesus é meu só.
 Jesus não é meu nem teu,
 Jesus é do Dondó
 Que comprou uma parte do Céu,
 Por moedas de ouro em pó”.

Dondó era Ricardo Ferraz de Oliveira, fazendeiro e crente fiel.

O padre recomendava aos seus adeptos a queimarem toda literatura evangélica que recebessem dos protestantes hereges. Assim foram queimados folhetos e bíblias em abundância.

Os crentes prosseguiram firmes e destemidos na pregação do evangelho. Tendo o pastor Queiroz como líder. A igreja cresceu e começou a criar congregações fora da cidade, em Quaraçu, Jussara, Perequito, e outros lugares.

No dia 28 de outubro de 1911, a igreja recebeu com festa a visita do missionário Salomão Ginsburg, da outra América, que pregou por duas semanas a grandes auditórios. Houve muitas decisões e mais de 70 profissões de fé. Quando o missionário retornou para Salvador, foi acompanhado por umas 50 pessoas, a cavalo - homens e mulheres - até cerca de 12 km. Aí apearam, e ao lado da estrada, se ajoelharam, oraram e, chorando, pediam as bênçãos do Senhor para o missionário. Depois, com fortes abraços de despedida, ele continuou a viagem grandemente fortalecido na fé pelos cuidados dos irmãos em Cristo. Desejo lembrar que a viagem era feita a cavalo até Jequié.

Continuando a enfrentar pesadas lutas contra o inimigo, a igreja crescia com a graça do Senhor. Servos fiéis estavam na batalha, travando as guerras contra o inimigo, com as armas espirituais, poderosas em Deus. Além de Tertuliano estavam na luta: Firmino da Silva Gusmão, José Matias, Bocage da Silva Gusmão, e Joaquim Viana de Castro.

Em dezembro de 1923, foi organizada a “Escola Marcelino Mendes” da 1ª Igreja Batista de Conquista, na Rua da Várzea (hoje, 2 de Julho). Formava o corpo docente o diretor da escola, Pr. Abílio Pereira Gomes, Dr. Adalberto Portela, Inês C. Gomes, Percíria Gusmão Sales e o diretor de música, Francisco Antônio Vasconcelos. Em 1925, já com o nome de “Colégio Marcelino Mendes”, ficou sob a direção do Pr. Oséas Dias de Souza. Algum tempo depois, assumiu a direção do referido colégio, o Pr. João Norberto da Silva, por cerca de 18 anos. Pouco tempo depois o colégio foi desativado em virtude do êxodo de alunos para as escolas públicas que surgiram na cidade.

Na década dos anos 20, a igreja começou a construir o seu 3º templo, na Praça 2 de Julho, hoje, Caixeiro Viajante, local do templo atual. O vigário da Freguesia tentou embargar os trabalhos da construção, conforme nota publicada no jornal “A Notícia”, 28 de agosto de 1921. Alguns valentes homens de Deus enfrentaram as ações demolidoras do padre e o inimigo foi vencido com o poder do Alto. Esse 3º templo foi inaugurado em 16 de outubro de 1928, cuja foto ainda conservamos em nosso poder. Foi uma data festiva para os crentes. Muitos pastores se fizeram presentes à inauguração, entre eles o Pr. Firmino Silva, que presidiu os trabalhos; J. A. Tumblim, Pr. Felinto Alves e M. G. White. Foi uma semana de trabalhos animados, com hinos bem ensaiados sob a regência do maestro Vasconcelos. O jornal “A Notícia”, de 24 de outubro de 1928, publicou uma nota parabenizando os batistas pela inauguração do belo templo, e termina dizendo: “Não nos é possível conter a nossa censura aos católicos de Conquista, que deixam a igreja matriz prestes a cair, enquanto os de religião oposta edificam um belo templo, tendo gastado, até agora, 45 contos de réis”.

Este 3º templo foi demolido, surgindo em seu lugar o imponente edifício, belo e admirável, considerado um dos maiores templos do país e que, num retrospecto nos faz lembrar da pequena casa de adobe da Fazenda Felícia, construída por Tertuliano da Silva Gusmão.

No final dos anos 20, o Pr. Antônio Queiroz foi acometido de um problema cerebral, ficando, diante da enfermidade, impossibilitado de continuar à frente da igreja. Foi, então, substituído pelo Pr. Antônio Marques da Silva. Depois dele vieram os Prs. José Félix, Casemiro Gomes de Oliveira, Firmino Silva, Luiz Regis, Eduardo Gobira de Souza, João Norberto da Silva, Saturnino Pereira, José Rego do Nascimento. O missionário M.G. White ocupou, como pastor interino, por várias vezes o pastorado da igreja nos períodos entre a saída de um pastor e entrada de outro. No dia 11/05/1958, assumiu o pastorado desta igreja, o Pr. Gérson Correia da Rocha, vindo como auxiliares: Pr. José Infante Jr., em agosto de 1983. Tempos depois, veio o Pr. Gérson Nogueira da Silva e Pr. Stênio de Araújo Verde, hoje, pastoreando ambos, outras igrejas.

Pouco foi dito sobre o templo atual, porque sua história está toda contada no livro escrito pelo Pr. Gérson Correia da Rocha, “O Romance de Uma Construção”, em cujo pastorado a obra foi começada. Foi este pastor quem lançou a pedra fundamental - 7 de setembro de 1958 - . este templo que abriga uma linda igreja e que honra os primeiros crentes, fundadores desta grei, foi inaugurado na 1ª semana de fevereiro de 1966.

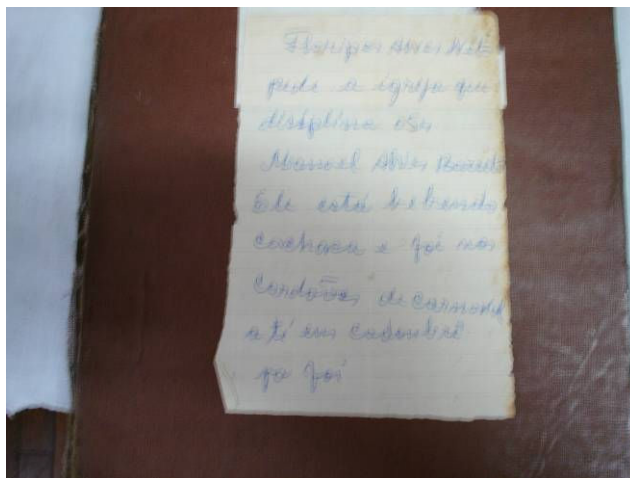
O Pr. Gérson Correia da Rocha recebeu a igreja com mais de 300 membros, conforme constava em seu rol de membros. Mas, tendo sido feita uma revisão nesse rol, juntamente com uma exaustiva procura de membros desaparecidos por muito tempo, o rol foi reduzido para 150 membros, sendo que, nessa listagem ainda constavam alguns já falecidos e muitos outros que, desaparecidos, nunca reapareceram. Neste ano de 2003 a igreja está com 917 membros. No período deste pastorado (1958 - 2003) foram organizadas várias igrejas, deu para causa do Evangelho mais de 30 pastores que militam em vários estados do Brasil. Sua visão missionária se expandiu muito, resultando no envio ao campo de 25 casais de missionários e 5 irmãs solteiras às tribos indígenas e áreas outras; uns sustentados pela igreja, outros ajudados no sustento e outros sendo amparados pelas nossas orações. Temos missionários entre os índios Caiapó-PA, Ticuna-AM, Tribo Gavião-RO, Zoró-RO, Arara-RO, Deni-AM, Kaxinawá-AC, Yanomami-AM, Javaé-TO, Waiãpi-AP, Ji-Paraná-PR, Tapirapé-MT, Ashaninka-AC, Canamari-AM, AIMI - Missões Judaicas-SP, Moçambique-África, Papua-Nova Guiné, Senegal-África e Portugal. Ajudamos também no sustento de alguns irmãos que trabalham na área de apoio missionário, nos institutos de preparo especializado, na promoção da obra entre as igrejas e na área de apoio espiritual aos missionários que se encontram nas tribos. O trabalho de evangelização se estende e vão surgindo pontos de pregação e congregações dentro e fora da cidade.

Podemos dizer com alegria: “EBENÉZER!” - Até aqui nos ajudou o Senhor!

Fonte de Pesquisa: Sr. Nelson Gusmão Cunha - através de jornal, D. Semírames Mendes Sales, Genísia Sales de Melo, Lídia Gusmão Malta, Autímio Teixeira, (dados inclusos neste relato histórico), “História de Conquista - Vol. II”.

Estes dados históricos foram preparados, após minuciosa pesquisa, pelo distinto irmão, o diácono Genor Calixto Moreira.

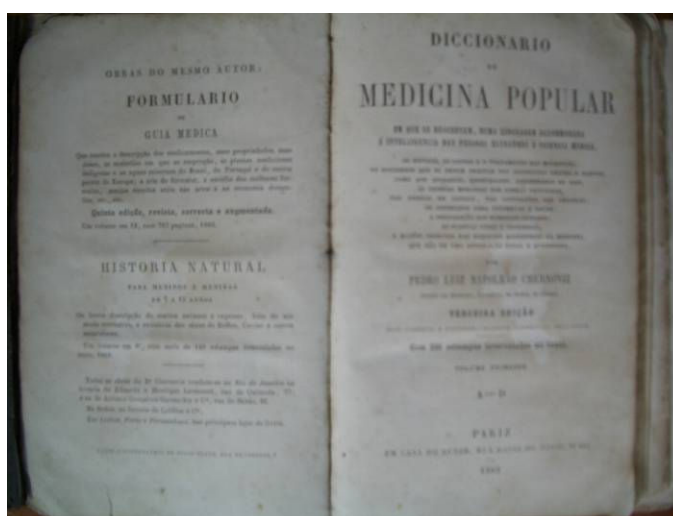
ANEXO R - Bilhete de um fiel da 1ª Igreja Batista – 1963.

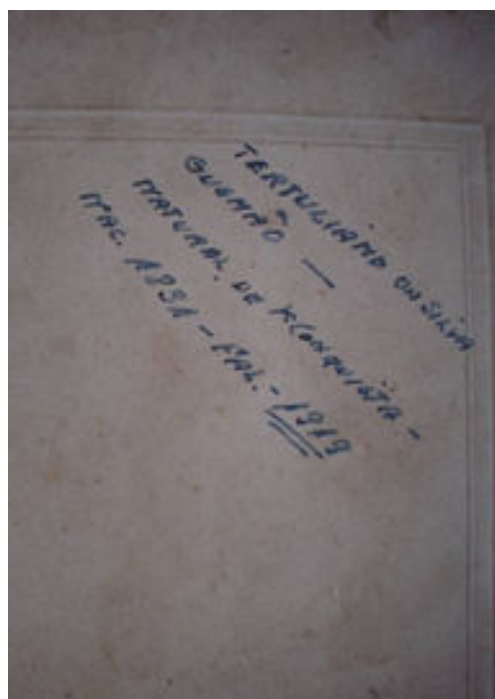
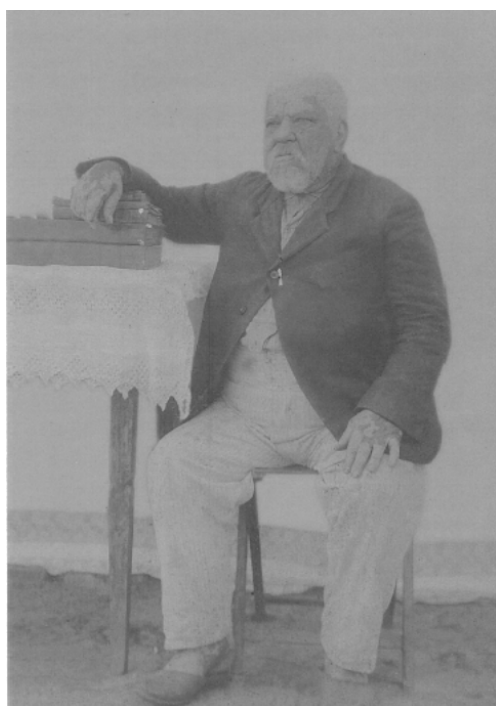


ANEXO S - Exemplar do Chernoviz de Tertuliano da Silva Gusmão.



ANEXO T - Livro do qual Tertuliano S. Gusmão retirava receitas de remédios.



ANEXO U - Tertuliano da Silva Gusmão.**ANEXO V – Maria Vitória Gusmão - Esposa de Tertuliano S. Gusmão.**

ANEXO X - 1º Templo Batista em Vitória da Conquista -1905.



ANEXO Z - Sociedade de Senhoras da 1ª Igreja – 1905.



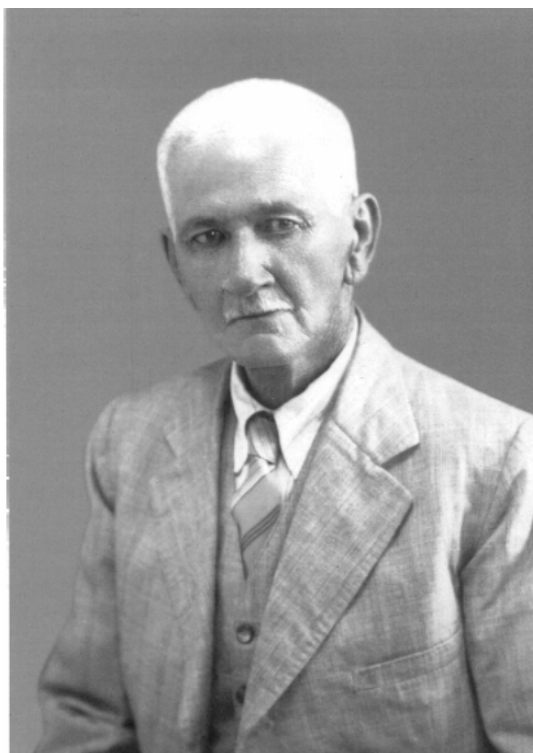
ANEXO AA - Grupo de crianças - escola dominical 1ª Igreja- 1905.



ANEXO BB - Casimiro G. Oliveira e Manoel Augusto de Melo – Pastores nos anos 1920.



ANEXO CC - José da Silva Gusmão – Filho de Tertuliano Gusmão.



ANEXO DD - Ubaldino José Figueira.

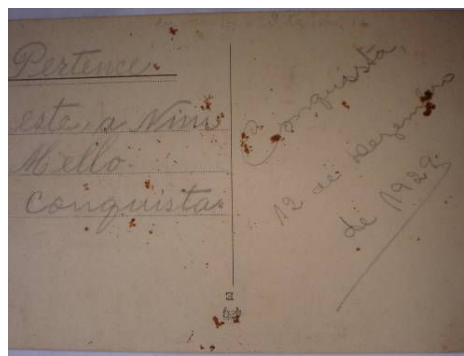


*E' um dos meus maiores amigos
 Manoel Augusto de Azevedo para uma
 família pobre e pobre de honras,
 oferecendo-lhe a minha singela pho-
 tographia, levando-me confinan-
 mente as suas memórias para
 toda a existência da minha
 sincera amizade.*

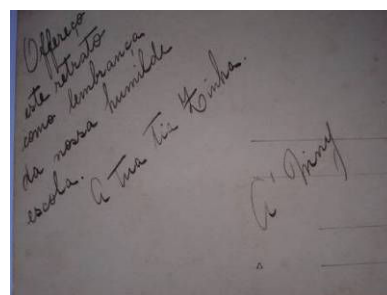
*- Ubaldino José Figueira -
 S. Paulo de Jesus, 17-2-922-*

ANEXO EE - Diretor do Colégio Marcelino Mendes.

Firmino Silva – Diretor do Colégio Marcelino Mendes e sua esposa Arani Silva



ANEXO FF - Colégio Marcelino Mendes.



ANEXO GG - 2º Templo 1ª Igreja 1928. Silva 1934.

ANEXO HH- Pastor João N. da



ANEXO II - Membros da 1ª Igreja – anos 1930.



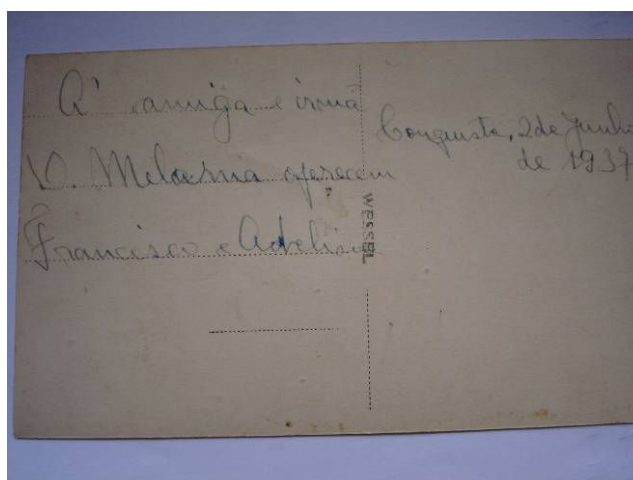
ANEXO JJ - Mocidade Batista anos 1930.



ANEXO LL - Coral da 1ª Igreja - anos 1930.



ANEXO MM - Francisco de Assis Santos e Esposa Adelina Santos – Diácono.



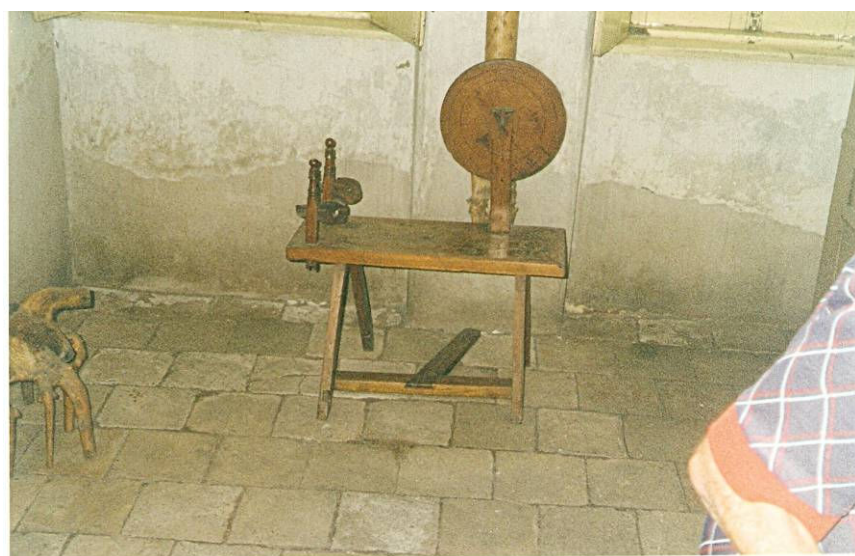
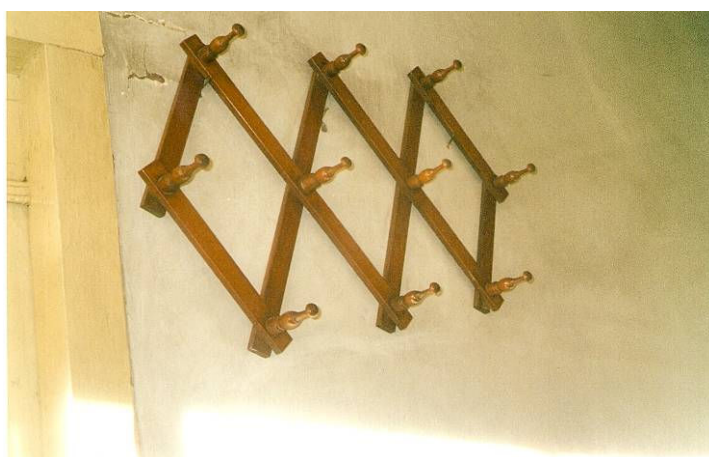
ANEXO NN - Templo da 1ª Igreja anos 1930.



ANEXO OO - Templo da 1ª Igreja anos 1940.



ANEXO PP - Móveis Antigos da Casa de Genisia Mello.



**ANEXO QQ – Templo da 1ª Igreja
Inaugurado em 1966 – Fundamentalista.**



**ANEXO RR - Templos da 2ª Igreja
Batista –Tradicional.**



**ANEXO SS Igreja Batista Nova
Cião - Renovada**



ANEXO TT – Monumento à Bíblia Praça Vitor Brito



**ANEXO UU - Templo da Igreja
Nossa Senhora das Vitórias.**



**ANEXO V V - Templo do Seminário
Nossa Senhora de Fátima.**



**ANEXO XX - Centro Espírita
Kardecista Humberto de Campos**



**ANEXO AAA - Eliene Simões de
Souza - Líder de Mesa Branca.**



**ANEXO ZZ - Adriana Ferraz Costa
de Batista a filha de santo.**



**ANEXO BBB - Alaíde Guimarães Mãe
de Santo convertida a Igreja Batista.**



ANEXO CCC - Pai Rudi Terreiro de Candomblé Jeje-Marrin.



ANEXO DDD - Pai Celi Centro de Umbanda Ogum Megê.



ANEXO EEE - Mãe Merentina e Pai Neco: Candomblé Angola-Queto



ANEXO FFF - Pai Geci Terreiro de Candomblé de Angola.



ANEXO GGG - Pai Jorge Terreiro de Candomblé Queto.



ANEXO HHH - Quadro 5 - Motivos de Exclusão de Membros - 1937/1952.

ATA Nº	DATA	SEXO		MOTIVOS
		M	F	
07	26/03/1938	1	-	Maneira errada de viver
15	29/10/1938	1	-	Transgressão do 7º mandamento
17	31/12/1938	-	1	Por não contribuir – “o crente que não contribui é um parasita”
26	26/08/1939	-	1	Por se batizar na Igreja Católica e dançar
26	26/08/1939	-	1	Simplesmente porque continua dançando em bailes
33	04/02/1940	1	3	Irregularidade na vida cristã
35	28/04/1940	-	1	Pela quebra do 7º mandamento
37	29/06/1940	1	-	Pela quebra do 7º mandamento
43	30/11/1940	-	1	Está noiva de um Sr. que já é casado civilmente
45	25/01/1941	1	-	Motivo não declarado
49	28/06/1941	-	1	Devido ter se casado eclesiasticamente
50	30/01/1941	-	1	A pedido da interessada por meio de carta
52	25/10/1941	1	1	Por não está conforme os deveres do evangelho
58	12/03/1942	1	-	Por haver quebrado o 7º mandamento
60	27/06/1942	-	1	Por haver passado para o Espiritismo (a pedido)
68	30/01/1943	1	-	Foi eliminado e não achou necessário comissão
74	26/06/1943	-	1	Por haver quebrado o 7º mandamento
77	25/09/1943	2	-	Por quebra do 7º mandamento
92	26/08/1944	2	1	Por ausência e falta de cooperação
94	03/09/1944	1	-	Exclusão a pedido
109	28/04/1945	-	1	Por não ter uma vida conforme os princípios cristãos
111	30/06/1945	1	-	Exclusão a pedido por meio de carta
115	01/12/1945	1	1	Eliminação a pedido
115	01/12/1945	-	1	Caso verídico de faltas na vida de cristo
135	23/02/1947	-	1	Sem motivo declarado
136	27/03/1947	1	-	Por não andar de acordo com os preceitos do Evangelho
146	26/12/1947	-	1	Haver quebrado o 7º mandamento
172	04/03/1950	1	1	Eliminação a pedido do interessado
188	02/06/1951	1	-	Envolvimento em um caso jurídico
189	07/07/1951	1	-	Haver se casado na Igreja Católica (a pedido)
199	06/04/1952	1	-	Por ter infringido o 7º mandamento
206	05/10/1952	-	1	Está envolvida numa casa comercial com bebidas alcoólicas
	TOTAIS	20	21	

ANEXO I I I - Quadro 6-Relatórios Financeiros**Período: 1939 – 1940**

ATA N°	DATA	SALDO NEGATIVO	SALDO POSITIVO
22	29/04/1939	182\$900	
23	27/05/1939	249\$700	
24	24/06/1939	244\$300	
25	25/07/1939	161\$100	
26	26/08/1939	231\$000	
27	30/09/1939	335\$900	
28	28/10/1939	394\$000	
29	28/11/1939	236\$800	
30	30/12/1939		20\$000
31	JAN/ 1940		584\$700
33	04/02/1940	276\$700	
34	30/03/1940	342\$300	
35	28/04/1940	69\$800	

ANEXO J J J - Quadro 7- Relatórios Financeiros**Gestão do Pastor J. Write**

ATA N °	DATA	ENTRADA	SAIDAS	SALDO
193	02/12/1951	-	-	positivo = \$ 46,00
194	06/01/1952	-	-	positivo = \$ 734,00
196	03/02/1952	\$11. 427,90	\$11. 427,90	-
197	02/03/1952	\$7.629,20	\$ 6.990,60	positivo = \$ 639,30
198	06/04/1952	\$11.465,90	\$7.224,40	Positivo = \$ 7.241,50
200	04/05/1952	\$15. 048,20	\$13.562,00	positivo = \$ 1.485,70
201	01/06/1952	\$10.655,73	\$ 5.608,22	Positivo = \$ 5.047,51
202	22/06/1952	\$15. 376,94	\$8.109,19	Positivo = \$ 7.267,75
203	03/08/1952	\$14.786,95	\$10.168,95	Positivo = \$ 4.618,00
204	07/09/1952	\$18.010,70	\$10.634,20	Positivo = \$ 7.376,50
205	05/10/1952	\$21.824,80	\$ 9.160,50	positivo = \$ 12.664,30
206	02/11/1952	\$20.062,10	\$12.679,90	positivo = \$ 7.382,20
208	07/12/1952	\$22.036,20	\$ 9.985,70	positivo = \$ 12.050,50
*209	04/01/1953	\$ 45.753,90	\$24.173,70	Positivo = \$ 21.580,20

ANEXO LLL - Quadro 8- Relatórios Financeiros

Gestão do Pastor Saturnino J. Pereira.

ATA N °	DATA	ENTRADA	SAIDAS	SALDO
212	01/02/1953	\$32.372,70	\$28.964,40	Positivo = \$ 3.408,30
213	01/03/1853	\$15.560,80	\$ 8.934,30	Positivo = \$ 6.626,50
215	05/04/1953	\$24.665,50	\$21.952,20	Positivo = \$ 2.713,30
216	03/05/1953	\$20.668,60	\$13.716,00	Positivo = \$ 6.952,60
217	07/06/1953	\$28.813,60	\$22.872,30	Positivo = \$ 5.941,30
218	05/07/1953	-	-	Positivo = \$ 9.322,80
219	02/08/1953	\$25.524,80	\$11.089,70	Positivo = \$ 14.435,10
220	06/09/1953	\$34.935,10	\$ 8.143,30	Positivo = \$ 26.791,80
222	04/10/1953	\$32.514,00	\$ 22.978,50	Positivo = \$ 9.535,50
223	01/11/1953	\$26.169,50	\$ 21.932,90	Positivo = \$ 4.236,60
225	29/11/1953	\$20.090,60	\$14.204,50	Positivo = \$ 5.886,10
226	03/01/1954	\$ 62.648,10	\$26.074,50	Positivo = \$ 36.573,60
227	07/02/1954	\$ 12.115,70	\$11.423,30	Positivo = \$ 692,40
228	07/03/1954	\$ 43.132,00	\$ 39.560,90	Positivo = \$ 3.571,10
229	04/04/1954	\$ 30.240,60	\$ 28.522,40	Positivo = \$ 1.718,20
231	02/05/1954	\$ 17.637,90	\$ 17.166,60	Positivo = \$ 471,30
232	06/06/1954	\$ 28.141,60	\$27.922,30	Positivo = \$ 219,30
233	04/07/1954	\$ 20.443,40	\$16.693,10	Positivo = \$ 3.750,30
235	01/08/1954	\$ 24.471,70	\$24.422,70	Positivo = \$ 49,00
236	05/09/1954	\$ 29.224,30	\$29.192,50	Positivo = \$ 31,80
237	02/10/1954	\$25.534,70	\$25.527,50	Positivo = \$ 7,20
238	07/11/1954	\$34.868,20	\$34.865,00	Positivo = \$ 3,20
239	05/12/1954	\$30.404,80	\$38.336,90	Negativo = \$ 7.923,10

ANEXO M M M - Quadro 9 - Exclusão de Membros: 1951/1954**Pastorados de Write e Saturnino J. Pereira.**

ATA N°	DATA	MOTIVOS
216	05/04/1953	Não está em condição de continuar membro da Igreja
216	05/04/1953	Por motivo não declarado
221	06/09/1953	Abandonar a congregação, voltando à doutrina sabatista.
221	06/09/1953	Abandonar a congregação, voltando à doutrina sabatista
221	06/09/1953	Falha na sua vida cristã
221	05/09/1953	Pelo vício do álcool
225	08/11/1953	Por motivo não declarado
226	29/11/ 1953	A seu pedido
228	07/02/1954	Eliminado juntamente com a esposa, motivo não declarado
229	07/03/1954	Por motivo não declarado
229	07/03/1954	Por batismo e casamento na Igreja Católica Romana

ANEXO N N N - Quadro 10 - Recursos para Construção do Templo**Período: 04/02/1955 - 01/07/1955.**

ATA N°	DATA	BEZERROS	DINHEIRO
242	04/02/1955	186	
243	14/02/1955	40	
244	04/03/1955	226	
244	04/03/1955	-	\$144.521,00
245	01/04/1955	359	
245	01/04/1955	-	\$ 149.967,10
246	06/05/1955	359	
246	06/05/1955	-	\$ 187.208,70
250	03/06/1955	359	
250	03/06/1955	-	\$ 213.650,90
252	01/07/1955	513	
252	01/07/1955	-	\$ 57.950,90
-	09/10/1955	636	
-	05/02/1956	640	

ANEXO 000 -Quadro 11- Recursos para Construção do Templo 1958/1966.

PERÍODOS	ARRECADADOS	GASTOS	SALDO
01/07/1958	1.989.686,00	1.111.062,40	878.623,60
01/08/1958	1.183.174,70	25.580,00	1.157.593,70
04/10/1958	1.794.981,00	696.146,00	1.098.835,70
- /09/1958	1.123.736,70	1.036.314,40	874.223,70
07/11/1958	909.761,70	181.123,00	728.638,70
05/12/1958	1.291.806,80	122.587,40	1.169.219,40
02/01/1959	2.789.699,40	938.063,30	1.851.636,10
07/02/1959	1.918.511,10	731.244,60	1.187.266,50
06/03/1959	1.345.186,50	450.259,80	894.926,70
03/04/1959	1.111.941,70	615.989,90	495.954,80
01/05/1959	952.542,80	498.671,80	453.871,00
12/06/1959	424.569,50	342.210,50	82.359,00
04/07/1959	1.072.111,00	385.264,00	686.847,00
- /08/1959	872.021,00	482.679,50	389.341,50
- /09/1959	994.086,50	489.360,00	504.722,50
03/12/1959	778.974,40	495.739,30	283.237,40
07/01/1960	2.383.476,70	1.338.849,40	1.044.627,30
10/02/1960	1.194.698,30	796.267,00	398.431,30
03/03/1960	670.271,80	463.715,80	206.556,00
17/04/1960	491.676,00	342.829,00	148.847,00
02/06/1960	301.193,00	235.733,60	65.459,40
21/07/1960	380.920,50	273.796,00	107.124,50
07/08/1960	288.897,90	126.692,40	162.205,50
08/09/1960	1.151.575,50	580.836,50	570.739,00
06/10/1960	763.391,40	261.005,50	547.385,90
01/11/1960	693.585,40	309, 589,50	383.995,90
08/12/1960	507.206,90	157.897,00	349.309,90
03/01/1961	929.541,90	805.751,90	123.790,00
09/02/1961	888.886,90	705.242,60	183.644,30
07/03/1961	827.545,60	331.198,90	496.346,70
04/04/1961	815.249,70	153.394,00	661.900,70
04/05/1961	739.547,90	257.300,00	482.242,90
08/06/1961	1.009.371,90	220.933,00	788.448,90
06/07/1961	861.977,90	234.666,50	627.311,70
- /07/1961	724.732,40	182.370,30	542.362,10
- /08/1961	662.148,10	183.698,70	478.449,40

05/10/1961	551.720,40	167.518,50	349.209,90
02/11/1961	741.317,90	291.564,20	449.750,70
07/12/1961	508.706,70	201.711,10	378.995,60
04/01/1962	378.995,60	63.718,70	1.781.590,90
06/02/1962	1.859.882,90	532.825,40	1.327.050,50
08/03/1962	1.452.396,50	277.245,40	1.175.124,10
05/04/1962	1.349.768,00	334.768,00	1.014.772,70
07/05/1962	1.081.278,70	118.612,00	962.666,70
07/06/1962	1.083.873,70	109.645,50	974.228,20
12/07/1962	1.022.017,20	106.164,30	915.853,90
06/08/1962	1.095.456,90	41.345,00	961.183,90
06/09/1962	1.315.245,90	344.068,80	971.177,10
05/10/1962	1.092.728,10	318.021,00	774.707,10
08/11/1962	940.663,10	380.585,00	610.078,00
06/12/1962	389.460,10	239.835,00	649.625,10
08/11/1962	940.663,10	380.585,00	610.078,00
06/12/1962	389.460,10	239.835,00	649.625,10
07/02/1963	2.745.789,00	1.445.924,50	1.299.564,50
13/03/1963	1.613.858,00	766.631,00	847.227,00
04/04/1963	1.103.770,40	631.906,60	471.863,80
02/05/1963	732.997,80	243.764,70	489.233,00
06/06/1963	1.522.743,10	1.192.228,20	630.514,90
04/07/1963	1.391.390,90	878.801,00	512.508,90
08/08/1963	1.081.089,60	655.627,00	425.462,90
05/09/1963	1.004.350,90	464.038,00	540.000,90
03/10/1963	862.193,90	503.285,00	358.908,90
07/11/1963	790.885,90	531.364,00	259.521,90
05/12/1963	1.082.249,90	259.521,90	822.728,00
04/01/1964	519.074,00	360.773,50	158.300,90
07/02/1964	3.889.055,00	557.373,70	3.331.681,30
05/03/1964	3.542.625,00	342.596,20	3.218.028,80
09/04/1964	3.810.917,30	784.139,00	3.026.776,30
07/05/1964	3.379.265,60	757.210,00	2.622.055,00
04/06/1964	2.860.045,60	603.030,70	2.257.014,90
07/07/1964	3.058.758,90	910.062,00	2.148.696,90
06/08/1964	3.000.940,40	619.954,00	2.380.986,40
10/09/1964	2.770.785,90	1.488.941,90	1.281.844,00
08/10/1964	1.999.043,40	738.600,00	1.260.443,40
05/11/1964	1.339.845,90	707.010,00	1.232.835,90

08/12/1964	2.819.518,20	1.981.115,00	838.403,20
04/02/1965	11.941.349,00	3.391.256,00	8.550.093,00
08/04/1965	8.438.585,00	1.820.632,00	6.613.951,00
05/08/1965	7.744.972,00	1.906.070,00	5.838.902,00
02/09/1965	7.734.621,00	2.563.152,00	5.171.469,00
02/12/1965	4.624.362,00	2.528.804,00	2.095.558,00
10/02/1966	13.366.518,00	10.268.140,00	3.098.378,00
08/03/1966	3.930.465,00	1.433.800,00	2.496.665,00
07/04/1966	3.250.962,00	612.540,00	2.638.422,00

ANEXO PPP - Quadro 12 - Motivos das Exclusões - 01/08/1958 04/12/1970.

ATAS	SEXO		MOTIVO DA EXCLUSÃO	TOTAL %
	M	F		
01/08/1958	20	16	Motivo não registrado em ata	36 – 12.58
05/09/1958	3	7	Por infringir o 7º mandamento	10 - 3.49
30/10/1958	-	1	Por unir-se a um homem já casado	1 - 0.35
07/11/1958	-	4	Por filiação ao espiritismo	4 - 1.40
07/11/1958	4	1	Por desavença conjugal	5 - 1.74
03/02/1959	-	1	Por péssimo testemunho no trabalho	1 - 0.35
03/02/1959	9	19	Por abandonar os trabalhos da Igreja	28 - 9.79
03/02/1959	12	7	Por não observar as normas da Igreja	19 - 6.64
03/03/1959	1	3	Por prática do pecado da cleptomania	4 - 1.40
03/03/1959	4	5	Por filiação a seita pentecostal	9 - 3.14
07/04/1959	23	15	Por vícios: do álcool, fumo, jogo, dança e tomar rapé	38 - 13.29
07/04/1959	13	12	Por infidelidade conjugal	25 - 8.74
18/06/1959	4	-	Por negociar com bebidas, fumo e jogo	4 - 1.40
07/06/1960	1	7	Por casar e batizar filhos na Igreja Católica	8 - 2.10
14/04/1961	2	-	Por assistir culto na Igreja Batista Livre	2 - 0.70
05/09/1961	-	3	Por viver maritalmente	3 - 1.05
07/10/1961	2	1	Por freqüentar prostíbulo e prostituição	3 - 1.05
07/11/1961	2	2	Por participar dos festejos de São João	4 - 1.40
07/11/1961	-	2	Por acompanhar procissão	2 - 0.70
07/11/1961	3	1	Por vício de mascar de fumo	4 - 1.40
07/11/1961	2	-	Por já serem membros da Igreja Batista Betel	2 - 0.70
18/09/1962	-	2	Por casar com incrédulo desquitado	2 - 0.70
12/03/1963	1	-	Por andar armado	1 - 0.35
04/06/1963	-	4	Por namorar com pecado, beber e ir ao cinema	4 - 1.40

03/10/1963	1	1	Por serem pobres e sentirem-se discriminados	2 -	0.70
14/01/1964	9	17	Por freqüentar o cinema	26 -	9.10
05 /05/1964	1	3	Por desfilar no carnaval	4 -	1.40
27/08/1964	-	1	Por ler livro que ensina a prostituição	1 -	0.35
08/09/1964	-	1	Por praticar sexo antes do casamento	1 -	0.35
06/07/1965	-	1	Por se casar no contrato comercial	1 -	0.35
07/12/1965	1	1	Por não guardar o sábado	2 -	0.70
07/12/1965	5	4	Por batizado na Igreja Adventista	9 -	3.14
02/08/1966	-	1	Por está radicado na Igreja Católica	1 -	0.35
02/08/1966	5	2	Por tomar dinheiro emprestado e não pagar	7 -	2.45
04/10/1966	1	3	Participação na macumba, carnaval e candomblé	4 -	1.40
10/08/1967	-	1	Por aliar-se ao Movimento de Renovação Espiritual	1 -	0.35
12/12/1968	1	6	Por usar mini-saias e costeletas	7 -	2.45
17/12/1970	-	1	Por tratar de sua saúde com um curandeiro	1 -	0.35
TOTAIS	130	156		286 -	100

ANEXO QQQ - Quadro 13 - Motivos das Exclusões – 1971/1980.

ATAS	SEXO		MOTIVOS DAS EXCLUSÕES	TOT %
	M	F		
05/01/1971	17	17	Por motivo não registrado em ata	34 - 12.41
09/03/1971	24	28	Por mau testemunho	52 - 18.98
19/04/1971	-	2	Por filiar-se a Igreja de M. de Renovação Espiritual	2 - 0.74
19/04/1971	23	39	Por abandonar a Igreja	62 - 22.63
19/04/1971	3	1	Por pecar contra o pastor, a Igreja e a família.	4 - 1.46
19/04/1971	-	1	Por falta cometida durante o namoro e o noivado	1 - 0.36
04/05/1971	2	4	Por não se achar em condição de freqüentar a Igreja	6 - 2.19
01/06/1971	1	1	Por permitir a filha candidatar-se a miss/ V. da C.	2 - 0.74
03/06/1971	1	2	Por aderir a Congregação Cristã do Brasil	3 - 1.09
03/08/1971	1	1	Por aderir a liderança de falso profeta	2 - 0.74
21/09/1971	7	5	Por beber, fumar e dançar	12 - 4.38
05/10/1971	1	1	Por contrariar a doutrina bíblica	2 - 0.74
10/02/1972	11	7	Por pecado de mundanismo	18 - 6.57
07/03/1972	-	1	Por consultar uma cartomante	1 - 0.36
07/03/1972	5	7	Por ato contra a moral do Evangelho	12 - 4.38
13/03/1972	2	-	Por pecado de prostituição	2 - 0.74
04/04/1972	1	-	Por fabricar mesa de bilhar	1 - 0.36
06/06/1972	3	9	Por adultério	12 - 4.38
04/07/1972	-	1	Por freqüentar festa de São João	1 - 0.36
07/09/1972	-	2	Por se desviar para a doutrina sabatista	2 - 0.74
07/11/1972	-	1	Por participar do carnaval	1 - 0.36
05/12/1972	1	-	Por casar eclesiasticamente	1 - 0.36
05/09/1974	4	3	Por questões financeiras	7 - 2.56
10/10/1974	1	1	Por se ligar ao Movimento de Manoel Belo	2 - 0.74
04/12/1975	-	1	Por vender bebidas alcoólicas	1 - 0.36
08/01/1976	-	1	Por envolvimento com o espiritismo	1 - 0.36
08/04/1976	-	2	Por aderir à Igreja Adventista do 7º Dia	2 - 0.74
08/05/1976	-	1	Por aderir à Igreja Testemunha de Jeová	1 - 0.36
04/11/1976	-	5	Por vestir mini-blusas	5 - 1.82
07/04/1977	-	1	Por perda da virgindade	1 - 0.36
06/10/1977	-	1	Por freqüentar o candomblé	1 - 0.36
10/11/1977	-	1	Por desequilíbrio mental	1 - 0.36
06/04/1978	-	1	Por freqüentar Igreja de Movimento de Renovação	1 - 0.36
04/05/1978	2	5	Por freqüentar Movimento Carismático	7 - 2.56
08/06/1978	1	-	Por espancar a sua mulher	1 - 0.36
09/11/1978	1	-	Por freqüentar a Igreja Pentecostal	1 - 0.36
06/12/1979	1	-	Por unir-se à Igreja Assembléia de Deus	1 - 0.36
06/11/1980	3	5	Por unir-se a movimento diferente da Igreja	8 - 2.92
TOTAIS	116	158		274 - 100

ANEXO RRR - Quadro 14 - Motivos das Exclusões – 1981/1990.

ATAS	SEXO		MOTIVOS DAS EXCLUSÕES	TOTAL %
	M	F		
08/01/1981	1	-	Por aderir à Igreja Batista Local	1 - 0.42
05/02/1981	3	4	Por filiar à Igreja do Movimento de Renovação	7 - 2.91
05/02/1981	25	21	Por mau testemunho do evangelho	46 - 19.01
05/02/1981	36	27	Por motivo não registrado em ata	63 - 26.14
12/03/1981	5	3	Por pecado de mundanismo	8 - 3.32
12/03/1981	1	1	Por adultério	2 - 0.83
06/08/1981	-	1	Por freqüentar a Igreja Cristã do Brasil	1 - 0.42
06/08/1981	-	2	Por freqüentar a Igreja Assembléia de Deus	2 - 0.83
06/08/1981	12	20	Por abandonar a Igreja	32 - 13.28
03/12/1981	1	-	Por abandonar a casa sem dar satisfação	1 - 0.42
04/02/1982	5	2	Por não ter condições de freqüentar a Igreja	7 - 2.91
06/05/1982	-	9	Por freqüentar Igreja do Movimento Carismático	9 - 3.73
02/09/1982	-	1	Por namorar um homem casado e desquitado	1 - 0.42
11/11/1982	-	1	Por prostituição	1 - 0.42
07/04/1983	2	5	Por aderir a Igreja que não é da mesma fé e ordem	7 - 2.91
08/09/1983	1	1	Por aderir à Igreja Adventista	2 - 0.83
10/05/1984	-	1	Por aderir à Igreja Pentecostal	1 - 0.42
06/12/1984	-	1	Por problemas mentais	1 - 0.42
05/12/1985	11	8	Por problemas morais	19 - 7.89
10/04/1986	6	9	Por se unir a movimento contrário a Igreja	15 - 6.22
08/05/1986	2	1	Por violar princípios do evangelho	3 - 1.24
09/04/1987	-	1	Por participar do carnaval	1 - 0.42
07/05/1987	-	1	Por atitude não condizente com o ensino de Jesus	1 - 0.42
07/05/1987	2	1	Por vida conjugal irregular	3 - 1.24
04/06/1987	-	1	Por mau testemunho no lar	1 - 0.42
10/11/1988	-	1	Por banhar-se vestida com fio-dental na piscina	1 - 0.42
10/08/1989	2	-	Por participar dos festejos juninos	2 - 0.83
07/09/1989	-	1	Por participar de gincana estudantil	1 - 0.42
12/10/1989	1	-	Por fazer uso de bebida alcoólica	1 - 0.42
22/11/1990	1	-	Por problemas financeiros	1 - 0.42
TOTAIS	117	124		241 - 100

ANEXO SSS - Quadro 15 - Motivos das Exclusões – 1991/2002.

ATAS	SEXO		MOTIVO DAS EXCLUSÕES	TOTAL %
	M	F		
10/01/1991	10	3	Por não desejar prosseguir no evangelho	12 - 4.42
10/01/1991	4	5	Por não ser digno de ser membro da Igreja	9 - 3.32
07/02/1991	42	26	Por agredir a moral do evangelho	68 - 25.10
07/02/1991	2	3	Por aderir à Igreja Pentecostal	5 - 1.84
07/02/1991	1	-	Por agressão física	1 - 0.37
04/03/1991	5	-	Por ingerir bebida alcoólica	5 - 1.84
07/05/1991	6	4	Por participar do Micareta	10 - 3.69
07/05/1991	-	1	Por aderir à Igreja tabernáculo da Fé	1 - 0.37
18/06/1991	-	1	Por participar de bailes mundanos	1 - 0.37
04/07/1991	5	3	Por abandono do Lar	8 - 2.95
08/08/1991	25	41	Por abandonar a Igreja	67 - 24.72
08/08/1991	9	21	Por motivo não registrado em ata	30 - 11.07
05/09/1991	3	3	Por aderir à Igreja do Movimento Renovada	6 - 2.21
05/09/1991	1	-	Por sociedade numa loja de vídeo	1 - 0.37
10/10/1991	2	5	Por aderir à outra igreja	7 - 2.58
07/01/1993	5	10	Por infidelidade doutrinária	15 - 5.53
11/02/1993	1	-	Por desonrar pai e mãe	1 - 0.37
12/04/1994	2	-	Por viver amasiado	2 - 0.74
05/05/1994	-	2	Por vestir inadequadamente	2 - 0.74
04/08/1994	1	1	Por problemas financeiros	2 - 0.74
04/08/1994	3	4	Por desejar contrair novas núpcias	7 - 2.59
10/08/1995	2	-	Por aderir à Igreja Assembléia de Deus	2 - 0.74
07/12/1997	-	1	Por comentários sobre seu namoro	1 - 0.37
14/05/1997	1	-	Por testemunho negativo na área sexual	1 - 0.37
10/04/1997	1	-	Por fazer parte de um grupo de capoeira	1 - 0.37
10/07/1997	1	-	Por deficiência mental	1 - 0.37
19/04/2000*	1	-	Por venda de bebida alcoólica	1 - 0.37
10/10/2001	2	2	Para cuidar de assuntos particulares	4 - 1.48
TOTAIS	135	136		271 - 100

ANEXO TTT - Quadro 16 - Entradas de Recursos - Último Mês/Ano.

ANO	TESOURARIA GERAL	TERMÔMETRO MISSIONÁRIO
1991	Cr\$ 2.173.629,05	cr\$ 400.039,44;
1992	Cr\$ 10.325.486,00	cr\$ 10.325.486,00
1993	Cr\$154.821.922,00	cr\$154.821.922,00
1994	Cr\$ 6.073.354,34	cr\$ 2.180698,80
1995	Cr\$ 36.531,00	cr\$ 10.644, 00
1996	Cr\$ 46.899,13	cr\$ 9.858,59
1997	Cr\$ 50.815,25	cr\$ 20.574,76
1998	Cr\$ 45.109,93	cr\$ 15.629,00
1999	Cr\$ 36.543, 18	cr\$ 6.688,43
2000	Cr\$40.523,98	cr\$ 10.815,04

ANEXO UUU - Entrevistas Com Pais-de-Santo.

Entrevista com Pai Celi, do centro de umbanda Ogum Megê. Este se iniciou muito cedo, num terreiro de tradição local do famoso Pai Zé Piqueno, já falecido. Quando o entrevistamos em sete de julho de 2005 e perguntamos por sua filiação religiosa, respondeu: “Aminha religião, eu sempre tive esse vínculo com o Candomblé. Eu nasci no candomblé e permaneço no candomblé”. Segundo sua declaração não teve outro vínculo religioso.

Continuando a entrevista ao perguntar: Na sua casa existe ou existiu algum filho-de-santo que veio da Igreja Batista para o candomblé? Respondeu, prontamente: “Não”. E ao contrário já existiu alguém que foi filho-de-santo da sua casa, mudou de religião indo para uma Igreja Batista? Respondeu “Não senhor”.

Mudando o foco das perguntas: Pai Celi, alguma pessoa, algum membro de uma igreja batista, de qualquer igreja batista de Conquista, já procurou a sua casa, lhe procurou como pai-de-santo para fazer algum trabalho? “Com certeza já, eu tenho esse caso registrado na minha casa, por uma pessoa membro da igreja né, por um problema espiritual, me procurou para que eu pudesse ajudar e essa pessoa foi servida e continua sendo minha amiga, mas esse caso existiu sim”. Pode falar qual foi a igreja batista? “Posso. A Segunda Igreja Batista”.

Ao pergunta-lhe: Além dessa vez, ela procurou outras vezes? “Com certeza! Procurou uma vez até mesmo por ela, e procurou a segunda vez por uma pessoa da família. Continua sendo minha amiga e eu acredito que se for possível ela procura novamente”. Pode dizer que tipo de trabalho foi feito? “Foi um jogo de búzios, uma limpeza de corpo e até mesmo para ajudar em afastar as obsessões”.

Entrevista com Pai Geci, líder do terreiro de candomblé Angola “Ylê laba Lindaiá”, localizado na Avenida Caetité, nº. 3289. Quando o entrevistamos pela primeira vez, ao narrar sua trajetória de vida, disse que se mudou para Vitória da Conquista e foi morar com “Dona Tina Gusmão”, que o encaminhou ao terreiro de “Mãe Vitória de Epfânio”, onde foi iniciado com nove pra dez anos, recebendo o decá sete anos após.

Destaca-se que “Dona Tina Gusmão”, a partir dos anos 1930, exerceu influência política determinante nas eleições dos prefeitos batistas Deraldo Mendes e Gerson Sales (ORRICO, 1982, p.p.177-184). Ela descende de Tertuliano da Silva Gusmão, membro da tradicional família batista desta Cidade.

O pai Geci diz-se também católico, frequenta regularmente as missas e comunga na terça-feira, durante a missa de Santo Antônio.

Ao entrevistá-lo novamente, desta feita em três de agosto de 2005, perguntamos: Pai Geci, existe em seu terreiro algum filho-de-santo que foi antes membro de alguma Igreja Batista em Conquista? Respondeu: “Já, tanto eles sai daqui e passa pra lá, pra Igreja, e como vem da Igreja pra qui, pro terreiro, pro centro”. Algum membro de igreja batista daqui de Vitória da Conquista já procurou a sua casa para fazer algum trabalho? Respondeu: “Já, já jogou buzo, carta, Ifá, e fazer trabalhos de união de amor”.

Entrevista com Pai Jorge do terreiro da Nação Queto, “Roça de Candomblé Lojerêsi Nação Ijexá”, localizada na quadra F, lote nº. 25, no bairro Zabelê. Ao narrar a sua história de vida, comenta: “Eu endoidei, eu fiquei com problema de cabeça, sendo conduzindo a uma ‘Igreja de Crente’ onde fui batizado, lá fizeram uma corrente de orações durante doze semanas [...]”. Salienta-se que tal fato não ocorreu em Conquista, mas em Jaguaquara, cidade na qual a tradição batista se desenvolve desde o início do século XX e, como vimos antes, onde se localiza o colégio batista Taylor Egidio.

Ao entrevistá-lo novamente em três de agosto de 2005, perguntamos: Pai Jorge, na sua casa existe algum filho-de-santo que anteriormente foi membro de alguma igreja batista em Vitória da Conquista? Respondeu: “Eu tenho um filho-de-santo que já era diácono, já tava estudando para ser pastor e, certo dia, disse que Ogum pegou ele e mandou procurar um terreiro de candomblé. Essa pessoa se iniciou na minha casa, já é feito já, tá comigo até hoje e até o dia que Deus e o Orixá buscar do meio da gente”.

Pai Jorge, existiu algum filho-de-santo da sua casa que deixou o candomblé para se filiar a alguma igreja batista? Respondeu: “É tenho né, mais agente não pode negar porque mentir é erro, então eu tenho três ou quatro filhos-de-santo, acho que até cinco que deixaram o candomblé, foram pras igrejas e tão lá. Eles me tratam bem, eu respeito porque se ele achou que a religião dele não era o candomblé, era pra ser crente é direito dele, por que o candomblé não prende ninguém, você é livre de portas abertas, você entra e você sai à hora que você quiser, como qualquer religião”. Mas saíram para alguma igreja batista? “Para igreja batista, sim”.

Mudando a questão, indagamos: Algum membro de alguma igreja batista de Vitória da Conquista já o procurou, ou procurou a sua casa para fazer algum tipo de

trabalho, alguma obrigação? Respondeu: “É, professor, é meio difícil falar, mas se não pode negar tem que conversar e, tem que ser explicado, já me procuraram pra jogo de búzio, pra orientação espiritual”.

“Eu já tomei choque de pessoas de posse dentro da igreja, me procurar pra trabalho de amor, e agente recebe como qualquer um, por que candomblé não tem ‘colidade’, se é preto ou se é rico, ou se é pobre ou se é bonito, se é feio, não importa religião. Candomblé não marca religião, porque eu sou crente não pode vim, porque eu sou católico não pode vim. Candomblé é portas abertas e já atendi de Conquista e to pronto pra atender a hora que me procurar”.

Para maior esclarecimento, perguntamos: Pessoas vinculadas à Igreja Batista da Cidade, você se lembra qual a igreja? Respondeu: “Fica... agente quebra um veículo, porque quando a pessoa vem fazer a consulta pede um sigilo, como um sigilo bancário, então não posso lhe revelar, é falta de ética, mas já me procurou da Igreja Batista sim”.

Relembrando entrevista anterior feita com Mãe Merentina da casa de candomblé angola/queto, o “Centro Espírita e Candomblé Santo Antônio”, localizado na Avenida Brasília nº. 695, no bairro Patagônia.

Segundo nos informou, já nasceu no candomblé, porém com a morte dos seus pais, ficou sem família, ingressou na Igreja Batista, sendo um ano após, acometida de loucura, como disse: “Eu enlouqueci, sendo levada pelo Pastor Abílio para a cidade de Salvador, capital da Bahia, onde fui conduzida à casa do pai-de-santo ‘Neve Branca’ e depois ao Terreiro do ‘Velho Manoel Menezes’ onde fui iniciada”. Com tais declarações observa-se mais uma pessoa, uma mãe-de-santo levada a um terreiro por um batista, desta feita, um pastor.

Entrevista com Pai Rudy do terreiro da Nação Jeje-marim, “Ilê Axé Oxum Oni Pondá”, localizado na Vila Serrana II no bairro Zabelê. Ao relatar a sua história de vida, revelou que nasceu em Vitória da Conquista a vinte e cinco de fevereiro de 1979. Seus pais: Leni Aquino de Carvalho e Jucelino Vanderlei de Carvalho são de origem pernambucana que chegaram a Vitória da Conquista: A família da sua mãe em 1954; a do seu pai em 1960, “fugindo da seca e buscando melhores condições de vida”.

A família do seu pai é de origem católica, mas na travessia de Pernambuco para Vitória da Conquista, sua avó converteu-se à doutrina batista, filiando-se à Igreja Batista Boa Vista, localizada no Bairro Jurema, onde fixaram residência.

Na condição de batista recém convertida do catolicismo, sua avó foi crente muito fervorosa. Seu avô também, enquanto viveu foi batista, inclusive pastor, abandonou sua avó no Bairro Jurema com treze filhos, “foi viver em Ilhéus com outra mulher e continuou pregando a palavra”. Diz que seu pai foi educado na Igreja Batista, mas “foi um batista rebelde”.

Quanto à família de sua mãe “eram católicos praticantes, de fazer novena em casa, preces e rituais católicos, de ‘catolicismo popular’” (GUIMARÃES, 1994, p.p.8-11).

Diz ainda que sua avó materna freqüentou um terreiro chegando inclusive “a uma pré-iniciação, era filha de lemanjá e nós crescemos vendo caruru de Cosme e Damião e uma série de práticas afro-brasileiras. Inclusive a minha própria mãe, chegou a fazer caruru durante sete anos, de promessa, crescemos neste contexto”.

Durante a entrevista perguntamos: Pai Rudy, e como se deu essa passagem de uma tradição batista para a sua iniciação e ser hoje um pai-de-santo? Respondeu: Pois bem, o lado batista da família nunca foi um lado bem quisto, vamos dizer assim. Apesar de serem batistas, de participar e freqüentar a Igreja, agente não percebia, assim, muita verdade no cotidiano, o discurso era um e na prática era outro. Eu cheguei inclusive, quando era criança, ir à Igreja Batista. Assisti até exorcismo numa igreja batista renovada, tudo aquilo era muito assustador e agente não sentia aconchego.

Aos quinze anos de idade, visitando um centro de umbanda, no Bairro Jurema, de uma senhora chamada Alaíde, diz: “Aconteceu um fenômeno espiritual e eu acabei me convertendo à umbanda num primeiro momento”. Dois anos após, o terreiro de Alaíde fechou, desde então, informa: “Eu comecei a perambular de terreiro em terreiro, conheci uma casa de Angola, de José de Oxalá. Depois morei em Itabuna e foi aí que encontrei o candomblé nagô, na casa de um Senhor de nome Ruy Povoas [...], consegui me identificar, mas por razões diversas, o destino tem dessas coisas, eu acabei não sendo iniciado neste terreiro”.

Por fim, após a iniciação num terreiro de candomblé de nação queto, para Oxum, e de cumprir várias outras obrigações, por exigência do caboclo “Pena Roxa”, começou a trabalhar, a atender pessoas quando de “forma misteriosa elas foram aparecendo do nada”, permitido organizar a sua casa.

Atualmente, está filiado à casa do Senhor José Carlos, filho-de-santo de Gaiacu Luisa de Cachoeira, onde continua o seu processo de feitura no rito Jeje

Marim. Afirma que “o ritual praticado na minha casa é nagô vodum, é uma mistura de queto com jeje, é um ritual híbrido e aceita a figura do caboclo [...], e nós numa terra que é uma terra de índio, de caboclo, de umbanda, aqui em Conquista nem um terreiro se estabelece sem fazer concessão ao caboclo, isso é uma posição minha, se agente não tiver o caboclo, agente não consegue negociar com a identidade local”.

A casa já faz alguma festa, realizando sessões mensais e às vezes quinzenais para o caboclo “Pena Rocha”. Primeiro é feito o xirê dos orixás e depois o ritual para os caboclos. “O caboclo atende, faz consulta, conversa com as pessoas, às vezes até conversa muito e a gente tenta levar a casa dessa maneira”.

“Já tive clientes que pertenceram a outras religiões, na verdade a casa é procurada por pessoas de várias religiões, muitas vezes só pra resolver problemas e saírem, procuram a ajuda do caboclo, ou de exu, ou dos orixás, paga a consulta, paga o ebó, porque infelizmente é isso, são esses fundos dos trabalhos que mantêm a casa”.

Dando continuidade a entrevista, perguntamos: Pai Rudy, algum membro de alguma igreja batista de Vitória da Conquista já procurou a sua casa pra fazer algum tipo de trabalho? Respondeu: “Já, uma pessoa que eu não gostaria de citar o nome, ela veio até a minha casa através de uma moça. Ela frequenta a Segunda Igreja Batista em Vitória da Conquista e ela tem um problema sério, conjugal. O marido tinha uma amante e prometeram na Igreja que se ela orasse muito, ela conseguiria afastar essa amante do marido e o casamento dela retornaria, mas o problema é que isso não aconteceu, até porque a amante também era da Igreja Batista.

Ela procurou aqui o Ilê¹⁰¹ para resolver esse problema, para que eu desse sumiço, vamos dizer assim, na pessoa. Eu fiz o jogo de búzios, Julio Braga (1988), realmente constatei que existia o relacionamento entre o marido dessa senhora batista e outra irmã da Igreja, mas eu não fiz o trabalho, porque pela minha tradição nagô vodum, pela minha casa nós não trabalhamos dessa maneira. O que eu aconselhei a ela foi que agente poderia fazer uma tentativa de pedir que a moça se afastasse, mas que não o mal, que aqui agente não podia fazer, mas se ela

¹⁰¹ CASTRO, Yeda Pessoa de. 2001: p. 251. ILÊ (Kwa) (°PS) – s.m. casa, **terre(i)ro**; pequenas construções situadas ao fundo do **terre(i)ro**, cada qual destinada à adoção de uma divindade. Var. **ilele**. Cf. **unzó**. Yor.ilê.

quisesse este tipo de coisa ela procurasse outro terreiro, outra casa que fizesse este tipo de serviço.

Ela inclusive resistiu muito em vir aqui, no início ficou mantendo contato por telefone, ela não queria vir ao terreiro, mas acabou vindo, altas horas da noite. Eu recebi ela aqui quase dez horas da noite pra fazer o jogo de búzios, e ela só me procurava nesses horários pra não ter a sua identidade revelada, até porque são pessoas influentes dentro da Igreja, são muito conhecidas e foi esse caso.

Tenho também uma filha-de-santo que foi batista muito tempo, chegou na casa procurando serviços mágicos, porque a idéia que as pessoas tem é essa, que o candomblé é pra resolver problemas, é serviço mágico né, aí você vai fazer o ebó, faz o trabalho e a pessoa melhora ou muda de situação.

Após esta última entrevista, duas indicações importantes surgiram e merecem ser relatadas, a da filha-de-santo Adriana e a de Alaíde, mãe-de-santo numa casa de Umbanda a qual pai Rudy, no início de sua experiência religiosa, freqüentou por dois anos. A casa deu lugar a uma atividade protestante atípica, de “fundo de quintal”.

ANEXO VVV - Batistas que se afastaram da sua igreja.

Entrevista com Adriana Ferraz Costa que nasceu a doze de novembro do ano 1978, em Vitória da Conquista. Coursou o segundo grau e freqüenta um curso técnico de enfermagem. Foi membro da Igreja Batista Nova Sião, localizada na Rua Dez de Novembro no Bairro Alto Maron. Entrevista realizada em vinte e um de maio de 2005.

A Igreja Nova Sião integra o conjunto das Igrejas Batistas Renovadas, instalada em um suntuoso prédio e é uma comunidade religiosa numerosa, das mais representativas entre as batistas existentes na Cidade.

Durante a entrevista, perguntamos: Adriana, quem são seus pais, onde nasceram e são adeptos de qual religião? Respondeu: “Meu pai se chama Pedro Dantas Costa e minha mãe Marinez Ferraz Costa, nasceram em Vitória da Conquista e foram membros da Igreja Batista Nova Sião. Depois se mudaram pra São Paulo e lá continuaram freqüentando a Igreja Batista”. Você também freqüentou a Igreja Batista naquela Cidade? “Sim, meus pais continuaram morando em São

Paulo e eu retornei a Conquista em 2002". Você é casada? "Não, solteira. Tem filhos? Não"

Adriana, depois que retornou de São Paulo por quanto tempo ainda continuou freqüentando a Igreja Nova Sião? "Eu fui onze anos da Igreja, mas, ao voltar de São Paulo eu fiquei menos de um ano".

E depois que você saiu da Igreja foi direto pra um terreiro ou passou um tempo sem religião? "Não. Depois de eu ter como eles dizem né, me desviado, eu fiquei sem religião nenhuma, fiquei um bom tempo, ia às vezes pra visitar assim, mas, nada de ter um compromisso".

E como é que você chegou a fazer opção pra ser filha-de-santo de um terreiro de candomblé? "Na verdade eu vim aqui por curiosidade, eu fui trazida por amigos e simpatizei com a religião. Eu antes de ser filha de meu pai Rudy eu fui amiga dele, ele me aceitou de braços abertos aqui na casa dele e, com o passar das visitas, das sessões, eu fui me identificando com a religião e foi aí que com os trabalhos eu fui ser filha-de-santo".

Quais os motivos que levaram você a se afastar da Igreja e ir para o Candomblé? "Quando eu fui membro da Igreja Batista, fui durante onze anos, desde criança aos vinte e um anos de idade. Eu via lá dentro divisão em questão financeira, ou seja, quem tinha uma condição econômica melhor não tinha amizade com quem tinha uma condição inferior e isso me levou também a falta de interesse. A ajuda mútua que eu vejo aqui, eu não via lá e isso foi me esfriando, fui me afastando. E a busca também por dinheiro né, a questão financeira que as igrejas, mesmo as igrejas batistas, tentam camuflar um pouco, mas, eles ainda visam muito o lado financeiro".

E em relação às questões doutrinárias e a questão das exigências do que fazer ou deixar de fazer no dia a dia na sociedade, teve alguma influência na sua nova opção religiosa? "Demais, foi uma das coisas que me influenciou a sair de lá. Não foi influência de amigos, não foi influência de nada, foi por mim mesma, por eles exigirem uma alta perfeição da pessoa, ou seja, tudo deles se refere a pecado, tudo é pecado, tudo era proibido e, em fim, tudo deles era pecado, era coisa do demônio. Se eu tava passando por um problema e eu fosse conversar com um dos pastores maiores, eles diziam que era porque eu tava afastada que eu tinha que voltar".

O que a sua Igreja Batista proibia as pessoas de fazer, o que ela não admitia, não permitia que você fizesse, na sociedade, no dia a dia? "Olha, eu acho que de

mim foi mais cobrado porque, por uns cinco meses, eu fiz o seminário da Igreja, pra um dia me tornar pastora da igreja, então, não sei se por causa disso foi mais cobrado de mim questão de vestimenta, questão de maquiagem, questão de namoro, tinha que deixar isso pra depois do seminário, ou seja, eu já com meus vinte e um anos e eles me tratavam como criança, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, questão de conduta assim da maneira, a amizade, tudo era proibido. Eles ficavam regrando o tempo inteiro e eu me sentia oprimida.

Isso pra mim era uma pressão psicológica, eu me sentia muito oprimida, e desde lá de dentro do seminário. Foi aí que eu comecei a ver que não tinha mais nada a ver comigo a religião. Na verdade lá dentro eu já tava, como eles diziam, me desviando”.

Na Igreja Nova Sião, permite que mulher seja pastora? “Permite, mulher pode ir, a Igreja aqui não, mais lá permite ter pastora sim”.

Você conhece pessoas que já foram pastoras da Igreja Nova Sião? “Aqui na cidade de Vitória da Conquista, pastora da Igreja Nova Sião eu não conheci, mas, lá em São Paulo, na Igreja Batista havia pastoras mulheres sim”.

O que era permitido aos homens e às mulheres fazer na sua Igreja? “Só tinha um item que eu me lembre. Que havia reuniões dos pastores, como em toda igreja há mais de um pastor, havia reuniões de pastores na qual mulher não poderia participar pelo fato de não conseguir guardar segredo, ou seja, problemas internos da Igreja não eram abertos, para não serem abertos para o público”.

Era por causa do segredo ou você notava uma outra postura em relação à mulher? “Olha, pra dizer a verdade, eu não consegui perceber isso não, acho que era pelo fato da mulher não conseguir segurar o segredo, sempre vai ter uma amiga pra contar, então, era mais reuniões de homem, somente de homens”.

Você acha que a sua Igreja reproduz as atitudes da sociedade em relação aos homens e às mulheres? “Na verdade, o que eu vi aqui na Igreja Batista de Vitória da Conquista é os pastores homens, não vejo pastoras mulheres, não vi o pouco tempo que eu frequentei aqui, eu vi poucas vezes mulheres subindo ao púlpito. Agora eu não sei se é por discriminação do sexo, eu não sei, mas, em questão de membros não, todos eram tratados iguais. Agora em questão de subir ao púlpito eram os homens, inclusive eles usavam isso como base bíblica, que o homem é a cabeça da mulher”.

Quais são as diferenças que você nota do candomblé para a Igreja Batista, enquanto religião? “Eu to aqui há pouco tempo, sou praticamente a caçula da família, mas, nesse pouco tempo que eu pude perceber é o carinho e a igualdade como todos são tratados, independente da condição financeira, independente da cor, independente da profissão, todos são tratados iguais. Eu vi aqui em Rudy, meu pai Rudy, que ele aceita, ele já disse que ele não pode fechar a porta pra ninguém. Ele aceita qualquer um aqui na casa dele, desde que esteja procurando ajuda, aqui ele está pra ajudar”.

Adriana, você quando batista conheceu alguma pessoa ou ouviu dizer que alguém da Igreja Batista procura os serviços das religiões afro-brasileiras para fazer algum tipo de trabalho? “Conheço, antes de vir à casa de meu pai Rudy, eu conheci uma pessoa, ela não tinha terreiro, mas recebia entidade que ela dizia ajudar as pessoas. Então ela me dizia que muitos pastores a procurava para banho de cura, para conselho espiritual, mesmo pastores procuravam”.

Quando você ainda batista já procurava algum líder religioso do universo das afro-brasileiras pra algum tipo de trabalho? “Procurei, procurei as entidades para aconselhamento, porque era coisa que eu não encontrava na Igreja Batista, o aconselhamento espiritual que não encontrava na Igreja, eu procurava na entidade dessa pessoa, Eliene”.

Qual era a entidade que você costumava consultar? “Era o “Martim”, o “Marujo”. A Igreja Batista que você freqüentava, como os pastores tratavam os pais-de-santo durante os cultos ou em outros momentos na Igreja? “Oi, eles dizem que recebem as pessoas, os clientes pra pegar dinheiro, pra tirar dinheiro das pessoas e que realmente quem ta ali não são as entidades. Eles dizem que é um palco, como se fosse um teatro e ali eles estivessem encenando, [...], mas, o que eu vejo aqui não é isso, muito pelo contrário, o que eu vejo aqui é o interesse do pai-de-santo em ajudar as pessoas que chegam procurando ajuda”.

Eles tratam em geral, as religiões afro-brasileiras, como coisa do demônio? “Exatamente, tem muita discriminação, eles acham que as pessoas que realmente recebem entidades, eles dizem ser demônios, são espíritos perturbados, inclusive quem freqüenta. Eu tinha muito medo, eles diziam que quem freqüentava ia embora pra casa com perturbação e aí a perturbação acompanhava agente pro resto da vida”.

E em relação à questão do namoro, ou do sexo antes do casamento, havia alguma repressão a estas liberdades? “Com certeza, inclusive os jovens, adolescentes e jovens na Igreja eram muito reprimidos em questão não só de sexo, mas de namoro. Tinha uma idade certa pra namorar e sexo só após o casamento, ou seja, eles tinham o domínio da vida das pessoas, eles queriam ter o domínio da vida das pessoas acima dos pais inclusive”.

Entrevistada Lys Alves Abreu, natural de Itapetinga no Estado da Bahia, tem vinte e dois anos de idade e curso superior completo, formada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. É filha de Josenilson Alves Bispo e de Vera Lucia Abreu, também naturais de Itapetinga e residem atualmente na Avenida Santa Helena, 285, bairro Sumaré, Vitória da Conquista. Seu pai veio transferido por motivos de trabalho e moram na Cidade há quinze anos.

Lys, qual a religião dos seus pais e em que religião você nasceu e praticou até hoje? “Minha mãe é batista, meu pai já foi batista e ele se encontra fora da Igreja né. Eu também pertencia a essa denominação batista”.

Qual a Igreja Batista você estava filiada? “Igreja Batista Lírio do Vale, situada no bairro São Vicente”. Bairro São Vicente é hoje o bairro Centro? “Isto no Centro”, Esta Igreja integra o rol das Igrejas Batistas Renovadas em Vitória da Conquista.

Porque você deixou de ser batista? “Primeiro né, logo que eu passei no vestibular no curso de História, eu comecei a despertar para algumas causas dentro da Igreja que, pra mim, começaram a ser vistas como erradas né. Dentro da Igreja, tinha muito preconceito contra as outras religiões e até contra a pessoa mesmo em si. Por exemplo, quem era espírita eram tidas como instrumento do diabo, pessoas que eram católicas eram vistas da mesma forma e eu queria uma coisa melhor pra minha vida. Como historiadora eu não poderia nunca ser uma pessoa preconceituosa”.

Você pediu carta demissória ou foi expulsa pela Igreja? “No momento que eu falei pro pastor que eu iria me retirar da Congregação, ele me deu trinta dias pra que eu pensasse né, como ele ficou sabendo que eu estava freqüentando centro espírita e outras religiões, apenas em visitas, ele preferiu me eliminar, ele fez um culto e a Congregação achou por bem me eliminar porque eu já não estava nos mesmos passos da Igreja, no caso”.

Você já foi a algum terreiro de candomblé? “Fui sim ao terreiro de Pai Cely e acabei assim né, encontrando um ambiente diferente do que era tratado dentro da

minha Igreja Batista né. Dentro da Igreja Batista, o candomblé era visto como um lugar onde se cultua demônios, um lugar onde o pai-de-santo, no caso, mantinha relações com as filhas-de-santo, um lugar de orgias, era como era tratado dentro da Igreja Batista o Candomblé”.

Estas considerações sobre o candomblé levam a Igreja a expulsar membros que, tenham contato com esta religião? “Leva sim, porque eles têm um preconceito tão grande que, no momento que você pisa o pé no candomblé, a Igreja diz que você já está carregada de demônios, então você não serve mais pra denominação batista, a não ser que você sofra uma libertação, onde eles usam o termo expulsar o demônio de você. Se você come um acarajé, que na Igreja Batista é dito que o acarajé é feito com ossos de criancinhas né, então se você come o acarajé, você não pode mais fazer parte da ceia da Igreja Batista, porque você comeu comida oferecida a demônios, você não pode ter contato com as coisas que são ditas do mundo, no caso o candomblé”.

E em relação às festas públicas como São João, festa da padroeira e outras, qual é a posição da sua igreja em relação a elas? “É, os santos, no caso, tanto os católicos como os do candomblé, são vistos como demônios, no caso, então, não existe um culto que não seja ao Deus né, este Deus imaginário que tem lá na Igreja Batista.

Qualquer imagem, qualquer símbolo é visto como instrumento onde está ali o demônio por trás, então, não é permitido ao membro que participe, se o membro chega a participar de uma festa de São João, primeiro ele é disciplinado, o pastor chama esse membro e aconselha que ele vai ser disciplinado e afastado das atividades da Igreja pra ele regenerar, se ele não se regenerar, ele é expulso, ele é eliminado em um culto que a congregação participa e toda a congregação elimina, no caso o membro”.

Essa eliminação então se dá pelo voto dos membros da Igreja em assembléia? “Isto, algumas igrejas, a minha igreja era assim né, a congregação se reunia e se eliminava, se a quantidade de votos fosse para eliminar aquele membro que cometeu um delito ele era eliminado, se o caso fosse muito grave, não levava nem à congregação para votar, o pastor mesmo decidia e só comunicava”.

E que outras atividades a Igreja considerava graves a ponto de eliminar um membro? “É, se um membro, um jovem, no caso, mantivesse relação sexual com outro jovem antes do casamento, era considerado um motivo muito grave; se ele

fosse visto consumindo bebida alcoólica em público, era muito grave. Até em caso das vestimentas que a Igreja, no caso, ela preza muito de homem não se vestir como mulher, se uma jovem fosse vista usando calça em locais públicos, também, era eliminada porque, no caso ela estava sendo sensual, ou cortando o cabelo que isso tudo era proibido dentro da Igreja né, é proibido até hoje: cortar o cabelo, usar calça ou assessorios porque a mulher é vista como sensual”.

Isto significa que qualquer exposição corpórea a Igreja entende como ato sensual e, por isso, deve ser punido? “Isto, isto mesmo”.

E em relação ao carnaval ou Micarêta, como é o caso de Conquista, a Igreja permite que participem? “Não, ocorre até retiro nesta época, justamente pra afastar os jovens. Como eles se referem né, a festa do diabo, a festa diabólica, uma festa que as pessoas mantêm relações sexuais todo momento dentro dos blocos.

Tanto que, quando eu sai da Igreja a primeira festa que eu participei de Micarêta, não tinha nada a ver com isso né, tem certo exagero durante qualquer festa, mas, é de forma geral, não era o ambiente que era tratado pela Igreja, esse ambiente de orgia, a Igreja sempre enfatiza, o que está fora dela são ambientes de orgia e o sexo em si é tratado como o pior dos pecados né, se praticado fora do casamento e até dentro do casamento mesmo, várias orientações são dadas pra fins de procriar, no caso só quando o casal tiver intenção de ter filhos. Isso é muito divulgado em cultos dentro da Igreja né, cultos fechados com os membros”.

E os jovens da Igreja, frente ao mundo hoje, ao cotidiano onde as pessoas têm a oportunidade de agir como julgar melhor. Que implicações tem estas coisas para um jovem Batista? “Um jovem Batista né, segundo os princípios da Igreja Batista, segundo a igreja que eu congregava, eles devem se manter afastados das coisas do mundo que foram todas essas que eu citei: carnaval, festas juninas, roupas sensuais.

Então ele deve viver simplesmente para estudar e outra coisa que eu queria abrir parêntese pra falar sobre isso: dentro da Igreja quando um jovem batista ele fala que vai fazer vestibular pra História, ele não é bem visto dentro da Igreja, por que diz que é um ensino que desperta para o mal, é um ensino que desperta para outras coisas, não vinculadas né, ao meio evangélico.

Então o jovem ele é criado, direcionado a estudar, com doze a treze anos, ele já tem que ter um compromisso com um outro jovem dessa idade, mais sem manter nenhum tipo de relacionamento, pra quando chegar à idade dos dezoito ou

dezenove anos ser feito o casamento, então é uma vida assim muito cheia de restrições, você só vive pra Igreja e é aberto, assim, poucos espaços pra pessoa estudar”.

E em relação ao lazer, à diversão, como se dá dentro da Igreja, estas questões? “São feitas gincanas né, feitos evangelismos, sempre assim separados, os grupos das mulheres e o grupo dos homens pra que não tenha contato, pra, segundo o pastor, não haver pecado né, como no caso eles chamam de prostituição é a relação sexual antes do casamento, então todas as atividades são feitas em grupos femininos e masculinos.

Quando há retiro que os dois grupos participam, há sempre né, os orientadores que estão à parte pra que, esses grupos não se misturem, quando eles se misturam é sempre em atividades como gincanas bíblicas, onde se incentiva os jovens a ler a Bíblia toda, ou então, gincanas beneficentes onde os jovens saem pela Cidade recolhendo alimentos para o próximo, são trabalhos desse tipo, agora festa, dança, namoro, todos esses pontos são proibidos”.

E qual a reação dos jovens em relação a essas proibições, eles aceitam com naturalidade, ou existem reações? “Muitos jovens até meus amigos eram pressionados pelos pais né, no meu caso mesmo, eu nasci dentro de uma família que já era batista, então no princípio assim, eu achava que era certo a forma como eu era conduzida, eu olhava pras pessoas como se elas fossem inferiores a mim, como se eu fosse realmente santa por aquilo que eu praticava só que, com o passar do tempo né, fui me tornando adolescente e foi surgindo outros desejos, só que eu não podia né, eu não podia ir no cinema, não podia cortar meu cabelo, porque não tinha só a questão da Igreja envolvida, era a questão da minha família também”.

“Meu pai era batista, minha mãe também, e não permitiam, então geralmente, eu podia ser rebelde mais minha vida continuava daquela mesma forma”.

Existem membros da sua Igreja que eram antes do candomblé e se tornaram batistas? “É, tinha uma senhora mesmo que ela freqüentou durante muito tempo um candomblé aqui em Conquista, ela inclusive era filha-de-santo se eu não me engano, e ela promove sempre culto dando testemunho contra o candomblé.

Falando de coisas que quando eu vi o testemunho dela eu comecei a comparar né, com o terreiro que eu fui, de Pai Celi, que não condizem como essa questão mesmo que o acarajé é orientado dentro dos candomblés pra ser feito com ossos de crianças; que as filhas-de-santo tinham que ter relações sexuais com o pai-

de-santo, pra subir dentro de uma hierarquia. Eu fiz todas essas perguntas ao pai-de-santo né, Pai Celi e, ele negou todas essas afirmativas, no caso dessa senhora que dá testemunho dentro da Igreja dizendo né, como era o candomblé na época dela”.

Você tem notícias de algum caso de pessoas da Igreja Batista que recorrem aos serviços de um pai-de-santo ou que já foram a um terreiro, mesmo escondido, ou que foram expulsos da Igreja por esses motivos? “Já sim, é uma prática comum. Às vezes a pessoa se sente tão sufocada pela religião que ela acaba né, buscando outros meios, agora não é muito, é um caso assim, são casos raros, porque se no caso a congregação, se o pastor descobre, essas pessoas são eliminadas”.

Mas existem casos de pessoas que como batistas procuram o pai-de-santo para fazer trabalho? “Procuram sim, tanto o candomblé quanto o centro espírita, sempre procuram outras religiões”.

E nesse caso se a congregação vier a ter notícia, termina promovendo o processo de expulsão? “É como eu falei anteriormente se a pessoa batista né, ela tem qualquer contato com uma pessoa de outra religião, principalmente o candomblé, ela é vista como imunda, como que ela foi tocada por espíritos ruins, pelo diabo, como é dito dentro da Igreja Batista”.

Você gostaria de acrescentar mais alguma outra coisa em relação à Igreja e da Igreja com outras religiões? “Gostaria sim, é importante que qualquer religião né, antes de criticar o candomblé, como no caso eu fui batista, que procure realmente saber as raízes, os princípios daquela religião, como no caso do candomblé, para depois assim, levantar uma crítica, pelo menos pra ter uma base teórica do que fala, por que são criados muitos mitos e muitas lendas a respeito do candomblé que não são verdadeiras, como a que o diabo está lá presente, que as pessoas mantêm festas, orgias diariamente. E são pessoas de respeito como eu pude comprovar, há famílias dentro do candomblé, há famílias direitas, há pessoas comprometidas com a religião e eles buscam Deus, de um forma alternativa né, mais eles buscam Deus”.

ANEXO XXX – Entrevista com Líder de Mesa Branca.

Eliene Simões de Sousa, natural de Vitória da Conquista líder da casa de “mesa branca”, localizada na Rua B, casa 23, conjunto da Vitória, Kadija II, bairro

Patagônia. Filha de Antonieta Simões e Feliciano Cardoso dos Santos, naturais desta Cidade.

Ao entrevistá-la perguntamos: Dona Eliene, os seus pais eram de que religião? “A minha mãe, no início da vida dela, ela foi espírita por 45 anos, cabo de 45 anos ela cumpriu essa missão e, hoje é uma pessoa evangélica”. Mas espírita que a senhora fala é kardecista? “Não candomblé, no caso queto nagô, essas coisas assim”.

E a senhora, sempre foi espírita ou teve outra filiação religiosa? “Olha! Eu era antes batista e hoje eu sou uma pessoa espírita, hoje eu sou no caso nagô, não tenho terreiro, não trabalho assim, mas faço caridade através de espíritos, de entidades”.

Que igreja a senhora freqüentava, era aqui na Cidade? “Aqui em Vitória da Conquista era a Igreja Batista Ebenezer”. Esta igreja como vimos antes, integra o grupo das Igrejas Batistas Fundamentalistas.

A senhora recebe pessoas em casa, não tem propriamente um terreiro de candomblé, mas realiza algum tipo de trabalho? “Olhe! Hoje eu recebo algumas pessoas que vêm em busca de uma caridade, o meu trabalho hoje é mais através de orações, banhos, luzes né, eu não tenho terreiro mais faço esse tipo de caridade através dos espíritos”.

A senhora fez iniciação em algum terreiro e, caso tenha feito, qual foi o terreiro e onde? “Aos treze anos eu parti pra seu Zé Piqueno e Dona Lurdes que mora ali na Praça [...], aqui em frente à Pedra, Dona Lurdes e lá em Zé Piqueno f ai que eu me desenvolvi espiritualmente, meu trabalho foi lá no terreiro de Zé Piqueno”.

Que trabalhos foram feitos na iniciação da senhora no tempo do terreiro de seu Zé Piqueno? “Ah! Eles fizeram o desenvolvimento de orixá, eles fizeram confirmação, eles fizeram batismo, fizeram limpeza, muita coisa foi feita”.

Quais as entidades que a senhora recebe para desenvolver os trabalhos e fazer a caridade às pessoas que lhe procuram? “Meu orixá de cabeça mesmo é “Ogum”, ele é que vem trabalha pras pessoas e de vez em quando o velho “Martim Pescador”.

Dona Eliene, as pessoas que procuram a senhora pra fazer algum trabalho, normalmente vem pedir que tipo de ajuda, ou trabalho para que entidades? “Olha! As pessoas que vêm mais aqui é as pessoas que estão doentes, como, por exemplo, as pessoas que estão fracos da mente, é pessoas que têm problema de

uma doença, que não existe cura, que o médico disse que não tem né, tipos depressivos, a verdade é essa, são estes tipos de trabalho. Aqui só não é feito trabalho pra casamento, e nem pra separar e nem pra juntar”.

As pessoas também procuram a senhora pra fazer trabalhos por questões de infidelidade ou por questões de bebida, alguma outra coisa desse tipo? “Bebida principalmente é um dos fatores mais procurados, aqui é sobre a bebida. Bebida, depressão que o médico não cura, aí é só isso”.

A senhora já teve algum cliente, alguma pessoa que procurasse a senhora que fosse membro de alguma igreja batista? “Já, várias pessoas, várias pessoas. Poderia contar algum caso, mesmo sem dizer nomes das pessoas? Eu tive uma pessoa que veio de Rio de Contas que era batista, essa não deu jeito lá no médico, veio pra qui, nem na Igreja foi e saiu curada. Outra pessoa de Iguaí, também, saiu curada, que era batista, depois que foi curada voltou pra Igreja. Fui procurada por várias pessoas daqui de Vitória da Conquista, por tipos de trabalhos sendo batistas”.

Já fez trabalho para pastor de alguma igreja batista aqui de Vitória da Conquista? “Não de Vitória da Conquista não, agora de Jequié sim”. Pastores de igrejas procuram a senhora? Pastor de igreja batista e ele continua na igreja, mas não deixa de vir aqui, sempre vem, vem atrás de orações”.

A senhora poderia contar algum exemplo, ou algum caso de um batista que tenha vindo procurar a senhora pra algum tipo de trabalho? “Fui procurada por um rapaz do Espírito Santo, este também é batista, esse foi vários tipos de coisas, foi bebida, foi mulher que ele perdeu, filho que ele perdeu e o emprego. Ele não se encontrou na Igreja, ele veio do Espírito Santo pra qui. A senhora falou há pouco que foi batista? “Fui batista”.

E também, me informou que um dia recebeu uma missão de dar comida às pessoas. A Senhora podia contar esse caso de como é que deixou de ser batista e por que deixou de ser batista?

“Cnto sim, eu pela manhã levantei e fiquei ouvindo rádio, estavam pedindo pedaços de pão porque os presos da Delegacia de Furtos e Roubos estavam passando fome. Eu fiz a comida e fui levar meio-dia, eu vi tanta calamidade e tanta fome lá dentro da cela que eu resolvi procurar a Igreja pra que nós reunisse e fosse dar comida aos presos”. “Aí disseram pra mim que não, Deus tinha dado o anzol e não o peixe, eu respondi a eles como que aqueles infelizes iam buscar o peixe, se estavam detrás de uma grade, aí eles responderam que eles estavam conscientes

de que a palavra de Deus era aquela, dê comida a quem tem fome e água a quem tem sede de palavra. Aí eu disse [...] palavra não enchia barriga. Revoltei e saí da Igreja, chamei de egoístas, frios e calculistas. Aí, revoltei e saí da Igreja”.

A senhora se referiu há pouco a um caso duma pessoa que, ao terminar de sair dum trabalho aqui, se converteu a uma Igreja Batista, poderia contar este caso? “Posso, essa menina tem hoje quatro anos de Igreja, [...] na Nova Sião, na Dez de Novembro. Ela rodou por todos os terreiros, veio parar na minha casa aqui, ela encontrou o caminho que a entidade “Martim” disse a ela, olhe o seu caminho não é esse, busque um caminho”.

“Ela disse que tinha passado por vários lugares não tinha conseguido nada e ele tornou dizer ‘procure um caminho’ ela disse a ele que não suportava crente. Saindo da minha casa com raiva por que não encontrou o que queria. Chegando na Dez de Novembro o pastor tava fazendo uma pregação que coincidiu com o problema dela, ela entrou na Igreja e lá ela está até hoje”.

“Lá dentro da Igreja ela conseguiu a cura de uma ferida que a mãe tinha na perna, a irmã que tinha quinze anos que tinha desaparecido apareceu e o filho que tava entrando na vida do crime saiu e tá tudo bem hoje graças a Deus. E, essa mesmo crente, mas ela não esquece de mim, todo mês ela manda um dinheiro pra comprar o que eu preciso para os orixás”.

A senhora se lembra de mais algum outro serviço que alguém de alguma igreja batista daqui de Vitória da Conquista tem procurado a Senhora pra fazer? “Foi um pastor de Jequié, não sei o que é que houve na vida dele, mas tinha dois ‘pistoleiros em busca dele e uma amiga dele disse vai buscar um terreiro de macumba que seu caso é outro’. Foi quando trouxeram ele aqui. Eu disse que não dava conta do trabalho dele porque era pesado, mas ele criou a fé não sei como e consegui que os pistoleiros sumissem de lá de Jequié”.

Algum pastor de alguma Igreja de Conquista, não precisa citar o nome de pessoas, já procurou a senhora pra algum tipo de trabalho? “Não, de Vitória da Conquista, pastor não. Agora, membros de igreja sim”.

É comum vir pessoas, membros das diversas Igrejas Batistas procurar a senhora para algum tipo de trabalho? “Não só a mim que é comum, não só a mim como muitos terreiros aqui recebem crentes. Alguns é escondido, outros é abertamente mais tem, isso é normal, é, isso é normal.

É normal pessoas, membros de igrejas batistas procurar este universo das religiões afro-brasileiras, os espíritas de um modo geral, pra fazer trabalhos? “É normal, muita gente procura, não sei se é escondido da Igreja, mas procura e dentro do espiritismo eles encontram o que eles vêm buscar”.

Que tipo de trabalhos a senhora realiza quando recebe as pessoas em sua casa? “O meu trabalho é mais de orações, eles vêm e faz as orações, ta entendendo, não existe aqui na minha casa, não existe esse negócio de galinha, pano, isto aqui não existe. Eu falo da seguinte forma, se ele é espírito que ele trabalhe invisível, eles vêm, conversa, explica, orienta as pessoas, passa os banhos e o resto eles trabalham invisível. E eu tenho visto muita coisa aqui dentro da minha casa, muitas curas, muita paz, muita gente que não tem paz vem em busca e leva a paz, aqui acontece sempre”.

O trabalho que a senhora faz envolve incorporação? “Às vezes sim, quando as coisas, agente vê mesmo que é coisa que eu não consigo dar, aí eu incorporo, incorporo e não é mentira não gente, porque, às vezes eu até me pergunto, será que isso é de Deus ou é do Diabo? Porque não é normal, não é normal né, não sei quem é, mas que existe, existe em algum lugar, essa coisa, essa força espiritual”.

A senhora pode falar um exemplo, de outra pessoa da Igreja Batista, pra quem a Senhora fez trabalho e que tipo de trabalho foi feito? “Não é aquele trabalho que eu sempre to dizendo pra o senhor. Mas, é através de orações, luzes e banhos e, quando precisa de limpeza de corpo, de despacho, essas coisas aí eu mando pra outros lugares. Como pra uma amiga minha que trabalha muito bem, Carminha, do Carmo e etc. pra muita gente. Agora aqui em termos de despacho, de limpeza de corpo, isso aqui eu não faço, porque eu não tenho espaço apropriado e não tenho licença.

ANEXO ZZZ – Entrevista com Mãe-de-santo convertida à Igreja Batista.

Entrevista com a Senhora Alaíde Guimarães, em oito de julho de 2005 que diz ter sido mãe-de-santo de um terreiro de Umbanda por vinte e sete anos. Cumprida a sua obrigação, fechou o terreiro e, em seu lugar, na mesma estrutura física, inaugurou uma outra atividade religiosa que define como “protestante de fundo de quintal”, onde recebe pessoas, lê e interpreta a Bíblia e pratica o ritual da unção com óleo. Sua casa localiza-se na Rua Nestor Duarte, 704, bairro Jurema.

Dona Alaíde, gostaria que a senhora nos informasse onde nasceu, quem foram os seus pais e qual a religião da sua família? “Eu nasci em Papagaio, Minas Gerais meu pai eu não o conheci, minha mãe Ilda Luiza Guimarães era católica e depois ela converteu, passou pro evangelho, até quando Deus levou ela”.

“Eu na Igreja Católica também, sempre a minha fé foi a religião que eu conheci, depois vim morar na Bahia e, comecei a me interessar pelo espiritismo, freqüentei várias casas: Salvador, Feira de Santana, vários lugares”.

Como a senhora veio pra Vitória da Conquista? “Ah tem muitos anos, eu cheguei pra Vitória da Conquista, tinha dezenove anos, tenho cinquenta e quatro anos”.

Quando a senhora fala que veio pra Bahia e começou a freqüentar o espiritismo, a senhora está se referindo aos candomblés, umbanda, é isso? “É, comecei no terreiro de candomblé, mas aí eu percebi que não era aquilo que eu queria e fui conhecendo vários terreiros, visitando e a própria espiritualidade foi me dando entendimento e comecei a trabalhar na umbanda”.

A senhora fez santo em algum terreiro, em alguma casa, algum centro de umbanda? “Não, nunca fiz trabalhos como o candomblé pede não, só os trabalhos comuns de freqüência, não teve trabalho de peji, como eles falam, assentamento não”. Quando começou trabalhar no que chama de espiritismo, era na umbanda? “É umbanda, inclusive a pessoa que me deu algumas orientações umbandistas foi Seu Augusto da Hora que, ele era de Itapetinga, depois ele veio morar em Vitória da Conquista, ele morava ali naquela Praça do Cajá e que, também, já é falecido”.

“Ele é que me deu algumas orientações espirituais que, ele trabalhava né, que é umbanda de mesa branca. Foi a pessoa que me passou algumas experiências e a própria espiritualidade quando agente toma responsabilidade ela nos ensina trabalhar, não é o pai que ensina, é o mundo superior, a espiritualidade que nos ensina, agente só quer obediência porque ao final de conta todo mundo tem um ‘padim’ né”.

E neste caso, quem era o ‘padim’ na umbanda? O meu orientador é Ogum.

Por quanto tempo a senhora trabalhou com umbanda aqui em Vitória da Conquista? “Aqui em Conquista foi vinte anos, porque eu trabalhei também em Montes Claro, Minas Gerais. Eu morei lá uma época e eu freqüentava um centro de umbanda em Montes Claro. Sete anos eu trabalhei na obediência, dentro do centro e depois vinte anos eu vim trabalhar por toda minha responsabilidade né, e aqui em

Vitória da Conquista quem me deu esse apoio espiritual, orientação foi seu Augusto que era chamado Augusto da Hora, era uma pessoa muito conhecida aqui em Conquista”. Por que a senhora deixou de trabalhar com a Umbanda? “É porque o meu compromisso na umbanda, desde o início que eu comecei freqüentar, entender da espiritualidade, meu compromisso só era vinte e sete anos de trabalho, tanto que até deixei passar um pouco de vinte e sete anos, mas aí veio a consequência da saúde física né, porque eu tinha que parar naquele período certo”.

Depois que a senhora parou com os trabalhos, o que aconteceu com os seus filhos-de-santo, os freqüentadores de sua casa? “É muitos, cada um tomou um caminho né, uns foram pra Igreja Católica, outros foram pra Igreja Evangélica, outros foram para o kardecismo, outros foram talvez para o Candomblé que, eu não sei, eu não afirmo, porque eu não tenho certeza, mas muitos foram que tavam visitando né, não sei se assumiram essa responsabilidade, com a casa”.

Depois que a senhora parou com a umbanda, freqüentou uma outra religião, uma outra igreja ? “Hoje eu freqüento a Igreja Evangélica”. Mas, logo em seguida, a senhora freqüentou outras religiões, outras igrejas? “Não, só Igreja Evangélica, somente Igreja Evangélica. Não fui mais em centro nem em kardecismo, nada”. Nem à Igreja Católica? “A igreja Católica eu tenho um respeito muito grande por ela, mas, a minha freqüência hoje é só na Igreja Evangélica”

As pessoas que procuram sua casa hoje, elas são de alguma religião ou elas são de diversas religiões? “São pessoas, uns nem religião não têm e são pessoas de diversas. Às vezes que fala eu sou católica, mas não pratica; eu sou espírita, mas não pratica; eu sou evangélico é o que tem um pouco mais de seriedade, é o evangélico né, porque quando ele nos visita eles falam eu sou de tal igreja, se apresenta e participa, porque agente, também, dá até a oportunidade dessas pessoas de falar um pouco do Evangelho né”.

“O nosso mundo é incomum, nós temos que se unir, a Igreja ela tem que se unir, tanto os católicos, as outras pessoas, nós devemos se unir a todos e dá um atendimento de carinho a todos igualmente, todos diferentes se é espírita, se é evangélico, se é católico, a palavra é pra todo mundo”.

Membros das Igrejas Batistas vinham fazer trabalho em sua casa quando ainda era centro de umbanda? “Não, de Igreja evangélica nunca vieram ninguém não, só mesmo da Igreja Católica, pessoas que não freqüentava, que falava assim a eu nasci católica, mas não freqüentava”.

“O trabalho foi desempenhado, mais eu trabalhei com pessoas bem carente, bem difícil, bem complicado, pessoas que não tinham visão espiritual que não tinha assim nenhuma disciplina espiritual, não tinha nenhuma religião foi as pessoas que eu mais acolhi, tanto que essas pessoas hoje estão acolhidas no campo espiritual, cada um já está dando andamento aí nas Igrejas né, várias Igrejas Católica, tem muito na igreja evangélica e porque eu acho que é como Jesus disse, “ele é o caminho a luz e a verdade”, ele veio pra dar luz né”.

“A quele que já tem prosseguimento espiritual não precisa, eu acho que ele deve confiar no que ele faz, no que ele busca e é sempre como eu acolhi essas pessoas que não tinha esclarecimento, que nunca abriu a Bíblia, que nunca abriu o evangelho segundo o espiritismo, nunca participou de uma palestra, nunca teve comunicação nenhuma, pessoas totalmente neutras mesmo no campo espiritual, esse foi o meu trabalho mais profundo. Foi com essas pessoas e elas hoje estão caminhando né e eu fiquei, mas Jesus disse que os últimos serão os primeiros né, quem sabe um dia eu chego lá, risadas” .

ANEXO AAAA – Entrevista com Fiéis da Igreja Batista.

Entrevista com Glauba Lopes Ferras Freitas, residente na Rua Mendes Sá Nº 99 – B. Alto Maron – Flamengo – V. da Conquista.

Durante a entrevista declarou: “Meus pais são daqui de Conquista, minha mãe era Lopes Ferraz e meu pai era Lopes Prado, então antes de casar eu assinava Lopes Ferraz Prado, depois de casada eu tirei o Prado e coloquei o Freitas de Ivânio”.

“E, eu nasci em 6 de abril de 47, já fui criada no evangelho, assim, que minha mãe levava muito a sério, meu pai não importava, meu pai era aquele tipo de católico de nome, eu sou católico! Mas, não era, era só maneira de falar, não freqüentava a Igreja Católica, não impedia minha mãe de freqüentar a Igreja Evangélica, minha mãe freqüentava a Primeira Igreja e nos levou para a Primeira Igreja e falava do evangelho em casa também, pra gente”.

Você teria condição de informar, não precisa ser com números exatos, sobre a origem religiosa dos adeptos da Primeira Igreja? “Olha a maioria absoluta veio já do evangelho, principalmente dos batistas, a maioria absoluta. Um ou outro veio do kardecismo, um ou outro, mas não ficou. Atualmente, a Igreja tem dois, mas é bem

atual, bem atual mesmo, tem dois”. E católico? “Católicos tem muitos que vieram do catolicismo, muitos mesmos”.

E das religiões afro-brasileiras? “Das religiões afro-brasileiras, pouquíssimas, eu me lembro nessa época de Rosália Alves, essa Rosália Alves aí, ela trouxe muita gente de lá, muita que eu quero dizer é assim umas 50 pessoas, ela trouxe de lá pra Igreja”. De lá de onde? “Ela era candomblezeira”.

Ela era mãe-de-santo? “Ela era eu não vou dizer que ela era mãe-de-santo, eu acho que o marido dela era mais do que ela, mais ela era envolvida com o candomblé. Aí ela trouxe essas pessoas e tudo, no final ficou só ela e uma senhora que morreu. Ela foi embora daqui de Conquista, mais essa senhora já morreu faz algum tempo. Só o que ficou, os outros todos foram saindo, saindo, ela ficou, ela ficou muito assim, porque a Igreja tem um trabalho de doar, de doar coisas, é de fazer doações, a Igreja tem isso. Então a Igreja dá a cesta básica, a Igreja dá roupa de frio no inverno, a Igreja dá roupa, uma roupinha assim um tecido no Natal um vestido novo”.

Mais dá pra os membros da igreja ou pra comunidade em geral? “Só pra os membros da Igreja. Rosália espalhou isso aqui na Cidade, essa quantidade de pessoas veio interessada nas coisas. Na Igreja é assim, se a pessoa tá doente vai pro médico, Dr. Samuel acha que precisa fazer outros exames, ele pede, se o outro médico acha que aqui em Conquista não resolve, só em Salvador ou em São Paulo, a Igreja manda.

Então, muita gente foi interessada nas coisas materiais. E quando chegou lá, não é pra todo mundo, é pra quem tinha necessidade, aí muita gente não tinha necessidade. Aí muita gente num recebeu aquilo que gostaria e saiu, ficou ela e essa outra senhora, ela ficou minha amiga, embora eu nem saiba onde ela mora, só ficou ela”.

Mais algumas outras pessoas do candomblé, além das que Rosália trouxe, saiu da Igreja e, se tornaram liderança do candomblé, pessoas da Igreja Batista? “Que saiu da Igreja só pra formar, não”. E que vieram do candomblé pra Igreja e depois saíram e continuaram desenvolvendo atividade no candomblé? “Glauba – a sim, aí sim, eu entendi que saíram e formaram uma outra coisa, voltaram pro candomblé”.

Pode dizer o nome de alguma dessas pessoas? “Não sei, não sei, infelizmente não sei, mas toda, posso dizer que com certeza quase absoluta, que todas que saíram, voltaram pro candomblé”.

Entrevista com Emanuel Marcos Silva, membro da Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista, realizada no dia dez de abril do ano 2005

Marcos, fale um pouco como a Primeira Igreja Batista de Vitória da Conquista vê as tradições religiosas afro-brasileiras? “Na verdade, Itamar, a Primeira Igreja ela tem uma postura, uma posição muita rígida, com respeito às religiões que não são do cristianismo, que não são eminentemente cristãs. São práticas ritualísticas não é, trazidas lá da África e então a Igreja tem uma postura muito rígida, ela não vê primeiro como religião, ela vê como seita, não vê como nenhuma manifestação cristã, por não ver também nenhuma orientação teológica, nenhum embasamento bíblico, como eu disse, a Igreja procura se nortear em orientações neotestamentárias, portanto ela busca comungar, procura andar junto daquela que pensa com o ideal do Novo Testamento.

A Primeira Igreja não entende que estas religiões façam parte desse processo teológico, portanto ela não toma parte nessas atividades religiosas, embora reconheça que se tenha respeito por essas pessoas, as que praticam essas seitas. Mas a Igreja busca levar o evangelho para essas pessoas, como quem está precisando de salvação e de transformação de vida, é assim que entende, é assim que vê.

Na verdade não existe uma relação, porque não existe um contato, digamos uma atividade da Igreja lá num terreiro e eu diria que muito menos, do terreiro na Igreja, no máximo o que a Igreja procura fazer é alcançar de alguma forma, não indo nos terreiros, mais através de literaturas, através de recados, de convites a vir ouvir a palavra, mais isso no espaço de domínio da Primeira Igreja.

Não se pensou ainda, a Igreja não, nunca promoveu isso, um campo neutro onde pudesse promover um debate, uma discussão, portanto a Igreja tem as suas portas, vamos dizer assim, cerradas né, nesse processo de relação com outras religiões”.

Marcos, uma outra questão, você falou da não existência de relação entre a Igreja Batista e as tradições afro-brasileiras. Mas você conhece ou tem notícias de alguma conversão de pessoas que foram vinculadas a essas tradições à Igreja

Batista? E noutro sentido, alguém que já tenha sido membro da Primeira Igreja Batista e que saiu desta para as afro-brasileiras?

“Interessante essa sua pergunta é, embora eu dissesse que as portas da Primeira Igreja se cerram para esta relação, estão cerradas para esta relação, mas eu disse também que existe um interesse em buscar essas pessoas, para trazê-las ao conhecimento do evangelho e, portanto, a prática do evangelho, pregado e vivido pela Primeira Igreja. Sim, tenho notícias de algumas pessoas, de algumas pessoas que se converteram que eram praticantes, integrantes, líderes até dessas religiões, no caso da prática do candomblé e que passaram, se converteram ao protestantismo e foram buscar isso justamente na Primeira Igreja, conheço sim.

No caso inverso tenho notícia de um caso, não acompanhei, no caso primeiro sim eu acompanhei, o caso de uma senhora que era desse meio, mãe-de-santo, praticava a sua atividade religiosa muito intensamente, produzindo despachos e consultas e essas coisas todas, sacrifícios até, e se converteu, esse caso eu acompanhei, vi, conheço, sei quem é, está viva, é fácil de nós constatar. O inverso, por ouvir dizer que ocorreu, mas não, nada que eu houvesse constatado, comprovado, mais eu sei de um caso inverso, contra uma dezena de casos como o primeiro”.

Ainda existem membros na Igreja Batista que foram dessas tradições? “Digamos: eu sei de X casos que ainda hoje são membros da Primeira Igreja Batista? Sim, existe sim, temos membros hoje, ativos no nosso meio, professando a fé no cristo, no cristianismo, vivendo esse legado protestante, que eram de lá, vieram de lá, temos sim”.

Existem membros da Primeira Igreja Batista hoje que procuram essas tradições, para fazer algum tipo de trabalho, que você tenha notícia? E, caso não tenha, qual seria o tratamento que a Igreja daria a essa questão?

“Eu não conheço nenhum caso de alguém da Primeira Igreja que esteja ou tenha ido buscar algum tipo de auxílio, algum trabalho nessas religiões afro, mas, você me perguntou qual seria o tratamento que a Igreja dispensaria a quem assim o fizesse, sem dúvida a pessoa seria chamada à atenção, seria exigida uma retratação, um pedido de desculpa e, mais do que isso até o reconhecimento do seu erro, porque seria considerado um erro, e creio um erro grave e, caso não houvesse essa retratação, com esse reconhecimento, sem dúvida a pessoa, esse membro seria expulso, seria tirado do seu rol de membros, sem dúvida.

Entrevista com Antônio Severino Santos, membro da Primeira Igreja Batista.

Seu Severino, queria que falasse o local e data do seu nascimento e quem foram os seus pais? “Eu nasci no sertão da Bahia num lugar antes chamado Monte Alegre, hoje chama Maetinga e nasci no dia oito de novembro de 1926. Meu pai chamava-se Francisco Manoel da Silva Neto e minha mãe Alice Severino de Jesus. Então esses são os meus pais e o local onde eu nasci já foi o que eu me referi ai de início”.

O Senhor viveu nesse local até que idade, ou a partir de nascer mudou para um outro lugar? “Quando eu estava com três meses de idade meu pai mudou-se para o município de Tremedal, logo vizinho de Maetinga né, então eu fui criado em Tremedal, dos três meses aos 19 anos morei por ali”.

Eu queria saber a religião dos seus pais, se eles tinham alguma religião, e se o Senhor teve uma religião anterior a que tem hoje?

“Eu fui criado na Igreja Católica, meu pai era Católico Romano, mas, sem muita prática, morava no interior, era leigo sobre religião e não interessava muito, porque ele tinha muita ansiedade pela lavoura, pela agricultura aquela coisa, quase que não assistia missa, essas coisas e ele ia com minha mãe e nós ficávamos em casa, agora quando ele chegava em casa que falava que ia ter uma reza, pra nós era o dia de maior tortura da vida, ao passo que quando se fala em Deus a gente sente alegria e paz no coração e muitas outras coisas boas, mas ele quando falava do Deus dele da Igreja Católica, nas rezas era uma tortura pra nós”.

Porque era uma tortura falar das rezas? “É porque ele cobrava da gente coisas que ele não tinha conhecimento, colocava de uma maneira muito leiga, muito rústica, por exemplo, para fazer o sinal da cruz, às vezes nós não acertava, nós já ia pra o culto tão assim assombrados que não acertava fazer o sinal da cruz, aí ele pegava uma palmatória, aquela coisa que antigamente, aquela tortura que antigamente usava, batia nas juntas da gente, porque não sabia fazer o sinal da cruz. Outra vez que ele tornava fazer uma reza daquela, nós não acertava porque já ia pra lá tremendo de medo, uma coisa terrível, naquele tempo os filhos tinham muito medo dos pais, os pais não tinham aquela maneira de educar. Até que eu não acuso muito diretamente a ele, porque ele foi criado assim também”.

Mas fazia na sua casa comemoração de alguma festa, alguma data considerada como data santa? É, quando numa ocasião minha mãe teve um parto de dois filhos e foi aconselhada pelos católicos praticamente, ela tinha que comprar

um santo chamado Cosme e Damião, então depois que ela recebeu esse Cosme e Damião, eles passaram a fazer anualmente uma festa, dia 27 de setembro por aí né, fazer uma festa a Cosme e Damião, aí ela armava uns lençóis dentro de umas varas, umas coisas, fazia um oratório, um altar, ali tinha aquela festa, mas convidava os vizinhos, tinha bastante gente, ali comiam, bebiam, prosavam, falavam das coisas, mas para nós os meninos ficavam sempre recantado, os meninos era de fora, não assistia muito não”.

E fazia festa de São João também, nesse período? “Sim faziam as festas de São João, aí é o nosso sonho, desde quando terminava uma festa já ficava pensando na vindoura. Porque nós gostava de queimar fogos, aqueles fuguitem, traquinhos, bombinhas, ele dava aquilo agente, regradamente, mais dava cada um antes da festa, na véspera ele dizia assim, quem fizer tal coisa melhor vai ganhar mais bombas, mais traquinhos, aí nós esforça muito, no dia tinha. Agora tinha leitão assado, tinha muito biscoito, muito bolo, feito leigamente na roça, naquele forno, aquele forno de barro é de lenha, tira lenha e depois coloca, varre e depois assa o biscoito, tinha essas coisas né”.

Tinha música também? “Tinha violeiros leigos, gaitas, essas gaitinhas de taquara, isso tinha, pandeiros, caixas pra fazer batucada ao redor da fogueira, isso tinha. Rapazinho já com 16, 17 anos não podia ir à festa, de jeito nenhum, ele não deixava ir à festa, dizia não, não tem condição não vai não, ele ia e nós não íamos”. Entrevistei ainda outros membros da Primeira Igreja Batista que se iniciaram e vivenciam esta tradição religiosa desde os anos 1930. Estes ao serem perguntados sobre as religiões afro-brasileiras, se limitaram a respostas curtas e evasivas.

Quando perguntamos ao Sr. Genor Calixto se no período anterior aos anos 1930 e após este, se falava ou existia na Cidade, nos seus arredores ou nas fazendas, alguma atividade de religiões afro-brasileiras, de religiões de negros batuques, sambas ou algo semelhante, respondeu: “Neste período eu era muito menino, mais creio que essas coisas nunca deixou de existir né, herança, herança do povo brasileiro”.

E quando indagamos sobre a origem religiosa das pessoas que se convertiam à Primeira Igreja Batista, se eram católicos ou espíritas kardecista, se do Candomblé ou da Umbanda, respondeu: “Do meu conhecimento as conversões eram das pessoas que vinha da Igreja Católica né, não tenho lembrança, desses outros

grupos, que tenha se convertido alguém. É comum aparecer né, agora no momento eu não tenho lembrança. Agora sei que todos vieram da Igreja Católica”.

Ao entrevistar Dona Genízia, bisneta de Tertuliano da Silva Gusmão, perguntamos: [...]. Tertuliano Gusmão atendia as pessoas, independente de ele ser crente ou não, prestando socorro de saúde, trabalhando com ervas? Respondeu: “É porque não tinha médico né, então ele aplicava aquela medicação que hoje esta na moda né, e então muita gente melhorava com aqueles remédios, ele lia muito aquele “Chernoviz” para poder tirar conhecimento dali né, fazia até operaçãozinha pequena se precisasse, mais não era coisa oficial nem nada não, boa vontade pra servir o povo”. Frente a tais informações, mas com certo cuidado, ousamos perguntar: Mais ele também rezava mangas, pastos, contra cobras, alguma coisa desse tipo? Respondeu: “Não, não me lembro não”. Mas de repente como quem não tivesse entendido, devolveu a pergunta: fazia o que? Tentando justificar, ponderamos que, antigamente, às vezes, o pessoal rezava manga pra evitar cobras morder os animais. Expressando entendimento sobre o assunto, respondeu: “Não, não tinha esse negocio de reza não (risos), não ele era meio esclarecido, agora o que ele podia fazer através duma leitura, dum livro escrito, ensinar um remédio eu sei que ele ensinava”.

A senhora ouviu dizer se existiam religiões afro-brasileiras, feiticheiros, batuques, festas de descendentes de negro em Conquista ou na Região? “Nunca ouvi falar não se tinha, não devia deixar de ter né, mais eu não tive conhecimento dessa parte não”.

A senhora tem conhecimento de alguém que foi dessas tradições, afro-brasileiras, que se converteu à Igreja Batista? “Não tenho lembrança não, de ninguém”. Não ouviu falar nada? “Não, nunca ouvi falar não, nessa parte não. O meu pessoal não era muito chegado a essas crendices de feitiçaria não, nunca foi chegado não”.